

A woman is shown from the chest down, wearing a strapless, shimmering gold dress. She is holding a large, wrapped gift in the same gold fabric, which is tied with a wide gold ribbon in a bow. The gift is positioned in front of her, and she is holding it with both hands. The background is a softly lit room with a wooden floor, a white cabinet on the left, and a floral patterned chair on the right. The overall tone is warm and elegant.

ELIZABETH BEZERRA

Gravidez Inesperada

O Bebê do Bilionário



OS BILIONÁRIOS
SÉRIE



ELIZABETH BEZERRA

Gravidez Inesperada

O Bebê do
Bilionário



OS BILIONÁRIOS

SÉRIE

Título: *Gravidez Inesperada, o bebê do bilionário*

Copyright 2021 © Elizabeth Bezerra

Revisão inicial: Márcia Leão e Adriana Melo

Revisão final: Annair Xavier

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Bezerra, Elizabeth

Gravidez Inesperada, o bebê do bilionário/ Série Os Bilionários / Elizabeth Bezerra. 1ª edição – São Paulo; 2021.

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[EPÍLOGO](#)

[Uma espiada no próximo
livro da série Bilionários](#)

PRÓLOGO



Quando você escuta o mesmo tipo de discurso por um longo tempo, chega um momento em que apenas finge prestar atenção no que as pessoas dizem. Acontecia exatamente isso durante os primeiros dez minutos que escutava Íris, minha irmã mais nova, falar.

— Eu não entendo, Gaia. — Ouço, aguardando pacientemente minha irmã manifestar sua incompreensão à decisão que comuniquei, antes que ela iniciasse todo o seu discurso acalorado. — Por que não pega o que sobrou da venda da casa da mamãe e usa para, sei lá, curtir um pouco a vida? Quem parte em um cruzeiro com intenção de trabalhar?

Existe um incontável número de aventureiros no mundo que faz exatamente isso. Uma boa parte da tripulação do navio no qual vou trabalhar, para ser mais exata. Pessoas que, com o seu trabalho duro, garantem que outras colecionem recordações inesquecíveis de viagens. Além disso, também é uma ótima forma de viajar, conhecer culturas diferentes e ainda por cima conseguir levantar uma quantidade expressiva de dinheiro.

Enquanto para alguns, como a minha irmã avoada, por exemplo, um cruzeiro significa nada mais do que dias de sol, praias bonitas, bebidas

exóticas, homens lindos e atraentes, e muita diversão, para mim, nenhum desses motivos tornavam-se realmente atrativos. O que me leva a me arriscar nessa longa viagem é a minha necessidade de fuga. Da tristeza, da solidão e, principalmente, dessa incerteza que parece conduzir a minha vida desde que perdemos a pessoa mais importante para nós.

Os últimos dois anos não foram nada fáceis. Ver nossa mãe perder o brilho diante de nossos olhos, enquanto lutava e perdia sua guerra contra uma doença autoimune, foi a coisa mais difícil e dolorosa que enfrentei. Nos meses seguintes à sua morte, fiquei presa em isolamento e amargura, mergulhada na mais dolorosa devastação que a sua partida nos causara.

Larguei o emprego, distanciei-me dos amigos e falava com minha irmã por telefone, ou nas raras chamadas de vídeo pelo WhatsApp, apenas para garantir que ainda estava viva e bem.

Então, quando há duas semanas quase entrei em pânico ao ter que entregar as chaves da casa onde vivi por toda a minha vida aos novos compradores, recebi a sugestão de Íris, acompanhada de um link de viagem que, de acordo com ela, era uma oportunidade para uma jornada de autoconhecimento.

“A última parada será na Grécia. Depois poderá pegar um voo de volta para o Brasil.”

Relembro suas palavras animadas.

“Esse era o maior sonho da mamãe, lembra?”

Nossa mãe sempre foi fascinada pela Grécia e sua mitologia. Tudo o que eu sabia sobre deuses, mitos e rituais gregos antigos, havia aprendido com ela e sua fascinação por esse mundo. Seu maior desejo, assim que Íris terminasse a faculdade e ela viesse a se aposentar algum tempo depois, era que fizéssemos essa viagem juntas, as três.

Só que, ao vasculhar o site, sem qualquer tipo de pretensão de uma viagem de férias, deparei-me com as tentadoras oportunidades de trabalho oferecidas.

— Preciso ocupar a cabeça, Íris. — Respiro fundo, e aquela dorzinha causada pela saudade faz o meu coração parecer menor. — Sabe disso.

A Grécia me atrai pela sua importância emocional em nossas vidas, mas eu não me vejo em um grande navio, tomando sol, de bunda para o ar, vendo a vida passar como se nada tivesse acontecido. Como se meu coração não doesse sempre que eu penso na mamãe.

— Eu sei que é difícil, Gaia. — Dessa vez há tristeza em sua voz. — Mas a gente prometeu à mamãe. A gente... a gente prometeu tentar.

Nos momentos mais serenos e calmos da doença, mamãe nos fez jurar que, se viéssemos a perdê-la, seguiríamos em frente com nossas vidas. Que não nos deixaríamos ser tragadas pela tristeza e pela dor. Que onde ela estivesse, olharia por nós. Que só teria paz em outra vida se nos visse felizes nesta.

Como negar esse pedido a alguém diante da morte?

Só que cumpri-lo parece cada dia mais impossível.

Íris seguiu com sua promessa, retornando à faculdade em São Paulo, e eu... Abandonei por um tempo a escola onde lecionava e seguia tentando sobreviver.

Então, quando recebi a resposta positiva sobre as minhas duas candidaturas às vagas temporárias de emprego em navios, fazendo-me realmente ficar empolgada com algo depois de oito meses, a sensação é de que estou tomando a decisão certa.

— Essa é a minha maneira de tentar, Íris — afirmo, determinada. — De alguma forma, seguir em frente.

— Se isso te fará feliz, Gaia. — Seu tom demonstrava suavidade agora. — Apenas não se prive de nada, ok?

— Ok — respondo com um sorriso, após tanto tempo sem saber como sorrir.

Encerramos a ligação enquanto eu fecho o notebook com pressa.

Eu tenho malas para fazer e lugares incríveis para conhecer, até chegar a tão sonhada Grécia.

CAPÍTULO 1



GAIA



Se tem uma coisa na qual Íris não é boa, é em “pontualidade”. Faltam cinco minutos para que eu atravessasse o portão de embarque, e minha avoadada e atrapalhada irmã não tinha aparecido ainda.

Mordo meu lábio para evitar atacar as minhas unhas, que eu tinha feito no dia anterior, quando fui de surpresa ao salão beleza de uma velha amiga de minha mãe. Essa é uma antiga mania que preciso controlar, roer as unhas sempre que fico ansiosa ou muito tensa. Bom, existem muitas coisas que quero melhorar em mim, como não ficar tanto tempo pensando no que é certo ou errado, e em alguns momentos apenas me deixar mergulhar de cabeça.

Sou o tipo de pessoa que sempre fica em dúvida entre sorvete de chocolate ou de frutas. Por que eu não posso tomar os dois? Quer dizer, qual o problema de metade do meu prato ser macarrão ao molho branco e a outra à bolonhesa?

Eu não posso simplesmente escolher uma opção do menu de forma aleatória.

Duas pessoas andam à minha frente. Olho o relógio do celular. Íris não conseguirá chegar a tempo. Respiro fundo, sentindo pesar. Não nos vimos desde que ela partiu de Santos, há quase seis meses, para estudar em

São Paulo. E com essa viagem, contando os dias nos navios e alguns me aventurando pela Grécia, serão quase mais doze semanas sem podermos nos encontrar.

— Gaia! — O chamado me faz virar em direção à voz.

Em uma jaqueta jeans sobre o vestido longo e florido, com um enorme brinco de penas de pavão, sandálias de dedo e uma bolsa transversal cobrindo uma boa parte de seu corpo curvilíneo, surgiu Íris.

Mamãe e eu costumávamos dizer que minha irmã era um camaleão. Sempre mudando e se sentindo inquieta. Agora Íris está numa onda de espiritualidade, com direito a velas, incensos e cristais. O que reflete também na sua forma de se vestir. Olhando-a bem, devo admitir que essa fase meio hippie combina com ela.

— Iria partir sem mim, Gaia? — A reprimenda vem com um abraço apertado, enquanto girávamos, nos balançando.

— A companhia aérea não vai esperar por você. Eu disse que o voo parte às duas. — Olho-a com dureza quando nos separamos. — Não que deveria chegar às duas.

— A culpa é dessa cidade e desse trânsito horrível.

Como sempre acontece, assim que me deparo com seu sorriso animado, meu coração se enche de amor, e o sermão que estava na ponta da minha língua rapidamente perde a importância.

Viajei de Santos a São Paulo, e meu voo parte de Congonhas com destino ao Rio de Janeiro. É de lá que a maioria dos cruzeiros internacionais partem no Brasil. Eu tinha combinado com Íris de nos encontrarmos em algum café no aeroporto mesmo, para que pudéssemos passar algum tempo juntas, antes de eu embarcar. Agora só teremos dois ou três minutos para matar a imensa saudade e nos despedir.

— Colocou casacos na mala? — indagou minha irmã, avançando comigo conforme a fila torna a se movimentar.

Reviro os olhos ao vê-la tirar uma folha de papel dobrada de dentro da jaqueta. Aqui em São Paulo está fazendo um friozinho, mas eu pegaria o auge do verão europeu. Porém, de acordo com os ensinamentos de nossa mãe, um casaco e uma sombrinha são itens indispensáveis na bolsa de uma mulher. Entre outras coisas ensinadas por ela, essa carregaremos pela vida toda.

— Protetor solar? Carregador do celular? — Observo, divertida, ela

tentar recitar todos os itens marcados em sua lista. — Pegou a máquina fotográfica?

Posso apostar que Íris passou a noite toda se dedicando à lista, tentando se lembrar de cada conselho que nossa mãe dava sempre que partíamos em uma viagem com amigos.

— Está tudo certo, Íris. — Fecho sua mão sobre o papel e a encaro com carinho. — Eu vou ficar bem. E espero que você também fique.

Nós duas herdamos os cabelos ruivos, os olhos verdes e as sardas, salpicadas pelo rosto, do nosso pai. Apesar de ser mais nova que eu, Íris é mais alta quase uns oito centímetros. A nossa diferença de idade é de quatro anos. Eu tenho 26, e ela é apenas uma jovem de 22, mas posso afirmar que ela é muito mais forte e corajosa do que eu nunca fui. Minha irmã se parece mais com nosso falecido pai, enquanto eu tenho a personalidade mais próxima à da nossa mãe. Sempre fui mais sonhadora do que o tipo de pessoa que se joga para a vida, como Íris.

— Quer saber... — Ela amassa a folha, formando uma bola de papel, e a joga dentro da bolsa. — Esqueça tudo o que eu disse.

Só há mais duas pessoas na minha frente agora.

— Queima a bunda de sol e descasque como um camarão. Coma o pior cachorro-quente do mundo e se desespere procurando um banheiro, em um fim de mundo qualquer. — Com seus conselhos atrapalhados, recebo da atendente na minha frente um olhar curioso. — Encha a cara de tequila e beije o primeiro homem interessante que encontrar em cada porto. Melhor, apaixone-se por um grego lindo e me envie o convite de casamento.

Eu choro e sorrio, emocionada porque Íris me conhece e sabe que não terei coragem de executar nenhum dos seus insanos conselhos. Mas o principal de toda essa loucura é que ela deseja que eu mergulhe de cabeça nessa aventura que estou disposta a encarar.

— Seja um pouco mais a Íris. — Suas mãos seguram o meu rosto com carinho e voltamos a nos abraçar forte.

— E seja um pouco menos Gaia — murmurei o que ela pretendia dizer.

Nossa mãe dizia que se pegasse o melhor de suas duas filhas, criaria a pessoa perfeita. Alguém aventureiro e com pé no chão o suficiente para não se meter constantemente em confusão.

— Eu te amo, Gaia.

— Também te amo, Íris. — Respiro fundo, tentando guardar seu cheiro de lavanda ainda mais em minha memória. — Muito.

Se eu pudesse, congelaria o tempo nesse abraço. Usufruindo dessa sensação de que nada de ruim no mundo pode nos tocar.

— Íris? — murmuro e tento me livrar de seus braços, que mais parecem dois tentáculos em volta de mim. — Eu preciso ir.

— Seria egoísmo demais eu pedir que fosse completamente a Gaia agora?

Entendo o que ela está dizendo. Apesar de ela morar em São Paulo, passar muito tempo ocupada com a faculdade e com o emprego novo, e eu levando minha vida em Santos, apenas trocando mensagens, ligações e chamadas de vídeo, ao menos estávamos no mesmo país. Agora teremos um oceano inteiro a nos separar.

— Senhorita? — chama a funcionária do aeroporto, já que uma fila significativa começa a crescer atrás de mim.

Encaro os olhos lacrimejantes de minha irmã, enquanto tento secar o meu rosto molhado. Juntas passamos por momentos muito difíceis. A pior parte da doença, não foi quando nossa mãe morreu. Naquele momento, apesar de sofrermos, sentimos que ela finalmente encontrara a paz. Os piores momentos foram ao vê-la sofrer por horas e não podermos fazer nada.

— Permita-se ser feliz, Gaia. — Seus dedos passam na pele abaixo dos meus olhos, e eu recebo um dos seus sorrisos radiantes. — Faça isso por mim. Faça isso por ela.

— Eu prometo que farei.

E só depois de cruzar o portão e olhar para trás mais uma vez, assistindo Íris acenar para mim, percebi que não foi uma promessa apenas para agradar minha irmã. Eu realmente quero descobrir o que de felicidade a vida ainda reserva para mim.

CAPÍTULO 2



EROS

Graças à influência do meu avô paterno, por quem tenho amor incondicional, cresci tendo duas grandes paixões na vida: o mar e os navios. Sendo a quarta geração de um dos maiores construtores e armadores de navios do mundo, não poderia ser diferente.

Assim, passo boa parte da minha vida no mar ou pensando sobre ele. Mantenho-me imerso, desenhando as mais luxuosas e caras embarcações marítimas. O negócio, impressionantemente rentável, mantém a Laskaris, companhia que leva nosso sobrenome, como a terceira mais lucrativa da Grécia e a sexta no ranking mundial.

Estou falando em bilhões, que aumentarão consideravelmente no próximo ano, quando as novas frotas, já sendo finalizadas, começarão a navegar. Não possuo os números reais, toda a parte financeira dos negócios está a cargo de meu irmão, Aquiles, e do nosso pai.

Eu não sou do tipo que curte uma sala imensa em um prédio elegante na cidade, nem do que acompanha os números na bolsa de valores, ou que aguentaria mais do que duas horas usando terno e gravata, embora haja ocasiões e alguns compromissos de negócio que tornavam a vestimenta obrigatória.

Quando estou no mar, seja me aventurando em um veleiro ou verificando de perto cada um dos meus projetos, sinto uma espécie de energia diferente. No oceano há paz, uma beleza indomada e a perder de vista, além da sensação de liberdade. Não importa quem você é e o que você tem, no mar todos somos iguais e devemos nos curvar a ele.

— Não entendo por que precisa fazer isso pessoalmente, Eros. — O tom lamentoso na voz de Felipa me faz perceber que não prestei atenção em nada do que ela disse no último minuto. — Há centenas de funcionários que poderiam fazer isso por você.

Não há como negar, existem engenheiros e analistas qualificados o suficiente para inspecionar um dos nossos mais recentes navios. Mas o *Sonhos de Afrodite* tem uma importância especial para mim. Foi o primeiro projeto que assinei completamente sozinho, após a aposentadoria completa do meu avô. A confiança conquistada me fez arriscar mais, criando o mais opulento e elegante navio feito pela Laskaris.

Existirão novos projetos, mas Afrodite sempre será a menina dos meus olhos. Por isso, viajar até uma das paradas da embarcação, unindo trabalho ao prazer que estar no mar me causava, nunca será algo do entendimento de Felipa.

— Um Laskaris é o que existe de mais seguro no mundo — Felipa ressalta. — Você o projetou. Sabe disso.

Há alguns meses que eu não consigo concluir algo novo. Parecia simplesmente que a inspiração tinha ido embora. Não adiantou passar algumas semanas em alto-mar ou me refugiar na casa do lindo vilarejo de Oia, em Santorini.

Nada do que eu tentava me livrava desse bloqueio criativo. Penso que voltar ao Afrodite, estar diante de suas engrenagens, como um grande coração pulsando, me fará ter a mesma paixão de quando o criei.

— O avião está prestes a decolar — aviso apressadamente, embora ainda não tenha recebido nenhuma das instruções de decolagem. — Nos falamos quando eu chegar em Atenas, ok?

Ao som de suas queixas, encerro a ligação e, por garantia, decido manter o celular desligado. Lidar com Felipa e todo drama que ela gosta de encenar não é algo que tenho gostado de fazer nos últimos tempos.

— Champanhe, senhor? — A atendente de voo surge em seguida, e apenas a dispenso com duas palavras educadas.

Inclino a poltrona na posição mais confortável que o voo particular consegue proporcionar, mas não consigo me livrar da incômoda inquietação dentro de mim.

Quando fecho os meus olhos, tenho apenas um nome ocupando a minha mente.

Afrodite.

E a estranha sensação de que deveria ser outro.

CAPÍTULO 3



GAIA



Depois de três dias de um treinamento intensivo e de mais um antes do início da viagem, finalmente recebo o meu uniforme de camareira, o crachá de identificação e o cartão de acesso à pequena cabine que ocuparei durante todos os dezoito dias de viagem.

O roteiro do *Grand Estelar* inicia-se no Rio de Janeiro, passa por Montevideú, Buenos Aires, Santos, novamente Rio de Janeiro, seguido de Salvador, Santa Cruz de Tenerife, Funchal, Málaga, Cartagena, encerrando em Barcelona, na Espanha, onde eu ficarei por dois dias antes de embarcar no *Sonhos de Afrodite*, o navio no qual vou trabalhar, com destino a Atenas, Grécia.

— Não se esqueçam, precisam verificar as escalas de trabalho todos os dias, pois elas podem mudar — alerta a supervisora do meu setor, logo após guiar o grupo de camareiras até o corredor onde ficam as nossas cabines. — As informações de acesso foram enviadas por e-mail.

O nosso grupo terá essa noite para descansar, mas o dia seguinte começará logo cedo e será bastante corrido. Os passageiros finais estão previstos para chegar pela manhã, mas antes disso, teremos que checar se cada acomodação está devidamente arejada, limpa e com as decorações de boas-vindas. Eu até aprendi a fazer, nos dias de treinamento, bichinhos

usando toalhas de banho.

— Você é Gaia, né? — Uma jovem morena e com um sorriso simpático, que acho ter a idade próxima a minha, puxa assunto da porta de sua cabine.

— Isso mesmo. — Retribuindo o sorriso, aperto a mão que educadamente é estendida a mim.

— Eu sou a Celeste. Está animada com a viagem?

— Um pouco curiosa a respeito de tudo. — O meu sorriso tenso expressa bem como me sinto. — Talvez um pouquinho nervosa.

— É o seu primeiro cruzeiro a trabalho?

— Na verdade, é o primeiro cruzeiro da minha vida.

— Nossa! Uau.

Eu já tinha ido ao Rio, tanto de avião como de carro com os meus pais, mas essa é a primeira viagem longa que faço.

— Olha, não é para te assustar, mas vai haver dias em que se sentirá como se uma frota de caminhões tivesse passado em cima de você, e em outros, que um avião despencou em sua cabeça.

— Tem certeza de que não é para me assustar? — indago, na tentativa de soar tão descontraída quanto ela.

— Eu começo pela parte ruim e depois falo sobre as melhores, que são os lugares incríveis que vai conhecer. A comida no navio geralmente é muito boa. — Enquanto ela fala, vai sinalizando cada item ao erguer os dedos. — Geralmente ganhamos boas gorjetas. E, ah, as festas. As dadas pela tripulação são infinitamente melhores do que as dos grã-finos lá em cima. No final, será uma experiência inesquecível. Sabendo se organizar, até que dá para se divertir. Você é solteira, né?

Acanhada, apenas confirmo com um movimento de cabeça. A falta de aliança em meu dedo não quer dizer nada hoje em dia.

— Bom, vai conhecer muitos gatinhos em cada lugar que nós pararmos. Quer dizer, se você gosta de homens.

— Co-como?

Celeste me faz lembrar um pouco Íris, mas ela tem um jeito bem mais direto de se comunicar.

— Se você gosta dos rapazes? — Seu rosto forma uma pequena careta quando ela enrug o nariz. — Porque eu prefiro as garotas.

— Sim, mas eu não estou à procura de...

— Garotas ou romances?

— Relacionamentos.

— Ninguém aqui está. O que interessa à maior parte é o belo pagamento e toda a diversão que conseguirmos ter.

Eu também não estou interessada em diversão, não a que Celeste acaba de sugerir, mas se nem a minha irmã conseguia entender que essa viagem significava mais uma jornada de autoconhecimento para mim, algo que manterá a minha mente longe das lembranças dolorosas e que me deixavam depressivas, acho que eu não conseguiria explicar a uma desconhecida. Então, por ora, deixo as explicações de lado.

— Puxa, eu acho que assustei mesmo você.

— Não. Claro que não. Fico agradecida por todas as informações que tem me dado.

— Os primeiros dias de viagem são os mais corridos. Só até pegar o ritmo, ainda mais pra uma novata. Então, se precisar de ajuda, pode me procurar.

— Obrigada, Celeste.

Fazer novos amigos, isso sim está dentro dos meus planos, e ela parece ser uma pessoa muito legal.

— Vai para a festa mais tarde? Da tripulação?

O meu primeiro pensamento é negar. Os meus grandes planos eram tomar banho, vestir meu pijama confortável, ir para a cama mais cedo na companhia de um dos dois romances que tinha conseguido colocar em minha mala e acordar descansada e renovada para o dia seguinte. Mas o olhar insistente que Celeste me dá, e que eu não duvido vir acompanhado de um convincente discurso, caso a minha resposta seja negativa, me faz mudar de ideia.

— Vou dar uma passada, sim.

— Que legal. Posso te apresentar a algumas pessoas, Gaia — ela avisa com uma animação que ainda estou tentando acompanhar. — Então, até mais tarde.

— Até mais tarde, Celeste.

Juntas, passamos o cartão em nossas portas e em seguida entramos em nossas cabines.

Não há muito o que dizer sobre a cabine. Tem menos de um terço do tamanho do meu antigo quarto, no canto oposto à janela circular fica a cama

de solteiro, aparentemente confortável, e um minúsculo banheiro com ducha.

Depois de organizar minhas coisas, tudo em seu devido lugar e onde dava, coloco na mesinha estreita, ao lado da cama, uma foto em que estou abraçada a Íris e à nossa mãe e vou para o banho. Como já tinha lavado os cabelos no hotel essa manhã, antes de me apresentar ao trabalho, acabo optando por não os molhar novamente e uso a touca plástica para mantê-los protegidos dos jatos d'água.

Dos três únicos vestidos que trouxe na mala, pego o mais confortável. Eu nunca estive em uma festa de tripulantes de navio, nem em um navio, para ser mais correta, mas em minha mente surgem algumas imagens do filme Titanic.

Não que eu esteja pensando em encontrar algum Jack, até porque o final dele ainda é inaceitável para mim. Sou daquelas que ainda acredita que havia espaço para os dois naquele pedaço de madeira.

Estou rindo desses pensamentos tolos, quando ouço a batida na porta. Termino de colocar as sandálias e corro para abri-la, tendo uma ideia de quem poderia ser.

— Você está pronta? — Celeste surge, sorridente. — Vou te levar até o salão.

Aviso que só preciso pegar minha bolsinha e, depois de colocar o celular e o cartão do quarto dentro dela, me uno a Celeste.

Foi bom ela ter vindo me buscar. Passamos por tantos corredores, que inicialmente me senti meio perdida. Finalmente chegamos a uma porta dupla de madeira, e assim que passamos por ela, eu avisto uma sala grande, com uma mesa retangular que vai de um lado a outro da parede.

A imagem que vejo não é exatamente igual a do filme. Começando pelas roupas das pessoas, que são completamente normais, a maioria usando camiseta e jeans. Depois, não havia sons estridentes, jogos de cartas, fumaça de charutos e pessoas dançando fervorosamente músicas antigas. Mas a alegria parece igual, dando para notar a animação e a felicidade no sorriso de todos.

— Vem, Gaia! — Sinto a mão de Celeste buscar a minha, e ela me faz mergulhar na multidão barulhenta à nossa volta. — Vou te apresentar a algumas pessoas.

Seguimos para um grupo, e reconheci duas pessoas que avistei no treinamento. Todas as outras são conhecidas de Celeste, que já trabalharam

com ela em outros cruzeiros.

Inicialmente, eu fiquei bastante receosa, mas há alguma coisa aqui, neste lugar e entre essas pessoas, que nos faz sentir confortáveis e leves.

A Gaia ajuizada decide ficar apenas nos sucos e mordiscando alguns petiscos que eram oferecidos. Com certeza Íris já teria se jogado de cabeça nos drinques e nas danças divertidas, como Celeste e tantos outros faziam.

Antes da meia-noite, embora a festa ainda esteja bem animada, decido ir me recolher. Não quero estragar a noite de Celeste, então saio à francesa, esperando conseguir encontrar o caminho de volta para a cabine.

Depois de algumas tentativas, onde me vi perdida pelos corredores, e de ter me deparado com cenas, hum... um tanto íntimas demais entre casais, finalmente encontro o meu quarto.

“Íris, você iria amar esse lugar.”

Envio a mensagem a ela, que não demora muito a me responder.

“A viagem mal começou e já está animada? O que fizeram com a minha Gaia?”

Eu não estou tão alegre como as pessoas que deixei na festa, mas em relação ao cruzeiro, tenho sentimentos muito positivos. Um pressentimento de que algo muito importante irá acontecer. Ou talvez só estivesse empolgada, porque essa era uma viagem que a nossa mãe sempre sonhou em fazer com as filhas. É a minha maneira de cumprir a promessa que fiz a ela nos seus últimos dias de vida.

Seguir em frente.

CAPÍTULO 4



EROS

Atenas, Grécia

Peço ao motorista que me deixe na casa onde cresci, que é onde os meus avós passaram a morar desde que a vovó ficou doente, e que as minhas malas seguissem para o meu apartamento no centro da cidade.

A governanta avisa que minha mãe saiu para algum compromisso com as amigas, o meu pai está na Laskaris, cuidando dos negócios com meu irmão, e os meus avós estão no jardim.

Cuidar das plantas é o passatempo preferido da *pappóudes*^[1] e o *pappoús*^[2] sempre faz companhia a esposa todas as tardes para ver o pôr do sol e apreciar as flores que ela tanto ama.

É onde eu os encontro, confortavelmente sentados em um banco de palha indiana, apreciando a beleza das buganvílias com flores cor-de-rosa e anêmonas vermelhas.

— *Pappoús*? — chamo suavemente e me aproximo de uma forma que não os assuste, ao tirá-los de seu recanto de paz.

— *Engóni*^[3]. Que alegria o ver aqui — comemora o meu avô,

gesticulando para que eu me aproximasse deles. — Veja quem veio nos ver, Agnes.

— Que surpresa encantadora vê-lo, minha criança — vovó me diz estendendo as mãos em direção ao meu rosto.

Recebo seu beijo carinhoso na face e afagos gentis em meus cabelos.

— É um jovem tão bonito, Eros. — ela sorri como uma garotinha encantada — Lembra o meu querido Andreas, quando mais jovem. Não acha agapi-mou?

Isso é algo que minha mãe também me fala, e as fotos antigas do vovô, quando jovem, não desmentem. Pareço muito com ele, talvez seja porque tenho o mesmo espírito livre e o amor pelo mar que ele tem.

O meu *pappoús* foi um solitário do mar apaixonado por navios, até conhecer minha *pappóudes* e cair de amores por ela. Um encontro de almas, ele sempre dizia.

— E como se sente hoje, *pappoús*?

Antes de me responder, seus olhos amorosos se fixam no esposo. Eles estão juntos há 54 anos. O vovô ainda tem muito vigor e lucidez. E diz que se mantém assim porque cabe a ele cuidar da esposa amada até a última batida do seu coração bondoso. Pois é isso é o que um grego de verdade faz, cuida da família.

— Alguns dias bem, como hoje. Em outros, fica mais abatida e cansada. Mas as suas visitas sempre a deixam feliz, não é mesmo, Agnes? Não gosta de ver os nossos *engónis*?

— Oh, querido, essa velha cansada não vai partir antes de conhecer os bisnetos — ela afirma com um sorriso animado. — De jeito nenhum.

— Logo elas estarão aqui, *agapi-mou*^[4] — disse vovô de forma carinhosa, dando batidinhas na coxa dela — Vai fazer alguma coisa sobre isso, não é *engóni*?

Desde que completei trinta anos passei a ouvir esse mesmo discurso. Os meus avós com os meus pais fazendo coro, acreditam que estou no momento ideal para começar a pensar em formar uma família. Eu já estou com 32, um ano a menos do que meu avô tinha quando eles tiveram seu único filho. Infelizmente, devido ao corpo delicado da vovó e a vários abortos seguidos, quando finalmente tiveram o meu pai, a pedido do vovô, preocupado com a saúde da esposa, decidiram parar em um único herdeiro.

— Temos que ver um ou dois netinhos nascer antes de a gente partir. O nome Laskaris não pode ser esquecido.

Isso não irá acontecer por um bom tempo. Existe Aquiles, que poderá dar continuidade ao nome da família, e alguns primos por parte dos meus tios-avôs. Mas o vovô quer ver o nosso clã dos Laskaris continuar a espalhar suas sementes no mundo, caindo a responsabilidade em cima de mim e do meu irmão.

— Por que não o Aquiles? Ele é o mais velho, não deveria ser o primeiro?

Não há nada que me impeça de atender aos pedidos do meu avô. Nenhum trauma romântico ou relacionamentos passados conturbados que me fizessem recluir esse tipo de compromisso.

O problema está justamente no oposto. Em ter assistido, por toda a minha vida, ao casamento dos sonhos dos meus avós, seguido do de meus pais, me faz desejar nada menos que isso. Namorei algumas mulheres, saí com várias. Mas ainda não fui sucumbido pelo *meraki* [5] e não surgiu em minha vida a garota que me faria sentir como se nossas almas tivessem se conectado.

— Aquele ali? — Ele bufa e resmunga algo para si mesmo. — É um caso perdido.

O foco que jogo em meus desenhos e paixão pelo mar, Aquiles joga na Laskaris. Ele acorda e dorme respirando números, gráficos e projeções. Sou grato a ele por cuidar de toda essa parte burocrática e chata, mas tanto eu quanto o vovô, e até mesmo nossos pais, achamos que ele deveria tentar relaxar às vezes. Mas isso nunca acontece.

— Talvez o amor não seja para mim, *pappoús* — ressalto, buscando não rir da careta que ele me faz. — Ou quem sabe o meu único amor seja apenas o mar.

— Besteira! — resmunga vovô. — Eu também achei que fosse assim, então encontrei alguém que amava o mar tanto quanto eu e que me fez amá-la muito mais do que a ele.

Seu olhar carinhoso para a *pappoúdes* confirma o que ele me falou.

— Tudo o que você precisa é olhar mais ao seu redor, *engóni*, e abrir o coração. — Ele bateu carinhosamente em meu rosto. — Quando menos esperar, ela estará na sua frente. A garota perfeita para você.

— E como saber isso, *pappoús*? Que ela é a garota perfeita.

— Confia no que sente aqui. — Como fez com o meu rosto, vovô deu batidinhas carinhosas em meu peito. — Ouça o que ele diz.

Eu até tento escutar o coração, mas até o momento ele não me disse nada.

Fico até o final da tarde fazendo companhia aos meus avós, mas logo recebo as mensagens insistentes de Felipa, alertando sobre o evento que temos essa noite. É a inauguração do *Sonhos de Afrodite*. Um passeio de algumas horas será oferecido aos jornalistas de revistas especializadas e a alguns convidados especiais. Depois disso, em duas semanas, o navio irá para Barcelona, onde iniciará o seu primeiro cruzeiro no mediterrâneo.

— Infelizmente tenho que ir, vovô. Aquiles e Felipa afirmam que eu preciso estar presente essa noite.

— Essa é a parte dos negócios que não o deixa nada feliz, não é mesmo? — indaga ele, antes de fixar o seu olhar na esposa. — Eu também odiava ter que fazer presença em eventos como esse. Todas aquelas pessoas falando coisas inúteis, e eu só queria pegar o meu barco e sair velejando. Mas sua avó surgiu e até tornou esses momentos um pouco mais divertidos.

Apenas sorri e beijei a face dos dois ao começar a me retirar. O meu *pappoús* não me deixaria ir embora sem antes enfatizar o fato de que eu precisava encontrar uma esposa.

Da casa dos meus pais, segui diretamente para o meu apartamento. Apesar de confortável, elegante e localizado em um excelente ponto na cidade, passo bem pouco tempo aqui, e só ainda o mantenho pela facilidade em me locomover até a Laskaris sempre que é necessária a minha presença na empresa.

Normalmente, boa parte de minhas inspirações acontecem no mar. Quando estou longe desse mundo tumultuado, cheio de pessoas barulhentas. É por isso que, além de acompanhar a primeira viagem do Afrodite, verificando de perto se tudo que idealizei segue como planejado, como um pai vendo os primeiros passos do filho, procuro nessa viagem também novas ideias para futuros projetos.

O mar sempre me chamou, mas dessa vez sinto como se fosse diferente.

— Eros? — Assim como o chamado urgente, Felipa vem apressadamente até mim.

Ela foi a primeira a notar a minha chegada discreta, como se o tempo todo estivesse me esperando surgir.

— Onde você se enfiou todo esse tempo? Não precisa me responder, aposto que esteve perdido, por horas, naquele barco.

Com toda certeza poderia ter sido umas das possibilidades, mas dessa vez Felipa estava completamente equivocada.

— Aquiles já fez todos os pronunciamentos e realizou as entrevistas obrigatórias.

— Ótimo. Ele sempre foi melhor nisso do que eu. Só projetei o navio. Não vejo sentido em você e meu irmão precisarem tanto da minha presença aqui.

Já está mais do que provado que Aquiles consegue dar conta de tudo, e eu posso apenas dar meia-volta e cuidar dos preparativos para a minha aventura no mar.

— Você não é apenas o engenheiro, mas também o armador e um Laskaris — afirma ela, passando o braço no meu. — As pessoas precisam conhecê-lo melhor, meu querido.

Discordamos completamente sobre o assunto, mas não quero abrir uma nova discussão a respeito disso essa noite. A Papadakis, agência de marketing pertencente à família de Felipa, nos presta um excelente serviço desde a época que os nossos avós se conheceram. Ela tem ideias bem firmes de que me tornar um desses ricos metidos a celebridade irá beneficiar ainda mais os negócios. Só que, apesar do meu espírito livre, não faço o estilo playboy, refutando ou me esquivando de todas as tentativas dela em me fazer circular por lugares badalados e com pessoas em destaque.

— O passeio começará em alguns minutos — destacou ela, quando aceitamos uma das bebidas oferecidas pelo garçom. — Quase partiríamos sem você.

O único motivo que me impedia de ser ríspido com Felipa, e ela abusava disso, é o fato de nos conhecermos desde que nascemos. Não aceito ser controlado, e quando as minhas opiniões estão bem firmadas, nem mesmo Aquiles consegue me mover delas.

— Venha! — Felipa segura firme o meu braço e começa a nos conduzir para um grupo que chamou a sua atenção. — Quero que conheça algumas pessoas.

Tenho todos os argumentos necessários para me esquivar da

sugestão, quando os meus olhos caem no meu irmão, em uma parte do salão. Ele lida com três jornalistas, e o vejo esfregar o polegar no dedo anelar, um pequeno sinal indicando o quanto ele está irritado e no seu limite, possivelmente devido a perguntas de caráter pessoal.

Aquiles só é dois anos mais velho do que eu, mas age como se tivesse cem. Apesar de irmãos, somos completamente diferentes um do outro. Enquanto ele usa os ternos mais caros, sapatos confeccionados exclusivamente para ele e tem ao seu redor pessoas estendendo tapetes, dispostas a realizar os mínimos desejos do inteligente e importante CEO da Laskaris, eu sou o lobo do mar. Aprecio roupas mais confortáveis, provar comidas caseiras do que as que têm um nome elegante e preços absurdos, e passar algum tempo ouvindo as histórias, mesmo que repetidas, do meu avô.

Quando o olhar de Aquiles encontra o meu, parece que conseguimos entender mais um pouco do outro. Liberdade e obrigações. Diversão e tarefas. Eros e Aquiles. O peso e a importância do nome Laskaris.

Não posso negar, Aquiles dá o melhor de si e eu preciso me esforçar para ser mais sociável, tirando um pouco desse peso dos ombros dele. Assim, mesmo odiando isso, sigo Felipa.

Quase duas horas depois, após avistar os últimos convidados saírem do navio, posso finalmente me refugiar perto da proa. A noite está bonita, estrelada e com uma lua brilhante e redonda enfeitando o céu.

— Quanto tempo levará para que você finalize o próximo projeto?

Sonhos de Afrodite não é apenas um projeto qualquer, é o maior navio de cruzeiro construído no mundo. Com suas 235 toneladas, a embarcação chega a ter a altura de um edifício de 25 andares que, provado essa noite, desliza suavemente pelas águas dos oceanos. E não apenas isso: a bordo do navio, os passageiros irão encontrar diversão ininterrupta, shows da Broadway, paredes de escalada, pista de patinação em gelo, restaurantes para todos os gostos e piscinas que vão desde as com atrações para crianças, até as mais silenciosas, onde só entram adultos, e muito mais. Tudo isso o tornará o mais procurado para cruzeiros no mediterrâneo. E em breve será construído outro modelo para navegar pelo Caribe.

— Não há ideias para um novo projeto no momento.

Essa falta de inspiração está me deixando incomodado. Até cheguei a estudar alguns modelos que fiz no início de carreira e que descartei por insatisfação pessoal, usando-os como ponto de partida, mas ainda me sinto

insatisfeito com eles.

— Isso é ótimo. — Vejo Aquiles sorrir verdadeiramente pela primeira vez desde que cheguei. — Não sua falta de inspiração, claro. Não há problema em alguns eventos com compromissos de negócio, mas lidar com eles...

Aquiles não finaliza, porém compreendo bem ao que ele se refere. À imprensa, principalmente a que cuida da vida social dos ricos e famosos. Meu irmão é uma pessoa excessivamente discreta em relação à sua vida pessoal. Conheço eventualmente uma ou outra das mulheres com quem ele costuma sair, mas nenhuma delas é levada à casa dos nossos pais, para ser apresentada oficialmente a eles e aos nossos avós.

— Você pode mandar tudo ao inferno e ir a Las Vegas. — Apesar do tom de brincadeira, não vejo problema algum se meu irmão, uma vez na vida, surtasse e fizesse exatamente isso.

— É, eu poderia — sussurra ele, se apoiando na grade de ferro comigo. Assim como estive fazendo há pouco, começa a admirar a noite estrelada. — Lembra que, quando crianças, você queria ser um barco, e eu, um foguete? Você sempre teve os olhos para o mar, e eu para o céu.

— Ainda pode ser um astronauta, se quiser.

Isso me obrigaria a tomar o comando dos negócios da família. Aquiles já vem fazendo isso há muito tempo, desde que éramos adolescentes, e ele passou a acompanhar o nosso pai e avô para aprender com eles e na prática, além da formação acadêmica, como funciona uma das mais ricas e maiores empresas do mundo.

— Percebi que eu gosto mais de manter os meus pés no chão.

Aquiles é realmente excelente no que faz e acredito em sua paixão por comandar tudo. Isso me faz sentir menos peso na consciência com a necessidade de ficar longe.

— Você falou com o *pappoús*? — A mudança de assunto me faz encará-lo com mais preocupação.

— Essa tarde, e o de sempre. A vovó...

— Não está bem. Eu confirmei isso pessoalmente com o médico. Então... toda a conversa do velho sobre...

— Tomarmos vergonha na cara e arranjarmos uma esposa...

— Não é apenas uma chantagem emocional — conclui ele. — Faremos todo o possível para manter a saúde da *pappoúdes* o melhor

qualidade possível e garantir que ainda tenha muito tempo de vida com a gente, mas eles estão

— Bem idosos — Um nó se forma em minha garganta ao completar o que ele pretendia dizer.

É por isso que é tão importante para o nosso avô nos ver casados e dar essa alegria à nossa avó de conhecer os seus bisnetos, mesmo que ela não seja capaz de os reconhecer assim.

— O que você vai fazer?

Afinal ele é o mais velho, e continuar o legado Laskaris pesava muito mais em seus ombros.

— Amo os nossos avós, Eros, mas neste momento não tenho tempo para isso. Eu pensei que você...

— Eu? Você é o mais velho, Aquiles.

— Mas o espírito livre aqui é você. Além disso... — Ele se vira, indicando Felipa andando pelo navio, ao que parece procurando por um de nós. — Você já tem a Felipa. É só fazer o pedido.

Olho para a elegante e linda garota grega. Com certeza os meus pais e os dela ficariam radiantes se mudássemos o status de nossa relação.

— Vocês tiveram um lance, não tiveram?

Saímos algumas vezes, não como velhos amigos que se conhecem por anos, mas como um casal disposto a criar intimidade. O sexo foi bom, mas não consegui avançar meus sentimentos com Felipa, além do que já nutria há anos. Ela é uma velha amiga a quem quero bem. Cheguei à conclusão de que não era certo prendê-la a uma relação em que eu não estaria por inteiro.

— Saímos algumas vezes, mas não sou o homem certo para Felipa.

A meu ver, pelos estilos de vida e profissões, Aquiles combinaria mais com ela do que eu.

— Você não é o cara certo ou ela não é mulher certa para você?

A pergunta me faz lembrar da conversa que tive com o vovô. Se alguma vez tinha escutado o meu coração, como ele dizia, fora em relação à Felipa.

— Ambos. Vocês formariam um belo casal.

— Todos sabemos que ela sempre foi apaixonada por você.

— E você, Aquiles?

Nunca existiu entre nós qualquer tipo de competição. Soubemos,

desde pequenos, o que cada um queria fazer da vida, e não há nenhum tipo de rancor da minha parte pelo fato de Aquiles ter assumido o comando dos negócios.

— Definitivamente... — Um sorriso sacana surge em seus lábios. — Não sou o homem certo para Felipa. Ela precisa de alguém que possa controlar.

— E acredita que eu seja o candidato perfeito? — indago, sem esconder como me sinto ofendido.

— Não. Nenhum Laskaris, pelo menos do nosso lado, é a opção certa para Felipa. Apenas destaquei que ela sempre foi, e parece que está ainda mais apaixonada por você. E sabemos bem que a Papadakis não é do tipo que desiste com facilidade.

— Deixei as coisas bastante esclarecidas, irmão.

Tivemos um lance legal, momentos divertidos, mas acabou.

— Bom... — Ele esticou bem a palavra enquanto a assistimos se aproximar mais. — Será que Felipa realmente entendeu isso?

Olhando a postura elegante e o caminhar determinado, pergunto-me se Aquiles estaria realmente certo. Caso sim, isso gerará um pequeno problema em meu relacionamento, tanto profissional como pessoal com Felipa, que talvez me obrigue a me afastar ainda mais.

— Aqui estão vocês. — O sorriso sensual é dirigido a nós dois, mas é em mim que Felipa mantém o seu olhar atento. — Por que os dois estão sempre escapando pelos meus dedos? Principalmente você, Eros.

Enquanto Felipa se encaixa entre nós dois, reflito seriamente na última observação de Aquiles em relação aos sentimentos dela por mim. Talvez fosse melhor antecipar a viagem até Barcelona e passar alguns dias velejando.

CAPÍTULO 5



GAIA



Trabalhar em um cruzeiro, apesar de todo o glamour envolvido, é uma tarefa árdua, corrida e exaustivamente cansativa. O turno é variado, tendo sempre uma troca de equipe a cada dois dias, e em cada seis terei um dia de folga ou algumas horas entre as escalas para gastar como quiser.

É claro que nem sempre é um mar de rosas. Aprendi que lidar com pessoas, principalmente atendê-las, nem sempre é algo fácil. Tem sempre aquela que te encara com um olhar superior ou direciona pedidos impacientes e quase impossíveis de se realizar no momento desejado. Não somos mágicos, apenas funcionários que fazem o melhor possível para proporcionar uma viagem prazerosa e inesquecível a todos.

Eu estou gostando do trabalho, apesar de tudo. Procuro realizar as minhas tarefas com eficiência e rapidez. Como esperava, isso vem mantendo a minha cabeça ativa, impedindo que eu fique pensando em coisas tristes por muito tempo. As saídas do navio prometem, a cada dia, experiências culturais incríveis.

— Olha só o que consegui com aquele carinha que cuida da parte dos eventos. — Viro-me para a porta, onde vejo Celeste entrar toda animada, balançando dois papéis retangulares próximo ao rosto. — Dois ingressos para um show de tango essa noite.

Eu tinha acabado de cobrir uma funcionária que ficou doente, ajudando outra camareira a limpar uma suíte enorme. Isso depois de ter passado o dia inteiro cuidando das cabines do nosso setor, então cair na noite agitada argentina não estava exatamente em meus planos para a noite.

— Olha só, nós temos que ir — Celeste afirma o oposto do que os meus músculos cansados desejam, e os sinto protestarem ainda mais quando sou puxada para fora da cama e ela me faz rodar com seus passos esquisitos de dança. — *Un! Dos! Tres! Un pasito pa'delante María.*

Se não houvesse qualquer impossibilidade disso, afinal elas nem ao menos se conheciam, juraria de pés juntos que Celeste era uma agente infiltrada por minha irmã, com a missão de me obrigar a me divertir mais.

— Eu não acho que isso seja tango — destaco sobre uma das músicas de Ricky Martin, que ela cantarola ao mesmo tempo em que a acompanho na sua tentativa de executar um passo da dança.

— Não importa. Quero beber, dançar e dar uns bons amassos por aí. E amanhã é seu dia de folga, certo?

Bem diferente dela, que pega a escala das primeiras horas da manhã. Gostaria de saber onde Celeste armazena tanta energia. A cada turno encerrado, eu me sinto uma velhinha de oitenta anos. Bom, mas eu sempre fui assim, um pouco mais lerda. Sempre apreciei paz e tranquilidade, em vez de noites com festas agitadas. Uma jovem que já nasceu idosa. Isso era o que Íris e mamãe sempre me falavam.

Hum... não tem como pensar em minha mãe e não sentir aquele aperto dentro do peito.

— Vamos lá, Gaia, por favor! — As mãos de Celeste se juntam quando me soltam. — Por favor!

“Tem que me prometer que cada minuto de tristeza e saudade vai se transformar em sorrisos e felicidade, Gaia.”

O pedido de minha mãe chega ao meu coração junto com o de Celeste, que praticamente está ajoelhada aos meus pés.

— Tudo bem, mas com uma condição. Não importa o quanto você esteja se divertindo — Aponto para ela como uma professora dando instruções antes da pausa para brincadeiras —, se me sentir entediada, eu pegarei um táxi de volta ao navio. Você pode ficar, não tem problema.

— Feito! — Unimos nossas mãos como boas parceiras de negócios, e logo Celeste me puxa para sua dança maluca e que me faz rir.

Um pouco mais de uma hora depois, sem saber como fui capaz de ser convencida disso, estamos lindamente vestidas e explorando o melhor da comida e vida noturna que Buenos Aires poderia nos proporcionar.

Apesar da minha desanimação momentânea, causada por um dia exaustivo de trabalho, a noite começa divertida. Depois do restaurante, seguimos até uma casa noturna indicada pelo garçom que nos atendeu.

O ambiente barulhento e cheio de agitação realmente não faz o meu estilo, mas por Celeste, que é ligada nos 220 volts, e pela promessa que fiz à mamãe, faço um esforço de me soltar mais.

Conhecemos um grupo interessante de pessoas. Celeste faz amizade e nos enturma. É o meu primeiro contato com os argentinos, e percebo que a rivalidade que vemos na TV só existe mesmo no futebol. Eu que não ousei argumentar quem seria o melhor, Pelé ou Maradona. Eu não entendo nada desse esporte, então dessa vez os *hermanos* tiveram vantagem.

Apesar de serem simpáticos, nenhum dos três rapazes fez meu coração bater mais forte. Acabamos mesmo no campo da amizade, com direito a danças sensuais e uma promessa de voltarmos algum dia à Argentina, ou deles nos visitarem no Brasil. Sei que devo me soltar e ser menos Gaia, como Íris me fez prometer. Eu só tenho o meu próprio ritmo de conduzir as coisas.

Sobre a Celeste, bom, essa sim cumpriu a promessa de beijar muito, e a jovem com quem decidiu passar a noite, além de muito bonita, também era muito simpática e comunicativa como ela.

Perto do fim da madrugada, chamo um táxi e retorno ao navio. O meu corpo grita por uma cama, e também quero acordar bem cedo para conhecer o máximo de lugares interessantes possível em Buenos Aires.



Saio da minha cabine por volta das oito da manhã. De tênis, calça jeans, camiseta e uma bolsinha transversal, estou confortável e pronta para bancar a aventureira.

Eu inicio o meu tour visitando a Casa Rosada, sede presidencial e um dos maiores símbolos portenhos. Foi pintada de rosa em 1870, e uma das

curiosas explicações não definitivas em relação à sua cor é de que a tinta rosada, antigamente feita à base de sangue de vaca, era mais barata, por isso o lugar foi pintado assim. Outros afirmam que o rosa se deve à junção das cores dos dois mais importantes partidos políticos do país.

Depois de tirar muitas fotos e enviar para Íris, que ficou maluca e animada com a minha aventura, sigo para o segundo lugar que desejo conhecer, El Caminito.

É uma rua-museu emblemática de Buenos Aires, muito popular e um dos principais pontos turísticos da cidade. Há casas coloridas com revestimento de chapa, lojinhas, restaurantes e dançarinos de tango que ficam espalhados para que os turistas tirem fotos com eles. Uma coisa da qual se precisa saber é que, se pedir para tirar fotos, precisa pagar. Como é uma experiência única e ganhei algumas gorjetas em dólar, decidi tirar uma para guardar como recordação e também para apoiar os artistas locais.

Faço uma parada rápida para comer e dou mais algumas voltas pela cidade. Infelizmente, o meu dia já está acabando e preciso voltar ao navio. O mais interessante em viajar é o tanto de cultura e novos aprendizados que podemos descobrir. Posso afirmar que levo da Argentina muitos deles.

Após guardar todas as lembrancinhas que comprei e de tomar um bom e relaxante banho, sigo para a sala onde foi liberado para os funcionários alguns computadores e internet. Faço uma chamada de vídeo para Íris. Sinto uma enorme saudade dela, que obviamente inicia a nossa conversa me cravando de perguntas sobre a noite de ontem.

— E você beijou alguém? — Ela está pintando as unhas dos pés enquanto fala comigo e desvia a atenção para se concentrar em minha resposta.

— Não, Íris.

Eu já tinha contado como era o restaurante, o que comemos e bebemos, e um pouco sobre a casa noturna badalada também.

— Mas eles são bonitos, não são? — Ela dá uma pausa rápida para passar uma camada no dedão e, ao fazer isso, o seu rosto forma uma careta engraçada. — Eu tenho uma amiga na sala que namora um argentino, de uma viagem que ela fez aí em Buenos Aires. Caramba, ele é muito lindo.

— Há muitos homens bonitos aqui, mas...

— Você não beijou nenhum — ela diz e me encara da mesma forma que a nossa mãe fazia quando éramos crianças e queríamos verduras. —

Sério, Gaia? Há quanto tempo você não beija, minha irmã?

— Bom...

— Desde que Fábio e você terminaram e que a mamãe ficou pior da doença. Humm... aquele babaca.

— As coisas ficaram difíceis, Íris.

— Não, Gaia. Você tem que parar de ficar justificando as merdas que os outros fazem e começar a pensar em você. Quando mais precisou, ele deu no pé.

Não são muitas pessoas que conseguem lidar bem com alguém doente. E o fato de ter dedicado boa parte do meu tempo cuidando da nossa mãe, deixando meu relacionamento amoroso de lado, colocou fim a um namoro que já havia alguns meses que não estava bem.

Começamos a ficar juntos na metade da minha graduação e, apesar de ter tido alguns namoricos na adolescência, foi com Fábio que me aventurei no sexo. Acho que por sempre ter sido muito romântica, em parte devido às histórias gregas de amor que sempre ouvi minha mãe narrar, acreditei naquele momento que, ao ter entregado minha virgindade a ele, ficaríamos juntos para sempre.

Fábio não pensava assim, e quando tudo começou a ficar insuportável, enxerguei que eu não era a mulher da sua vida. O que, para o meu espanto, encarei sem grandes dramas. Preciso ser honesta ao menos comigo mesma e admitir que sempre sentia que faltava alguma coisa em nossa relação, como se as nossas peças não se encaixassem corretamente.

Ele nunca me fez sentir como se o meu coração fosse saltar do meu peito e as minhas pernas nunca amoleceram com seu toque. O sexo foi bom, e apenas isso. Nenhum coração machucado com o rompimento.

— Se solta, Gaia. — Escuto Íris dizer, cheia de energia. — Mergulha de cabeça e veja o que a vida tem a oferecer.

Tenho certeza de que, se ainda estivesse viva, a mamãe faria coro a ela.

— Você viajou para ter uma aventura!

Em todas as nossas conversas, eu ouço o mesmo. E não adiantava tentar explicar a Íris, em cada uma delas, que já era um avanço enorme sair do casulo no qual me enfiei.

— Seja menos, Gaia — repete Íris.

— Seja mais livre — concluo por ela.

Eu vou ser. No momento certo. No meu ritmo.

Sinto que alguma coisa ainda está fora do lugar, e apenas não sei explicar o quê.

CAPÍTULO 6



EROS

O mar é como a minha segunda casa. É onde realmente me sinto bem. Onde vejo que sou apenas como qualquer outra pessoa no mundo, diante de algo muito maior do que eu.

Foi velejando que tive as minhas melhores ideias e inspirações para criar os navios da Laskaris. Flutuando nas águas solitárias, com efeito calmante, que nasceu o Sonhos de Afrodite, um projeto audacioso do qual tenho imenso orgulho.

Voltar a velejar, rumo à minha última criação, me deixou mais empolgado do que poderia ter imaginado. É como se existisse uma força maior que me chamasse para o navio. A sensação não é apenas de que quero estar lá, mas de que eu preciso estar.

— Eu gostaria de entender... — Escuto a voz alta vindo do cais, e alguns segundos depois, vejo Aquiles surgindo na popa.

Apesar da provocação esnobe, o meu irmão exhibe seu sorriso meio jogado de lado e traz com ele um engradado das nossas cervejas preferidas.

— O que tanto o interessa nessa lata de sardinha?

O veleiro que Aquiles encara, com tanto desdém e horror, projetado por mim e que ajudei a construir com as minhas próprias mãos, possui duas cabines, banheiro e uma pequena sala conjugada a uma cozinha completa.

— Primeiramente, essa lata de sardinha custa nada menos que oitenta mil euros.

— Sim, mas já é um modelo ultrapassado, não?

— Ainda é um dos nossos produtos mais procurados, Aquiles — rebato enquanto ele lança uma das garrafas em minha direção. — Depois, acho que talvez deva fazer a mesma pergunta em relação àquele pássaro de metal no qual você ama cruzar o céu, que eventualmente chama de avião.

Aquiles apenas sorri.

— Você poderia vir comigo, dessa vez — reitero o convite que ele sempre recusa.

— Sabe que trabalho com os barcos e ganho dinheiro com eles, mas... — Ele aponta para o veleiro, depois para as ondulações atrás de mim. — Nem morto chego perto dessas águas.

— Ainda bem que não pegou trauma do chuveiro — provoco e recebo um merecido soco no ombro.

A repulsa de Aquiles pelo mar tem a ver com um velho trauma de infância, que eu acreditei que, a essa altura, ele já teria superado.

— Já está de partida, ou ainda tem tempo para algumas cervejas e conversa fiada?

Por termos idades tão próximas, ou talvez pela forma que fomos criados, crescemos muito unidos. Hoje, os nossos trabalhos, principalmente o de Aquiles, nos mantém muito ocupados e nos vemos mais quando visitamos a família. Talvez não estejamos tão presentes na vida um do outro como antes, mas o amor e o respeito que sentimos continua igual.

Neste momento, não é como se tivesse passado vários dias desde a inauguração de Afrodite. Somos aqueles jovens garotos passando um tempo juntos depois do colégio.

— Só vou partir amanhã de manhã.

Seguimos para o interior do veleiro, onde sei que Aquiles se sentirá mais confortável. A decoração, em específico, tem completamente a minha cara. Em vez das decorações elegantes que vendemos para que as pessoas ostentem um elevado estilo de vida, aqui tenho algo mais neutro e inclinado para o prático e confortável. Ainda assim é um barco bastante bonito e desejado.

— Quanto tempo pretende se enfiar no Afrodite?

Inicialmente, a ideia é sair de Barcelona, fazer todas as inspeções

necessárias até parar no próximo porto e retornar para o veleiro, com destino de volta a Atenas.

— Alguns dias, por quê?

— Sei que nos últimos anos rimos disso. — Ele dá um pequeno gole em sua bebida e se encosta na parede atrás dele. — Sobre os nossos avós. Acho que precisamos começar a considerar as coisas com um pouco mais de seriedade.

— Eles estão bem, não estão?

Deixo a minha garrafa ainda intocada sobre a mesinha e caminho apreensivo até Aquiles.

— Por enquanto, Eros. — O que eu vejo no seu olhar, na forma que o meu irmão passa a me encarar, me deixa incomodado. — Eu falei com o médico da vovó essa manhã.

Nossos avós foram muito presentes e são importantes em nossas vidas. Eles já estão bem idosos, mas não importa quantos anos tenham, sempre achamos que ficarão entre nós para sempre.

— Certo. — Ocupo o banco de couro enquanto observo Aquiles fazer o mesmo em outro e colocar sua garrafa no chão. — O que eu preciso saber?

— É mais o que precisamos fazer, Eros.

Diferente do que Aquiles tinha dito logo que chegou, a minha impressão é que essa conversa não terá nada de vazia.

CAPÍTULO 7



Nos dias seguintes de navegação, passamos por Santos, voltamos ao Rio de Janeiro e de lá seguimos para Salvador, que infelizmente vi muito pouco. Com as novas pessoas que entram no navio, o nosso trabalho parece triplicar. Eu mal consigo fazer as chamadas de vídeo com Íris, muitas vezes me limitando a enviar mensagens de texto e de voz.

Celeste afirma que é porque estou me habituando ao ritmo e que logo meu corpo se sentirá menos cansado. Confio no que ela diz, como também tenho cada vez mais admiração por quem executa esse tipo de trabalho há bastante tempo.

Em Santa Cruz de Tenerife, o navio fica ancorado por três dias. Entre as escalas malucas, tive algumas horas de folga, mas não consegui ver tudo o que gostaria. O lugar se tornou um dos quais quero voltar a visitar algum dia.

Como em todos os lugares que visitamos, deixo a empolgação de Celeste me levar. Inclusive, como suspeitava, ela fez uma amizade instantânea com minha irmã, em uma das vezes que presenciou nossa conversa por vídeo.

Sou a mais velha, mas Íris age como se fosse minha mãe, só que de um jeito contrário do que as mães certamente fariam. Em vez de conselhos

para que me cuidasse e não aceitasse bebidas de estranhos, minha maluca e doce irmã incentivava que a cada viagem eu me solte mais.

Depois de me acostumar ao ritmo de trabalho, venho me arriscando nas aventuras que Celeste propõe. Conheci um rapaz interessante, em uma casa noturna que a minha nova amiga descobriu, e até me atrevi a trocar alguns beijos com ele em nosso último e incrível dia em Tenerife.

Não foi uma experiência ruim, mas faz um tempo que eu não tenho um relacionamento ou saio com alguém. A última vez foi um pouco antes do diagnóstico da minha mãe. Encontrava-me em um namoro cheio de problemas. Fábio passou a ser mais ciumento e possessivo com o meu distanciamento, devido à doença dela, e quando as coisas pioraram, tudo foi por água abaixo de vez.

Íris sempre afirma que eu estive presa em um relacionamento abusivo. Talvez ela tenha razão, dificilmente conseguimos enxergar quando estamos dentro de um.

O fato de ter me permitido conhecer alguém e ter trocado uns amassos com ele, mesmo que não tenha sentido nada de especial, nem que nada tivesse acontecido ou mudado dentro de mim, fez a minha irmãzinha ficar mais calma momentaneamente em relação a esse assunto. Afinal, segundo ela, eu ainda não sou um caso totalmente perdido. Dei o meu primeiro passo rumo à minha libertação, como diria Íris.

Ainda penso muito na mamãe. Às vezes, a saudade e a dor causada por sua perda são tão fortes que mal consigo respirar. Durmo e acordo chorando, e em uma das crises mais intensas, Celeste até mesmo cobriu meu horário, pois nem ao menos consegui me levantar da cama.

Como ela tinha perdido um irmão, vítima da violência urbana há quase três anos, entendia empaticamente a minha dor. Foi por ela ter passado por esse trauma que a faz apreciar a vida como se não existisse amanhã. Bom, cada um encara suas dores à sua maneira.



Funchal foi divertida. Amei o que conheci em Málaga e em Cartagena. Celeste e eu conseguimos tirar os mesmos horários de folga, e já

nos bate uma pequena tristeza, pois na próxima parada, que será Barcelona, nós iremos seguir caminhos completamente diferentes. Ela retornará ao Brasil com o navio, e eu sigo para o *Sonhos de Afrodite*.

— Não vai ser a mesma coisa sem você, Celeste. — Entrego a ela a garrafa de vinho que estamos dividindo. — Quem vai me forçar a sair e me divertir um pouco?

Estamos em uma parte da proa, deitadas em uma toalha de mesa que roubamos a caminho daqui, enquanto observamos o magnífico céu estrelado acima de nós.

— Você irá trabalhar em um Laskaris. Tem noção da sorte que tem, Gaia? — disse Celeste, antes de levar a garrafa de vinho à boca para tomar um gole demorado. — Não apenas no maior e melhor navio já construído até hoje, mas para a melhor empresa de cruzeiros. Ótimos salários, excelentes gorjetas e escalas que não parecem arrancar a alma do nosso corpo a cada turno. Nove entre cada dez de nós faria tudo para conseguir uma oportunidade como a sua. Você não vai precisar que eu te jogue no colo da diversão, ela virá até você, pode acreditar nisso.

— Ainda assim, vou sentir muito a sua falta, Celeste.

Trabalhamos muito e nos divertimos bastante também. Essas duas semanas de viagem não teriam sido as mesmas sem ela. Nos tornamos boas amigas, e eu sentia ter que dizer adeus.

— E quando estivermos no Brasil, você vai me visitar, certo?

— Prometo. — Eu sorrio, pegando a garrafa de volta, os meus olhos ficando presos nas luzes brilhantes.

— Olha, ali. — Celeste aponta uma estrela cadente cortando o céu, que rapidamente vai caindo até não vermos nada além das águas escuras do oceano. — Vamos fazer um pedido.

A única coisa que realmente desejo, ao fechar os meus olhos, é encontrar o amor.

— Faça como aquela estrela, Gaia — Celeste murmura, levando-me a olhar para ela. — Apenas mergulhe de cabeça e deixe que a vida surpreenda você.

Todos à minha volta dizem a mesma coisa, e eu começo a pensar no quanto eles podem ter razão. Talvez tenha chegado a hora de deixar alguns medos e receios de lado e me permitir viver uma pequena aventura.

— Quem sabe, Celeste — respondo baixinho, ao levar a garrafa de

vinho aos meus lábios sorridentes. — Quem sabe...



Finalmente chegamos a Barcelona. Tenho dois dias para explorar o máximo possível da cidade, antes de me apresentar ao trabalho. Estou muito animada para ver os locais em minha lista, e ansiosa, porque finalmente estarei no navio que mais esperava, o *Sonhos de Afrodite*. O maior e mais luxuoso navio do mundo. Algo nele me atrai muito desde que saí do Brasil.

Espero que boas surpresas me aguardem.

— Não é um adeus, né, Gaia?

Com sua enorme mochila nas costas e a pequena mala de rodinhas, Celeste parece muito uma dessas turistas aventureiras viajando pela Europa. Só nós duas sabemos o quanto ela deu duro, trabalhando pesado em cada dia de cruzeiro.

— Nós temos o telefone uma da outra. — Apesar de sorrir, meus olhos estão úmidos. Porém, prometemos que nenhuma de nós duas iria chorar. — Prometo que te visito em breve, se não estiver viajando de novo.

— E pensa com carinho naquela proposta de emprego pelo Caribe.

Meneio a cabeça, afirmando que vou refletir sobre isso.

— Ah, vem cá, garota! — Celeste me puxa para um abraço e giramos nossos corpos como duas malucas.

Isso chama a atenção de algumas pessoas ao nosso redor, mas a maioria apenas ri de nós duas.

Conhecer Celeste, sem dúvida, foi uma das melhores surpresas desta viagem, até o momento. Estou louca para chegar ao Afrodite e descobrir o que o maravilhoso navio tem reservado para mim.

— Eu tenho que ir, ou perco o avião de volta. Se cuida, Gaia. Não tenha medo de arriscar e principalmente de ser feliz.

Celeste lembra bem minha mãe e Íris ao me dizer isso.

— Boa viagem, Celeste, e tenha juízo.

Enquanto ela vai sumindo, permaneço na calçada, observando seus passos leves e soltos misturando-a à multidão. Suspiro e pego a minha mala,

empurrando-a pelo chão de cimento. Estou sozinha agora, e de uma forma bastante surpreendente, não sinto medo algum.

Tenho a sensação de que agora, sim, a minha vida vai realmente começar.

CAPÍTULO 8



EROS

O sol da manhã, se infiltrando pela janela e batendo em meu rosto, não é realmente o que me acorda. São as batidas insistentes e chamadas nada pacientes de Felipa. Afasto a manta que provavelmente Aquiles jogou sobre mim e empurro com o pé uma garrafa ao lado de minha perna, estranhamente dobrada no sofá.

Com os olhos ainda um pouco arenosos, observo em volta e não vejo qualquer vestígio do meu irmão. Passamos a noite e boa parte da madrugada bebendo e conversando. E ao que notava, Aquiles tinha partido antes mesmo do dia começar a clarear.

— Felipa? — Abro a porta no instante em que ela se prepara para bater novamente, e isso a faz cambalear para o meu colo. — Qual é o problema?

— Você não passou a noite em seu apartamento, Eros. — Ela desliza a mão suavemente pelo meu peito, como se com isso quisesse ajeitar o amassado em minha camisa. — Depois recordei que só haveria um lugar onde poderia estar enfiando. Nesse...

Dirijo-lhe um olhar de advertência. O veleiro é um dos poucos lugares onde encontro paz e inspiração. Grandes ideias surgiram aqui. Embora a Laskaris tenha modelos mais modernos, elegantes e até mesmo de maior valor, tenho amor por este barco como um adolescente tem por sua primeira

moto.

— Nesse seu refúgio que ninguém entende o porquê você gosta tanto.
— Seu olhar esnobe não me passa despercebido, principalmente quando ela encara o meu brinquedo favorito com tanto desdém. — Você é um Laskaris! Poderia ter um iate, em vez dessa... dessa lancha.

Isso não responde a pergunta que lhe fiz.

Por qual motivos invadia o meu barco, para rebaixá-lo?

— Primeiro, não é uma lancha, mas sim um veleiro — a refuto, e a forma que ela me encara demonstra que não se importa com a diferença entre os dois.

Isso faz com que sua presença inesperada e sem convite comece a me irritar. O aviso de Aquiles, de que talvez Felipa não nos enxergue como nos vejo, apenas como velhos amigos que já se divertiram juntos, me vem à lembrança, me incomodando.

Retorno ao interior do veleiro, e ela me segue com seus saltos finos quicando no chão de madeira.

— Você não recebeu as minhas mensagens, Eros?

— As que respondi, avisando que não queria sair para jantar?

— As em que avisei que iria ao seu apartamento.

Que ela deveria ter enviado quando Aquiles chegou aqui, ontem. Apenas desliguei o celular e mantive toda a minha atenção em um dos raros momentos a sós com meu irmão.

— Imaginei que estava querendo dizer que preferia comer em casa. Providenciei um jantar especial para nós dois e fiquei te esperando como uma idiota.

— Felipa...

O fato de conhecê-la há muito tempo, de nossas famílias serem amigas e tratarem de negócios, me faz ter um pouco mais de paciência com ela do que teria com qualquer outra garota, cobrando de mim o que nunca cheguei a prometer.

— Desculpe não ter sido claro o suficiente sobre o jantar e principalmente...

— Espera, Eros! — Ela se reaproxima rapidamente, e seus dedos selam os meus lábios antes que eu possa continuar. Felipa me encara, deixando nítido o nervosismo que sente. — Acho que ultrapassei alguns limites aqui, admito. Mas sabe que me preocupo com você, querido. Quando Aquiles disse

que iria até Barcelona velejando, fiquei apenas preocupada, embora eu saiba que tem experiência nesse tipo de aventura. Esse barco me deixa receosa.

Não há motivo para que ela ou qualquer pessoa próxima a mim se sinta preocupada. E na verdade, acredito que a intromissão de meu irmão tem a ver com nossa conversa desta madrugada. A família, principalmente o nosso avô, está pressionando para nos ver finalmente casados e com filhos. O espertinho do meu irmão quer jogar a bomba para cima de mim, ou melhor dizendo, jogar Felipa sobre o meu colo.

— Sabe que me importo com você, querido. — Seus dedos agora passam suavemente por meus cabelos. — E nós sempre nos demos tão bem.

Encaro Felipa. Estudo-a silenciosamente, para ser mais exato. Ela é grega, o que deixaria os meus pais muito felizes se nossa relação evoluísse para um compromisso mais sério. Temos importantes ligações nos negócios e nos conhecemos há pelo menos quase três décadas. Só que, tirando aquela empolgação juvenil, onde por um tempo avançamos além do campo da amizade, e de o sexo ter sido bom enquanto durou, o desejo esfriou tão rápido quanto nos deixamos levar por ele.

É como gostar de bolo de chocolate, mas não precisar dele para sobreviver. Faltava algo que nos ligasse e me levasse a tomar uma decisão tão importante quanto o casamento.

— Eu só não quero que você tenha ideias...

— Vamos apenas esquecer tudo. Você vai para Barcelona encontrar o Afrodite, e de qualquer forma, preciso concentrar a minha cabeça na nova campanha da Laskaris. — Um sorriso sedutor e confiante começa a surgir em seu rosto bonito e determinado. — Eu posso me reunir com você no final do cruzeiro. Acho que será divertido, uma boa oportunidade de passarmos mais tempo juntos em um ambiente que você ama, e então poderemos ter novamente essa conversa. O que acha?

Eu não acredito que alguns dias de cruzeiro me farão mudar de ideia quanto a Felipa ser a mulher da minha vida. Nem ao menos sei se essa mulher realmente existe. Por outro lado, talvez consiga fazer Felipa refletir e enxergar que eu, definitivamente, não sou o cara certo para ela.

— Certo. A vejo em algum momento da viagem — aviso, indo até a porta, mantendo-a aberta para ela. — Agora, se me permitir, preciso checar algumas coisas antes de sair.

Felipa não é o tipo de mulher que gosta de ser dispensada. Apesar

disso, ela respira fundo e tem uma expressão tranquila ao passar por mim.

— Tenha uma boa viagem, querido — disse docemente.

Para minha surpresa, seu corpo cola no meu, sua mão fecha em volta do meu pescoço e os seus lábios buscam os meus.

Tentando provar algo a mim ou a ela, já nem sei dizer, eu retribuo o beijo, buscando nele algum sinal de que pudesse estar errado. E quando vejo Felipa se afastar, sustentando um sorriso momentaneamente vitorioso, confirmo para mim mesmo que não estou equivocado.

CAPÍTULO 9



GAIA



Depois de deixar as minhas malas no hotel em que ficarei hospedada pelas próximas duas noites, estou pronta para iniciar o meu pequeno tour por Barcelona. Obviamente não será possível ver muita coisa em tão pouco tempo, então preciso escolher com bastante sabedoria e organização.

— Por que você precisa ser tão metódica, Gaia?

— E por que você sempre vê isso como algo ruim, Íris? — indago no mesmo tom.

Sei que suas intenções são as melhores, ela quer que eu me divirta mais, me solte mais, viva mais e conheça o maior número de pessoas possível, só que às vezes tanta pressão me incomoda.

— Desculpe. Você tem razão. Me perdoa? — A cara que Íris faz na chamada de vídeo, com direito a biquinho e tudo, me faz amolecer.

— Acho que estou apenas cansada da viagem anterior e, sendo sincera, um pouco temerosa da nova aventura que se aproxima. Me desculpe, também. É que só tenho dois dias aqui e queria aproveitar ao máximo. Não quero ficar perdendo tempo pensando aonde ir e como chegar lá.

Sim, sou toda certinha e metódica, faço uma pequena careta ao reconhecer isso.

— Essa é a viagem da sua vida, Gaia. É o sonho da mamãe que você

está realizando. E embora esteja gastando a maior parte dela trabalhando, eu sei que será tudo incrível. Só quero que aproveite, minha irmã.

— Eu juro que vou fazer isso, Íris. No meu tempo.

— Mesmo no Afrodite? — Ela cutuca, e posso garantir que se estivéssemos no mesmo quarto, arremessaria um travesseiro nela.

— Principalmente no Afrodite. Eu vou me divertir tanto que provavelmente você terá que me resgatar na cadeia.

Ambas rimos, porque sabemos que isso jamais irá acontecer.

— Não precisa ir tão longe. Sabe que eu te amo, né?

— Também te amo, Íris.

Somos tudo o que restou uma para outra.

Finalizo a nossa conversa rápida e finalmente consigo deixar o hotel.

O primeiro lugar aonde vou é a *Plaça de Catalunya*. Ela dá passagem às duas ruas mais famosas e importantes da cidade, *Las Ramblas* e *Passeig de Gràcia*. *Las Ramblas* é, na verdade, um conjunto de ruazinhas. Soube, através da pequena pesquisa que fiz ao montar meu roteiro, que uma delas ficou mais conhecida e por isso se generaliza, chamando todas de *Las Ramblas*. É repleta de árvores, barracas de lembrancinhas, diversos cafés e vários artistas fazendo suas artes ao ar livre. No lado direito de *Las Ramblas*, fica o famoso Mercado *La Boqueria*, onde paro para conhecer e comprar algumas coisas para petiscar ao longo do dia e não precisar fazer pausas maiores em algum restaurante.

Ainda na mesma tarde, consegui visitar o monumento de Cristóvão Colombo apontando para as Américas. E é nessa parte que inicia o Porto de Barcelona, onde o Afrodite irá ancorar amanhã, no final do dia. É também onde fica o Aquário de Barcelona, uma atração muito divertida, principalmente para as crianças. O Bairro Gótico, a Basílica de Santa Maria del Mar e o Museu Picasso foram os meus últimos destinos.

Ao final da noite estava exausta e acabei jantando no hotel mesmo, enviando as fotos e vídeos que tirei a Íris e recebendo suas mensagens empolgadas de volta.



Minha breve e inesquecível viagem a Barcelona terminou. Apesar de não saber quando vou retornar aqui, não consigo olhar para o lugar como se fosse uma despedida.

— Então até breve, Barcelona — murmuro, dando uma última olhada pelo caminho de onde vim. Em seguida, procuro com o olhar ansioso o navio que ditará o meu destino nos próximos dias.

Há muitas embarcações, no entanto, achar o *Sonhos de Afrodite* é fácil. É o maior; o gigantesco navio se destaca em meio aos outros. Majestoso. Deslumbrante. É tão impressionante que me sinto como se estivesse em um sonho mágico.

Tentando, ao máximo, agir como uma pessoa normal, e não como uma ridiculamente fascinada pela embarcação, dirijo-me a uma das diversas entradas que me foi indicada no e-mail que recebi com todas as orientações.

— Senhorita? — Um homem bem-vestido e com o nome do navio bordado em dourado em seu uniforme, cumprimenta-me com um sorriso gentil. — Posso ajudar?

— Ah, sim. — Eu me atrapalho com as minhas malas e deixo a minha bolsa cair, que ele rapidamente recupera para mim. — Desculpe, senhor. Acho que sou um pequeno desastre. Quer dizer, nada com que tenha que se preocupar.

Dou a ele um sorriso nervoso. Quem chega em um navio desse porte e diz que é um desastre ambulante?

— Hum... Eu vou trabalhar aqui.

Ele checa as informações que dou em um aparelho muito parecido com um tablet e, após confirmar minha identificação, autoriza a minha entrada, sinalizando de forma gentil para onde devo ir me apresentar.

A cada passo que dou para dentro da embarcação, sinto como se estivesse entrando em um mundo completamente diferente. Tudo aqui exala luxo, riqueza, elegância e um convite certo para a diversão.

Se às vezes eu senti que poderia me perder no navio anterior, neste nem sei se me atreverei a sair da minha cabine. É como se estivesse entrando em uma pequena cidade em alto-mar.

Levo cerca de quarenta minutos para finalmente conseguir chegar ao grande salão, onde toda a impressionante equipe de trabalho está reunida.

O burburinho é alto. Para onde olho, vejo rostos felizes e sorriso

animados, provando que o que Celeste disse é a mais completa verdade. Apesar de estarmos aqui a trabalho, assim como é para mim, o Afrodite é um sonho a se realizar.

— Senhoras e senhores, atenção!

Uma mulher com microfone chama a atenção de todos. Basicamente acontece o mesmo que no trabalho anterior. Ela fala sobre a política do navio, o que esperam da gente e que será oferecido salário e bonificações como incentivo.

Embora a maior parte aqui tenha uma vasta experiência em cruzeiros como esse, todos nós passaremos por três dias de treinamento intensivo. Isso porque a Laskaris tem suas próprias regras e formas de atender os clientes, sempre com qualidade, excelência e proporcionando a cada um deles uma viagem inesquecível. Não era à toa que eles fabricavam as melhores embarcações e realizavam os melhores cruzeiros já vistos no mundo.

Assim como no *Grand Estelar*, na noite anterior à chegada dos passageiros, a tripulação tem uma empolgante festa de boas-vindas. Reconheci algumas pessoas que conheci no cruzeiro anterior, com as quais não desenvolvi uma amizade mais profunda. Ainda assim, foi bom ver rostos conhecidos nesse incrível mar de pessoas.

Fiz amizade com três garotas, também brasileiras: Carina, Nadja e Franciele. As duas primeiras também são camareiras como eu, e a outra, que me pareceu um pouco mais cheia de si, trabalhará em uma loja de grife.

A verdade é que ninguém é tão livre e divertida quanto Celeste, sinto muito a falta dela. Ainda assim, me esforço ao máximo para me divertir e ter uma noite agradável. Como no dia seguinte teremos a manhã inteira de folga e nossos turnos só começarão no início da tarde, todos estão aproveitando a música, bebidas e comida farta ao máximo.

Um pouco antes das duas da madrugada, decido que a festa está encerrada para mim. Carina e Nadja lamentam minha partida, e não vi mais Franciele desde que recebeu o convite de um rapaz para dançar.

— Desejo acordar cedo amanhã e tentar memorizar o máximo do navio que eu conseguir — aviso a elas, que parecem entender, mas exigem que façamos um último brinde em comemoração.

De volta à minha cabine, que é um pouco maior e mais elegante do que a do *Grand Estelar*, preciso destacar, jogo-me na cama confortável, olhando para o teto com olhar sonhador. Acho que um pouco é efeito da

bebida, que me fez ficar mais leve, mas tenho novamente a estranha sensação de que a minha vida irá mudar a partir desse cruzeiro.

O sono chega, e essa doce reflexão é deixada de lado.



O primeiro dia de trabalho foi corrido e cheio de tarefas, só que diferente do primeiro dia do *Estelar*, eu não me sentia exausta no final dele. Talvez seja porque me acostumei ao ritmo de trabalho em navios, ou porque a maioria dos hóspedes está curiosa demais para se aventurar pelo magnífico Afrodite, que eles praticamente não pararam em seus quartos. Assim, não há muito o que limpar, apenas organizar objetos jogados às pressas e impedir que nenhum centímetro de poeira assentasse em qualquer um dos móveis.

Como no navio anterior, as minhas escalas de trabalho nunca são iguais, mas os períodos de folga são maiores. A minha gerente, uma espanhola cheia de animação, ressaltou, em nossa recepção de boas-vindas, a mensagem idealizada pela empresa: uma tripulação feliz, motivada, recebendo incentivos devidos e fisicamente bem, oferecia um trabalho com excelência e qualidade. Steve, um rapaz que se apresentou ao meu lado, ouvindo o mesmo discurso, destacou que essa filosofia usada pela Laskaris em tudo, não apenas em seus famosos e desejados cruzeiros marítimos, transformava-a em uma das principais empresas onde as pessoas sonham um dia poder trabalhar.

— Vai para a festinha da tripulação, Gaia? — O mesmo rapaz que conversei no treinamento me sonda, quando nos cruzamos no corredor.

— Outra festinha? — indago, surpresa.

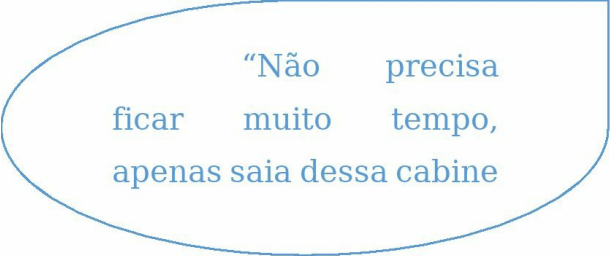
Esse povo é realmente animado, ou eu que tenho uma senhorinha de oitenta anos no meu corpo de vinte e seis?

— Querida, não te contaram? — Ele dá duas batidinhas em minha bochecha e me dá um sorriso divertido.

Ele é um australiano muito bonito. O tipo malhado e de pele bastante bronzeada, comprovando que, além do trabalho, ele passa bastante tempo surfando no mar.

— Aqui nós temos festas o tempo todo.

Observo-o se afastar sorrindo, já decidida a não participar da tal comemoração. Decisão que foi completamente mudada depois da minha rápida conversa com Íris, depois de um necessário e relaxante banho.



“Não precisa
ficar muito tempo,
apenas saia dessa cabine

Curiosamente, a *forção* de barra de minha irmã dessa vez não me incomoda, como anteriormente. Assim, seleciono um dos meus vestidos mais bonitos, pendurados no estreito guarda-roupa, um branco de alças fininhas e tecido fino. Em seguida, faço uma maquiagem leve. Depois de seguidas e frustrantes tentativas de produzir um penteado elegante, com os braços cansados, acabo deixando os cabelos soltos cair por minhas costas. Para finalizar, procuro em minha pequena caixa de joias o colar que recebi de minha mãe, em meu aniversário de dezesseis anos. Ele tem um delicado pingente com a inicial do meu nome, e é algo muito especial para mim.

— *Uno! Dos! Tres!* — Relembro a música que Celeste cantou para me convencer a ir à festa com ela, fazendo uma pequena adaptação na letra. — *Un pasito pa'delante, Gaia.*

Como na noite anterior, o salão onde os tripulantes podem organizar suas festividades está bastante animado. Eu não encontro nenhuma das meninas, e apesar de avistar Steve no mar de pessoas, o fato de ele estar com um grupo de homens me inibe a uma aproximação. Bebo um pouco e experimento um empanado de camarão. Após alguns minutos observando o clima animado, decido que vou ficar mais à vontade explorando um pouco do navio.

É como entrar em um reino mágico. Só faltava mesmo surgir o

príncipe encantado, empunhando a espada, em cima de um cavalo bonito.

— Acho que bebeu um pouco demais, Gaia — zombo de mim mesma.

Com certeza, não posso culpar a única taça de vinho que tomei para justificar esse pensamento excessivamente romântico.

Entro no elevador e seleciono o botão que me leva direto ao último andar, que também é onde ficam as suítes mais luxuosas e as atrações mais aguardadas. Quando chego ao imenso hall circular, vejo diversas vitrines de lojas, letreiros indicando restaurantes, spas, entre outras salas de atividades.

Há muito o que ver e muitas pessoas interessantes para se observar também. Após circular despreocupadamente pelos corredores, acabo indo para o convés, disposta a tomar um pouco de ar.

Apesar da noite fresca, a brisa que vem do mar é gelada o suficiente para eu fazer uso do lindo xale de seda que me atrevi a comprar em uma loja chique em Barcelona. Foi uma pequena fortuna, mas agora fico ainda mais feliz com o presente que me dei. Ele me faz parecer elegante e bonita dentro do vestido, podendo circular confiante entre as mulheres bem-arrumadas e com joias reluzentes que passam ao meu lado.

Jogo o tecido gostoso sobre meus ombros nus, depois apoio o meu corpo sobre a balaustrada. Enquanto observo o mar e a majestosa lua refletindo nele, ao passo que sinto o vento gostoso sacudir os meus cabelos, outra coisa surpreendente me vem à cabeça.

Descobri, durante essa viagem maravilhosa, o quanto eu gosto de estar em alto-mar. De como toda a imensidão dele me fascina. E acima de tudo, me faz sentir nada menos que viva.

O que nunca poderia ter imaginado é que esta noite, quem eu via se aproximar do meu recanto silencioso e tranquilo mudaria completamente a minha vida.

CAPÍTULO 10



EROS

Para algumas pessoas, velejar por longos dias poderia ser considerado exaustivo, não para mim. Sempre me sinto com as energias renovadas, e dessa vez não poderia ser diferente. Carrego em meu peito um certo tipo de animação misturada com uma pulsante ansiedade de estar no *Sonhos de Afrodite*.

— Boa tarde, Sr. Laskaris. Fez uma boa viagem?

O homem, de cabelos grisalhos e marcas de expressão no rosto, que comprovam sua longa jornada de vida até aqui, vem ao meu encontro assim que termino de ancorar o veleiro.

— Excelente como sempre, Santiago. — Nos cumprimentamos com sorrisos e tapinhas exagerados nas costas. — Vai cuidar dele para mim?

— Como se fosse meu, patrão.

Enquanto eu estiver dentro do Afrodite, esse velho marujo seguirá o navio e conduzirá o veleiro até a última parada, em Atenas. Lá passarei algum tempo com os meus avós, depois talvez parta para Oia, em Santorini, o gracioso vilarejo que me traz boas lembranças de infância. Também acredito que é um lugar inspirador para fazer a minha mente criativa voltar a funcionar.

— Confio plenamente em você, meu amigo.

Eu não diria o mesmo a Aquiles, por exemplo. Ele afundaria o veleiro na primeira oportunidade.

Deixo Santiago cuidando de tudo o que é preciso e sigo para o *Sonhos de Afrodite*.

Não tenho filhos, mas a sensação que tenho ao vê-lo começar a surgir diante de meus olhos é como a de um pai voltando para casa após uma longa viagem, reencontrando o fruto de sua mais importante criação.

De acordo com as informações enviadas por Aquiles, o navio já é um grande sucesso. Todas as cabines foram esgotadas em apenas uma semana de venda. Eu não tinha dúvidas do sucesso que ele alcançaria, mas para o meu irmão são os números e o quanto eles fazem a nossa conta bancária engordar o que realmente importa.

Em vez de uma cabine luxuosa, optei por uma bem confortável na classe comum. O Afrodite foi planejado para proporcionar a todos uma viagem dos sonhos, então não importava se seria um milionário em uma suíte de luxo ou um trabalhador comum, todas as cabines proporcionam conforto e elegância.

— Capitão? — chamo o homem passando informações aos seus auxiliares.

— Sr. Laskaris, é um prazer vê-lo. Soube que se uniria a nós, mas não tinha ideia de quando iria chegar.

Eu me instalei faltando apenas algumas horas para a embarcação partir.

— Heitor, pode me chamar apenas de Eros. Estou aqui para me certificar de que a viagem ocorra como o esperado. — Aperto sua mão com firmeza, e ele suaviza a expressão séria. — O navio continua sob seu comando, capitão. Eu gostaria de pedir que mantivesse quem sou apenas entre nós.

Não quero inibir a tripulação e nem estou aqui à procura de falhas para correções severas. Busco melhorias tanto no ambiente de trabalho como nas experiências inesquecíveis que oferecemos aos hóspedes, então quanto menos visível eu me tornasse, mais conseguiria observar as pessoas e o funcionamento de tudo de forma natural.

O meu avô constantemente me dizia: *Quer saber como as coisas realmente funcionam? Coloque a mão na massa e veja com os seus próprios olhos*. Seus conselhos sempre foram muito sábios.

— Para todos os efeitos, sou apenas o engenheiro de inspeção.

— Como quiser, Sr. Laskaris... — Ele se interrompe rapidamente ao recordar a pequena falha. — Eros. Em que mais eu posso ajudar?

— Eu tenho algumas ideias — digo a ele, quando indica a mesa de trabalho para onde nos dirigimos.

Conheço cada detalhe desse grande projeto, e encontrar alguém que tem a mesma paixão que eu pelos navios e pelo mar faz com que a conversa flua por horas.

— Se não tiver compromisso, gostaria de convidá-lo a um jantar no camarote do comandante.

Aceito o convite sem pestanejar, pois o camarote do capitão é o que tem a melhor vista. Após deixá-lo cuidando de suas obrigações, sigo para as áreas que mais me interessam agora, como a sala de máquinas, turbo-alternador e engenharia.

Apresento-me aos chefes de seções como um engenheiro de inspeção, usando o sobrenome de minha avó materna como identificação. Não é a primeira vez que faço esse tipo de vistoria durante alguma excursão de cruzeiro, e tudo que preciso para entrar e sair sem ser identificado como um dos herdeiros da empresa é providenciado pela excelente secretária de Aquiles.



O jantar com o capitão foi extremamente agradável. Ele não me vê apenas como um executivo, investindo em algo que o deixará ainda mais rico. Por ter desenhado o Afrodite, entre tantos outros projetos de sucesso da Laskaris e pela minha experiência velejando, a cada minuto de nossa conversa consigo conquistar sua admiração.

— Gostaria de um charuto?

— Eu não fumo — respondo a ele. — Mas fique à vontade.

— Então, outra taça de vinho para você?

Aceito, e quando o capitão se dirige para responder algum tipo de comando, volto-me para a ampla parede de vidro, onde posso ter uma vista privilegiada do mar e da lua redonda refletindo nele.

Meus olhos vagueiam por um instante na escuridão infinita à nossa frente e, de repente, tenho toda a minha atenção focada na imagem feminina encostada na balaustrada. Como um imã puxando-me para ela, tudo na inesperada mulher me chama atenção.

Ela está em um vestido branco de alças finas, que destaca bastante seus cabelos vermelho acobreado, como fogo, flutuando ao vento.

O xale delicado, que ela desiste de arrumar, está caindo-lhe pelas costas e vestido em um estilo romântico que a faz parecer como uma virgem a ser entregue em sacrifício.

O que também me chama bastante atenção nela é que, além dos fios esvoaçando com a brisa, os seus pés delicados estão descalços, enquanto ela mantém as sandálias presas em uma das mãos.

— Eros?

O chamado insistente do capitão me tira do transe que me coloquei.

— Desculpe, capitão. — Passo exasperadamente a mão na lateral dos cabelos, ao notar que ele parece estar chamando a minha atenção faz algum tempo. — Lamento dizer, mas preciso recusar o vinho. Eu...

A garota.

Se é uma deusa ou uma sereia, encantando um marinheiro, não sei dizer, apenas preciso vê-la de perto e ter a certeza de que realmente é real.

— Preciso ir.

O meu nome tem origem mitológica grega. Na versão mais difundida da história, Eros é considerado o filho da deusa Afrodite. Enquanto ela é conhecida como a deusa da beleza e do amor, capaz de seduzir deuses e mortais, Eros é o cupido travesso que desperta paixões em homens e deuses com suas flechas.

Afrodite é a personagem de numerosas lendas, e eram especialmente notórias suas vinganças quando não era reconhecida ou era menosprezada por alguém. Uma das mais conhecidas é a que envolveu Eros e Psiquê. A deusa ficou enciumada com o fato da filha mais nova de um rei ser conhecida por sua beleza e graciosidade e passar a receber para si toda a adoração, antes dedicada à deusa do amor. Furiosa, Afrodite ordenou que, como sacrifício a ela, o rei abandonasse Psiquê no alto de um rochedo, à espera de um monstro cruel como uma serpente, que voava pelos ares e não poupava ninguém. Eros deveria encantar Psiquê com sua flecha e fazê-la se apaixonar pelo mais abjeto dos homens. Ao visitá-la durante a noite, atingido pela própria flecha,

foi Eros quem acabou por se apaixonar por ela.

A minha avó, uma romântica incurável, sempre dizia que um dia eu encontraria a minha Psiquê e que a flecha de Eros uniria nós dois. Faz algum tempo que tinha desistido de pensar nessa história, até encontrar a figura misteriosa e encantadora apoiada na balaustrada do navio.

É claro que não sou Eros, não o da mitologia grega, mas é interessante que eu tenha dado o nome à minha criação de Afrodite e que nela eu encontre a jovem que me desperta um interesse nunca sentido antes.

Chego ao convés o mais rápido possível, porém, para minha decepção, não encontro nada além de algumas pessoas circulando. No canto onde havia avistado a garota, existe apenas um enorme vazio. Como se eu tivesse acordado de um sonho muito real ou apenas me iludido com uma miragem. Decepcionado, estou prestes a retornar, quando eu avisto algo brilhando próximo à cadeira ao lado de onde a jovem misteriosa esteve.

Um fino colar, com um delicado pingente em forma de G.

Pertencia à garota que vi?

Possivelmente.

Parecia que os contos mitológicos ou de fadas seguiam a me perseguir. E, em meio a esse gigantesco navio, encontrar a dona da delicada joia seria tão difícil quanto a procura da princesa a quem pertencia o sapatinho perdido de cristal?

Pelo menos eu sabia que o nome dela começava com G e que ela tem os cabelos ruivos mais incríveis que eu já havia colocado meus olhos admirados antes.

Então um sorriso atrevidamente determinado e empolgado surge no meu rosto, enquanto guardo o colar em meu bolso.

Nem que precise vasculhar este navio de cima a baixo, irei achar a minha Psiquê.

CAPÍTULO 11



GAIA



Já se sentiu como se estivesse sendo observada?

Bom, eu estou em um navio de cruzeiro com centenas de pessoas, e não seria nada incomum ter alguém olhando para mim. Ainda assim, a sensação que tenho é intensa demais para que eu consiga ignorá-la. Ajeito o xale que insiste em cair dos meus ombros e começo a me afastar da balaustrada.

Estou dividida entre colocar as sandálias, que eu havia tirado para descansar um pouco os meus pés, e perscrutar com os meus olhos se há mesmo alguém me observando à distância, ou se é apenas um devaneio de minha mente fantasiosa, quando uma voz agitada me chama a atenção.

Observo com cautela a jovem bonita, com trajes indianos, parar alguns centímetros de onde estou. Ela não me vê. Está concentrada demais em sua conversa acalorada ao telefone para se importar comigo.

Um pouco sem jeito por estar presenciando um momento íntimo, decido começar a me afastar silenciosamente. Contudo, há algo na voz da garota e na forma que ela fala, embora eu não entenda uma palavra, que me impele a ficar.

A ligação dura um pouco menos de um minuto. Espantada, vejo-a soltar um brado de dor e arremessar o celular caríssimo no mar.

— Senhorita! — Jogo-me na balaustrada, mas o objeto some das

minhas vistas sem que eu possa fazer nada.

Ainda bastante surpresa, vejo a jovem, cujo rosto está coberto de lágrimas, se apoiar também na balaustrada e um de seus pés subir no ferro.

— Não, senhorita, por favor! — Não sei se ela me entende, ou se eu estou entendendo suas intenções de forma errônea, mas não posso deixá-la se aproximar tanto da borda.

Ela tenta se desvencilhar de mim, dizendo coisas em sua língua nativa. Se alguém estivesse próximo demais de nós, imaginaria que estaríamos brigando ou brincando, já não sei. Enquanto a jovem luta para fugir do meu agarre, eu a arrasto para o mais longe possível.

Vendo que não tem forças contra a minha determinação, ou talvez fosse a razão finalmente chegando, ela acaba aceitando o meu abraço, chorando em meu ombro.

— Tudo vai ficar bem, senhorita... — falo em inglês, esperando que ela compreenda a língua.

— Kali. — Ela soluça ainda agarrada a mim, depois afasta o rosto para me observar melhor. — Kali Nayyar Ansari. Quem é você?

Bem, o meu nome não é tão ostentoso quanto o dela, mas eu também gosto dele.

— Gaia. Eu me chamo Gaia.

— É um nome bonito. — Mesmo com os olhos lacrimejantes e tristes, a jovem consegue sorrir para mim. — Seus cabelos brilham como fogo que consumiu o mundo de Brahma. [\[6\]](#)

— O seu nome também é bonito. — Sorrio de volta, e não tenho ideia de quem ela cita.

Kali tenta se afastar um pouco mais, e o seu corpo desequilibra em minha direção, fazendo-me ampará-la rapidamente pela cintura.

— Eu não deveria ter bebido toda aquela garrafa de vinho sozinha — ela se desculpa. — Mas... mas...

Seus olhos bonitos voltam a ficar úmidos, e tenho a sensação de que ela se segura para não cair em uma crise de choro na minha frente.

— Tudo bem, acontece. Consegue andar?

Ela sinaliza que sim, e o novo passo vacilante me confirma que precisarei ajudá-la a ir para o seu quarto. Pergunto onde ela está hospedada, e Kali me entrega o cartão de sua suíte.

Como imaginei, ela está hospedada em uma suíte bonita e luxuosa.

— O que acha de tomar um banho? — indago ao vê-la olhar tudo em volta com um ar perdido. — Às vezes ajuda.

Ela concorda com um movimento de cabeça e, só por precaução, eu a acompanho até o banheiro igualmente suntuoso.

Deixo Kali tirando seus trajes indianos e volto ao quarto para preparar a cama dela.

Eu nunca poderia imaginar que a minha noite acabaria assim, impedindo uma desconhecida que fizesse uma loucura, mas estou feliz de ter estado no lugar certo no momento certo.

— Eu não faria aquilo realmente. — A voz fraca, como a de um ratinho assustado, me faz virar para a porta. — Sobre pular, sabe?

Assinto e sorrio com gentileza. Não estou aqui para julgá-la. Já senti o tipo de dor profunda que nos faz cogitar tomar decisões desesperadas.

— Mas eu pensei, por um momento. — Ela senta-se na cama, ao meu lado. — Fico grata que tenha estado lá.

Sorrimos uma para a outra e ficamos assim por um tempo.

— Eu acho que você deve descansar um pouco — aviso, puxando as cobertas para que ela se acomodasse na cama. — Amanhã será um novo dia, e quando clarear verá que todos os problemas podem ser resolvidos.

— Não esse, Gaia. — Os seus olhos tristes, desesperadores, na realidade, me causam compaixão. — Estou condenada. Não, acorrentada para sempre a um destino que não desejo.

— Então é só mudar esse destino.

— Eu não posso. É o que a minha família espera que eu faça. — Seus olhos fecham, e acho que a exaustão de toda a turbulência dos últimos minutos está falando mais forte. — Preciso fazer isso.

Vejo sua respiração ficar mais leve enquanto dou alguns passos em direção à porta.

— Gaia? — O chamado baixinho, mas urgente, me faz virar em sua direção. — Você pode ficar aqui?

O meu turno só começará no dia seguinte, ao meio-dia. Eu não deveria estar me envolvendo de forma tão íntima com um hóspede do navio. Como também sinto não ser capaz de ignorar o pedido, virando-lhe as costas.

— Claro que sim. — Dirijo-me ao outro lado da cama, ajeitando-me no cantinho. — Não vou a lugar nenhum, Kali.

Ela já está dormindo e, incrivelmente, apesar de tudo, não demora muito para que eu também caia no sono.



A minha intenção era partir logo cedo e antes que Kali se desse conta de que tinha passado a noite ao lado dela, mas assim que abro os meus olhos, vejo não apenas a garota bonita da noite anterior em um charmoso robe, como a mesa posta para o café da manhã.

— Nossa! Que horas são?

— Quase nove horas — Kali responde antes de levar um pedaço de manga à boca. — Você pode dormir um pouco mais, se quiser.

Realmente eu gostaria, mas a minha realidade é bem diferente da dela.

— Eu tenho que trabalhar — aviso, levantando-me rapidamente da cama. O seu olhar confuso quase me faz rir. — No navio. Eu trabalho aqui.

Para que você tenha seu farto e perfeito café da manhã, princesa, outras pessoas se levantaram muito cedo. Como vejo que a reação de Kali não tem nada ligado a arrogância, deixo esse pensamento apenas comigo. Afinal, quem de férias fica pensando que outras pessoas trabalham para que você tenha momentos inesquecíveis?

— Sobre ontem... — Ela empurra sua salada de frutas para o lado e se levanta da mesa.

— Não tem que me explicar nada. É sério. O importante é que esteja bem. Você está bem, certo?

Seu movimento de cabeça afirma que sim, mas ainda vejo aquela angústia em seu olhar que me diz o oposto.

— Eu queria... — Ela desvia o seu rosto constrangido e vai em direção a uma bolsa bonita. — Quero agradecer.

— Não é preciso — afirmo rapidamente.

Sei que ela quer retribuir ao meu cuidado com ela de forma financeira e que todo o dinheiro que conseguir nessa viagem será bem-vindo, mas não nesse caso. Gentileza não se compra.

Kali olha para as notas em sua mão, depois estuda o meu olhar

determinado.

— Poderia ao menos tomar café da manhã comigo?

— Isso eu aceito com prazer. — Retribuo o sorriso afetuoso dela.

— Se quiser, pode tomar um banho e usar uma das minhas roupas. — Ela estuda a nós duas com o olhar. — Pelo que vejo, temos até o mesmo tamanho de sapatos.

Isso era uma curiosa verdade.

— Eu não tenho apenas sari^[7].

— Aceito a oferta do banho, mas vou ficar com as minhas próprias roupas, se não se importa.

Um delicioso banho em seu banheiro luxuoso e um impressionante café da manhã ao lado de Kali é toda recompensa que eu preciso receber.

Embora tenhamos personalidades bem diferentes, conversar com ela era tão fácil e natural como foi quando conheci Celeste. Eu contei a Kali sobre a novela indiana que passou no Brasil e que minha mãe adorava assistir. Vimos alguns vídeos e contamos coisas interessantes sobre os nossos países.

— Você tem tanta sorte, Gaia — ela me diz quando me acompanha até a porta. — Pode ser como quiser, quando quiser, e escolher o seu próprio destino.

— Às vezes eu gostaria que o meu destino já estivesse desenhado — respondo baixinho —, em vez de me sentir tão perdida. Sem saber para onde ir.

De certa forma, uma desejava ter a realidade da outra?

Não pude ficar pensando muito sobre isso. A minha realidade me chama, e era hora de colocar os meus pés no chão.



Passaram três dias desde o meu encontro com Kali. Uma virose inesperada derrubou alguns funcionários, fazendo-os ficar de cama, e isso acabou sobrecarregando os outros. Assim, esses dias foram bastante corridos para mim e mal tive tempo de pensar na garota e se ela estava bem.

— Então? — Carina joga seu material de limpeza no carrinho enquanto eu vou riscando na folha todas as tarefas realizadas no último quarto que atendemos hoje. — Você vai para a festinha mais tarde, Gaia?

— Festinha? — Encaro-a com um sorriso divertido. — Todas as noites tem mais do que uma festinha lá.

Como havia muitos passageiros, também havia muitos funcionários, mas o melhor de tudo é que aqui a rotatividade de trabalho acontece para que a gente consiga ter um pouco de diversão também.

— Essa noite é diferente. Amanhã é o primeiro dia em terra firme, depois de cinco dias de navegação. Estão todos muito animados. Além disso, estaremos em Marselha. Consegue imaginar isso?

— Estou animada para conhecer tudo o que eu puder.

— Então, você vem à noite? — Carina insiste com olhar de cachorrinho pidão. — Nadja ainda está de cama e a Franciele não desgruda do carinha que conheceu naquele dia.

— Eu vou. — Preciso mesmo de um pouco de diversão. Depois que perdi meu colar, ando um pouco deprê, ele era muito importante para mim. — A gente se encontra em frente à minha cabine?

Ela assente, e empurramos o carrinho pesado para a sala de armazenamento, depois seguimos cada uma para nossos aposentos.

Antes de me preparar para a noite, transferi do meu celular todas as fotos que tirei em Barcelona para uma pasta no *Drive*, dando mais espaço ao aparelho para novas fotos de Marselha. Depois eu ligo para Íris, contando como foi o meu dia e em qual cidade nova vamos ficar.

É uma conversa bem rápida, pois ela está cheia de trabalhos da faculdade para entregar, mas exige que eu tire muitas fotos.

Cinco minutos para as oito já estou no corredor, esperando Carina chegar, que surge em seguida, e atrás dela uma grata surpresa.

— Kali? Está perdida por aqui? — Encaro-a cheia de curiosidade, antes que um fio de esperança surja. — Você achou o meu colar?

Eu percebi, naquela manhã, quando usei o banheiro dela para um banho, que o colar que ganhei da mamãe tinha caído do meu pescoço. Nós procuramos no quarto, e Kali, ao ver o quanto perdê-lo me afetava, prometeu entregá-lo a mim caso o encontrasse.

— Infelizmente, não. — Com a negativa, seus ombros encolhem em sinal de um pedido de desculpa. — Eu só queria... — Ela olha para Carina,

depois novamente para mim. — Não queria ficar lá em cima, embora seja tudo maravilhoso. São pessoas que... Bem, achei que a gente podia conversar, mas você vai sair com sua amiga...

— Você pode vir com a gente, se quiser... — Carina convida Kali antes que eu possa dizer que deixaria a festa para outro dia. — Certo, Gaia? Como se diz no Brasil, quanto mais, melhor.

— Eu não sei... — Começo a dizer, incerta.

Não é que eu não quisesse Kali com a gente, mas as festas dos funcionários geralmente são mais agitadas, mais barulhentas e cheias de música e dança do que Kali provavelmente estava acostumada na primeira classe.

— Eu iria adorar — a jovem indiana nos responde, cheia de empolgação. — E você poderia fazer só mais uma coisinha por mim?

O pequeno favor pedido por Kali era que eu emprestasse roupas normais a ela. Acabei dando um dos meus vestidos, que para minha surpresa, serviu nela perfeitamente. Só não posso dizer que somos gêmeas devido à grande diferença em nossos traços, tom de pele e cabelos. Os dela são escuros e bem lisos, enquanto os meus são vermelhos, com leves ondulações nas pontas. De resto, calçamos realmente o mesmo número e temos as mesmas medidas.

— Agora, garotas... — Carina para em frente à porta dupla, antes que nós passemos por ela. — Vamos nos divertir!

E a festa fica bastante divertida para a gente. Bebemos, cantamos e dançamos bastante. Kali me diz que, em questão de animação, esta festa a faz lembrar das festas indianas.

Depois juntaram-se à nossa mesa Steve, bastante interessado em Kali, acompanhado de um jovem divertido, que também não escondeu o seu interesse em Carina. Quando sinto que estou um pouco sobrando entre os dois casais, saio à francesa.

Já está quase amanhecendo, quando ouço a batida na porta da minha cabine.

— Kali?

Vejo-a acenar para alguém com um sorriso tímido no rosto, antes de voltar a atenção para mim.

— Eu posso entrar, por favor?

Abro mais a porta e dou passagem para que ela passe.

— Gaia, eu posso dormir aqui?

— Aqui? — Não sei se estou ainda muito sonolenta ou ouvindo tudo distorcido. — Você quer dormir aqui?

Por que ela desejaria dormir em minha singela cabine, quando tem uma suíte luxuosa à sua disposição?

— É complicado explicar agora.

— Kali, está tudo bem?

— Sim. É difícil explicar agora. — Suas mãos se unem em frente ao seu corpo e ela tem um olhar sonhador. — Mas esta foi a melhor noite que eu já tive.

Eu realmente não entendo nada do que ela fala, e acho que está apenas um pouco confusa pela bebida, que já confessou não ter resistência e nem o costume de consumir. Assim, concluo que talvez esteja apenas temerosa de voltar sozinha para a primeira classe.

— Você pode ficar, mas... — Aceno, acanhada, para minha modesta cama. — Só tem a cama de solteiro.

— Eu posso dormir no chão, se quiser.

— Não! — Encaro-a, chocada. — Vamos dividir. Você quer um pijama?

A confirmação com a cabeça me leva até o meu pequeno guarda-roupa, de onde tiro as duas peças, entregando-as a ela. Enquanto ela se despe, pego outro cobertor e mais um travesseiro.

— Eu quero mais disso, Gaia — ela confessa a mim quando nos deitamos.

— O quê? — Ergo um pouco a cabeça para tentar ver o seu rosto aos pés da cama.

Em vez de ter o travesseiro abaixo de sua cabeça, Kali o mantém preso contra o seu peito, como se ele fosse seu bichinho de pelúcia favorito.

— A liberdade.

Eu não sei profundamente todos os detalhes da sua vida, mas o que ela me contou é que, algumas semanas após o cruzeiro acabar, terá que voltar à Índia, de onde tinha saído para estudar na Europa, e se casar com um homem escolhido pelos pais dela. Assim era a tradição que ela teria que seguir. Um bom casamento arranjado por seus pais.

— E...

E? Aguardo que ela conclua o que estava prestes a dizer, mas após

algum tempo esperando em expectativa, percebo que Kali pegou no sono. Decido fazer o mesmo.

Repenso sobre o fato de, por um momento, ter desejado estar no lugar dela e rapidamente desfazo esse pensamento. Sei que no mundo existem várias culturas e que devemos respeitá-las, mas eu não consigo me imaginar passando o resto da minha vida ao lado de alguém por quem eu não fosse completamente apaixonada. O tempo que passei com o meu ex me fez ter cada vez mais convicção disso.



Estou colocando os grampos que manterão o coque em meu cabelo firme, durante toda a jornada de trabalho, quando Kali desperta. Ela pede para usar o meu banheiro, e quando retorna, já está com as roupas com as quais veio me procurar ontem.

Estou prestes a indagar qual motivo a levou a fazer isso. Não quis fazer isso na festa, ela parecia se divertir tanto. Mas então Kali recebe uma mensagem que traz um imenso sorriso ao rosto depois que a lê.

— Gaia — diz, os seus olhos agora um pouco travessos fixados em mim. — Eu quero te pedir um favor. Na verdade, te propor um negócio.

Encaro-a, tanto surpresa como curiosa.

— Um negócio?

— Vamos trocar de lugar.

Se antes eu estava surpresa, agora minha boca escancarada demonstra perfeitamente o meu choque.

— Trocar de lugar? Do que exatamente você está falando?

— Ouça... — Ela vem até mim e segura a minha mão. — Eu fui para a Inglaterra estudar, porque foi um acordo para que eu aceitasse esse casamento sem reclamação. Mas mesmo lá, sempre me senti presa, sabe? Vigiada. Então pedi essa viagem como uma despedida da liberdade que achava que tinha e que minha família me dera.

Sei que ela precisa dessa pequena introdução para me explicar que tipo de maluquice está passando em sua cabeça, mas só me vejo ainda mais

perdida.

— Até ontem à noite com você, Carina e Steve?

— Steve. Hum... Então tem a ver com o gatinho australiano?

Ela fica tímida e o sorrisinho encantado é toda a resposta que preciso.

— Ele acha que sou como você.

— Brasileira?

— Não. Que eu trabalho aqui. E eu sei... — Seu rosto angustiado demonstra que ter mentido sobre isso não a deixa feliz. — Mas aconteceu e agora não sei como mudar. Ele tem um pouco de aversão das pessoas lá de cima, sabe?

— As pessoas lá de cima?

As que morreram?

— Os ricos da primeira classe.

Hum... Faz sentido. Há pessoas bastante desagradáveis, mas graças a Deus, ou a experiência que tenho, uma boa parte delas, as grosseiras e esnobes demais, são a minoria com a qual não devemos nos importar.

— Eu só tenho esses poucos dias, Gaia, para viver uma grande aventura. A melhor aventura da minha vida, onde não importa quem sou ou como será meu futuro. Aqui sou apenas a Kali, entende?

— Eu entendo, e acho que você tem todo o direito de buscar a felicidade como quiser, mas onde me encaixo nisso?

— Eu disse que durmo aqui e trabalho como você.

— Mas, Kali...

— Sei que é só uma aventura de cruzeiro, Gaia, e que alguém como Steve nem se lembrará de mim quando partir para o cruzeiro seguinte. — Seus olhos ficam umedecidos enquanto ela fala. — Mas eu queria lembrar de tudo isso de uma forma especial.

— Só que somos completamente diferentes. Ninguém vai acreditar que eu sou você.

— Mas não precisa fingir que sou eu. Não preciso dar satisfação a ninguém, apenas ligar para a minha família ao menos uma vez por dia e avisar que estou bem. — Ela me mostra o telefone novo. — Só vamos dormir em lugares diferentes e vou usar o seu uniforme às vezes.

— E enganar o Steve, Kali? Acha certo?

Isso tudo é muito surreal para mim.

— Deixei claro a ele que não nos veremos mais depois daqui. E acho

que ele é a pessoa que mais poderá conhecer a verdadeira Kali, porque com ele consigo ser realmente quem eu sou.

Não faz sentido, mas faz. É complicado.

— Veja, você terá a suíte e as minhas roupas. Como já disse, não tenho apenas trajes indianos. Os sapatos, as joias, pode ficar com tudo. — Kali descarta tudo como se não tivessem importância, e eu sei que o mais simples vestido em seu closet elegante vale uma pequena fortuna. — Pode desfrutar de tudo o que tenho direito, como os jantares nos melhores restaurantes, os shows, passeios e atividades exclusivas.

— E o meu emprego?

— Pode continuar fazendo, se quiser. — Ela dá de ombros. — E se não quiser, peça demissão que pagarei o que iria ganhar.

— Não quero pedir demissão, Kali. Além do mais, se fizer isso perco a cabine, então o seu plano não daria certo. — Talvez se Kali visse o outro lado, o lado que ela acha sensacional, a tal liberdade idealizada por ela, mas que para mortais normais como eu trazia seus custos, acabaria por ver a sua vida de forma diferente. — Se quer viver minha vida, terá que viver a minha vida.

— O que quer dizer com isso?

— Tem o lado bom e o lado ruim. Vai ter que pegar o ônus também.

É claro que não vou jogar minhas obrigações em cima dela. O principal motivo de ter vindo a este cruzeiro a trabalho foi tanto a oportunidade de chegar à Grécia, o lugar que sempre esteve nos sonhos da minha mãe, como para manter a minha mente afastada do luto. Agora acho que Kali experimentar um pouquinho mais da realidade lhe cairia bem.

— Não sou a princesinha que está imaginando, Gaia. — O sorriso travesso volta ao seu rosto, e ela estende a mão para mim. — No fim, acho que nós duas aprenderemos alguma coisa.

Mudar de lugar?

Como naquele filme da Jennifer Lopez, que de camareira de hotel ela se passa por uma das hóspedes e, em uma noite de cinderela, conhece o charmoso herdeiro de uma dinastia política.

Claro que não espero encontrar nenhum galã de cinema parecido com Ralph Fiennes. Mas por que dizer não?

Talvez seja essa a minha grande oportunidade na vida de fazer algo realmente aventureiro, interessante e divertido. De estar em outra pele e me

permitir realizar tudo o que desejar.

— Nós temos um acordo? — insiste Kali com um sorriso, ao me ver apertar a mão dela.

O quê? Ela está falando sério?

Dormir em uma suíte luxuosa, ter acesso às melhores bebidas, comidas e restaurantes do lugar. Poder usar roupas bonitas e por alguns momentos me sentir como uma verdadeira princesa em um conto de fadas?

— Nós temos um acordo, Kali. — Apesar de animada, a velha Gaia pés no chão envia à minha mente o aviso de que podemos estar brincando com fogo.

E o fogo queima.

Só que eu tinha que ser menos Gaia e um pouco mais Íris, pelo menos uma vez.

Kali solta um gritinho animado em comemoração, dizendo alguma coisa em hindi, e juntas rodamos como duas malucas pelo quarto.

A minha aventura começa agora, e eu nunca teria imaginado algo parecido.

CAPÍTULO 12



EROS

Sem um rosto para descrever e um nome para fornecer informações suficientes, nem mesmo o talentoso e inteligente Sherlock Holmes conseguiria desvendar o mistério de quem seria a mulher misteriosa que avistei naquela noite.

Com poucos detalhes, não consegui ajudar os funcionários do navio aos quais recorri, e eles nada puderam fazer para encontrá-la. Embora eu ache a minha ruiva incomparável, existem muitas na embarcação, e as poucas indicadas a mim não chegam ao menos próximo da jovem que vi. Ou eram demasiado baixas ou altas, um pouco mais cheinhas ou magras demais, de cabelos curtos ou muito longos.

Nenhuma se encaixou devidamente, e eu já começava a suspeitar que tudo não passou de uma alucinação criada por minha cabeça. Mas o colar, que nenhum passageiro até o momento tinha avisado ter perdido, e que coloquei em meu peito desde quando cheguei ao meu quarto, comprova que não. Eu não tive um surto momentâneo que me fizera fantasiar com a garota. Ela existia e estava em algum lugar deste imenso navio, à espera de que a encontrasse.

A parte boa de tudo isso era que finalmente a minha inspiração havia retornado desde a manhã do dia seguinte àquela noite, com força total.

Nestes dias, imergi tão profundamente em minha nova criação que não deixei a minha cabine para nada, mergulhado em desenhos e esboços que, a cada linha traçada, me deixavam mais empolgado.

Mas até o mais obcecado por trabalho precisa tirar um momento de descanso. Depois de várias recusas de um novo encontro com o capitão, aceitei seu convite para um novo jantar.

— Então ela apareceu e desapareceu como em um passe de mágica?

Encarando Heitor com resignação, compreendo que, da forma superficial como descrevi tudo, pareço nada menos com um tolo romântico, idealizando uma musa. É um tanto difícil explicar como uma garota, da qual nem mesmo tinha visto o rosto, apenas com sua presença conseguira deixar uma marca em mim. Nem eu conseguia explicar o fenômeno.

— Aquele dia você bebeu algumas taças de vinho, não?

— Eu não estava bêbado, Heitor — ressalto, passando os dedos por dentro da gola da minha camisa, de onde eu puxo a corrente com o pingente. — Isso estava exatamente no lugar que a vi.

Ele se inclina para examinar de perto o cordão e o pingente com a letra G preso entre os meus dedos.

— Desculpe a insistência, senhor Laskaris.

— Eros.

— Sim. Mas esse colar poderia ser de qualquer pessoa que tenha passado por ali, concorda?

Faz sentido, e eu já tinha pensado nessa possibilidade.

— É possível — admito, incomodado em ter que fazer isso. — Mas não é o que sinto. Sei o que vi.

Talvez eu nunca mais fosse encontrar a garota, o que era bastante irônico. Cruzar com a única mulher que despertou em mim um interesse verdadeiro para nunca mais colocar os meus olhos nela.

— Bom... — Heitor ergueu sua taça, dando um sorriso compreensivo. — Espero que encontre a sua Afrodite de carne e osso.

— Psiquê — corrijo-o. — Eros se apaixonou por ela antes mesmo que Psiquê visse o seu rosto.

— É realmente uma coincidência... interessante — murmura Heitor.

Apesar de o capitão ser uma excelente companhia, não posso dizer o mesmo de mim. E a desculpa perfeita para finalizar o jantar, antes que a minha primeira e única taça de vinho acabasse, surge com a mensagem que

recebo, vindo do supervisor da casa de turbinas.

— Eu posso saber por que isso não foi verificado antes de sairmos em alto-mar? — indago duramente ao homem que me encara nervosamente.

— Bom... o procedimento está na lista. Então...

— Vocês não cogitaram verificar se realmente tinha sido realizado? — Não é uma pergunta, mas sim uma acusação merecida que faz os homens baixarem o olhar como garotinhos sendo repreendidos. — Eu mesmo cuidei disso.

Dou alguns passos em direção aos imensos equipamentos, quando ouço a voz urgente de Heitor atrás de mim.

— Você vai estragar completamente o seu terno. Deixe que Kouros cuide disso.

Eu poderia entregar a tarefa braçal a qualquer um deles e esperar que dessa vez cumprissem suas obrigações devidamente, mas eu tinha desenhado este navio e conhecia toda a parte mecânica.

— Capitão, não estou preocupado em estragar o meu precioso terno — aviso, tirando o paletó, depois a camisa branquíssima. — O que me importa é não colocar em risco cada uma das vidas nesta embarcação.

E a da tripulação, dando duro para que tudo acontecesse com sincronia e perfeição, a cada um dos passageiros.

— Ao menos use um dos macacões — ele volta a insistir, e o homem a quem chamou de Kouros entrega um dos trajes a mim.

Livrando-me da calça e dos sapatos que faziam um conjunto elegante, visto rapidamente o macacão branco com o logo da Laskaris e as botas de proteção adequadas que Kouros me entrega.

Não era um erro grave ou que colocaria a embarcação em perigo. A peça em questão conseguiria aguentar até chegarmos ao próximo porto, onde será substituída.

— Mandarei que enviem de Atenas por avião. No máximo, em dois dias estará aqui — aviso a Heitor enquanto limpo as mãos no lenço úmido que um dos mecânicos me entrega. — O navio não deve sair de Marselha sem que a peça seja substituída, e eu verificarei se foi feito devidamente.

— Sim, senhor — Kouros responde apressadamente.

Passada a irritação inicial, ressalto a importância do trabalho de cada um deles e que o mínimo descuido poderia colocar tanto a embarcação como todos dentro dela em risco. Depois, atribuo novas orientações a serem

seguidas por Heitor.

Peço a um dos homens que envie o meu terno e sapatos para a minha cabine. Apesar da insistência do capitão, refuto o convite de retornar e terminar o jantar. Preciso andar um pouco para esfriar a cabeça. Em todos os meus anos de profissão e em minhas vistorias pelos navios, nada parecido com esse erro primário e estúpido tinha acontecido antes.

Caminho a bombordo, sem rumo certo a seguir. Faço isso por alguns minutos, distanciando-me o máximo possível de onde há a maior concentração de pessoas circulando. Quando dou por mim, os meus pés me levam para o lugar onde a avistei.

— *Kólasi!*^[8]

Os meus pés se prendem no chão como âncoras se agarrando ao solo, enquanto os meus olhos não conseguem acreditar no que novamente estavam vendo.

— Não faça isso! — Com o meu grito urgente, os meus pés receberam o comando para se moverem, e eu segui apressadamente rumo a balaustrada.

Eu tinha, a todo custo, que impedir essa tragédia.

CAPÍTULO 13



Seguro com firmeza a terceira taça de champanhe da noite e olho atentamente para o delicioso prato de sobremesa colocado diante de mim. Tudo o que vi e desfrutei até o momento é da mais alta elegância e requinte. Até mesmo as pessoas dividindo a mesa comigo parecem ter saído de uma daquelas revistas chiques.

Apesar do vestido bonito que Kali me emprestou para usar esta noite, dos sapatos caros e das lindas joias em meu pescoço e orelhas, ainda me sinto a mesma Gaia que usava um vestido simples comprado em uma loja popular, ou que passava o maior tempo no navio dentro do uniforme de trabalho.

É bom experimentar esse lado luxuoso e cheio de confortos da vida, mas agora, mais do que nunca, tenho convicta certeza de que o que realmente importa é com quem e como compartilhamos esses tipos de privilégios.

Tudo seria mais divertido com Íris aqui, Celeste, e até mesmo Kali. Não que o casal ao meu lado e a dupla de senhorinhas sejam pessoas desagradáveis. Foram gentis desde que me viram chegar e avisar que a jovem indiana se sentia indisposta para sair para jantar.

O fato é que eles não são meus amigos e, embora me esforce muito, não tenho muito o que acrescentar às suas conversas, comparando viagens

exóticas anteriores.

Não sei qual é o melhor vinho nem a forma correta de comer ostras, algo que nem ao menos tentei.

— Nós vamos ao cassino — A jovem, que descobri estar viajando em lua de mel assim que ocupei meu lugar à mesa, chama novamente a minha atenção. — Eu particularmente não gosto de jogar, mas o Edgar quer testar novamente sua falta de sorte no jogo.

— Eu tenho sorte no amor — destaca ele, mas de alguma forma o jeito que ambos se olham me faz duvidar disso.

A verdade é que achamos que os ricos, por terem tanto dinheiro, têm a vida perfeita. Talvez economicamente falando, sim. Mas todos no mundo têm suas alegrias e decepções. E o casal, à sua maneira, lidava com ambos.

— Prefiro dar uma volta — recuso o convite com um sorriso agradecido. — E talvez ir para cama mais cedo esta noite.

— Tem certeza? — insiste a jovem, e me pergunto por que uma mulher em lua de mel parecia não querer passar o maior tempo possível sozinha com o marido. — Pensamos em sair para dançar depois.

O meu turno no dia seguinte começa às dez da manhã, quando os primeiros hóspedes começam a descer no porto para explorar a cidade. Mas não é isso que me faz declinar a oferta. Fingir ser quem eu não sou, apenas a desinteressante camareira do Afrodite, ainda não me deixa tão confortável assim e nem sei se gostaria de seguir com essa fantasia.

— Talvez em uma próxima oportunidade.

Depois de me despedir do casal e das senhoras que tinham planos de encarar uma noitada de bingo, começo a minha caminhada solitária.

Está fazendo uma noite bonita, como vem fazendo nos últimos dias. Um céu estrelado com uma linda lua brilhante refletindo na água. O vento vindo do mar gela a minha pele, e lamento não ter o meu xale comigo.

Pensar nele me faz lembrar o dia que conheci Kali e, por estar próxima, dirijo-me exatamente para o local onde nos encontramos.

Achei que tinha perdido o meu colar em algum lugar da cabine dela, mas talvez tenha acontecido quando nos chocamos e tentei impedir que ela fizesse uma loucura.

— Por favor, esteja aqui — disse baixinho ao olhar as cadeiras, em volta delas, antes de seguir para a balaustrada.

Quem sabe o colar tivesse se prendido quando me inclinei para

tentar agarrar o celular que ela tinha arremessado no mar. Olho para a parte interior e não vejo nada. Assim, agarro uma das grades e levo os meus pés às barras de ferro a poucos centímetros do chão, subindo nelas.

Talvez ele só esteja preso do outro lado e... Subo mais uma barra.

— Não faça isso!

Assustada com o grito urgente, viro-me em direção à voz, sentindo o meu coração disparar violentamente.

— Está falando comigo?

A pergunta parece um pouco sem sentido, já que onde nos encontramos não consigo avistar mais ninguém.

O homem maneia a cabeça, aproximando-se silenciosamente, saindo do escuro.

— Senhorita. — Sua voz é tão cautelosa como os seus passos em direção a mim. — Não importa o que esteja passando em sua cabeça nesse momento, não faça isso, por favor.

Primeiramente coloco-me em estado de confusão, então a cada vez que os seus passos o levam mais até mim, consigo compreender.

— Ah... — É o único som escapando dos meus lábios, antes do homem de rosto perfeito e de tirar o fôlego agarrar a minha cintura e me puxar para si.

Quando os meus pés novamente tocam o chão, noto que ele parece não fazer questão alguma de afastar nossos corpos tão intimamente colados.

Suas mãos deixam a minha cintura, mas os dedos firmes e quentes fecham-se em volta da pele gelada dos meus braços.

O aroma puramente masculino que vem dele invade os meus sentidos na velocidade do disparo de uma bala.

— Encontrei você, *yineka mou*^[9] — ele sussurra, e faz com que eu estremeça.

O certo seria “*peguei você*”. Ele literalmente está fazendo isso, agarrando-me como se não quisesse mais largar algo que tinha perdido há bastante tempo e repentinamente recuperara.

Eu, por outro lado, sinto-me tão desnorreada por nossos rostos estarem tão perto, por sentir suavemente entre os meus olhos o seu respirar suave e doce, além de absorver todo o magnetismo que esse homem impressionante exala, deixando-me tonta, que a observação estranha deixa de

ter a menor importância para mim.

— Não vou deixar você pular...

— Hum? — indago, confusa.

Tento me concentrar no que ele diz, e não em como seu toque parece incendiar cada centímetro de minha pele, que ele envolve com seus dedos firmes e longos.

Piscando os olhos, forço-me a agir e pensar de forma racional.

— Ei? — Chego à conclusão do que deve estar passando na cabeça dele. — Eu não estava tentando pular do navio.

O ar bloqueou em meus pulmões por alguns segundos, quando os meus olhos se conectaram com o cinza, quase prateado, fixado em mim. Seus cílios são longos e ondulados para cima, dignos de causar inveja a qualquer modelo de catálogos de revistas de moda. Mesmo entorpecida, é impossível deixar de registrar que são os mais belos e impactantes olhos que já vi.

Também noto, com grande prazer, devo confessar, que o seu rosto tem traços sólidos e de cavidades intrigantes. Como se ele tivesse sido esculpido pelo mais talentoso dos artistas.

— Se não iria pular... — Nada neste homem poderia ser imperfeito. A voz, apesar do tom duro, é rouca e sedutora, combinando perfeitamente com um sotaque que ainda não sei identificar. — O que exatamente estava fazendo?

— Hum... eu... — O que dizer sem parecer ainda mais maluca do que supostamente ele estaria imaginando? — Estava apenas olhando.

Sinto ter visto algo em seu olhar, mas rapidamente se foi.

Enquanto o observo, em transe, registro outros detalhes importantes da aparência deste homem enigmático. Além dos olhos incríveis, seus cabelos são escuros, e mechas como seda lisa caíam teimosamente no canto esquerdo de sua testa. Outras estão jogadas para trás, ondulando suavemente nas pontas. O corte moderno finda na nuca, desaparecendo sob a gola do macacão branco. A mesma tonalidade se repete na sobrancelha, e todo conjunto combinava com a cor oliva de sua pele bronzeada. O rosto quadrado tem um queixo firme e bonito, as faces são bem acentuadas, com maxilar anguloso coberto pelo início de uma sombra de barba por fazer. O nariz é aquilino e a boca larga, e como todo resto, é cruelmente perfeita.

Um suspiro de deleite escapa de meus lábios.

Deus! Eu estava mesmo suspirando pelo homem?

— Senhorita?

— Gaia — respondo, saindo do transe que ele me colocou.

— O que disse? — Ele leva sua mão enorme ao peito e parece massageá-lo quando me faz a pergunta.

— Gaia. O meu nome é Gaia — respondo e, soltando um dos meus braços, estendo a mão para ele. — Você é?

— Eros.

Imediatamente tudo o que conheço de mitologia grega me vem à mente, e o que falo em seguida sai antes mesmo de eu pensar.

— O filho de Afrodite.

— Conhece a mitologia grega? — A indagação é feita com incontestável surpresa.

— Acho que aprendi a história de Eros e Psiquê muito antes da história da Cinderela e seu príncipe encantado. A minha mãe era completamente apaixonada por isso.

— Era?

— Faleceu há alguns meses. — Ainda dói muito dizer isso em voz alta.

Por que eu estava falando como uma matraca? E por que estava me abrindo sobre coisas tão íntimas com esse belo, mas desconhecido homem?

— Sinto muito. Tenho certeza de que foi um momento difícil.

O mais aterrorizante e doloroso que já enfrentei.

— Era por isso que... — Seus olhos vão de mim para a balaustrada às minhas costas, e sua voz carrega um tom compreensível.

— Não! Como eu disse, não estava pensando em pular. Aquilo foi...

— Eu não encontrei o colar, então não fazia sentido tentar explicar nada agora e tomar mais ainda o tempo dele. — Um engano tolo.

Não poderia culpá-lo por achar que estava prestes a me jogar do navio. Há apenas alguns dias, presenciei Kali propensa a fazer exatamente o mesmo, embora ela tenha afirmado, depois, que teria desistido na última hora.

— De qualquer forma — falo e me afasto alguns passos. Seus dedos me soltam. — Obrigada pela preocupação. Então...

Sinto mais frio quando sou privada de seu toque do que com a brisa gelado vinda do mar.

— Não quero atrapalhar mais. Você deve estar bastante atarefado.

— Como?

— Seu trabalho — completo e aponto para o macacão branco com manchas de óleo que comprovam o que disse. — No navio. Você trabalha aqui, certo?

Novamente vejo algo passar em sua expressão, mas assim como surge, rapidamente vai embora e seu rosto ganha um sorriso destruidor.

— Na verdade, já acabei o meu turno por hoje e estava apenas dando uma volta. — Então seus olhos, avaliativos como os de uma águia, me estudam de cima a baixo, e não deixo de perceber que eles ficaram um tempo maior em meus seios, que o decote sensual do vestido destacam bem. — Eu acho que você está indo ao seu compromisso.

— Não! — Outra vez respondo antes de pensar.

O que há com você, Gaia?

Eu simplesmente não agia assim. Não sou o tipo de pessoa que nasceu com o gene ousado, como Celeste e minha irmã Íris, mas há algo nesse homem que me faz agir sem pensar.

— Quer dizer, acabei de sair de um jantar — explico rapidamente, enrolando-me cada vez mais nas palavras, e isso parece diverti-lo. — Com amigos. Não tão amigos assim. Nós não viemos juntos. Bom, eu os conheci no navio. Esta noite. São legais, mas...

Mordo o canto da boca. Ótimo, além de maluca, o homem deve pensar que sou uma dessas pessoas que não consegue ficar calada um minuto.

Belo começo, Gaia.

A vontade que tenho é sair correndo e me trancar no quarto. Então recordo os constantes conselhos de Íris, de que quando encontrasse algum homem capaz de fazer disparar o meu coração — e sim, esse fazia muito mais do que acelerar os meus batimentos cardíacos — eu me daria essa chance de aventura.

— Também quis sair para caminhar — murmuro, envergonhada, e já sinto as minhas bochechas ficarem da mesma cor dos meus cabelos. — Está uma noite perfeita, não acha?

— Agora está. — Não entendo o que ele quer dizer, mas a forma que me encara, que seu rosto aristocrático bonito e olhos profundos se fixam em mim, causa um suave calor em meu corpo. — Perfeita.

É realmente sobre a noite que ele está falando ou estou fantasiando demais, achando que o elogio, saindo da boca sexy, na verdade é direcionado

a mim?

— Você...

— Então...

Falamos ao mesmo tempo, e ambos sorrimos.

— O que mais sabe sobre a mitologia grega?

— Nossa. Acho que a gente ficaria a noite toda falando sobre isso —
respondo, meio tímida.

Fábio não tinha o menor interesse por esse assunto, e algumas vezes chegou até a dormir quando tentei compartilhar com ele as histórias sobre as quais minha mãe e eu tínhamos mais interesse.

— Eu tenho a noite toda — Eros responde, e vejo sua mão sendo estendida a mim. — E talvez uma ou duas garrafas de vinho.

A minha mente cautelosa rapidamente começou a enumerar os diversos motivos pelos quais devo apenas, educadamente, declinar o convite e me afastar.

Apesar de lindo, Eros é um completo estranho para mim. Não tenho o hábito de beber com estranhos, nem ao menos de conversar. E tudo nele me indica confusão.

Só que eu não estou com o modo Gaia ativado. Acho que o arremessei no mar assim que esse homem intrigante surgiu diante dos meus olhos.

“Você pode ser quem quiser, Gaia.” Recordo o conselho que Kali me deu ao me virar de frente ao espelho, depois de colocar suas lindas joias em mim.

Por que não me permitir alguns dias de fantasia até essa viagem mágica acabar?

Desse modo, vejo-me apenas unindo a minha mão à dele e, com o calor irradiando por todo o meu corpo, sinto como se fôssemos dois planetas encontrando o alinhamento perfeito.

Como se a partir deste momento, tudo começasse a fazer sentido.

CAPÍTULO 14



EROS

Finalmente a encontrei, a garota do colar perdido, que há dias vinha tirando o meu sossego e invadindo os meus sonhos. Agora ela tem um nome e um rosto de traços suaves e doces, que me mantém tão impressionado quanto os cabelos vermelhos e o corpo deliciosamente sensual.

Ela acredita que eu seja apenas um funcionário do navio e, por algum motivo que ainda não sei explicar, permiti que o equívoco avançasse.

A verdade é que, mesmo que as roupas e as joias enfeitando o pescoço delgado e as orelhas da jovem comprovassem que ela tinha ótimas condições financeiras, o nome Laskaris, quando citado, faz com que as pessoas imediatamente mudem a forma como deveriam me tratar.

E gostei de ser visto por ela apenas como um homem comum. E ainda mais que, para Gaia, a nossa suposta diferença social não parecia ter qualquer importância.

Assim, ousadamente atrevi-me a convidá-la para continuar desfrutando a noite comigo e, apesar de ver o receio por um momento brilhar em seus olhos, quando ela finalmente uniu sua mão delicada à minha, a energia que senti vindo dela transpassou todo o meu corpo e foi algo forte demais para conseguir ignorar.

— Fique à vontade — disse, ao abrir a porta da cabine onde tenho

ficado desde que embarquei no Afrodite. — Vou buscar o vinho.

A cabine é composta por um quarto com cama de casal, sala conjugada e banheiro de tamanho regular. É bastante confortável, mas se for comparada às cabines da primeira classe, onde certamente uma jovem elegante como ela deve estar hospedada, é notoriamente simples.

Enquanto tiro uma garrafa de vinho do frigobar e coloco outra para gelar, observo Gaia depositar sua minúscula bolsa em cima de uma cadeira e andar vagarosamente em torno do quarto. Ela parece curiosa, mas não expressa qualquer ar de desdém.

Embora não devesse, recordo-me de Felipa, que nunca escondeu sua aversão ao meu amado e importante veleiro. Gaia não parece ser o tipo que avalia as coisas pelo valor na etiqueta, e isso me põe ainda mais curioso e interessado em desvendá-la melhor.

— Você deve ser alguém importante — ela murmura, acho que mais consigo mesma, e a observação, próxima de quem realmente sou, me coloca em alerta. — Quero dizer, o seu trabalho deve ser muito importante. Essa é uma cabine excelente.

Respiro aliviado. Ela não tinha chegado nem perto de quem o Eros apresentado a ela realmente era. Um dos herdeiros mais importantes da Grécia. Parte de mim diz que preciso ser sincero com Gaia e revelar quem eu sou de verdade, mas há outra parte, a que deseja apenas que ela enxergue o homem que sou, e não o homem que carrega nos ombros um grande império. Decido seguir nesse jogo arriscado.

— Sou engenheiro. — Abro a garrafa e entrego uma das taças a Gaia, que agora se encontra diante de minha mesa de trabalho.

— São seus desenhos?

Gaia desliza a ponta dos dedos suavemente pelas folhas espalhadas, e eu instantaneamente imagino como seria se, em vez do papel, o toque delicado fosse por todo o meu corpo.

— Também participei de todo o processo de construção deste navio. — Levo a minha mente para longe desses pensamentos perigosos, por enquanto. — Mas, no momento, o meu trabalho é fiscalizar se tudo está sendo feito como deve.

Gaia continua atenciosamente observando os meus rascunhos. Normalmente, não permito que ninguém veja ou chegue perto dos meus desenhos, antes que eles sejam concluídos. Com ela isso também é diferente.

Seu real interesse me mantém atento a cada uma de suas expressões. E cada sorriso formado em seus lábios sensuais me fascina.

— Então é você que vai impedir a embarcação de afundar? — Leva alguns segundos para eu notar o leve tom humorado na indagação. — Sabe, eu tenho uma pequena curiosidade. Uma dúvida, para ser mais sincera.

— Primeiro, quanto ao Afrodite, a resposta é não. Os Laskaris são conhecidos por serem os mais modernos e seguros do mundo.

— Também disseram isso sobre o Titanic, e... — Um sorrisinho surge no canto de seus lábios, que ela rapidamente esconde, levando a taça à boca.

— Bem observado. Ainda assim, estamos completamente seguros — revido com humor. — Qual a outra dúvida?

— Por que ele não cabia? — Sua expressão está bastante séria, e eu reflito enquanto tento entendê-la. — O Jack! Por que não coube na mesma porta com a Rose? Ele poderia ter se salvado, não poderia?

Sorrio. Gaia é docemente imprevisível e divertida.

— Ainda falamos do filme — murmuro, arqueando a sobrancelha enquanto sirvo nossas taças de vinho novamente.

— Não aceito aquele fim. Simplesmente não aceito.

Então temos aqui uma senhorita bastante romântica?

A forma que Gaia deixa expressa a sua total indignação e insatisfação com o fim trágico do casal me diverte bastante. Ela tem paixão em falar sobre o que gosta, e isso me faz perguntar se o mesmo acontece entre os lençóis.

Droga!

Desde que coloquei os meus olhos sobre a garota, quando nem ainda havia avistado seu rosto encantador, que fantasias com ela passaram a me perseguir.

Faz muito tempo, ou talvez nunca tenha encontrado alguém, que me atraísse de forma tão intensa. O que há de tão especial nessa garota que me faz sentir tão conectado e atraído por ela?

— Na verdade, vou te mostrar a resposta. — Saco o meu telefone do bolso e rapidamente abro uma página da internet. Depois de selecionar o site desejado e encontrar o vídeo que quero que ela assista, entrego o aparelho em suas mãos. — Veja.

São cerca de três minutos de um vídeo feito pelo programa

Caçadores de Mitos. Nele, Adam Savage e Jamie Hyneman comprovam, de maneira divertida, que sim, Jack e Rose poderiam dividir a porta, evitando o máximo possível das águas geladas até o resgate chegar.

— Viu! — O grito animado foi tão empolgante e divertido que não consegui deixar de sorrir com ela e nem ignorar como seu sorriso iluminou o rosto bonito, e como seus olhos, lindamente verdes, ficaram ainda mais brilhantes e cheios de calor. — Eu sabia. É tudo culpa do roteirista. Ele simplesmente queria destruir todos os sonhos de amor.

— E você é o tipo de garota que gosta de todas as histórias com finais felizes?

— Sempre. E na minha cabeça, eu reescrevo todas essas histórias.

— Nesse caso, você reescreveria toda a mitologia grega?

— Não todas. A história de Eros e Psiquê. — Um sorriso travesso surge em seu rosto, que fica levemente corado, destacando ainda mais as sardas salpicadas nele. Sei que ainda não é efeito do vinho, mas apenas Gaia sendo graciosa. — Eles terminam juntos, no final de tudo.

— Conte mais sobre o que sabe, *yineka mou*.

Conheço a história de trás para frente, mas estou bastante interessado em ouvi-la pela percepção de Gaia, como um garotinho ansioso por ouvir seu conto preferido antes de dormir.

— Isso é grego, não é? O que você falou.

— Fala grego?

Ela nega suavemente com um movimento de cabeça.

— Você é grego, certo?

— O meu sotaque me denunciou ou foi o que eu disse?

— Acho que as duas coisas. — Ela sorri.

— Você é...

— Brasil. O meu sotaque deve ser mais fácil de identificar.

— Não, realmente. Na verdade, é charmoso e sexy, como todo o resto em você.

A minha observação bem direta a deixa um pouco tímida, comprovando que, apesar de ter se aventurado a passar algumas horas comigo, não é algo que costuma fazer. Definitivamente, Gaia é o oposto de todas as mulheres com as quais, até o momento, eu tivera relações puramente carnavais.

— Então... O que eu poderia dizer sobre mitologia grega para um

grego? Seria como ensinar um padre a rezar a missa.

— Talvez tenha mais a me ensinar do que imagina, Gaia. Por que não tenta?

— Primeiro tenho que avisar que se começar a falar sobre isso, ninguém consegue me fazer parar.

Em vez de argumentar sobre sua observação exagerada, mantenho a minha taça quase vazia entre os dedos e a uno à garrafa de vinho pela metade. E novamente busco sua mão delicada, guiando-a comigo em direção à cama.

— Sou todo ouvidos. — Dou o melhor sorriso e aprecio as reações que ele causa nela, enquanto a convido silenciosamente a se esticar na cama ao meu lado. — *Yineka mou.*

Jamais tinha me referido a alguma garota assim, nem mesmo nos tempos do colégio, quando geralmente somos mais afoitos no campo dos relacionamentos, mas não conseguia ver a encantadora Gaia de forma diferente. Talvez seja os seus expressivos olhos verdes a me seduzir e manter hipnotizado nela, ou as delicadas sardas salpicadas na parte superior das bochechas e nariz. A boca carnuda que me deixa, a cada segundo que a vejo se mover, quando fala ou quando sorri, com vontade de tomá-la com a minha, ou o seu corpo sexy bagunçando a minha mente.

A realidade é que não posso ignorá-la, mesmo que tente fazer isso.

Eu desejo mergulhar nessas águas como nunca desejei antes.

CAPÍTULO 15



Nós dormimos juntos!

Nada aconteceu, apenas conversamos por horas e bebemos vinho suficiente até que um de nós pegasse no sono. Acho que fui a primeira a dar o último bocejo e me entregar a Morfeu, com a cabeça apoiada no peito de Eros. Ainda assim, passamos a noite juntos, e agora desperto, sentindo sua perna enroscada na minha, sua grande mão, de dedos longos e firmes, fechados em volta de minha cintura e a ponta de seu queixo apoiada no topo da minha cabeça.

Tal intimidade deveria me fazer sair apressada, sentindo pavor, mas pelo contrário, sentia uma curiosa sensação de que ficar nos braços de Eros, sentindo o calor do seu corpo me aquecer e seu braço protetor em volta de mim, é exatamente onde devo ficar.

— Bom dia, *pedhaki mou*. — Ouvi-o sussurrar e inclinei a cabeça para trás, a tempo de avistar o sorriso devastador nascer em seus lábios.

Não tenho a menor ideia do que significava o que ele me disse em grego, mas pela forma cheia de calor que me encara, acredito que seja algo carinhoso.

— Bom dia, Eros. — Eu retribuo o sorriso e, ao me lembrar de algo importante, desgrudo-me de seus braços e me sento na cama com pressa. —

Que horas são?

Olhando através da janela na cabine, vejo que o dia clareou completamente.

— Quase nove horas.

— Nove horas? — indago, surpresa, e com um sopro forte, faço algumas mechas de cabelo caindo em meu rosto se afastarem. — Meu Deus, eu preciso ir.

O meu turno de trabalho começará às onze. Antes disso, preciso ver Kali e devolver todas as coisas que ela me emprestou ontem à noite. Agora sei como a Cinderela deve ter se sentido quando o baile acabou.

— Você tem algum compromisso com alguém? — A forma como Eros indagou isso não me deixou surpresa.

Muito menos ele se sentir incomodado com essa possibilidade. Nós tivemos uma noite mágica juntos, e acho que ele sentiu que formamos uma ligação especial. Eu também ficaria decepcionada, imaginando que ele pudesse estar indo ao encontro de outra mulher. Cada minuto ao lado dele me faz desejar conhecê-lo melhor, e chego a sentir uma agonia no peito ao pensar que vamos dizer adeus, seguindo caminhos diferentes.

— De trabalho — revelo, decidindo ser honesta pelo menos nisso. — E eu preciso devolver essas joias.

Embora Kali tenha me recordado de que era seguro eu andar com elas pelo navio, ainda temia perdê-las ou danificá-las de alguma forma.

— Devolvê-las?

A interrogação, tanto na pergunta como em seu olhar, faz sentido. Em um vestido tão bonito e ostentando adornos que pagariam quase um ano do meu salário, sua conclusão de que eu pertencia ao lado glamoroso do navio era a mais óbvia a se pensar.

— Não são minhas, e eu...

— Ah, claro. Faz parte do trabalho — disse ele, relaxando os ombros. — Divulgar as marcas para quem faz publicidade.

Uma modelo?

Embora a conclusão equivocada, de certa forma, fizesse bem ao meu ego, Eros achar que eu sou bonita e interessante o suficiente para trabalhar como modelo estava bem longe de quem realmente sou. Apenas uma ex-professora se aventurando pelo mundo.

“Você pode ser o que quiser, Gaia. Sabe a sorte que tem?”

As palavras de Kali me vêm à cabeça.

Jennifer Lopez, na verdade, a personagem que ela interpretou, também tinha embarcado na fantasia e deixado que o mocinho da história visse quem ela poderia ser, se também tivesse acesso a roupas bonitas, sapatos elegantes e joias caras.

O que Íris faria em meu lugar?

Não preciso pensar muito na resposta. Minha irmã se jogaria de cara e aproveitaria cada momento da viagem, e se com ela viesse um lindo e interessante engenheiro, seu voo seria ainda mais alto.

É claro que não espero nada além de alguns dias divertidos neste navio, ao lado de Eros. Não é como se fôssemos duas almas perdidas destinadas a se encontrar. Cada um seguirá seu caminho quando a viagem terminar, mas por que não aproveitar ao máximo o que eu puder? E se em vez da sempre ponderada e monótona Gaia, eu fosse a linda misteriosa e interessante modelo internacional, buscando dias e noites de aventuras apaixonadas e de diversão?

— Então, o que me diz? — Volto a focar minha atenção em Eros. — Há tempo ao menos para um café da manhã?

— Sim, eu adoraria.

Minha resposta parece deixá-lo aliviado e em seguida bastante contente.

Enquanto ele faz os pedidos para o nosso café da manhã, sigo para o banheiro.

Não deixo de notar que a cabine é realmente confortável, e isso deve ser devido ao cargo de engenheiro e fiscalizador que ele ocupa. Contudo, ao me olhar no espelho e observar os brincos e o valioso colar que começo a tirar do pescoço, voltando aos poucos a ser a Gaia de sempre, as dúvidas causadas pela sensatez me sondam.

Por quanto tempo conseguiria levar essa mentira?

Penso também em Kali, assim como eu, representando um papel que não é seu, apenas pelo desejo de viver uma fantasia que nunca teríamos imaginado.

O site da Laskaris descreve o *Sonhos de Afrodite* como um lugar mágico que nos levaria a experiências incríveis. Será que eu estava me deixando levar longe demais nessa fantasia?

Essas questões me atormentavam, mas bastou os meus olhos

encontrarem os de Eros novamente e seu sorriso devastador me receber de volta ao quarto, para meus receios serem esquecidos.

— Então você acredita que Afrodite deveria apenas ser chamada de deusa da luxúria? — Eros me indaga com humor, antes de levar um pedaço de um saboroso mamão adocicado à boca.

A forma como os seus lábios se move ao mastigar é extremamente sexy, e eu só consigo pensar em como seria a sua boca na minha.

— Você tem que admitir que, pelo menos em relação a Psiquê, ela foi bastante malvada e invejosa.

— Mas Psiquê fez muitas escolhas equivocadas, você não acha?

— Assim como Eros. — Coloco o meu copo de volta à mesa e afasto o meu prato, dando-me por satisfeita. — No amor e nas relações amorosas, não somos todos assim?

Observo seu ar reflexivo. Sinto que ele está prestes a me dizer algo, mas, no fim, alguma coisa o faz mudar de ideia.

— Acredito que tenha razão.

Nos encaramos por um momento. Então Eros desliza a mão sobre a mesa, buscando a minha. Seu toque, mesmo que sendo apenas gentil, causa uma avalanche de sentimentos em mim. Calor, desejo, uma necessidade inexplicável de jogar a razão de lado e pular em seu colo.

Nunca me senti tão rapidamente atraída por um homem. Certo, há o fato de que ele é lindo de fazer os olhos doerem e tem um magnetismo marcante e muito difícil de ignorar.

— Estará livre essa noite?

Para ele eu estaria livre a vida inteira se fosse preciso, mas apenas movimento a cabeça em um gesto positivo, enquanto os meus lábios se alargam, fazendo-me parecer uma tola encantada.

O tempo com Eros passa sem que perceba. Eu poderia ficar o dia todo conversando com ele, mas existem responsabilidades me esperando e, por mais que eu já esteja agindo de forma maluca, não posso deixar as minhas obrigações de lado.

— Então às oito horas está bom para você? — ele questiona quando paramos em frente à porta da suíte de Kali.

— Perfeito. Vou esperar ansiosa.

Desde que permiti essa destemida Gaia ganhar um pouco de espaço dentro de mim, ser ousada o suficiente para dizer algo como isso vem com

muita facilidade. Ou na verdade eu seja apenas boba mesmo e simplesmente seja Eros que me faz agir e falar sem pensar.

Ele cobre a distância que nos separa em questão de segundos e segura o meu rosto com uma das mãos, virando a minha cabeça para ele. O simples toque faz cada pedacinho da minha pele arrepiar.

Senhor, ele vai me beijar!

— Bom, sinto que não posso esperar até a noite... — inicia ele em uma voz rouca, enquanto o seu rosto se aproxima mais do meu. — Para fazer o que venho desejando há bastante tempo.

O desejo que vejo brilhar em seus olhos é intenso o suficiente para me causar um grande calor na parte mais íntima do meu corpo e fazer minhas mãos tremerem pelo desejo de mergulhar os meus dedos em seu cabelo macio.

Em vez disso, encaro em expectativa sua boca sexy chegando mais perto da minha, quando sua outra mão se fecha firmemente em volta do meu pescoço.

A razão me diz que eu não deveria desejar que Eros pulasse em cima de mim, mas por outro lado, gostaria de saber como era se sentir o tipo de mulher que faz um homem como ele perder a cabeça e agir apenas por instinto, como ele estava prestes a fazer agora.

— Gaia? — A porta foi aberta, e junto com ela vi Eros fechar os olhos em frustração, emitindo um xingamento em grego. — Ops! Me desculpe, Gaia... eu não sabia que estava com companhia.

Este é um péssimo momento para Kali surgir.

— Hum... Kali, esse é o Eros. — Faço rapidamente as apresentações, sentindo o meu coração batucar forte em meu peito. — E essa é minha amiga, Kali. Essa é...

— A suíte que nós duas dividimos — Kali responde por mim. — É um prazer conhecê-lo.

O olhar de Eros não quer dizer exatamente a mesma coisa, mas ele a cumprimenta educadamente. Acho que, na verdade, ele está como eu, frustrado por termos perdido o momento perfeito para saber como seria nos beijarmos.

— Eu te vejo à noite, Gaia. — Ouço-o dizer antes de começar a se afastar pelo corredor, e minha nova amiga me arrasta para dentro do quarto.

— Caramba! Ele é lindo.

Lindo é um termo muito simples para descrever Eros. Eu diria que ele é perfeito, tão perfeito como um deus, impressionando os pobres mortais com sua divindade e poder.

— E eu sou uma mentirosa — aviso, jogando meu corpo sobre a cama. — Ele acha que sou uma modelo internacional, famosa, rica e superinteressante.

— Bom, você pode não ser uma modelo famosa e nem rica, mas é interessante. — A forma doce com que Kali fala isso e o jeito carinhoso que me olha conseguem fazer que a frustração que sinto de mim mesma diminua um pouco.

— Isso não é errado, Kali?

— Eu acho que é — ela diz e, assim como eu, desaba o corpo pesadamente ao meu lado. — Tudo começa como uma brincadeira inocente, não é? E quando vemos, estamos até a cabeça mergulhadas nisso.

— E o que devemos fazer?

Eu tenho duas Gaias brigando dentro de mim. A que me olha feio e acusa a tremenda mentirosa que estou sendo, e a que, ao lado de Íris, faz coro, incentivando que eu me jogue de cabeça e encare a vida como nunca tinha tentado antes.

— Eu tenho pouco tempo, Gaia. Em alguns dias, a minha vida vai pertencer ao marido que a minha família escolheu para mim. Isso significa deixar tudo o que realmente quero para trás e ter uma vida que realmente não desejo.

Eu entendia Kali, entendia de verdade. No caso dela, ter uma última história de amor era a única coisa que lhe restava antes de se entregar a um destino que ela não escolheu.

Mas eu estava certa, agindo apenas por impulso?

— Vocês vão se encontrar essa noite, certo? — indaga Kali.

Assinto. E apenas recordar que em breve estarei com Eros novamente enche o meu peito de calor. Desde que minha mãe faleceu que não sinto tanta vida irradiar dentro de mim.

— Eu não esperava, Kali. Não esperava conhecê-lo e nem que fosse mexer tanto assim comigo, entende?

— Então veja como as coisas serão essa noite. E não tenha medo de arriscar e viver um sonho, Gaia — diz ela em um tom determinado. — Às vezes só temos isso. Um lindo sonho para nos lembrarmos.

Depois de sair da suíte de Kali, voltar à minha cabine e colocar o meu uniforme de trabalho, passei o resto da manhã, até o fim do expediente, pensando nas palavras de Kali.

Não havia nada que eu desejava mais levar no fim dessa viagem, além de doces e inesquecíveis memórias com Eros.

— Tem certeza de que não quer um dos meus vestidos? — ela indaga ao se olhar no espelho, dentro do conjunto de saia e blusa que emprestei. — Ou alguma das minhas joias? Seu vestido é lindo também, e acho que tenho um colar...

— Não. Obrigada, Kali, mas essa noite quero ser o máximo de mim.

Em vez de uma das roupas magníficas de Kali, uso o mesmo vestido branco da minha primeira noite no Afrodite. Não tem nenhuma etiqueta de marca, mas é bonito o suficiente para ainda me sustentar no papel de uma modelo cheia de estilo.

— Então eu já vou indo. — Kali me abraça e deseja sorte para a noite de hoje. — E não tenha juízo, Gaia. Bem, eu espero não ter.

É engraçado ouvir o mesmo conselho de Íris vindo de minha amiga indiana, até porque sua personalidade é mais parecida com a minha, do que com a da minha irmã meio maluca.

Antes que ela saia apressada, grito os mesmos votos para que tenha uma noite incrível e dirijo-me à sacada para observar o mar. Deixo que sua imensidão me acalme, e os minutos correm sem que eu perceba.

E exatamente no horário combinado, uma batida na porta alerta que Eros chegou.

— Oi — murmuro timidamente, ao me ver em frente ao homem que vem mantendo cativo os meus pensamentos.

— Olá, *koukla mou*^[10] — ouço-o dizer suavemente.

Seus olhos vagarosamente lambem cada parte do meu corpo por onde passam.

Eros é o nome de um deus, mas o homem diante de mim possui tanta beleza, aura, intensidade e masculinidade gritando por cada um dos seus poros, que o colocava acima disso.

E enquanto os meus olhos fazem a festa com toda essa beleza para admirar, as minhas pernas vacilantes me fazem dar conta de que ter juízo esta noite será algo tão inalcançável como as estrelas brilhando no céu.

E que mulher conseguiria pensar racionalmente diante de um homem como Eros?

CAPÍTULO 16



EROS

Há alguma coisa em Gaia que me deixa completamente fixado nela. Talvez seja o seu sorriso doce e que me arranca um largo sorriso de volta. Ou, quem sabe, o jeito calmo que fala, a tranquilidade no olhar e a delicadeza como se move.

Não posso negar os atributos físicos, ela possui curvas deliciosamente sensuais, apesar de ao meu lado ela parecer pequena e delicada. Os cabelos vermelhos também chamam bastante atenção, mas o que mais mantém os meus olhos presos nela são os seus olhos verdes, cristalinos, e as sardas salpicadas no rosto bonito, que a fazem parecer uma fada delicada ou algum ser místico deslumbrante.

— Então, você constrói navios?

Sua pergunta me faz fixar a atenção nela por alguns segundos, antes de direcionar o meu olhar para o mar.

— Eu desenho. *Sonhos de Afrodite* é uma criação minha.

— Incrível! — A admiração está presente tanto na entonação da sua voz como na forma que Gaia me encara. — Isso é realmente maravilhoso. Eu nunca vi algo tão lindo quanto esse navio. De onde surgiu tanto interesse pelos navios?

— A minha família tem uma longa história de amor com o mar. — É

tudo o que quero dizer no momento. Orgulho-me da minha origem, mas desta vez, quero que o nome Laskaris fique em segundo plano. — Bom, exceto meu irmão, Aquiles. Ele tem um certo trauma de infância e...

O som de um telefone interrompe o que iria dizer, e Gaia me encara com olhar de desculpa.

— Atenda, pode ser importante.

Antes de aceitar a ligação, ela me informa que a chamada vem da irmã, que está no Brasil, e que a conversa entre elas será rápida.

Não entendo uma palavra do que dizem, mas a forma que Gaia sorri e a felicidade expressa em sua voz demonstram que as duas têm uma relação tão boa quanto Aquiles e eu.

— Não, Íris! — Ouço-a dizer, e seu semblante envergonhado se fixa em mim. — Não vou fazer isso.

— Ei, lindo rapaz... — Ouço uma voz, relativamente mais rouca que a de Gaia, falar em inglês, aparentemente chamando por mim. — Mostre-me quem é você.

Encaro Gaia, um tanto confuso em saber se a irmã dela está realmente falando comigo.

— Desculpe — ela sussurra, ficando tão vermelha quanto o tom de seus cabelos, e só consigo pensar em como ela fica linda. — Ela não vai sossegar enquanto não te disser um “oi”. Mas... hum... não precisa falar com ela, se não quiser.

Diferente do que Gaia possa estar imaginando, tenho muito interesse em conhecer alguém que faça parte da vida dela. Aliás, surpreendentemente, desejo cada vez mais saber sobre ela.

— Acho que será interessante — sussurro, abrindo um sorriso.

Assim que ela vira o telefone, vejo surgir outra ruiva. Assim como Gaia, sua irmã Íris é bastante bonita, mas não desperta em mim o mesmo interesse que a minha Psiquê ao meu lado.

— Minha nossa senhora! — diz Íris, e eu só consigo sorrir, imaginando que o que ela diz seja algo bom.

Gaia fica bastante nervosa pelo que a irmã me diz. Rapidamente faz as apresentações, e eu me divirto com a forma empolgada que sua irmã se expressa, embora não entenda nada do que ela fala.

— Desculpe, o meu inglês não é tão bom quanto o da Gaia. — O sotaque é carregado, mas ao contrário do que Íris afirma, consigo

compreendê-la perfeitamente. — Apenas cuida bem da minha irmãzinha...

Nesse momento, ouço a jovem ao meu lado soltar um gemido.

— Ou vou até aí e coloco você e todo esse barquinho abaixo.

O Afrodite não é exatamente um barquinho, mas o tom de humor na voz de Íris difere muito do usado por Felipa quando desdenhou meu veleiro, por exemplo.

— Já chega, Íris! — Gaia a interrompe, pegando de volta o seu celular. — Nem sei por que atendi você. Nós conversamos depois.

Ainda pude ouvir a risada da irmã, antes de a ligação ser concluída, e vejo que errei profundamente em meu julgamento inicial. Aquiles e eu nos damos realmente bem, mas desde que ele assumiu a presidência da Laskaris e que eu passei a dedicar todo o meu tempo a desenhar navios, ou seja, desde que seguimos rumos profissionais distintos, perdemos um pouco dessa espontaneidade e alegria que, nesses breves momentos de interação, notei entre as irmãs.

— Desculpe por isso. — Notoriamente envergonhada, Gaia desvia os olhos de mim para voltar a guardar o telefone na bolsa. — Eu nunca me acostumei com o fato da minha irmã ser bastante...

— Divertida? — concluo por ela.

Não há motivos para que Gaia se sinta constrangida. Íris é, sim, como um furacão, mas ela conseguiu, em poucos minutos, deixar uma boa impressão em mim. E algo bem inusitado me vem à mente. Como seria a expansiva Íris ao lado de um cara tão sério quanto o meu irmão?

— Intronetida — ela me corrige com um sorriso. — Espero que Íris não tenha te deixado sem jeito.

— Não deixou, embora não possa deixar de notar que vocês são bastante diferentes.

Fisicamente, são bem parecidas. Os mesmos cabelos ruivos, olhos verdes e sardas espalhadas pelo rosto, mas as personalidades, ao que eu percebo, são opostas.

— É o que todo mundo diz. E principalmente que eu deveria ser um pouquinho mais como ela. — Um sorriso nervoso surge, fazendo-me parar em frente a ela. — Sabe, ser mais espontânea ou coisas assim.

— Sobre isso, tenho que discordar de todo mundo. Eu não acho que você tenha que mudar em nada, Gaia.

A sua expressão revela que eu disse o certo no momento certo. Só

que essa constatação não foi feita com o intuito de impressioná-la com palavras conquistadoras. É o que penso e principalmente como me sinto quando estou com ela.

— Bom... eu...

— Já conhece Marselha?

— Nada além de fotos e vídeos que vi antes de entrar no navio.

— Bom, para essa noite e depois dela, se tiver um tempinho na agenda para reservar a esse velho marujo, fiz um pequeno roteiro para lhe apresentar. — Abro a minha mão e estendo o roteiro a ela. — Você está pronta?

A resposta vem quase em um sussurrar tímido, mas é o brilho em seu olhar e a forma que sua mão causa eletricidade ao unir-se à minha o que realmente me interessa.

Seguimos assim em direção à saída do navio, e nunca esse contato tão pessoal com outra garota me fez parecer tão certo.



Marselha é uma das maiores cidades francesas, possuindo um dos portos mais importantes do Mediterrâneo. Ela foi considerada a Capital Europeia da Cultura em 2013, e desde então vem ganhando cada vez mais admiradores vindos de todas as partes do mundo. Já estive velejando por aqui algumas vezes e espero mostrar a Gaia o máximo possível do que me encanta nesse lugar.

Vamos até a Basílica *Notre Dame de La Garde*, um dos pontos turísticos mais famosos da cidade. Ocupando o ponto mais alto, a basílica pode ser vista de quase todos os pontos de Marselha. Além de ser linda, a igreja tem grande importância para a cidade, por causa da Virgem Maria, localizada no topo de seu edifício. Ela é considerada protetora da cidade e um dos ícones de Marselha.

— Também é magnífica por dentro. Infelizmente, o horário de visita já encerrou — eu explico enquanto ela tenta ocultar ao máximo o pesar. — Mas você terá a melhor vista e uma experiência que poucas pessoas conseguiram vivenciar.

Após alguns minutos, chegamos a uma grande propriedade francesa. A casa pertence a um velho conhecido meu, a quem já fiz projetos exclusivos e especiais.

— É uma casa muito linda. — Assim como fez em meu quarto, Gaia circula pelo ambiente, analisando o lugar com o interesse de quem pretende guardar na memória cada mínimo detalhe que a possa interessar. — Você...

— É de um velho amigo na cidade. — Ao menos sobre isso eu não estava mentindo.

Mas ao contrário do que Gaia poderia estar imaginando, posso tranquilamente adquirir uma propriedade como essa, se estivesse interessado. Possuo algumas semelhantes em vários pontos da Europa. Comprar imóveis é um dos investimentos que Aquiles insiste e me convence a fazer sempre que pode.

— Deseja me dar seu casaco? — indago e aprecio o prazer de como é sentir os meus dedos deslizar por seus ombros macios.

A noite está quente, mas a brisa que bate em nossa pele traz um frescor agradável, como faz alguns fios do cabelo de Gaia flamejarem em seu rosto. Ela é tão linda e tão delicada, que as pontas dos meus dedos ainda queimam, ansiando tocá-la mais.

— Vem... — Busco sua mão outra vez, e aqui está a eletricidade correndo por nós dois. — Quero te mostrar uma coisa.

Enquanto caminhamos para outra parte da extensa mansão, torço para que os pedidos que fiz à secretária de Aquiles essa manhã, assim que deixei Gaia em sua cabine, tivessem sido atendidos como solicitei.

A iluminação feita pelas velas, mostrando o rosto encantado de Gaia, assim como seu caminhar em direção à bela decoração feita no chão, mostram o quanto Christina fora eficiente.

— Eros? — Os belos olhos encantados de Gaia caem sobre mim, extremamente emocionados. — Você... Foi você que fez tudo isso?

— Contei com uma pequena ajuda aqui e ali — avisei, tirando os sapatos enquanto ela ainda exibía um ar surpreso.

Entre as almofadas de vários tons e as mantas estendidas no chão, há garrafas do melhor vinho francês, variados tipos de queijo, alguns tipos de frios, frutas da região e outras curiosidades culinárias que pedi que fossem preparadas especialmente para que Gaia pudesse provar.

Assim como fiz, ela também tira as sandálias delicadas, e assim que

a vejo confortável, busco sua mão.

O que há de tão especial nessa garota que não consigo deixar as minhas mãos longe?

— Dá para ver toda Marselha daqui — avisa ela, quando nos apoiamos na mureta em torno da varanda.

A casa fica no alto de uma colina e a cidade se estende esplendorosa debaixo dos nossos olhos. Apesar de bastante diferente, lembra-me bastante a casa do meu avô, em Oia.

— E aquela é a Basílica — indico a igreja que, no cair da noite, fica ainda mais bonita com a iluminação dourada.

Gaia respira fundo e solta um longo suspiro encantado, antes de se virar para mim.

— Realmente é uma vista espetacular. — O sorriso cativante faz o mesmo de sempre, convoca o meu. — Eu nunca vou esquecer desta noite, Eros. Ninguém nunca me fez algo tão lindo.

Inicialmente, julguei que seria apenas um jantar íntimo com uma linda vista a apreciar. Mas estando aqui agora com Gaia, compartilhando de toda beleza que a assisto apreciar, sinto que estamos na mesma vibração.

Voltamos às almofadas e mantas, e eu a guio para sentar-se ao meu lado.

— Em 1516, um rinoceronte, animal que a Europa não conhecia, foi oferecido pelo Rei de Portugal ao Papa Leão X — conto a Gaia, entregando-lhe uma das taças, enchendo-a com o líquido vermelho, tão tentador quanto seus lábios, que ela mordia no canto. — Tendo a embarcação em que era transportado naufragado na costa, o animal exótico foi enviado até aqui. O pintor alemão Albrecht Dürer, que nunca tinha visto um animal daquela espécie, fascinado, o desenhou.

— É aquela pintura naquele quadro, na sala.

— Não é a original, eu acredito.

Mas conhecendo Oliver, o dono da propriedade, e suas aventuras perigosas no mercado negro de artes, não coloco a possibilidade em xeque. Ele ama tudo o que é desafiador.

Entre taças de vinho e gemidos apreciativos de Gaia com tudo que vai provando, causando efeitos perturbadores em uma certa região importante em meu corpo, conto mais algumas curiosidades do lugar, como as histórias dos livros O Conde de Monte Cristo e O Homem da Máscara de Ferro, de

Alexandre Dumas, e um pouco sobre Jean-Baptiste Chataud, que introduziu a peste em Marselha.

— Ok. Acho que devemos falar sobre coisas mais animadas.

— Perdão. Acho que é a minha curiosidade de professora que não me deixa calada.

— Você também é professora? — A informação me pega de surpresa, mas, analisando-a bem, a profissão combina muito mais com o jeito de Gaia do que a de modelo famosa com vida agitada.

— Fui. Dei aula para crianças. Então a minha mãe ficou doente...

Penso em minha avó que, apesar da idade avançada e da doença dela não ser uma surpresa para nós, ainda assim mexe com toda a família. Imagino como deve ter sido difícil para Gaia e a irmã terem lidado com essa perda.

— Se não quiser falar... — aviso, tocando a mão dela.

— Acho que tenho que falar. Penso que fugi o suficiente do assunto. Eu só não quero te aborrecer com...

— Isso jamais aconteceria, Gaia. — Puxo-a para mais perto de mim e envolvo seus ombros com o meu braço. — Pode me dizer apenas o que sentir necessidade ou deixá-la confortável. Como boas lembranças dela, por exemplo.

Enquanto escuto sua voz emocionada, algumas vezes acompanhada de sorrisos felizes, consigo ver ainda mais de onde vem tanta doçura que Gaia transmite. E é esse encanto que ela transborda que, em determinado momento, quando os olhos verdes e marejados estão focados em mim, me levam a segurar o seu rosto, trazendo-o para junto do meu.

— Hum-hum... — Um pigarrear inesperado a faz saltar do meu colo, para onde eu a trouxe, e se empertigar ao meu lado. — Eu surjo em um momento indevido?

Oliver não sabe o quanto, mas o meu olhar furioso para ele deixa isso bastante claro.

— O jantar está pronto para ser servido. — Ele ignora o meu semblante invocado e, com bastante interesse, sua atenção foca-se em Gaia.

Gosto de Oliver, estudamos juntos quando seus pais moraram por um tempo na Grécia, e eu o conheço o suficiente para ler seu olhar interessado na jovem bonita ao meu lado. Não apenas por Gaia ser realmente muito bonita, mas porque nunca fiz qualquer coisa semelhante com outra mulher.

— Acredito que a bela dama esteja com fome.

— A bela dama se chama Gaia — digo, tentando controlar a irritação em minha voz.

O que há de errado comigo? Jamais tive qualquer tipo de desentendimento com Oliver, muito menos por disputar qualquer garota na qual já estivemos interessados.

— Gaia, este é Oliver. O melhor chefe francês e o dono desta linda casa.

— Não tão linda quanto a senhorita, preciso ressaltar — ele responde em um tom exageradamente galanteador que me faz virar os olhos para o teto.

Franceses.

Ao invés de ficar intimidada, Gaia sorri de algo bobo que Oliver diz e não parece nem um pouco incomodada com seu ar de *bon vivant*. [\[11\]](#)

— Agora vamos ao jantar especial desta noite. Sigam-me.

Oliver nos guia em direção à sala de jantar, mas antes de chegarmos ao fim do corredor que nos leva a ela, sinto um leve puxão em meu braço, com Gaia me fazendo parar.

— Você contratou um chefe de cozinha? — Gaia me empurra para um canto discreto, e noto rapidamente sua preocupação. — Isso não seria muito caro?

Um jantar exclusivo feito por Oliver é algo que pouquíssimas pessoas conseguiram ter, e é uma raridade que ele faça isso. Depois do sucesso estrondoso de seu primeiro restaurante, ele passou a cuidar mais da administração, ampliando a rede pelo mundo. Cozinhar, que sempre foi seu verdadeiro prazer, ficava cada vez mais difícil e só era feito para pessoas especiais. Então, sim, se eu estivesse pagando pelos serviços dele esta noite, sairia relativamente caro.

— Como eu disse, Oliver me deve um favor.

— Deve ter feito algo muito importante e bom para ele... — Ela morde o canto do lábio, expressando o quanto se sente acanhada. — Talvez devesse guardar algo como isso para alguém especial...

— Bom, eu achei que ela não existisse, até esta noite.

Dizer essas coisas a Gaia é mais do que um clichê bem ensaiado. Esse sentimento surge de forma tão natural quanto ela. Eu a conheço há

pouco tempo, mas é impressionante como ela consegue, cada vez mais, se infiltrar em mim. Como se eu tivesse mesmo sido atingido pela flecha de Eros.

— Ah, Eros... — Incentivado por seu sorriso meigo e feliz, cubro o seu rosto delicado com as minhas mãos e, antes que Oliver surja novamente, estragando o clima, cubro sua boca com a minha.

E finalmente posso sentir o gosto que os lábios macios de Gaia têm.

CAPÍTULO 17



Dizer que não esperava que Eros me beijasse seria uma tremenda mentira. Desde o momento que coloquei os meus olhos em toda essa beleza masculina que venho sonhando com isso. Assim, quando suas mãos seguram o meu rosto e uma delas desliza da minha bochecha, chegando ao pescoço, fechando-se com firmeza em volta dele, e quando seus dedos acariciam a pulsação rápida causada por meu coração disparado, deixo escapar um leve gemido antes mesmo de sua boca unir-se à minha.

Então ele me beija, e é nesse momento que acredito ter parado de raciocinar. Pelo menos eu não consigo pensar em nada além de como é incrível ter os lábios macios e carnudos de Eros movendo-se sobre os meus. Tudo o que sou capaz de fazer é sentir.

Beijo-o, as nossas respirações miscigenando-se, os movimentos gentis e ao mesmo tempo cheios de paixão de seus lábios.

Fraca e levada por uma atração inexplicável, apoio as mãos no peito amplo e musculoso. O toque causa pequenos choques nas pontas dos meus dedos, que me deixam fraca. Eros leva a outra mão à minha cintura e me prende forte contra ele, ao mesmo tempo que pressiona as minhas costas contra a parede fria atrás de mim.

Nunca conheci alguém tão intenso quanto ele. Forte, poderoso, mas,

ainda assim, podia ser doce e gentil, despertando em mim sentimentos com os quais nunca tinha me deparado antes.

Guiada por uma ousadia que nem sabia existir em mim, exploro os músculos salientes que me deixam fascinada e empolgada pela excitação expressa nos gemidos de Eros, e pressiono ainda mais o meu corpo contra o dele.

Com gemidos mais agudos, ele me prende forte, dentro de seus braços, puxando-me para si, tornando o nosso beijo ainda mais quente e explosivo.

Não penso em nada ou sinto medo, apenas me entrego a esse deleite erótico que os beijos e mãos de Eros sobre o meu corpo me causam. Sentindo sua língua dentro da minha boca e como o seu gosto, incrivelmente delicioso, é cada vez mais desejado.

Eu não sei afirmar por quanto tempo ficamos assim, entregues nesse beijo íntimo, mas quando Eros finaliza nosso contato, sinto como se uma parte muito importante estivesse partindo.

— Uau! — exclama ele, unindo as nossas testas.

Tenho nos olhos o mesmo fogo de desejo que vejo brilhar nos dele.

Com carinho, seus dedos afagam minha bochecha, arrancando um sorriso encantado de mim.

— É melhor irmos, Gaia. — O sussurro, sem muita firmeza, duela com a expressão angustiada em seu rosto. — Se continuarmos assim, quando Oliver vier nos procurar irá se deparar com muito mais do que um beijo apaixonado.

A constatação causa arrepios em mim, como também faz minhas bochechas queimarem. Pensar em nós dois dando continuidade ao que foi interrompido me deixa excitada e ansiosa.

Em silêncio, pois ambos precisamos de um momento para nos recuperar, Eros pega a minha mão, e juntos seguimos para a sala de jantar.

A mesa está linda e preparada de forma romântica, com direito a velas perfumadas e tudo.

— Senhorita... — Oliver vem ao meu encontro assim que me aproximo da mesa, e afasta galantemente uma cadeira para que eu possa me sentar. — Espero que aprecie o jantar.

— Tenho certeza de que sim — digo, olhando tudo em volta. — Imagino que não possa estar menos que perfeito. Você é muito talentoso,

Oliver.

Assim como gosta de bancar o galanteador, vejo, pelo brilho surgindo em seus olhos e pelo grande sorriso que me dá, que o francês também ama receber elogios, principalmente se vierem de forma sincera.

— Dessa vez eu acho que realmente fez a escolha certa, querido amigo. — Apesar de se dirigir a Eros, nosso chef pisca um dos olhos para mim. — É uma jovem realmente encantadora.

Os dois trocam algum tipo de olhar. Deve ser coisa entre amigos, é o que digo a mim.

— Cuide dela, ou a tomo de você.

Embora o comentário de Oliver tenha me soado apenas como uma brincadeira, a forma séria e até mesmo invocada que Eros o encara avisa-me que, para o grego, não foi.

O que sei sobre os gregos, das histórias que sempre ouvi da minha mãe e que pesquisamos juntas depois, seja na mitologia ou filmes que assistimos, é que é um povo bastante orgulhoso e de temperamento marcante.

— Eu diria para você cuidar do seu próprio rabo, Oliver.

O comentário ácido de Eros faz o francês gargalhar alto. Embora exista entre eles uma grande diferença social, pois dá para perceber apenas por esta linda mansão que Oliver é um homem de muitas riquezas, os dois têm uma intimidade e amizade profunda.

— Queridos... — Oliver dirige um novo sorriso gentil a mim. — Apreciem o jantar e a noite. A casa será toda de vocês.

— Obrigada por tudo — agradeço, emocionada. — Está perfeito.

Para minha surpresa, ele se inclina em minha direção, segura a minha mão e a leva aos seus lábios.

— Foi um prazer conhecê-la, *ma petite*. [\[12\]](#)

Há um verdadeiro contraste entre Eros e Oliver. Um é extremamente galanteador, e o outro tem uma sedução firme e intensa. Mas o meu coração dispara muito mais com o olhar intenso e possessivo que Eros me dá, do que com as palavras gentis e sorrisos de seu amigo.

— Acredito que agora irá atender aquele meu pedido, certo? — Oliver indaga Eros antes de sair.

— Desejando impressionar outra mulher, Oliver? — Dessa vez o questionamento de Eros tem ar de divertimento.

— Sempre — ele confessa sem ter qualquer tipo de pudor.

E é então que vejo o porquê do meu coração estar mais inclinado para um homem como Eros, do que impressionado com o francês conquistador. Com o lindo grego à minha frente, eu sinto segurança. Posso apenas estar criando uma fantasia tola em minha cabeça, mas acho que Eros vivencia cada experiência que trocamos, encarando-as da mesma forma especial que sinto.

Novamente sozinhos, o jantar segue tranquilo e divertido. Eros é um homem extremamente inteligente e de um humor aguçado. Conversamos desde meu assunto preferido, a mitologia grega, às passagens engraçadas de sua vida. Eu também falo um pouco sobre mim e, principalmente, sobre a minha mãe. Falar dela não me machuca, pelo contrário. Acho que é pelo fato de Eros apenas me escutar e aceitar, sem pressionar, apenas o que estou pronta a dizer.

— Você parecia que gostava da escola, das crianças. Por que não voltou a dar aula, em vez de se tornar uma grande modelo?

O problema com as mentiras é que ou você resolve começar a ser honesta, ou elas chegam a um ponto em que podem afundá-lo.

— Sempre quis conhecer o mundo. — Não consigo encarar Eros, então brinco com uma colher de sobremesa em meu prato. — Na verdade, a Grécia. Quando surgiu o trabalho...

— Entendo. Sou suspeito para falar do meu país. — Seu tom orgulhoso me faz encará-lo novamente. — Conheço muitos lugares, mas nada é como a Grécia. Mas você deve se sentir assim sobre o seu país. O pouco que sei, é que é deslumbrante.

— É muito lindo mesmo, principalmente o Nordeste.

As pessoas sempre falam do Rio e de São Paulo, mas a região nordeste do nosso país é uma das mais lindas que já conheci e que quero algum dia poder explorar mais.

Eros sugere irmos para a sala, onde podemos ficar confortáveis. Levamos nossas taças e outra garrafa de vinho. Quando chegamos ao ambiente aconchegante, uma sala de estar enorme e elegantemente mobiliada, em vez de nos dirigirmos ao sofá elegante, ele liga um aparelho de som, que faz uma música suave começar a tocar, coloca nossas bebidas no balcão e me puxa para os seus braços.

Um jazz romântico começa a tocar. Eros prende as mãos em minha

cintura, e eu apoio uma mão sobre o ombro dele, enquanto a outra descansa em seu peito.

É tão bom estar aqui, nos braços dele, sentindo como se fôssemos os únicos no mundo. E, talvez, para nós sejamos apenas nós dois nesse mundo perfeito que estamos tornando nosso.

Entre uma dança e outra, nossos toques começam a se tornar mais íntimos e ousados. Tremendo como se estivesse com febre, solto um gemido baixo quando Eros mergulha a mão em meus cabelos e puxa o meu rosto em direção ao seu.

Seus olhos são bastante expressivos.

Ele me deseja!

Enquanto eu estou ardendo por ele.

— Eu quero você, Gaia!

Sua confissão firme, em um tom rouco e cheio de desejo, causa um novo tremor por todo o meu corpo.

Eros leva a mão, que antes estivera presa em minha cintura, até a minha bochecha e traça com a ponta dos dedos, de forma delicada, todo o contorno do meu rosto.

Noto seu queixo endurecer, e em seguida ele corre a língua por minha boca, sobre a superfície interna e superior dos meus lábios.

Gemo baixinho, deliciada com essa pequena, mas atordoante carícia que ele me faz.

Eu preciso de mais. É o que o meu corpo me diz ao me pressionar ainda mais a ele.

Emitindo um gemido rouco, Eros comprime seu sexo contra o meu, deixando o meu corpo ainda mais em chamas. Ele pressiona as mãos em minha bunda, firme e forte, forçando a abertura entre as minhas coxas, e no segundo seguinte me levanta, fazendo-me cruzar as pernas em volta de sua cintura. A saia do vestido encolhe, deixando a pele nua das minhas coxas expostas às suas mãos ansiosas.

— Ah... — O gemido reverbera por entre os meus lábios quando Eros move os quadris, aumentando as deliciosas sensações que começam a transbordar por meu corpo e a me dominar.

Sua mão forte tateia a minha pele ardente, chegando à calcinha rendada e úmida por suas carícias, deixando-me cada vez mais excitada. Ele afasta o tecido, e o toque em minha intimidade me faz ficar mais molhada,

provocando em mim um prazer atordoante. E quando os dedos longos e grossos seguem para um toque mais profundo, emito um gemido delirante.

— Eros!

O prazer de ter seus dedos dentro de mim me invade de maneira incontrolável.

Voltamos a nos beijar, e Eros nos guia em direção ao sofá. Os beijos ardentes só são interrompidos para, com pressa angustiante, tirarmos as nossas roupas.

— Você é linda, Gaia — ele sussurra ao admirar o meu corpo nu e os longos cabelos caindo soltos sobre um dos meus seios.

Nos entreolhamos com intensidade.

Ele também é o homem mais bonito e perfeito que os meus olhos já chegaram a admirar.

Eros se inclina, tomando um bico dos meus seios em seus lábios. Ele suga com vontade, e o prazer me percorre, latejante, do meu útero, irradiando por meu corpo, até explodir em minha boceta.

Os seus dedos voltam a afundar dentro de mim, e quando começam a se mover em meu interior, tocando o ponto exato que me causa prazer, não consigo evitar o grito deleitado escapando dos meus lábios.

— Eros!

Tenho uma gigantesca febre por ele, e demonstro isso em gemidos cada vez mais atordoados.

Paixão está estampada em seus olhos, quando ele se afasta para buscar um preservativo. Ele é rápido, e logo o seu corpo quente e perfeito está sobre o meu.

Sua boca torna a buscar os meus seios; as mãos, a me acariciar com habilidade, fazendo com que o furacão em meu interior ganhe mais força.

Eros segura possessivamente as minhas coxas, separando-as, e com o olhar cravado no meu, lentamente começa a se afundar dentro de mim.

Então ele me beija, um beijo flamejante, com a mesma paixão descontrolada dos seus quadris chocando-se contra os meus, enquanto ele me invade com dureza e intensidade.

— Eros! — sussurro, minha cabeça movendo-se de um lado a outro, quando as estocadas firmes me levam a um pico de prazer que nunca tinha sentido antes.

— Porra! — geme ele, e uma arremetida profunda faz minhas costas

se curvarem.

O prazer corre por mim como uma correnteza sem controle, e no instante seguinte um orgasmo forte me faz sacudir contra ele.

Eros se move mais, fazendo o meu gozo aumentar e, após duas investidas mais profundas, libera seu próprio prazer, tremendo sobre mim.

Após a última vibração, ele se deita ao meu lado, puxando-me para o seu peito largo.

Não falamos nada, e nem é preciso dizer alguma coisa. Nossos corpos suados e sensíveis pelo sexo intenso falam por nós.

Agora só precisamos apreciar este momento incrível e continuarmos nos braços um do outro, até que nossas respirações voltem ao normal.

— Ei... — A mão deslizando por meu corpo de forma sensual me arranca da sonolência em que começava a mergulhar. — A noite só está começando, *koukla mou*.

Um sorriso empolgado surge em mim.

Eu tenho certeza de que Eros tornará cada minuto desta noite incrível para nós dois.

Seus olhos cheios de desejo me prometem isso.

CAPÍTULO 18



EROS

O movimento na cama, apesar de cuidadoso, me desperta. A primeira coisa com que os meus olhos se deparam ao se abrirem são as costas nuas de Gaia. Uma mecha de cabelo cai sobre um dos ombros, e eu sinto ciúme dela por ter o prazer de tocar a sua pele macia.

A nossa noite foi quente e intensa. Gaia é uma amante entregue, ousada quando incentivada e apaixonada.

Sexo é bom, e eu tive algumas amantes no decorrer da vida, mas exatamente ninguém me fez sentir tanta conexão com outra pessoa como essa ruiva sedutora faz.

— Ela fez o quê? — ouço-a dizer, e seus ombros ganham um sinal de tensão.

Sento-me na cama, e meu movimento a faz se virar para mim. Uma parte do lençol que ela segura desliza um pouco, fazendo com que um dos seios apetitosos seja exposto a mim. O meu corpo e uma determinada parte dele, que já acordou animada, reagem à bela visão.

— Problemas? — indago, preocupado.

— É do trabalho — ela sussurra, tapando o telefone — Eu...

— Claro. — Tiro os meus pés da cama e os coloco no chão. — Eu deveria imaginar que sua profissão a mantém com a agenda cheia. Mas

podemos retornar ao navio a qualquer momento que desejar.

Vejo os seus lábios se abrirem. Sinto que Gaia quer me dizer alguma coisa, mas, de repente, muda de ideia.

— Escuta, termina sua ligação em paz. — Passo o polegar em seus lábios entreabertos e recebo um lindo sorriso. — Vou tomar um banho antes de preparar o café da manhã e depois podemos partir.

Nu, sigo até o banheiro. Enquanto o jato de água cai sobre a minha cabeça, reflito sobre Gaia e todos os momentos que nós tivemos.

Eu sempre mantive longe mulheres que pudessem ter um estilo de vida como o dela. O mesmo que Felipa insistia para eu entrar. Alta sociedade, badalação, famosos e paparazzi. Contudo, existe algo em Gaia, em como ela me faz sentir inteiro e especial quando estamos juntos, que desde que comecei a pegar no sono, no fim desta madrugada, me fez pensar se estaria disposto a passar por cima de tudo isso para continuar mantendo-a em minha vida.

A resposta que preciso me dar precisa esperar um pouco. Uma mão delicada toca as minhas costas, e quando vejo a linda deusa, nua e com sorriso sedutor dedicado a mim, só consigo pensar na urgência de tê-la em meus braços.

Como nas outras vezes, o sexo entre nós é ardente e incrível.



Eu nunca me vi como um romântico, sempre enxerguei a vida com praticidade. Só que com Gaia...

Ah.

Essa ruiva bagunça completamente as minhas estruturas, então é difícil conseguir soltá-la quando chegamos à sua cabine.

— Ok — digo, segurando o rosto dela com firmeza. — Só mais uma vez.

— Você disse o mesmo nos últimos cinco minutos, Eros.

— O que eu posso fazer? Eu simplesmente não consigo manter as minhas mãos longe. E não me diz que não se sente igual, *koukla mou*.

— Acho que eu não poderia. — Sua risada doce faz seus olhos brilharem. — O que isso quer dizer, *kouka mou*?

— *Koukla mou* — repito a pronúncia correta. — Significa *minha querida*.

— É bonito — ela destaca, tímida.

Gaia é um verdadeiro mistério para mim. Como ela, sendo tão recatada, tem uma profissão que poderia deixá-la tão exposta?

— Eu realmente tenho que ir, Eros — ela diz com pesar, quando encerramos mais um beijo apaixonado.

— Podemos nos ver essa noite?

O que há comigo? Tivemos uma noite quente de sexo e uma manhã igualmente intensa, e eu deveria me sentir satisfeito. Então por que ansiava ver Gaia novamente?

— Hum... Pode ser lá pelas dez?

Um pouco tarde, mas estamos em um cruzeiro e a hora aqui realmente não importa.

— Às dez — confirmo.

E antes de me afastar, dessa vez de verdade, puxo-a para mais um beijo cheio de desejo.

Gaia passa o cartão na porta, mas não entra na cabine quando aquela é aberta. Em vez disso, com um ar sonhador e sorriso perfeito, fica observando meus passos vacilantes me afastarem.

— Escuta — retorno apressadamente, lembrando de algo importante. — Ainda não trocamos os números de telefone.

Eu tenho dois no mesmo aparelho. Um de trabalho e outro dedicado apenas à família e aos amigos íntimos, e é esse que dou a Gaia, acrescentando o dela em minha lista de contatos pessoais.

É claro que eu não desperdiço a oportunidade para tê-la novamente em meus braços e, com satisfação, vê-la estremecer com os meus beijos.

— Até depois.

Sustento um sorriso no rosto até chegar à minha cabine. Tenho trabalho a fazer, mas dessa vez me sinto bastante empolgado.

Algo incrível que Gaia me trouxe, além de sua companhia agradável e do sexo de estremecer, é a minha inspiração. As horas simplesmente voam, e só venho notar quanto tempo passou quando o celular vibrando em minha mesa indica o cair da tarde.

— Aquiles?

Desde sua visita ao veleiro que não nos falamos, e ao lembrar da interação entre Gaia e Íris, penso que esse distanciamento, causado por nossas profissões, não pode continuar interferindo em nossa relação, e que eu realmente quero mudar isso, voltando a sermos aqueles garotos da infância à adolescência.

— Eros, preciso falar sobre os nossos avós. — A urgência em sua voz me faz ficar em alerta. — Você pode vir até aqui?

— Sim, mas aconteceu algo com eles?

Ouço o suspiro cansado que ele nem se preocupa em mascarar. Então o assunto deve ser realmente sério.

— É melhor conversarmos quando você chegar aqui. Eu vou enviar o helicóptero mais próximo para te buscar. Ele deve chegar aí em uma ou duas horas.

Assim que desligamos, olho o aparelho com bastante atenção.

Preciso avisar a Gaia que irei me ausentar do cruzeiro por tempo indefinido.

Todas as minhas tentativas de ligação dão na caixa postal e não encontro qualquer sinal dela na sua suíte.

Estou pronto para iniciar uma mensagem de voz para Gaia, quando recebo o aviso de que o helicóptero já está me esperando.

— Oi, Gaia. Aqui é o Eros...

Enquanto gravo a mensagem apressada, torço para que nada grave esteja acontecendo com os meus avós e que, o mais breve possível, eu consiga retornar ao Afrodite. Para minha Psiquê.

Para Gaia.

CAPÍTULO 19



Faz dois dias que não vejo Eros. Depois que recebi sua mensagem, avisando que ficaria ausente para resolver um problema de última hora, passamos a nos comunicar apenas por mensagens de texto sem muita profundidade.

Ele afirmou que estaria de volta quando o navio atracasse em Salerno, e isso só aconteceria na tarde seguinte. Foram dois dias de navegação, e cada minuto sem vê-lo parecia que criava um buraco crescente em meu peito.

A nossa noite juntos e a manhã seguinte, na casa de Oliver, foram nada menos que perfeitas. E lembrar de cada detalhe que vivemos faz a saudade ficar profunda em meu peito, e meu coração, apertado.

Eu não esperava que Eros se tornasse uma pessoa marcante em minha vida em tão pouco tempo.

— Nós vamos para o boliche essa noite — a voz animada de Kali traz a minha atenção de volta para ela. — Pode vir com a gente. Você sabe que Steve adora você. E vai ser muito divertido.

Kali e o rapaz por quem ela está cada dia mais apaixonada sempre tentavam me colocar no roteiro dos dois, fazendo com que eu me sentisse menos para baixo nestes últimos dias sem Eros.

— Dessa vez eu vou declinar a oferta, Kali — aviso ao juntar todas as

minhas roupas sujas para levar à lavanderia. — Foi um dia bem cansativo para mim.

As tentativas dela em me ajudar a limpar as cabines foram bem desastrosas, então evito colocá-la na função o máximo possível. Na verdade, apesar de Kali vir de uma família abastada e ter sido criada para ser rainha de um lar, eu não tinha que tentar provar nada a ela. Não ter o direito de escolher como conduzir seu próprio destino e quem amar já eram uma realidade bastante dura. Assim, voltei à minha pesada rotina de cuidar da limpeza e, de certa forma, o trabalho mantinha minha mente bastante ocupada.

— E prometi a Íris fazer uma chamada de vídeo com ela mais tarde.

— Não será o mesmo sem você. — Ela me faz uma carinha triste que não é suficiente para me convencer. — Se mudar de ideia, sabe onde nos encontrar.

— Divirta-se bastante, Kali.

Nós só temos mais duas semanas de cruzeiro e entendo bem a necessidade de Kali em aproveitar cada minuto. Às vezes, sinto como se estivéssemos correndo contra o relógio.

Depois de colocar as roupas para lavar e secar, retorno à minha cabine e faço uma minuciosa limpeza nela, o que não leva mais do que uns quarenta minutos. Ainda é cedo para ligar para minha irmã, assim, decido cuidar dos cabelos e fazer uma profunda limpeza de pele.

Ainda estou com uma máscara de hidratação no rosto quando Íris me chama para conversarmos. Deixo que ela fale de si, da sua rotina na faculdade e no trabalho novo. Desde que viajei, Íris já passou por três lugares diferentes. Ela é assim, se não está feliz ou não concorda com algo, simplesmente deixa de ir.

— Mas eu gosto da floricultura, as flores me acalmam. Amor-perfeito era a preferida da mamãe, você lembra? — Não há como esquecer isso, nossa mãe sempre estará presente em nossos corações. — Voltando a falar sobre a floricultura, se o filho do dono ficar bem longe de mim, acho que não terei problemas em continuar no emprego.

Infelizmente, em nosso país ser mulher é não ter um minuto de sossego. Peço que Íris tenha cuidado e não banque a justiceira no trabalho e nem fora dele.

— Eu sei que ainda tem o dinheiro da mamãe, Íris, mas precisa pensar no seu futuro. O que tem deve ser guardado para uma emergência ou

investido em algo que valha a pena.

Eu nunca viraria as costas a Íris em caso de dificuldades, só que ela precisa colocar os pés no chão e começar a andar por conta própria. A mamãe não está mais aqui para protegê-la do mundo.

— Então... — Ela dá de ombros, interessada em mudar o rumo da conversa. — Me conta sobre ele, o grego bonitão.

A filha da mãe sabe que me pegou no ponto certo. Minha preocupação com Íris é deixada um pouco de lado e eu foco toda a minha atenção em falar sobre Eros.

— Eu não gosto de estar mentindo para ele.

— Você sabe que isso é apenas uma aventura de cruzeiro, não é, Gaia? Mordo o canto da minha boca. Tudo começou assim, mas...

— Gaia, o que eu disse foi para você se jogar e se divertir, e não se apaixonar pelo primeiro gringo lindo que visse pela frente.

— Eu não estou apaixonada!

Ao encarar Íris e enfrentar seu olhar questionador, vejo o quanto estou tentando enganar a mim mesma.

— Talvez eu goste um pouquinho dele.

— Gaia, romances de verão nunca vão para frente.

— O do papai e da mamãe foi.

O nosso pai tinha ido ao Brasil de férias, durante o carnaval, conheceu nossa mãe em uma folia e nunca mais largou dela. Não que eu esperasse que o mesmo acontecesse entre mim e Eros.

— É como o baile da Cinderela — digo a Íris com uma firmeza que estou longe de sentir. — Depois da meia-noite tudo acaba, certo?

Só que, no meu caso, sem sapatinhos de cristal e nem um príncipe procurando por sua princesa.

— Só tome cuidado, tá bom? — aconselha Íris, bastante séria. — O seu coração mal se recuperou de um duro baque. Tenha os melhores momentos possíveis com ele e depois volte para sua realidade.

Para minha irmã de espírito livre estar me dando um conselho como esse, acho que estou mesmo afundada em um grande problema. Um problema lindo chamado Eros.

Conversamos por mais alguns minutos, e quando vejo que já está muito tarde, encerro a chamada de vídeo. Será uma longa noite pensando em tudo o que Íris me falou.

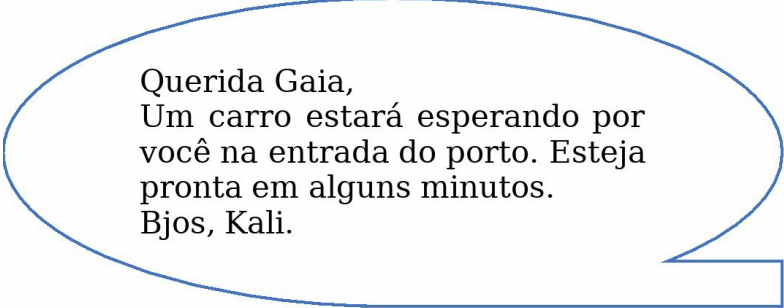


Salerno tem como vizinhas Nápoles e Capri, destinos muito mais procurados pelos turistas, mas a cidade também tem seus encantos e merece ao menos um dia de visita. Como o navio está atracado aqui, resolvo aproveitar o meu dia de folga ao máximo.

Como tive um turno pela manhã, Kali e Steve já estão na cidade. Combinamos que eu irei encontrá-los em *Lungomare di Salerno*, para assim podermos explorar o local, juntos.

Desde a noite anterior que não recebo nenhuma mensagem de Eros, e não sei se é devido aos seus planos de conseguir retornar ao navio hoje, ou se ele simplesmente começava a encarar o que tivemos como uma aventura de cruzeiro.

Eu não tenho muito tempo para ficar pensando sobre isso, muito menos para ficar me lamentando, e no instante que deixo a minha cabine, recebo uma mensagem vinda de Kali.



Querida Gaia,
Um carro estará esperando por
você na entrada do porto. Esteja
pronta em alguns minutos.
Bjos, Kali.

Estava prestes a enviar uma mensagem de volta, avisando a ela que não deveria se preocupar com essa pequena extravagância, quando me recordei que para Kali o investimento não terá a menor importância. O que me preocupava mais era o que diria a Steve. Bom, talvez ela já tivesse tomado coragem e contado toda a verdade a ele.

— Senhorita Garcia? — O homem que vi segurando uma placa com o meu nome pede que eu faça a confirmação.

Depois de tudo acertado, ele abre a porta para que eu possa entrar. Olho por alguns segundos o carro preto e elegante, antes de entrar e me afundar no banco macio.

Assim que ele começa a circular pelas ruas movimentadas, envio uma mensagem para Kali, agradecendo a gentileza. O dia está bastante quente, e não vou ser orgulhosa negando o quanto é confortável seguir para o meu destino tendo direito a ar-condicionado e água fresca.

— Senhor? — chamo quando percebo que nosso caminho está sendo completamente o contrário do que eu anotei no meu *Maps*. — Estamos indo na direção correta?

Ele responde algo em italiano que eu não consigo entender.

Um pouco em pânico, envio novas mensagens a Kali, e após não ter qualquer sinal dela, resolvo ligar para seu celular. Já ouvi algumas histórias de desaparecimento de pessoas pela Europa, umas bastante pesadas, mas não conseguia imaginar que minha amiga estivesse envolvida em algo horrível que me colocasse em risco, com certeza haveria alguma explicação a me dar.

Assim, depois da sétima tentativa de ligação, quando eu já pensava em inúmeras formas de saltar do carro em movimento, Kali finalmente atende.

— Tudo o que posso dizer a você, Gaia, é que há uma pequena mudança de planos — ela responde depois do meu ataque questionador.

— Mudanças de planos? Kali?

— Não se preocupe. Apenas confie em mim. — A empolgação em sua voz me diz para fazer isso, mas eu não gosto de me sentir no escuro. — Você não está sendo sequestrada. Ouuu... talvez esteja.

— Kali? — grito ao telefone ao mesmo tempo que ela encerra nossa comunicação. — Como assim?

Eu não sei se estou furiosa com ela, com medo ou curiosa. Talvez uma mistura de tudo. Digo a mim mesma que preciso me acalmar e pensar numa forma de sair desta enrascada, se ela realmente se tornar perigosa.

Depois de mais de quase vinte minutos entrando e saindo de algumas ruas, noto que começamos a sair da cidade. Não leva muito tempo para eu pensar se devo mesmo saltar do carro ou atacar o motorista para fugir, quando o automóvel para. O medo nos faz pensar coisas bobas.

O homem continua a dizer coisas incompreensíveis e a gesticular para mim. No final, entendo que ele me pede para descer.

Agarro firme a minha bolsa contra o peito, e com a mão trêmula, abro a

porta do carro. A uns oito metros de onde paramos, vejo uma moto parada e um motoqueiro, carregando um capacete extra, montado nela.

— Ei, senhor! — grito ao motorista que começa a manobrar para sair.
— Não pode me deixar aqui.

No meio do nada, com um motoqueiro misterioso.

Olho em todas as direções, tentando avaliar o quanto preciso correr até conseguir ajuda. É então que, através dos meus olhos marejados, vejo o estranho começar a tirar o capacete, e o rosto que me traz alívio e a raiva começar a surgir.

— Eros!

Praticamente corro até ele, e ao contrário do seu sorriso confiante, não sinto exatamente felicidade em vê-lo.

— Seu imbecil! — Soco o seu peito, e em algum momento da minha crise histérica, ele prende as minhas mãos com as dele. — Você quase me matou de susto.

Difícilmente sou agressiva com alguém, mas minha mente já imaginava as piores tragédias possíveis, comigo sendo sequestrada e enviada ao tráfico sexual, ou pior, tendo os meus órgãos vendidos no mercado negro. Estava em pânico, pensando como Íris ficaria desesperada em não me ver retornando para casa.

— Desculpe, *agapi-mou*. — Apesar da voz carregar arrependimento, suas feições ainda carregam divertimento. — Não quis assustar você.

Seu sorriso é lindo e tão sedutor, que mesmo que eu queira, não consigo sustentar a raiva dele por muito tempo.

— Você voltou — digo o óbvio, sem conseguir deixar de parecer uma boba em vê-lo aqui.

— Eu disse que voltaria.

Sim, ele disse em todas as mensagens que me enviou, mas confesso que, no fundo, senti um pouco de insegurança.

— Você usou a Kali para me enganar? — Apesar da pergunta acusadora, estou sorrindo.

— Não. Eu pedi que me ajudasse.

— E não poderia apenas ter surgido no navio, seu maluco?

— Então eu perderia uma recepção tão apaixonada.

— Eu poderia matar você.

— E morreria feliz, Gaia. — Seu polegar passou gentilmente em meus

lábios, e esse toque gentil fez o meu corpo todo estremecer. — Pelo menos a teria visto uma última vez.

Maldito! Eros sabia dizer as palavras certas para fazer o meu coração ficar derretido como manteiga.

Então, enquanto ainda estou amolecida por ele, Eros me puxa para os seus braços, dando-me um dos seus beijos arrasadores e de tirar o fôlego. Agarro-me a ele de um jeito que fica claro que, se dependesse de mim, nunca mais iria soltá-lo.

O tempo para. O mundo deixa de existir. Tenho ciência apenas de nós dois compartilhando este reencontro perfeito.

— Já andou em uma dessas antes?

A moto é enorme e, de algum jeito que não sei explicar, combina muito com Eros. O faz parecer um rebelde em busca de desafios.

— Eu nunca estive em uma moto, muito menos uma como essa.

— Então coloque isso aqui. — Ele me entrega o capacete. — A nossa aventura está apenas começando.

Eros me ajuda a colocar o capacete, depois a subir na moto. Ele enlaça os meus braços em torno de si e me avisa para segurar firme. Um gritinho empolgado escapa de mim quando ele liga a moto e pegamos a estrada em disparada.

Íris sempre me diz para me soltar, mas é com Eros que me sinto livre para fazer isso.

A paisagem por onde passamos é linda.

Com a cabeça encostada nas costas de Eros, sinto-me feliz como nunca estive antes.



Chegamos a *Paestum*, que fica a cinquenta quilômetros de distância de Salerno. A antiga cidade de *Paestum* – traduzida como Pesto, igual ao molho – guarda três grandes templos gregos: o de Hera, Atena e Poseidon.

— Oh, meu Deus! — Eu não consigo desviar os meus olhos abismados das ruínas bem preservadas. — Um templo grego em plena Itália?

Eu sei que devo parecer uma criancinha recebendo o seu presente preferido, mas não posso evitar a empolgação.

— Achei que iria gostar de fazer essa visita — Eros me diz com um sorriso empolgado.

— Gostar? Homem! Eu estou em êxtase!

E para comprovar, isso salto em seu colo, feliz, e depois de rodear sua cintura com as minhas pernas, começo a encher o seu rosto de beijos, levando-o a rir mais alto.

Eros sabe a importância que a Grécia tem para mim, e poder ver, nem que seja um pedacinho dela, me traz emoções muito fortes e difíceis de explicar.

Recordo do conselho de Íris, de não ver nossa relação além do que uma experiência de viagem, mas cada vez mais fica muito difícil blindar o meu coração contra Eros.

— Bom... — Eros abraçou minha cintura quando o meu ataque acabou. — Já que ainda não estamos na Grécia, trouxe um pouco dela para você.

Viro-me e dou as costas a ele, para contemplar um dos templos. Suas mãos envolvem a minha cintura, e eu apoio a cabeça em seu peito.

— É tudo lindo — sussurro, emocionada.

Ele me dá o tempo necessário para absorver tudo, antes de começarmos nossa exploração.

— A história do lugar inicia em Magna Grécia. É o nome das antigas colônias gregas, no sul da Itália, no século VIII A.C.

Como um grego orgulhoso de sua história, Eros fica bem animado em compartilhar cada conhecimento que tem sobre o lugar, tornando-se o meu professor favorito.

— Essas colônias se desdobraram pelas regiões da *Campania*, *Puglia*, *Basilicata*, *Calabria* e *Sicilia*. Por volta de 600 A.C, a *Poseidonia* foi fundada — ele relata, enquanto andamos juntos, para o meu completo deleite e coração romântico, com as mãos unidas. — Seu nome é uma homenagem ao Deus dos Mares, Poseidon. Ali, construíram distritos residenciais e áreas públicas centrais com templos e outros espaços sagrados e políticos. Tudo isso ficava na grande praça chamada de Ágora.

A mitologia grega me fascina, e eu poderia ouvir um milhão de vezes as mesmas histórias, que sempre encontraria algo novo para me encantar.

— Por volta do século V, uma tribo do povo Lucano tomou o poder dos gregos. Eles mudaram o nome da cidade para *Paestum*, mas não mudaram quase nada no mapa da cidade. Até mesmo o idioma continuou sendo o grego. Então chegaram os romanos e eles, sim, transformaram a cidade. A área da Ágora precisou ser alterada para a construção de um Fórum Romano, centro da vida pública. Várias alterações também foram necessárias para apagar as memórias de uma cidade grega: o *heroom*, um túmulo simbólico e sagrado, foi coberto por uma construção e enterrado. O *ekklesiasterion*, que era dedicado a reuniões políticas, foi simplesmente coberto.

Chegamos ao Templo de Hera, e eu queria devorar cada detalhe que os meus olhos ansiosos tentavam registrar.

— Estes templos tiveram mais sorte. O culto a Atena, que é a deusa Minerva para os romanos, por exemplo, continuou. E os demais grandes templos também foram mantidos e adaptados. De Poseidon a Netuno e de Hera a Juno. Por fim, o nome da cidade foi de *Poseidonia* a *Paestum*.

Eros finaliza a empolgante aula de história dizendo que, do final da Idade Antiga até o início da Idade Média, os templos de *Paestum* foram transformados em lugares para celebrar a fé cristã. Porém, com o avanço da Idade Média, a população abandonou esta região e foi para a área das montanhas.

Do de Hera, depois de muitas fotos tiradas, passamos para os templos de Atena e Poseidon.

No último templo visitado por nós, não resisto à empolgação e faço uma ligação para Íris, e é claro que nós choramos juntas, lembrando da mamãe. Eros permaneceu o tempo todo ao meu lado, apenas assistindo em silêncio, entendendo a importância de tudo isso para mim.

Quando retornamos à moto, sinto como se os meus pés flutuassem, em vez de caminhar.

— Então? — Ele me abraçou, puxando-me para seu peito antes que eu pegasse o capacete. — Perdoado por ter sequestrado você?

— Não sei. — Envolvero o meu queixo com o indicador e o polegar, fingindo meditar. — Sabe que só consigo pensar melhor quando me beija.

Um gritinho feliz escapa de minha garganta quando ele literalmente me ataca. E, diferente do que disse a Eros, assim que sua boca cobre a minha, pensar fica em segundo plano.

CAPÍTULO 20



EROS

Já está mais do que provado para mim que Gaia é diferente de qualquer outra garota que tenha passado por minha vida. Sua honestidade com sentimentos e candura me encantam cada vez mais. Porém, confesso que fiquei um pouco apreensivo ao ter alugado este pequeno e simples chalé no meio do nada.

Não é nenhuma surpresa observar sua reação com a singela acomodação. A surpresa era que, sendo uma modelo, tendo oportunidades de se hospedar em lugares elegantes e luxuosos, como a sua suíte no Afrodite, por exemplo, ela ainda manifestasse entusiasmo com um lugar tão modesto.

— Você disse, na mensagem de ontem, que estava livre essa noite, então, tomei a liberdade de reservar a acomodação. Me precipitei?

— Definitivamente, não. É incrível como pensa em cada detalhe, Eros. Tudo está maravilhoso.

Certo, eu não cuido de cada detalhe sozinho. Há uma excelente e competente funcionária na Laskaris que faz todos os meus pedidos acontecerem como num passe de mágica. E esse é mais um fator acusatório em minha consciência, o fato continuar mentindo para Gaia, escondendo quem realmente sou.

E esse sentimento só tem ficado mais forte desde que estive em Atenas,

visitando os meus avós. Ao que Aquiles me explicou, e meu *pappoús* reafirmou depois, o estado de saúde da *pappóúdes* fica cada vez mais delicado.

“*Só existe uma coisa que irá fazer sua pappóúdes sentir o fogo da vida continuar ardendo nela, engóni...*”

Ver Aquiles e eu casados e enchendo a mansão Laskaris de lindos netinhos que eles pudessem paparicar, e assim encher de luz os seus últimos anos entre nós.

Aquiles tem mais resistência ao pedido dos nossos avós do que eu, mas ele os ama com a mesma intensidade, ao ponto de começar a reconsiderar, quem sabe, buscar uma boa jovem disposta a um casamento, mesmo que por contrato.

Nunca tive ilusões românticas e, antes de Gaia surgir em minha vida, talvez considerasse a ideia de Aquiles com o coração aberto. Só que desde que essa ruiva sedutora entrou em meu caminho vejo as coisas muito além da razão.

— Eros?

— Desculpe. O que estava dizendo?

— Sobre o jantar. Eu estava pensando que, em vez de sairmos para procurar algum restaurante, poderíamos fazer algo por aqui. O que acha?

Os dias solitários em que fico velejando me obrigam a cuidar de tudo por conta própria, isso incluía cozinhar. Não que eu seja um chef premiado como Oliver, mas consigo me virar muito bem.

— Acho a ideia excelente. Inclusive, tenho certeza de que a cozinha está abastecida.

Christine merece um aumento de salário, isso é o que preciso ressaltar a Aquiles.

— Já comeu *moussaka* e *dolmadakia*?

Diante de seu olhar desconfiado, explico que a comida grega é nada mais que um prato parecido com lasanha, mas a base é feita com batata ou berinjela. A nossa será preparada com a segunda opção. A camada de cima leva molho com leite, depois há camadas de berinjela e carne. O prato é feito no forno, servido quente, e possui textura leve e rica em sabor.

Já *dolmadakia* são folhas secas de videira recheadas com carne. Há também a versão que é recheada com verduras e que é servida frita.

— E enquanto colocamos a mão na massa — aviso, buscando a bebida.

— O melhor *raki* que seu paladar inexperiente irá provar.

Sirvo as duas doses, e quando Gaia está pronta para levar o drinque à boca, seguro a sua mão.— Vá com calma. É preciso ser muito forte para resistir a ele. E tem de repetir comigo: *Yamas!*

Que significa o mesmo que saúde.

— *Yamas!* — diz Gaia e, com olhar desafiador, leva a bebida aos lábios, tomando um longo gole que, rapidamente, faz com que comece a tossir e a se abanar.

Eu não estava tirando onda com ela. *Raki* é uma bebida alcoólica destilada que possui entre 40% e 45% de álcool, e tem gosto de anis e açúcar.

— Senhor, pensei que a cachaça fosse a coisa mais forte que eu já provei. — Ela faz uma careta, e eu sirvo outra dose, lembrando-a de ir com moderação.

Os minutos seguintes são divertidos, e eu fico surpreso por termos tanta sincronia na cozinha. Tudo com Gaia tem um toque diferente, tornando pequenas coisas interessantes.

— O Aquiles administra os negócios da família e faz isso muito bem.

— E você é o garoto dos barquinhos — ela provoca, balançando o talher em minha direção. — Sempre quis desenhar navios?

— Desde menino. Amo o mar, e quando estou velejando sinto que somos apenas ele e eu.

— Mas existem golfinhos, tubarões e todos os seres marinhos. Então você não está sozinho, nunca.

Sorrio pela observação dela. Já estamos finalizando a primeira garrafa de *raki*, e os efeitos da bebida começam a dar sinais em Gaia.

— Quer dar uma volta? — indago, levantando da mesa e ajudando-a a se erguer. — Acho que um pouco de ar puro fará bem a você.

O nosso passeio é igualmente interessante.

Gaia tem curiosidade por tudo, ou apenas gosta de me ouvir falar.

Não importa, nunca fui tão expressivo com alguém como sou quando estou ao lado dela.

— Essa vista é de tirar o fôlego — murmura ela, encantada.

— Realmente, é — afirmo, mas não estou olhando na mesma direção que ela.

Basta um segundo dos nossos olhares se cruzando para que o incontrolável fogo do desejo comece a queimar dentro de nós. No instante

seguinte, estamos nos beijando, e com as mãos afoitas e ansiosas, arrancando as roupas um do outro. Deito Gaia sobre o monte feito por nossas roupas na relva e, com os meus lábios famintos, começo a explorar o seu corpo cheio de curvas.

Os seios cabem perfeitamente em minhas mãos, e eu abocanho toda a fartura me sendo oferecida.

Porra!

Vejo que ela está fodidamente molhada, ao mergulhar dois dos meus dedos em sua boceta apertada.

— Isso! — Ouço seu gemido e em seu rosto retorcido confirmo o prazer que estou dando a ela. — Assim, *agapi-mou*.

Ouvir a expressão grega saindo de seus lábios trêmulos faz a fera dentro de mim, que eu tentava controlar, ganhar força. Cubro o seu corpo com o meu, beijo seus ombros, a curva do pescoço, o queixo delicado, até chegar aos lábios macios e tentadores.

Quando a tomo para um beijo profundo, mergulho em uma estocada dura em sua boceta quente.

Nossos quadris se movimentam juntos, buscando o ápice do prazer que nossos corpos estão desejando. Uno nossas mãos, colocando-as acima de nossas cabeças, e procuro seus lábios para um beijo intenso e cheio de paixão.

Invisto mais fundo.

Mais forte.

Profundo.

Somos duas peças se tornando uma só.

— Oh! — O grito de prazer de Gaia reverbera no silêncio da noite, e posso acreditar que ele alcança o céu estrelado sobre nossas cabeças.

Continuo em um ritmo mais acelerado, provocando um novo orgasmo nela e um explosivo estourando em minha cabeça. Enterro cada gota de meu gozo dentro dela, e Gaia me abraça apertado com suas pernas.

Tento jogar o mínimo do meu peso sobre ela quando, exaurido, caio em seu corpo.

Ambos temos as respirações aceleradas e o coração batendo mais forte.

— Isso foi... — ela começa a dizer quando deitamos lado a lado.

— Incrível — concluo, não conseguindo definir o que tivemos de forma diferente.

Nenhum de nós quer quebrar este momento mágico, assim, permanecemos em silêncio, observando as estrelas e a lua lindamente redonda no céu.

Somente quando nossos corpos começam a ficar frios e que noto Gaia começar a pegar no sono, aviso-a de que precisamos retornar ao chalé.

Entre beijos, risos e muitos ataques a ela, conseguimos colocar nossas roupas e caminhar de volta.

— Gaia? — Puxo-a para mim antes de entrar no chalé. — O que aconteceu há pouco... — Passos as mãos nos cabelos. — A gente não... Na verdade, eu não nos protegi.

Assim que ela assimila o que eu disse, a sua expressão ganha um ar aterrorizado.

— Eu me deixei levar pelo momento. — Seguro o seu rosto, impedindo que sua atenção se desviasse de mim. — Embora não me arrependa de nada, quero que saiba que qualquer coisa que acontecer...

— Não vai acontecer! — ela responde com uma convicção bem diferente do que os seus olhos demonstram.

— Mas se acontecer você vai me avisar, certo?

Vejo-a balançar a cabeça confirmando, e isso faz um pouco da minha preocupação diminuir.

Nada foi planejado, mas talvez, neste momento, o grande desejo do meu avô poderia estar se tornando realidade.

Droga!

Não era dessa forma que as coisas deveriam seguir. Gaia tem sua carreira e parece gostar dela. O melhor é esperar que nenhuma consequência dessa loucura venha realmente ocorrer. E que, se um novo Laskaris vier ao mundo, isso aconteça da maneira certa.

CAPÍTULO 21



Alguma vez eu já tinha acordado com um gigantesco sorriso no rosto?

Respondendo minha própria pergunta, nunca. Só depois de ter passado a noite inteira nos braços do grego mais lindo e sexy que eu já conheci. E por falar em grego gostoso, apesar do vazio ao meu lado na cama, vejo, decepcionada, a marca deixada pelo corpo dele no lençol, provando que eu não tive nenhum sonho erótico incrível, mas que vivi cada momento ao ser possuída por Eros em sua plenitude.

— Bom dia, *koukla mou*. — O cumprimento cheio de calor me faz virar em direção ao outro lado do quarto. — Dormiu bem?

Bem?

Eu nunca soube o que era dormir bem, até passar a noite com ele.

— Maravilhosamente — respondo com voz de preguiça, e nem me incomodo, ou me sinto envergonhada, quando me deito de lado, apoiando o cotovelo na cama para observá-lo melhor, e a coberta desliza por meu corpo, deixando os meus seios à mostra. — E você?

Toda mulher, em algum momento, sente certa insegurança com seu corpo, principalmente quando estamos tão expostas aos nossos parceiros. Mas o Eros me faz sentir tão bem. Ele não dá a mínima se tenho alguma celulite abaixo do bumbum ou das minhas curvas bem distribuídas. Quando

ele me olha, do jeito que está fazendo agora, como se quisesse me devorar com os olhos, eu me sinto sexy.

— O suficiente, e muito bem — responde ele, antes de largar o lápis e as folhas de desenho sobre o batente da janela.

— Parece que alguém acordou um pouco inspirado.

Recebo um dos seus incríveis sorrisos matadores que, rapidamente, me deixa toda derretida por ele.

— Nos últimos meses, eu vinha tendo sérios problemas com inspiração — diz ele e, como um felino estudando sua presa, vem andando, sedutoramente, em minha direção. — Mas desde que uma sereia entrou em minha vida, ideias é o que não me faltam mais. Na verdade, elas parecem transbordar.

— Hum, sereia? E essa tal sereia tem nome? — provoco, afundando os meus dedos na lateral dos cabelos dele, enquanto o seu corpo malhado cobre o meu.

— Com ciúmes da minha musa, *koukla mou*? — provoca Eros, entrando na brincadeira.

— Talvez eu tenha que dizer agora, enquanto ainda dá tempo de você abandonar o navio. — Faço um ar bastante sério, bem difícil de sustentar quando ele beija pontos sensíveis em meu pescoço que me fazem rir. — Sou muito, muito ciumenta.

— E eu tenho que dizer algo mais importante ainda. — Ele me encara, desta vez sem qualquer sinal de divertimento. — Esse marujo aqui nunca abandona o barco.

Há algo em seu olhar que, de alguma forma, me diz que ele está sendo sincero. Em todos os momentos que passamos juntos, tenho mantido em minha cabeça os conselhos de Íris, de não ficar sonhando em ter com Eros mais do que uma linda história romântica de cruzeiro. E que quando o navio chegar ao seu destino, daremos as mãos, e talvez role um longo abraço cheio de tristeza, antes de seguirmos vidas completamente diferentes.

Mas e se não precisar ser assim? Se não precisarmos ter que nos separar, pelo menos não tão rapidamente? Afinal, ele é da Grécia e eu pretendo passar o restante das minhas longas férias lá.

— Fico feliz em ser inspiração para você, Eros. — Afago seu rosto com carinho. — Pelo que vejo do Afrodite, você é extremamente talentoso.

— Talvez eu deva amarrá-la em minha cama — ele murmura,

esfregando o corpo no meu, e rapidamente noto o quanto o dele já está empolgado.

— Eu gosto mais do que faz em cima dela — sussurro, ousadamente.

Com isso, os meus lábios são atacados e nos perdemos em um beijo de arrancar nosso fôlego.

— Escuta... — Ele afasta os cabelos do meu rosto acalorado. — Sobre ontem. O que aconteceu depois do jantar...

Nós nos deixamos levar pela empolgação e não nos protegemos. É claro que uma gravidez não é algo que eu queira agora, mas há um fato mais importante a nos preocupar do que um bebê.

— Provavelmente você não vai acreditar nisso, Gaia, mas eu não costumo ter relações sem proteger a mim mesmo e a outra pessoa.

Eu não achava difícil de acreditar, porque eu também era assim. Aliás, toda essa aventura que estou me permitindo viver com Eros é um desafio.

— Acredito, e quero que saiba que antes de vir para o cruzeiro, fiz todos os exames médicos necessários.

Depois que a minha mãe ficou doente, ela nos incentivou a constantemente fazermos um check-up. E eu refiz a maioria de alguns exames para viajar tranquilamente.

— Sobre a outra possibilidade...

— Eu tomei remédio, Eros. Injeção. É um método novo para mim, mas estou segura.

Eu tinha que estar.

— Certo — ele murmurou, deitando-se ao meu lado.

Seria decepção o que senti em sua voz e olhar?

Não. Com toda certeza, deveria ser um alívio. Homens não lidam bem com surpresas, ainda mais uma que surgisse de uma aventura de férias.

— Sei que tem uma agenda cheia hoje. — Ele volta a olhar para mim e vejo surgir o descontraído Eros de poucos minutos atrás. — Então vamos para o banho. A gente toma café no caminho de volta ao navio. O que acha?

O meu dia cheio tratava-se, nada menos, de várias cabines para limpar, em vez de inúmeras sessões de fotos como Eros pensava. Não que eu tivesse vergonha do meu trabalho. O que me incomoda é continuar mentindo para ele.

— Ei? Será que a sereia poderia voltar à terra firme?

Quando voltarmos ao navio, essa será a nova promessa que me farei, de

encontrar coragem para contar a Eros que realmente sou apenas uma garota sonhadora buscando seu lugar no mundo, e não uma modelo com a agenda atribulada.



Depois de Salerno, tivemos três dias de navegação, e paramos em Istambul há dois dias. Está sendo um período bem complicado para conseguir passar o maior tempo possível com Eros. Algumas pessoas deixaram o navio antes do tempo; nem todo mundo consegue se adaptar à rotina pesada que é trabalhar em um cruzeiro. Isso fez com que eu fosse escalada para mais horas, e quando encontrava Eros, queria apenas aproveitar os meus momentos com ele. Como quando ele me levou de ferryboat até as muralhas antigas da cidade, pelo **Corno de Ouro, que** atravessa o **Estreito do Bósforo**, para explorarmos os subúrbios da Istambul antiga até a boca do **Mar Negro**.

Ver *Hagia Sofia*, a igreja da Divina Sabedoria e a linda Mesquita Azul ao lado de Eros, foi uma experiência que sempre guardarei na memória e no coração. Como também seria eternamente grata a Kali por ter ficado em meu lugar no trabalho, prometendo fazer tudo certo dessa vez, para que eu tivesse um dia livre e romântico com o grego lindo.

A parte que ainda me mantém angustiada com tudo, é não ter tido coragem de desfazer a confusão iniciada por Eros, ao supor que eu fosse modelo, que deixei seguir por tempo demais. Eu sempre prometia que diria a verdade a ele, mas parecia que nunca surgia a hora certa de ser sincera.

Assim, o tempo foi passando e eu me vendo cada vez mais presa nessa insuportável mentira. A história da Jennifer Lopez não parecia tão complicada no filme.

— Serviço de quarto — eu anuncio, batendo na porta.

Aguardo o instante necessário e bato mais uma vez. Como não há resposta, passo o cartão e entro na suíte. É um quarto novo em minha lista, e minha gerente solicitou muita atenção com todos os cuidados. Parece que é

uma pessoa importante e ligada à Laskaris.

— Ainda não falei com ele. — Estava começando a tirar minhas coisas do carrinho, quando vi a mulher sair do banheiro. — Seu irmão anda escorregadio. Mas agora estou aqui, e eu sei que esses dias no cruzeiro o farão ver toda a conexão que temos...

— Desculpe — falo apressadamente, disposta a começar a me afastar. — Eu não sabia que...

A jovem, muito bonita por sinal, faz um sinal para que eu fique.

— Aquelas são as minhas malas, pode retirar tudo e colocar no closet. — Ela aponta para as três peças ao lado da cama e volta a andar pela cabine com o telefone preso à orelha. — Tenha cuidado com os vestidos, verifique se precisam ser passados... eles são da nova coleção de Aristaeus Christopoulos, portanto, são caríssimos.

Por um instante, apenas a encaro sem saber o que dizer. Não faz parte da minha função desfazer suas malas ou cuidar dos seus objetos pessoais como se fosse sua funcionária particular. Então me lembro das recomendações da minha chefe e penso em quanto tempo realizar essa pequena gentileza irá me atrasar para as outras cabines.

— Não me venha com Felipa! — O tom totalmente irritado me chama atenção, mas concentro-me em atender o mais rápido possível o pedido dela e assim conseguir continuar as minhas tarefas já programadas. — Nossas famílias são amigas há anos. Nós temos negócios juntos e sempre nos demos bem. Além disso, existe a questão principal, o seu avô deseja um bisneto e estou disposta a esse sacrifício de dar a ele o tão sonhado herdeiro Laskaris, daqui a uns dois ou três anos.

Minha mãe sempre me dizia que era falta de educação ouvir conversas alheias, mas no caso da mulher, andando de um lado a outro da suíte, enquanto praticamente berrava ao telefone, seja lá com quem, era impossível.

— Por quê? Eu quero ter o meu marido só para mim por algum tempo. E seria uma grande tolice o seu irmão não enxergar que somos feitos um para o outro.

Desde que conheci Kali, casamentos arranjados não eram uma coisa imaginada apenas nos livros de romances que lia. No caso da minha amiga, entendo um pouco, há toda uma questão cultural e de tradição. Essa linda e jovem mulher me parece poder ter uma escolha, e o amor correspondido deveria ser a principal.

— O motivo de me ajudar, meu querido? — A voz tem um ar debochado, mas eu via em seu rosto que ela estava prestes a explodir em ira. — Simplesmente porque você é o mais velho e vai ficar na sua responsabilidade atender os pedidos do seu avô. Assim, me liga depois que meditar melhor sobre a minha oferta.

Quando a ligação é encerrada e o olhar furioso da jovem cai sobre mim, rapidamente desvio o meu foco e atenção para uma das malas que abri.

— Depois que terminar com isso, traga uma garrafa de champanhe. Depois de toda essa tensão com o mais velho do Laskaris, preciso relaxar na banheira.

Também não é uma tarefa minha fazer isso, mas dá para entender que a mulher é o tipo de pessoa que apenas ordena e espera que seus desejos sejam atendidos, como num passe de mágica, e nesse caso, quem carrega a cartola sou eu.

Ouçó-a murmurar alguma coisa em sua língua, antes de desaparecer para dentro do banheiro.

A mulher nem me cumprimentou e praticamente não tinha olhado na minha cara. Claro que, em se tratando da classe alta, havia pessoas esnobes, mas a maioria me tratava com mais consideração.

Querendo terminar o meu trabalho o mais rápido possível, pego o telefone em cima da mesinha ao lado da cama e faço o pedido da bebida. Já estou terminando de guardar as últimas peças de roupa, quando um funcionário chama na porta.

— Seu champanhe, senhorita.

Coberta por uma densa camada de espuma, a mulher nem se interessa em abrir os olhos e me encarar.

— Deixe aí, por favor.

Ao menos existia um resquício de educação, reflito ironicamente.

Após deixá-la sozinha, eu arrumo o quarto com rapidez, mas muito zelo, e saio da suíte o mais silenciosamente possível.

Eu tenho menos de duas horas para cuidar de mais três cabines. Pelo menos teria a noite livre e a manhã do dia seguinte de folga. Eros avisou que faremos um passeio diferente e, pensando sobre isso, com a mulher antipática completamente deixada de lado em minha cabeça, sigo feliz para cumprir minhas últimas horas de trabalho.

CAPÍTULO 22



EROS

Muitos artistas usam uma musa inspiradora para dar vida aos seus projetos, e a minha se chama Gaia Garcia. Cada linha traçada no esboço foi desenhada pensando nela, e até mesmo o nome do novo transatlântico tem influência dela. *A Jornada de Psiquê*. Foi assim que a chamei quando a vi pela primeira vez, na balaustrada, linda como uma deusa presenteando o mar com toda sua beleza e sedução.

O projeto ainda está no início, mas eu não contive a empolgação, enviando os primeiros esboços para Aquiles.

— O que você acha?

Encaro a tela do computador e aguardo ansioso pela resposta dele. Aquiles é um cara que quando quer, sabe manter muito bem as emoções escondidas, usando uma máscara de frieza. Ele deixa pessoas, que não o conhecem tão bem quanto eu, intimidadas. Para os negócios, isso é perfeito; no campo pessoal, me causa certa irritação.

— É bem maior do que o Afrodite — murmura ele, sem desviar a atenção da tela onde analisa o projeto. — O que significa que custará um investimento de quase o dobro do que foi feito nele. E ainda nem comecei a

analisar as inovações que você está implantando. Vamos passar da casa dos bilhões...

— Aquiles! Pode pensar um pouco menos em relação a gastos financeiros e avaliar apenas a qualidade do projeto?

Essa conversa não é nova para mim, e teremos muitas delas durante a produção do navio. É papel de Aquiles tentar reduzir os custos ao máximo, sem perder a qualidade, e o meu é garantir que nada em meu projeto seja cortado.

— Você disse o mesmo sobre o Afrodite, e só na primeira embarcação, no primeiro cruzeiro, recuperamos quase 30% do investido.

— Sim, mas os seus *bartenders* mecanizados, e até mesmo robôs de distribuição de informação, custaram uma pequena fortuna que não estava inicialmente dentro do projeto. Agora isso de...

— Somos os melhores do mundo e você quer continuar no topo. Então para de fingir que está com o pé atrás sobre o projeto e apenas me dê a carta branca para continuar.

Ele sorri e, neste momento, vejo que pelo menos a primeira disputa eu venci.

— É realmente incrível. Se tudo o que colocou realmente for possível tirar do papel — diz e me encara, exibindo orgulho —, vai ser bem difícil as outras companhias conseguirem nos alcançar. Mas ainda vou estudar alguns pontos.

É um acordo onde, momentaneamente, nós dois ganhamos.

— E de onde veio a repentina inspiração?

A minha resposta para Aquiles é interrompida com uma batida na porta.

— Eros, escuta, eu preciso te falar uma coisa.

— Aguarde um minuto, Aquiles. Preciso ver quem está chamando.

Não lembro de ter pedido nenhum serviço de quarto, e muito menos espero pela visita de alguém. A não ser que fosse Gaia, fazendo uma visita surpresa. Essa seria uma boa oportunidade de apresentá-la a Aquiles. Desejo fazer o mesmo com o restante da família, principalmente com o meu avô. Eu só esperava, antes disso, poder contar toda a verdade a ela sobre mim.

— Eros! — O cumprimento cheio de festividade é tão notável quanto a minha surpresa em vê-la.

— Felipa? O que faz aqui?

Eu nem tenho tempo de reagir à sua chegada inesperada. Como um furacão, ela invade minha cabine, sem esperar convite.

— Eu disse que viria encontrá-lo, não lembra?

Fecho a porta e esfrego o meu rosto. Recordo rapidamente de nossa última conversa no veleiro, quando Felipa realmente tinha falado em juntar-se a mim no final do cruzeiro. Eu não refuto a observação, porque não existia razão para isso. Eu ainda não tinha conhecido Gaia.

— Eu acho que você tem coisas a resolver, Eros. — Ouço a voz de Aquiles. que continuava na videochamada. — Nos falamos depois.

O programa de comunicação é encerrado e volta à tela inicial.

— Nossa, querido. — Felipa vem até mim em um caminhar sensual, depois envolve o meu pescoço com seus braços. — Assim parece até que não está feliz em me ver.

Ela não está exatamente errada sobre isso. Não que não gostasse de Felipa, nossas famílias convivem há bastante tempo e nós tivemos uma breve história juntos. O que me incomoda é que não tenho o mesmo interesse que ela tem por mim. E é o momento de ser bastante claro sobre isso.

— Felipa, você é bem-vinda aqui. Mas a gente precisa conversar. — Indico a poltrona para que ela sente, mas ela ignora a sugestão e continua grudada em mim. — Sei que acha que sente algo por mim...

— Acho? Eu amo você, Eros!

Droga! Eu nunca deveria ter permitido que nossa relação ultrapassasse a de velhos conhecidos que se gostavam devido à convivência.

— Não acredito que seja verdade, Felipa. — Seguro os seus pulsos e afasto os seus braços de mim. — E mesmo que realmente seja assim, não é algo que posso retribuir.

— Por que não? Temos tanta coisa em comum. Nossas famílias. O trabalho. E nos conhecemos desde pequenos.

São boas razões, mas agora vejo que não são suficientes. Ela é uma mulher bonita, atraente e muito inteligente, mas quando estamos juntos, não há o fogo e a explosão de quando tenho Gaia comigo. Nunca pensei tanto em Felipa como penso na linda garota ruiva, e minha amiga de infância nunca me causou um surto de inspiração.

A verdade é que estou me apaixonando por Gaia e, espantosamente, isso não me assusta.

— Se isso tudo não for suficiente para você — insinua, e sua voz

suaviza. Contudo, a firmeza em seu olhar expressa bastante sua determinação —, pense na sua avozinha doente e no seu avô, que respeita tanto. O sonho deles é vê-lo casado e com um neto...

— Não acredito que está usando isso para mexer comigo, Felipa.

Talvez, em outro momento, eu não encarasse como um golpe baixo e até mesmo fosse considerar suas observações, mas não hoje. Agora sei da necessidade de ter uma relação tão séria e duradoura com alguém movido pelos sentimentos.

— Nós podemos ter o bebê que seus avós tanto desejam. — Ela tenta se aproximar de mim, mas coloco distância entre nós. — Eu estou disposta a isso.

— Disposta? Uma criança não é como um dos vestidos caros que você compra. Um filho é uma grande responsabilidade.

E vejo claramente que Felipa não está pronta para isso. Ela ama o seu trabalho e a vida badalada que tem. Desejo que a mãe do meu filho, assim como eu, se dedique à sua criação, como os meus pais fizeram comigo e Aquiles. Seremos pais presentes.

— Isso não me faria casar com você, nem mesmo pelo pedido do meu avô. — Acredito que estou sendo o mais sincero possível. — Além disso, conheci outra pessoa.

— Você... — ela balbucia, completamente chocada. — Conheceu alguém? Quando isso aconteceu, Eros? Passou esse tempo todo enfiado naquele veleiro e depois veio para o navio.

— Não que eu te deva explicação de com quem saio, mas em respeito a toda nossa trajetória, farei isso pela última vez. — Não fico feliz em ser tão frio com Felipa, só que não vejo forma de ela entender de outra maneira. — Eu a conheci aqui no navio. O seu nome é Gaia, e desde então estamos nos conhecendo melhor.

— Gaia? Ela é grega?

Essa é mais uma coincidência nos unindo. Porém, como Gaia sempre conta, sua mãe foi uma apaixonada pela Grécia, estendendo esse amor às filhas, e daí vem a escolha do nome.

— De onde ela é? O que faz?

— É do Brasil, e é modelo.

— Modelo? Não é você que sempre me dizia querer ficar distante dessa gente?

Isso é verdade. Só que, apesar da profissão, Gaia é uma garota simples.

— Conheço você, Eros. Vai perder o entusiasmo por essa garota antes mesmo do cruzeiro acabar. Já vi acontecer outras vezes.

Isso não é verdade. Não dessa vez, porque o meu interesse por Gaia apenas cresce, conforme a conheço mais. A química que temos, Felipa nunca conseguirá entender, a menos que realmente se apaixone por alguém e não idealize um amor, como faz comigo.

— Felipa, acho que isso só diz respeito a mim — aviso com firmeza e caminho em direção à porta, abrindo-a em convite para que ela se retire. — Já disse tudo o que era necessário.

O olhar magoado rapidamente se torna frio. Não desejava que nossa relação terminasse assim, mas é melhor cortar as esperanças de Felipa de uma vez por todas.

— Você sabe que o seu nome e o seu dinheiro podem atrair todos os tipos de oportunistas. E...

— Sou mais do que o nome Laskaris e os números em minha conta bancária, Felipa — asseguro, dando a ela um olhar firme e duro. — Acho que a única que está tão preocupada com isso aqui é você.

Gaia não faz a menor ideia de quem sou. E, sinceramente? Acredito que mesmo que soubesse que pertenço a uma das famílias mais ricas e tradicionais da Grécia, ainda me veria como Eros, o homem que desenha navios e é apaixonado pelo mar.

— Você está errado, e eu vou te provar isso — garante ela, só que não tenho tempo ou estou disposto a levar sua ameaça infantil em consideração. — Eu prometo isso. Ainda vai me pedir desculpas, Eros.

Quando ela se retira, pisando duro, fecho imediatamente a porta e depois apoio minhas costas nela, respirando fundo.

Agora o único peso em meus ombros é revelar de uma vez por todas o meu segredo a Gaia.

CAPÍTULO 23



GAIA



Foi um dia bastante cansativo de trabalho, mas depois de um banho revigorante e de alguns minutos de cuidados com a pele, sinto-me nova e pronta para a aventura que Eros está planejando para nós.

Ele pediu que eu me vestisse de forma confortável. Assim escolho, no meu pequeno guarda-roupa, um vestido de crepe branco, na altura dos joelhos. As mangas são duas tirinhas que se cruzam em minhas costas, e ele possui um decote que, apesar de não muito profundo, revela a linha dos meus seios, dando-me um ar sexy.

Tomo cuidados extras com meus cabelos. Eros constantemente os elogia, assim deixo-os escovados até que fiquem sedosos, caindo por minhas costas. Depois faço a maquiagem. Nada muito exagerado, deixando apenas os meus olhos verdes mais destacados. Passo perfume em meus pulsos e nos pontos atrás das orelhas. Quando coloco as sandálias e me olho na frente do espelho, penso que o colar, que ganhei da mamãe e perdi, seria um bonito acessório em meu pescoço.

Não quis que Eros me buscasse na cabine de Kali, estou cansada de me enfiar cada vez mais nessa mentira da qual não consigo escapar, por isso que, no horário marcado por ele, cheguei na entrada do navio.

Eu o reconheceria em qualquer lugar, mesmo em meio à multidão. Tem

algo em Eros que me guia para ele. Mesmo se eu estivesse de olhos vendados, seria conduzida por essa força invisível nos atraindo.

Ele está de costas para mim. Caminho o mais silenciosamente possível, e quando estou perto o suficiente, faço uma pequena brincadeira boba, colocando a minha mão sobre os seus olhos.

— Dedos delicados, mão macias... — ele murmura, entrando no jogo.
— Psiquê?

Já que ele me chama assim muitas vezes, Eros não está completamente errado, mas eu balanço seu rosto de um lado a outro, indicando que não sou a Psiquê.

— Então é Partenópe?

Na mitologia grega, Partenópe, a que tem rosto de menina, “menina-virgem”, era uma sirena ou sereia, que segundo o mito teria fundado a cidade de Partenope, que mais tarde seria fundada com o nome de Neápolis (cidade nova), onde atualmente é a cidade de Nápoles.

Movo novamente o seu rosto, e desta vez não consigo segurar o riso, tanto pela comparação que ele faz comigo, como por ele puxar uma das minhas mãos e morder a palma.

— Você só tem mais uma tentativa — sussurro bem no canto de seu ouvido.

Não era para minha voz ter saído tão sexy, mas Eros faz isso despertar em mim com muita naturalidade.

— O que eu ganho se acertar a resposta?

Hum... droga. Eu não tinha pensado nessa parte. O grego astucioso não deixaria passar em branco.

— Que tal um dia inteiro com uma linda jovem?

— O dia inteiro com uma linda jovem — ele repete com a voz morosa.
— Com direito a fazer o que eu quiser.

Sempre que estou com Eros, deixo-me levar por ele e seu magnetismo forte. Gosto da sensação de me sentir protegida, cuidada e amada por ele. E apesar de entregar-me sem reservas, nunca estive completamente em suas mãos, nem nas de ninguém.

— Tudo o que não provoque dor, risco à vida ou à saúde e...

— Gaia... — ele diz meu nome com humor e vira de frente para mim.
— Vou cuidar bem de você.

Faz tanto tempo que alguém não cuida de mim, pelo contrário, nos

últimos anos, principalmente meses, fui eu, com a ajuda de Íris, que cuidei da nossa mãe doente.

— Então acho que sou toda sua, Eros, filho de Afrodite.

Sorrimos como dois adolescentes falando de sua banda de rock favorita.

— Você está muito bonita.

Ele também está espetacularmente lindo, em uma camisa azul clara que evidencia a estrutura musculosa e calça de linho branca.

E neste momento, ao olhar para seus olhos azuis tão profundos, não tenho mais como negar. Estou me apaixonando, perdidamente, por Eros.

— Obrigada. Vindo de alguém que já nasceu assim, é um tremendo elogio.

Sorrimos.

Busco em seu rosto algum sinal de que ele possa estar sentindo o mesmo, e vejo o seu sorriso começar a desaparecer e ele ficar tenso quando olha em direção às minhas costas. Não sei se vê alguém ou algo que o incomoda. Viro para trás, querendo saber o que é, mas antes que eu possa procurar entre os rostos desconhecidos o que tinha chamado a atenção de Eros, ele segura firme o meu braço, fazendo-me começar a caminhar.

— Vamos embora.

Espero descer a rampa do navio para me dirigir a ele.

— Está tudo bem? — Coloco gentilmente a mão em seu braço. — Acho que viu algo que o preocupou.

Quando começamos a andar pelo cais, ele começa a relaxar.

— Não era nada importante.

Talvez ele tenha visto alguém do trabalho e não quisesse que essa pessoa atrapalhasse nossos planos.

Quando Eros perguntou se eu teria o fim da tarde e a noite livre, pensei que ele tivesse planejado algum passeio em Istambul, já que é a nossa última parada antes de chegarmos a Atenas. Isso me faz lembrar que nosso tempo juntos está se esgotando e eu continuo presa ao medo do início. Até Kali já conseguiu ser sincera com Steve. Os dois descobriram que o que sentem é forte o suficiente para enfrentarem a família dela pelo desejo de ficarem juntos.

— Então, o que acha? — Eros faz a pergunta a mim quando paramos em frente a um veleiro.

Desvio a minha atenção do seu olhar cheio de expectativa e encaro a embarcação à minha frente.

— Ele é lindo. É seu?

— Sim. — Eros estende a mão e com cuidado me ajuda a subir. — Passo mais tempo nele do que no meu apartamento em Atenas.

Conforme caminhamos e ele vai me mostrando cada detalhe, consigo compreender o que disse. É uma pequena e confortável casa no mar.

— Depois de ter ficado tanto tempo navegando, acho que gostaria de passar mais tempo em terra firme — diz ele a mim, um tanto inseguro se tomou a decisão certa ao me trazer aqui. — Mas velejar é algo bem importante para mim, Gaia, e eu gostaria de compartilhar um pouco com você.

Eros mostrar essa parte tão íntima e que ama tanto de si, é mais uma prova de que o que estamos vivendo é algo muito forte para nós dois. E isso me faz sentir especial para ele.

— Tenho certeza de que eu vou amar, Eros — murmuro com sinceridade, e isso o faz passar seus braços em torno de minha cintura, puxando-me para ele. — Qualquer coisa com você é sempre maravilhosa.

— Garota, o que eu faço com você?

Eu tenho algumas ideias em mente, mas quando seus lábios exigem os meus, minha mente vira gelatina.



Descobri que gosto de velejar, ou que amo velejar com Eros. É divertido, ao mesmo tempo que tem um efeito calmante na gente.

— Não. Precisa mover dessa forma. — Ele ensina, pressionando ainda mais o peito contra minhas costas, para assim poder explicar na prática como devo fazer as velas se moverem. — Se quiser que vá para a esquerda, faça assim. E para a direita, deste jeito.

Passamos a última hora com Eros me ensinando todas as coisas básicas para a navegação. E eu posso ficar o dia inteiro fazendo isso.

— Acho que por ora está bom, e você pode tentar novamente mais

tarde. Vai levar um tempo até que se acostume e pegue o jeito.

A forma que ele fala implica que faremos isso outras vezes no futuro, e que depois de amanhã, a noite não será o fim para nós. O que enche meu coração de novas esperanças.

Voltamos para o interior do veleiro. Aqui dentro é como uma pequena casa. Há cozinha, uma sala de descanso, quarto e banheiro, onde seguimos para um banho.

Cozinhamos juntos mais uma vez, dessa vez pasta com peixe grelhado. De sobremesa temos sorvete, e quando o jantar finaliza, vejo Eros surgir com uma garrafa elegante.

— Champanhe, desta vez. — Ele me entrega uma taça antes de abrir a garrafa do espumante.

As bolinhas feitas pela bebida pinicam meu nariz, fazendo-me rir, mas o sabor é delicioso. Estamos indo para a segunda taça de champanhe quando Eros se dirige a um aparelho de som e uma música suave começa a tocar, quebrando o silêncio do ambiente.

— Dança comigo?

Eu não preciso de convite para estar nos braços dele. Deixo a minha bebida sobre um balcão e me afundo nele. Não sei se dançamos ou apenas deixamos nossos corpos se moverem lentamente em um ritmo sensual.

Eros desliza a mão por minhas costas, e eu afago o meu rosto em seu peito largo, sentindo o perfume gostoso da loção pós-barba. Ouvindo cada batida forte do coração dele, vou movendo os meus dedos por dentro de sua camisa, enquanto nossos corpos estão na mais completa sintonia, roçando-se com sensualidade.

Eu me derreto em seus braços com suas carícias em minha pele em brasa, e Eros está cada vez mais excitado. Noto isso ao sentir a evidência roçar um pouco abaixo do meu estômago, e quando sua mão desce, pressionando gentilmente a minha bunda e ele impulsiona o quadril contra mim.

Tremo da cabeça aos pés, e suas mãos fortes me sustentam quando as minhas pernas perdem um pouco das forças. Aninhando-me ao seu corpo forte, agarro-me aos ombros largos, deleitada por estar em seus braços.

Uma onda de desejo percorre o meu corpo. Eros se inclina sobre mim, esfregando o nariz em uma curva sensível do meu pescoço.

— Você tem um cheiro tão bom. — Sua língua toca a minha pele e um

calor corre por mim. — Acho que nunca conseguiria esquecer dele.

Pois eu amo o cheiro, o gosto e o toque que Eros tem, e cada um dos meus sentidos ficam aguçados com ele.

— Gaia... — Seu olhar tem um brilho embriagado ao se fixar o meu.

E quando ele me beija, pressionando o meu corpo ainda mais contra sua ereção, um gemido carregado de desejo escapa por meus lábios.

As nossas roupas rapidamente começam a ser arrancadas de nossos corpos por nossas mãos ávidas.

Eros me encara com inegável desejo, e uma das mãos se fecha ao redor do meu seio. Esfrega gentilmente o mamilo, deixando-o duro, e um gemido reverbera por mim quando ele continua sua exploração, desta vez com a boca.

Ele se ergue novamente, e eu me deleito com sua perfeição nua. Acaricio toda extensão do abdômen trabalhado e isso o faz contrair e afundar os dedos mais forte na pele de minha cintura.

Beijo seu peito, pescoço, chegando à boca, que busca a minha com exigência e possessividade. E enquanto nos entregamos a um beijo cheio de luxúria, sinto a mão de Eros afastar as minhas coxas e o seu polegar acariciar a parte mais sensível do meu corpo.

Sem aviso, os meus pés são arrancados do chão, e Eros nos conduz em direção ao quarto. Vejo-me deitada de costas na cama macia e sinto o corpo vibrante dele cobrir o meu.

Nos acariciamos, arrancando gemidos um do outro. Quando estou a ponto de implorar que Eros me possua, ele se afasta, buscando um preservativo, e após colocá-lo, mergulha fundo dentro de mim, arrancando um grito de prazer.

Seus olhos estão mais escuros devido à intensidade das emoções, e Eros emite sons guturais ao mover-se dentro de mim.

Forte.

Profundo.

E eu me deixo ser possuída por ele, entregando-me de forma absoluta.

— Isso! — gemo alto quando suas investidas ganham ainda mais densidade e entusiasmo.

Somos como animais selvagens entregando-nos ao nosso lado mais primitivo, e isso é muito quente.

Então um orgasmo intenso explode dentro de mim, consumindo-me de

forma esmagadora. Eros deixa o dele fluir, emitindo sussurros que continuam, até que o seu corpo cai sobre mim e os gemidos se tornam murmúrios fracos, causados pelo prazer.

Em seguida, Eros beija-me com doçura nos lábios e me envolve em seus braços. Com um sorriso satisfeito, pouco a pouco vou deixando os meus olhos se fecharem.



Cada minuto que estivemos no veleiro foi perfeito. Nós nadamos, fizemos amor inúmeras vezes e passamos muito tempo abraçados, apenas contemplando a imensidão do mar. Se pudesse escolher, ficaríamos aqui para sempre.

— Depois de amanhã, será o baile de encerramento do cruzeiro — Eros relembra, passando os dedos suavemente pelo contorno do meu braço.

Precisamos sair da cama, mas nenhum de nós parece ter coragem ou vontade para isso.

— Sim. A Kali nos convidou para dividir a mesa com ela, no salão principal.

Quando o encaro, vejo que está considerando a oferta. Eu tinha dito à minha amiga que talvez ficar em um ambiente cheio de pessoas ricas e elegantes não deixasse Eros muito confortável. Depois de todas essas horas juntos, velejando com ele, percebo como é uma pessoa de gostos simples e vida pacata. Acho que, além de toda essa atração devastadora quando estamos juntos, sua calma é uma das grandes coisas que nos torna perfeitos um para o outro. Amamos levar uma vida tranquila.

— Acho que pode ser uma boa ideia.

Algo no olhar dele me diz que Eros está aprontando alguma coisa, e como as surpresas dele são sempre muito românticas, não fico preocupada com isso. O que me deixa um pouquinho apreensiva é saber como ele irá lidar quando eu contar toda a verdade.

Estava decidida que não deixaria o Afrodite sem ser completamente

honestas sobre quem realmente sou.



O retorno ao navio tem um gostinho melancólico, mas há trabalho demais para fazer e tempo nenhum para lamentar o fim da viagem. Um claro aviso disso é o radinho de comunicação, preso ao carrinho de limpeza, tocando.

— Gaia, pode ir à suíte 37?

Ela não está na minha programação hoje, mas minha gerente diz que existe uma urgência. É a cabine da jovem desagradável do outro dia. Queria passar a tarefa para outra pessoa, mas todos estão atarefados, a ponto de que já nem conseguíamos trabalhar em dupla.

— Serviço de quarto — aviso, olhando a porta entreaberta.

— Pode entrar, por favor.

Não esperava pela gentileza e fico sem jeito, imaginando se não tinha julgado precipitadamente a mulher como rude.

— Em que posso ajudar, senhorita?

Ela me encara por um longo tempo, o suficiente para eu me sentir analisada e constrangida.

— Ah, sim. Acidentalmente, derramei uma taça de vinho no tapete. Pode me ajudar com isso?

— Claro, senhorita — aquiesço e me dirijo ao carrinho, buscando todo material necessário para amenizar a mancha no tapete claro.

Enquanto me ajoelho para esfregar o produto no tecido, a mulher caminha ao redor de mim. Não tenho problema em executar o trabalho se tiver algum dos hóspedes dentro da cabine, embora o protocolo fale o oposto. Na verdade, raramente acontece, porque sempre entramos com os ambientes vazios. Mas há algo nesta mulher, na forma que me encara e me observa, que me deixa apreensiva.

— Provavelmente o tapete terá que ser removido. Vou pedir que alguém da lavanderia cuide disso, tudo bem?

— Está ótimo. Você foi muito atenciosa. — A voz extremamente gentil, de alguma forma, não me soa sincera. — Escuta, querida. Qual o seu

nome? Eu quero fazer boas recomendações.

Não seria necessário. Assim que voltei ao navio com Eros, pedi demissão do trabalho. Só que, devido ao desfalque dos últimos dias, minha chefe pediu que ficasse até pelo menos esta tarde, devido ao baile. E como todos os viajantes teriam que deixar a embarcação no dia seguinte, o restante do staff teria tempo para dar conta de todo trabalho que restasse.

E como eu tinha também abusado da confiança dela, colocando Kali para trabalhar em meu lugar, não pude recusar o pedido.

Mas apesar de ter amado cada dia e experiência que o Afrodite me trouxe, trabalhar em navios não está mais em meus planos.

— Gaia, senhorita — respondo, mais por educação, e mostro a ela o meu crachá de identificação. — Gaia Garcia...

— Humm... Gaia — ela repete. A forma como medita sobre o meu nome soa estranha. — É um nome grego, sabia? Mas você não é grega.

— Sou brasileira.

— E trabalha aqui como camareira. — Há algo no seu tom de voz que não entendo o significado. — Interessante.

Talvez o meu trabalho fosse considerado de baixo nível para alguém como ela. De qualquer forma, somente o que eu penso realmente deve me importar, e acho o trabalho digno como qualquer outro.

Além disso, como o meu santo não tinha batido com o da jovem desde o momento que a conheci, concluo que estou apenas imaginando coisas em minha cabeça. Afinal, qual seria o interesse dela em mim e no que faço?

— Deseja algo mais, senhorita?

— Não. Agora já tenho tudo o que preciso — disse ela, pegando os óculos de sol, a bolsa de praia em cima do balcão e seu celular. — Nos vemos por aí, Gaia.

Ignorando esse encontro estranho, dirijo-me para a cama que decido começar a arrumar primeiro, e quando pego um dos travesseiros para trocar a fronha, ouço a porta bater fortemente. Não sei se a mulher a tinha deixado aberta e o vento a bateu, ou se alguma coisa tinha retardado a saída dela.

De qualquer forma, não importava, eu tenho muito trabalho para me preocupar antes de começar a me preparar para a noite mais importante da minha vida.

CAPÍTULO 24



EROS

O meu passeio de veleiro com Gaia foi perfeito e apenas me deu a inegável certeza de que o meu avô sempre teve razão: a mulher perfeita para mim realmente existia e ela ama os barcos e o mar tanto quanto eu.

Eu sei que os meus avós têm pressa de me ver em um casamento com direito a crianças a caminho, mas com Gaia eu me vejo desejando tudo o que nunca imaginei ter com outras garotas. De encontros românticos a longas e divertidas aventuras em alto-mar. No final, os seus sentimentos por mim se transformaram em algo tão forte como o que já começo a nutrir por ela.

Sei que saber quem sou irá chocá-la e até mesmo magoá-la por não ter sido sincero desde o início, mas tudo o que vemos e vivemos durante o cruzeiro, cada momento importante que marcamos, que compartilhamos juntos, com certeza é muito maior do que a minha mentira em esconder que sou um Laskaris.

Antes que o baile terminasse essa noite, a verdade seria revelada, e logo que tiver o perdão de Gaia, eu a convidarei para ficar em Atenas comigo, apresentando-a a todos que amo e a um pouco mais do meu mundo. E, a cada dia, prometo fazer com que ela sinta que somos feitos um para o outro.

— E quando você irá chegar, *engóni*? Sua avó anda com muita saudade

de você.

— Amanhã à tarde — respondo, desistindo de colocar a gravata com apenas uma das mãos. — E não vou sozinho.

O silêncio que surge em seguida já me é esperado. Inicialmente eu tinha pensado em fazer uma surpresa, surgindo com Gaia na casa da família, mas levando em conta que os meus avós já estão bem idosos, acredito que emoções fortes e inesperadas devem ser evitadas para eles.

— Um amigo? Aposto que é o Oliver. Tenho saudades daquele francês.

— Você tem saudades do Oliver ou das comidas que ele faz? — indago com humor.

— E há alguma diferença?

Vovô está apenas provocando. Oliver é meu amigo há anos e suas visitas sempre levam alegrias a todos da família, principalmente aos meus avós.

— Não é o Oliver... — pigarreio, limpando a garganta. — Alguém um pouco mais especial neste momento.

Ouvir isso de mim é uma revelação e tanto, já que as pessoas mais especiais em minha vida são minha família e alguns amigos fiéis.

— Você a encontrou, *engóni*? — O tom emocionado causa a mesma emoção em mim. — Quem é a garota?

— O nome dela é Gaia, *pappoús*.

— E ela é grega?

— Apesar do nome, não. É brasileira. Isso é um problema?

Ouço um bufar e só noto que mantive a respiração presa quando escuto o meu avô começar a rir.

— Em que século você pensa que vivemos, garoto? É claro que não. Contanto que ela queira ter filhos com você, e logo, pode ser até marciana.

Apesar do alívio proporcionado pela resposta do meu avô, sobre a nacionalidade da Gaia não importar para ele, a segunda coisa que me disse chama a minha atenção. Embora tenhamos tido aquele deslize naquela noite, Gaia garantiu que não havia possibilidade de uma gravidez por acidente. E como era modelo, significava que ela sabia como se cuidar. Mas não conversamos sobre bebês, nem se ela desejaria isso em um futuro breve. Uma gestação a deixaria por um tempo longe da profissão, principalmente quando os sinais comessem a surgir.

Não. Nas raras vezes que conversamos sobre isso, Gaia afirmou que via

no emprego uma oportunidade de viajar e conhecer o mundo. Quando nos casarmos, e até antes disso, vou continuar proporcionando isso a ela. E como já trabalhou com crianças antes, acredito que ela deseje ter as suas algum dia.

— E como foi que se conheceram?

Resumo rapidamente como foi nosso encontro, enquanto o meu avô escuta cada palavra com atenção.

— Foi em um navio que sua avó e eu nos conhecemos também. Que vocês sejam tão felizes como nós somos.

— Hum, vovô... preciso te contar uma coisa.

Quando conto sobre a minha mentira, ele não fica nada feliz.

— Por que fez isso, *engóni*? Eu não sabia que ser um Laskaris trazia tanta vergonha a você.

A mágoa encravada em sua voz me traz uma nova onda de arrependimento.

— Não me envergonho, vovô, pelo contrário. Mas ser um Laskaris tem seu peso e responsabilidade. Além disso, as pessoas nunca são as mesmas quando anunciamos quem somos e... eu só gostei de como ela me via, entende? Somente como Eros, um cara qualquer, desenhando navios e apaixonado pelo mar.

— De certa forma, entendo. Acha que Aquiles se sente da mesma maneira?

— Aquiles? — Desta vez sou eu a dar risada. — Definitivamente, ele ama ser um Laskaris e usufrui de tudo que pode.

Não que o meu irmão seja um playboy idiota. Ele trabalha duro, mas também usa sem nenhuma cerimônia os privilégios que nossa fortuna e status dão a ele. Como ter qualquer mulher que desejar, carros e roupas caras, viagens em seu próprio avião e helicóptero, e a lista segue. Como um importante CEO do setor marítimo, todas essas coisas são tão esperadas como necessárias.

— Bom, você irá consertar tudo com a jovem, não é?

— Essa noite. E amanhã o senhor irá conhecê-la.

Eu sei que os meus avós ficarão tão encantados com Gaia como eu estou por ela.

Encerrada a ligação com meu avô, dou o nó na gravata. Pego os meus pertences e estou a caminho da porta quando a campainha avisa que tenho visita.

— Felipa.

Desde a nossa última discussão que não nos falamos mais. Quando ela me viu com Gaia, na saída do navio, temi que, por retaliação, Felipa fosse denunciar quem sou, estragando tudo entre a gente. Então antes que ela pudesse se aproximar, levei Gaia para longe dos seus olhares furiosos.

— O que está fazendo aqui?

— Pensei que tinha me dispensado como namorada, Eros. Foi como amiga também?

— Será sempre bem-vinda em minha vida como uma amiga.

Eu a conheço há bastante tempo. Vi os melhores e piores momentos de Felipa. Não desejo afastá-la da minha vida, apenas não posso corresponder aos seus desejos amorosos. Se ela entender isso, poderemos voltar a ser bons amigos.

— Eu fico feliz. — Ela sorri, em seguida leva as mãos delicadas ao meu pescoço, ajustando melhor a gravata. — Então não vai se importar de irmos juntos ao baile, certo?

— Felipa...

— Ouça, Eros, sei que confundi as coisas. É que você sempre foi maravilhoso comigo e achei que pudéssemos... A minha família esperava que nós...

Como crescemos juntos, que um dia nos tornássemos um casal. Para mim isso sempre foi coisa de mães românticas e casamenteiras.

— Só quero conhecê-la e me redimir com você. Além disso, como prova da minha boa vontade, quero fazer uma proposta a ela.

— Uma proposta?

— Há algum tempo busco um rosto para a Laskaris, sabe? Grandes marcas fazem isso.

— Não somos uma empresa de moda.

— O marketing é necessário em qualquer lugar, querido. Dar um rosto a Laskaris irá aproximar o nome do público. E a sua namorada poderá ficar um tempo mais em Atenas. Posso ajudá-la a se adaptar melhor à nossa cultura, e quem sabe nos tornemos grandes amigas. O que acha?

Vendo dessa forma, e se Felipa estiver mesmo sendo sincera, oferecer essa oportunidade de trabalho a Gaia nos tornará ainda mais próximos e dará a desculpa perfeita para que fique na Grécia por um longo tempo.

— Tudo bem. Mas sobre a oferta de trabalho, isso tem que ser uma

decisão exclusivamente dela — aviso e, antes de deixarmos a cabine, olho seriamente para Felipa. — E preciso ter alguns minutos com Gaia assim que ela chegar ao salão. Há uma coisa que preciso contar.

— Vou me comportar. — Ela sorri, mas há um brilho intrigante em seus olhos que me deixa receoso. — Prometo!

Talvez eu apenas esteja nervoso com o momento de revelar a verdade a Gaia. É somente nisso que tenho que me concentrar.

Só que, enquanto os minutos se arrastam, fica cada vez mais difícil segurar o nervosismo. As minhas mãos nunca tinham suado tanto antes e nem meu coração batido tão forte em meu peito.

— Bem, olhe ali. — A voz de Felipa desvia a minha atenção do mar de pessoas onde estive procurando por qualquer sinal de Gaia. — Sua musa inspiradora chegou. Não é a cara da Laskaris? Ou talvez ela seja apenas... ou eu que vejo outra coisa...

Já não presto a mínima atenção no que Felipa diz. Os meus olhos se fixam em Gaia. Completamente hipnotizados e encantados com sua beleza devastadora.

Estou apaixonado por ela, e é impossível continuar negando isso.

CAPÍTULO 25



GAIA



— Pronto. Está linda, Gaia, como se fosse o dia do seu casamento — Kali murmura com sua típica empolgação. — Não como em um casamento indiano, claro. Falta cor e um pouco mais de brilho, mas, ainda assim, está perfeita.

O vestido branco, com detalhes prateados e em estilo grego, chamou minha atenção desde que o vi na vitrine, há alguns dias. O que não chamou em nada a minha atenção foi o preço, um pouquinho acima do que costumo gastar com roupas, mesmo para ocasiões especiais como a de hoje à noite. Só que não consegui resistir. Trabalhei muito durante a viagem, e tirando os presentes para Íris, que eu fazia questão de pagar. Em todos os passeios feitos com Eros, ele insistia em pagar as despesas. Assim consegui economizar mais do que tinha me programado. Valia a pena ter o vestido e ficar linda para a festa de encerramento.

Embora a oferta de Kali fosse gentil, oferecendo-me uma de suas dezenas de opções dentro do closet, quero usar algo meu.

— Bem, eu me sinto tão nervosa como no dia do casamento — aviso a ela, enquanto sou direcionada de frente ao espelho. — Obrigada pela ajuda com a maquiagem, Kali. E por tudo o que fez por mim até hoje.

— Ajudamos uma a outra, Gaia, e se não fosse você, eu não teria me

dado a oportunidade de conhecer o Steve e nós não teríamos nos apaixonado. Agora vou me casar com o homem que realmente amo, e não importa o que minha família possa pensar.

— Eu fico realmente muito feliz por você, Kali. Por tudo ter dado certo no final.

Conhecer Celeste e Kali foi uma grata surpresa que o trabalho nos dois navios de cruzeiro trouxe para mim. E Eros foi o maior presente de todos. Independente da decisão dele depois que eu revelasse a verdade sobre quem realmente sou, cada momento nosso juntos ficará em minha memória e coração para o resto da minha vida.

— Não se preocupe, Gaia. Veja como está linda. — Viro na mesma direção que Kali no espelho. — Quando Eros colocar os olhos em você, nada mais terá tanta importância.

Eu me agarro à mesma fé que ela. Nós estivemos na mesma situação, e eu só espero que Eros possa gostar de mim, ao menos um pouquinho do tanto que Steve ama Kali, a ponto de estar disposto a enfrentar o mundo inteiro para ficar com ela. Em nosso caso, no meu e no de Eros, não existem famílias e nem uma cultura inteira contra a nossa união.

— Eu acho que você tem razão. — Seguro sua mão, que me conforta, e vamos em direção às nossas bolsas. — Vai ficar tudo bem. Agora vamos ao baile.

O clima no navio é tanto festivo como saudosista. Todos estão ansiosos em voltar para casa, ao mesmo tempo em que desejam continuar neste mundo mágico.

— Uau! — Steve, que está em um terno bastante elegante, o primeiro que vejo-o usar desde que o conheci, vem nos encontrar com olhares admirados. — Vocês estão lindas. Eu não sei se serei seu par, Kali, ou seu guarda-costas.

Ela dá aquele sorrisinho de mulher apaixonada recebendo elogios, e os dois prontamente iniciam cochichos e elogios românticos.

— E o Eros? — indaga Steve.

— Tentando me recuperar do baque. — Ouço a voz grave vindo de trás de nós, e quando me viro, fico completamente paralisada com toda a beleza que meus olhos apaixonados conseguem absorver. — Você está linda, Gaia.

Como Kali, tudo o que faço é corresponder com um sorriso tímido, e quando seus dedos gentis tocam meu rosto, amoleço como gelatina.

Não tem como continuar negando a mim mesma, ou resistir a isso; estou perdidamente apaixonada por Eros.

— Ok, pessoal. Essa é nossa última noite aqui. — Steve, alegre como sempre, faz nossa atenção voltar para o casal. — Vamos nos divertir e ver se os grã-finos sabem mesmo como fazer isso.

Sinto um leve aperto dos dedos de Eros em minha mão, e quando olho para ele, noto uma certa tensão que ele quer controlar.

Talvez ele, como Steve, não goste muito de se misturar a pessoas que têm um estilo de vida bem distante do nosso. Acho que este é o momento certo de dizer a Eros que eu não pertenço a este lugar e que ele não precisa tentar me impressionar com nada.

— Eu quero te apresentar a uma pessoa, Gaia. Aliás, todos vocês.

Eros se afasta e vejo surgir uma jovem deslumbrante em um vestido igualmente lindo, brilhante e, sem dúvida, com a assinatura de algum estilista famoso.

— Esses são Kali, Steve e Gaia. — Eros inicia as apresentações. — Essa é a senhorita Felipa Papadakis, a...

— Uma velha amiga da família — conclui Felipa.

A apreensão me toma. Eu a reconheço, e a minha dúvida é saber se a mulher elegante me reconhece também. Nem nos meus maiores receios poderia imaginar que aquela hóspede meio rude, da suíte que atendi, pudesse ter alguma ligação com Eros. Mas, recordando as instruções da minha chefe, ela alertou que a senhorita Papadakis tinha uma ligação profissional com os Laskaris, e Eros tinha projetado o navio, então não é nenhum absurdo assim eles se conhecerem.

— Gaia? — Olho para Eros. Eu nem tinha notado que ele estava me chamando, ou como todos pareciam aguardar a minha resposta para algo. — Você está bem?

Parece que passaram lixa em minha língua, e a garganta está doloridamente seca, então apenas respondo com um movimento de cabeça, negando o meu real estado de espírito ao afirmar que estou bem.

— Eros, eu... — Aperto a mão dele, começando a entrar em pânico quando damos alguns passos.

Ao que eu vejo, e pelo jeito que Felipa Papadakis me encara e sorri para mim, ela ainda não havia ligado a camareira a essa jovem bem maquiada e vestida à sua frente, mas a qualquer momento da noite isso poderá

acontecer, e desejo que seja eu mesma a contar tudo a Eros. Acho que ele se sentiria menos enganado assim.

O arrependimento, por não ter tido coragem de revelar isso antes, vem com uma força esmagadora.

— Vamos para o salão de festas — Felipa decreta com empolgação. — Algo me diz que esta noite será inesquecível para todos nós.

Após dizer isso, seus olhos, ladinos como os de uma águia, fixam-se em mim.

— Principalmente para você, Gaia. — O sorriso me diz algo mais.

A minha vontade é puxar Eros para um canto, mas o fluxo de pessoas ao qual nos juntamos me obriga a continuar andando.

— Se não se importam... — Felipa une as mãos uma na outra, depois as pressiona contra o peito. — Como juntei-me ao grupo no último momento, tomei a liberdade de mudar nossa mesa para aquela perto do palco.

— Mas aquela é apenas para as pessoas mais importantes do navio, toda a chefia do alto escalão — avisa Steve, e ele sabe do que está falando, porque foi um dos funcionários que ajudou a organizar o local.

Antes que ele solte alguma gafe envolvendo o meu nome, Kali o distrai com alguma pergunta, e Felipa explica que ela foi a responsável por todo o trabalho de marketing envolvendo o Afrodite, bem como a Laskaris no geral.

— Então o Eros pesca — diz ela, sentando-se ao lado dele —, e eu vendo os peixes. Somos uma dupla e tanto, não é, querido?

Não me passa despercebido ela apoiar a mão na perna dele e deslizar os dedos pela sua coxa, evidenciando quanta intimidade eles têm. Bem, pelo que Felipa disse, eles são amigos de longa data, mas isso não impede que eu sinta ciúmes. Mesmo que Eros não tenha falado nada para nos identificar como um casal, ter segurado a minha mão quando nos encontramos, e ainda mantê-la entrelaçada com a dele, é um sinal bastante claro. Sendo assim, Felipa não deveria estar agindo como se fosse a acompanhante de Eros.

— Champanhe, senhorita? — oferece um garçom, parando ao meu lado.

Aceito a bebida, tanto para refrescar a minha garganta, como para tentar fazer a minha mente parar de entrar em parafuso. Minha última preocupação deveria ser em pensar no quão inconveniente está sendo Felipa ao tentar monopolizar a atenção de Eros. Eu deveria buscar uma forma de ficarmos sozinhos para contar tudo a ele.

A noite inicia com o jantar, uma entrada com opções de saladas, sopas e massas. Como prato principal, temos várias opções de carnes brancas e vermelhas, bem como um impressionante menu vegetariano.

Apesar da minha crescente apreensão, não consegui deixar de notar que tudo estava incrivelmente delicioso.

— Preciso retocar o batom — avisa Kali, olhando para mim. — Gaia, você vem comigo?

O baile será iniciado logo depois da sobremesa e dos discursos de encerramento, tanto do capitão do navio como de alguém da Laskaris. Assim o meu primeiro pensamento é recusar o pedido de Kali. Não quero sair de perto de Eros antes de conseguir falar com ele a sós, contudo, a forma que ela me encara me avisa que é algo importante.

— O que aconteceu, Gaia? — Kali me puxa para um canto do banheiro assim que entramos. — Não vai mais contar tudo a Eros?

— Eu queria... — Torço os meus dedos, demonstrando o quanto estou nervosa. — Quero! Mas não consegui ter um minuto sozinha com ele.

— Aquela mulher não desgruda, não é verdade?

— Eles são amigos...

“Pare de justificar o que as pessoas fazem de errado com você”, recordo o conselho de Íris.

Amigos ou não, Felipa esteve a noite toda agindo como se eu fosse a indesejada na mesa, e se não fosse Eros colocando-me como a pessoa principal do seu foco de atenção, acho que teria agido mais como a Íris, falando umas verdades à inconveniente.

— O baile vai começar e você pode aproveitar a dança — Kali avisa, passando a mão em meu ombro. — Vou fazer com que Steve dance com aquela mulher e assim a mantenha bem longe de vocês dois.

O plano de Kali, no momento, é a minha melhor opção, e eu agradeço a ela. Depois de reforçarmos as nossas maquiagens, voltamos para a mesa.

— Que bom que retornaram. — Felipa se levanta assim que nos aproximamos da mesa. — Chegou o grande momento.

— Felipa... — Eros a encara de forma dura, como não o tinha visto fazer com ela desde que se juntou a nós no corredor. — Eu disse que...

— Não se preocupe, querido... — ela murmura, inclinando-se para dar um beijo demorado em sua face. — Não direi nada além do necessário.

Não consigo entender a última frase sussurrada, e quando olho para

Eros, vejo seu semblante atormentado focado no meu. E não há tempo de indagar o que está acontecendo. Um funcionário do navio se aproxima, entregando a Felipa um microfone, e uma luz especial cai sobre a nossa mesa.

— Boa noite a todos! — inicia ela, e em seguida fala sobre o seu papel na Laskaris, um pouco sobre a companhia e tudo o que foi feito para que esta se tornasse a viagem dos sonhos de todos. — Antes de passar a palavra ao capitão, para o encerramento, preciso dizer que nada seria possível sem que um homem incrível e talentoso tivesse imaginado e criado tudo isso.

Olho para Eros, orgulhosa dele, mas tudo o que vejo em seu rosto é uma tremenda fúria em direção à jovem grega. Toco sua mão, sobre a mesa, para demonstrar que está tudo bem. Acho que ele não gosta desse tipo de badalação, mas ele merece os elogios e reconhecimento pelo trabalho prestado aos Laskaris.

— Que é ninguém mais que Eros Laskaris. O melhor projetista que a família Laskaris já teve até hoje, e eu diria, o melhor de toda a Grécia. Não... do mundo.

Eros Laskaris?

Eros Laskaris!

Isso é tudo o que a minha mente consegue processar ao ver Eros ficar de pé, enquanto a plateia o homenageia com aplausos.

Eros Laskaris. Não apenas o meu Eros, um talentoso e sonhador desenhista de navios, mas um dos herdeiros de tudo isso. Um homem importante e extremamente rico.

— Eros... — balbucio quando seu olhar angustiado cai em mim.

— Escute, Gaia, eu posso...

— Sem timidez, querido. — A voz de Felipa ao microfone sobrepõe a dele e nos faz virar novamente para ela. — Venha até aqui dar algumas palavras.

— Eu vou explicar tudo — Eros me diz antes de começar a se levantar. — Fique aqui.

Mesmo que eu quisesse, não conseguia me mover. Estou chocada demais, e aterrorizada, para fazer qualquer movimento. Mentir para Eros sobre quem sou foi extremamente difícil e imperdoável, agora mentir para Eros Laskaris, o bilionário grego, um dos homens mais importantes do mundo, foi uma tremenda estupidez.

Mas por que ele também tinha me enganado?

Eu mal consegui prestar atenção no discurso breve de Eros, embora não tivesse desviado o meu olhar por um único segundo dele.

Quando ele finaliza, procurando-me de volta na mesa, a mão de Felipa e algo que ela diz para ele impede-o de vir ao meu encontro.

— Claro que esta viagem não teria sido tão perfeita se não tivéssemos contado com a grande ajuda dos nossos colaboradores — diz Felipa, abrindo um imenso sorriso. — Sei que cada um de vocês foi, em algum momento ou vários deles, socorrido e atendido por pessoas atenciosas e gentis. É por isso que a Laskaris irá premiar um dos funcionários dedicados para representar a todos como a melhor equipe de toda a nossa frota. Bom, todos receberão um bônus, que já é uma política da empresa.

“Qual o seu nome? Eu quero fazer boas recomendações.”

Não sei por que, ou talvez eu saiba, inconscientemente, mas a minha conversa com Felipa daquele dia me vem à cabeça.

— Senhorita Gaia Garcia, venha até aqui — diz a grega, exibindo um sorriso vitorioso. — Venha receber o seu prêmio por ter sido a melhor, mais gentil e mais atenciosa camareira que um Laskaris já teve.

A nova chuva de aplausos deveria me incentivar a caminhar até eles, mas tudo o que faço é me levantar e encarar Eros com a aflição dominando o meu rosto, enquanto luto com as lágrimas nos olhos.

— Desculpe, ela é tímida — brinca Felipa, arrancando risos de todos. — Mas não podemos negar como é bonita, não é mesmo? Poderia trabalhar como modelo, não acham? A nova cara da Laskaris.

Eu nunca me senti tão humilhada na vida. E não falo por minhas condições econômicas e nem pela razão de ter mesmo trabalhado no *Sonhos de Afrodite* como camareira, mas por ser desmascarada, por minha mentira ser revelada para Eros na frente de todos.

Quando Felipa entrega o microfone ao capitão, Eros vem apressadamente em minha direção.

— Gaia.

— Eu sinto muito — soluço, segurando a cadeira ao meu lado para me manter em pé. — Eu queria contar...

— Você não é modelo? — As lágrimas embaçando minha visão só permitem que eu veja o seu borrão à minha frente.

— E você não é o meu Eros...

Não o que eu imaginei. Ele está confuso, mas eu também estou. Deixei

que Eros acreditasse que eu fosse uma modelo em férias, porque inicialmente ele havia concluído isso. Mas por que Eros também tinha mentido sobre quem era de verdade?

— Sinto muito revelar isso para você desse jeito, querido... — A voz de Felipa e, principalmente, o tom venenoso que ela tem nas palavras, faz-me secar os meus olhos rapidamente. — Mas eu disse que estava enganado sobre essa garota. Nunca foi uma modelo. É apenas uma camareira querendo dar o golpe no primeiro homem rico cruzando seu caminho...

— Não! Não foi assim... — Olho para Eros com desespero. — Eu nem sabia quem você era.

— Ah, faça-me o favor. Estava esse tempo todo mentindo, garota. — Vejo-a tirar o celular da bolsa de mão e passar os dedos sobre a tela. — Veja com os seus próprios olhos, Eros.

Mesmo sem ver, sei que são fotos minhas usando o uniforme de camareira. Senti que algo estranho tinha acontecido naquele dia que Felipa me deixou sozinha no quarto, com toda certeza ela havia registrado as minhas imagens trabalhando.

— Vai continuar negando que estive mentindo? — exigiu Felipa.

Não devo explicações a ela, mas preciso que Eros me escute com calma.

— Eu menti — assumo, sentindo um enorme aperto no peito começar a me sufocar. — Mas não é como...

— Escute, Eros! — Felipa parou em frente a ele, cortando o nosso contato visual. — Nos conhecemos há anos e eu nunca mentiria assim para você. Também nunca estive apenas interessada em seu dinheiro, porque não preciso dele. Eu o amo por quem você é. Mas vai acreditar em mim ou nessa alpinista mentirosa?

Vendo pela forma distorcida que Felipa contava tudo, parecia mesmo que eu havia enganado Eros, apenas interessada no dinheiro e posição social dele. Mas não era assim, eu me apaixonei por ele sem saber de nada disso. Agora ele tinha se apaixonado pela Gaia, por quem realmente sou, uma garota simples que ama a simplicidade, ou apenas se encantado com a modelo com vida luxuosa?

— Não foi assim. — Encaro-o, querendo que ele veja em meus olhos toda a sinceridade do que sinto. — A gente pode conversar, apenas nós dois?

Seu rosto está sério, mas não vejo dureza em seu olhar, e isso me dá

esperanças. Não que ele vá esquecer tudo e decidir ficar com a garota simples, de vida modesta, sendo revelada a ele, mas ao menos saberia a verdade.

— Eu me apaixonei por você, Eros — declaro com toda a sinceridade do meu coração. — Não pela Laskaris. Por você.

— É a mesma coisa, garota burra.

Não, não era, e sei que, no fundo, ele sabe disso.

— Chega, Felipa! — Ele a encara duramente. — Acho que fez o suficiente, quando eu disse que...

Aliviada, solto o ar que havia prendido. Independentemente do resultado dessa conversa com Eros, quero ao menos poder provar a sinceridade de quem sou e dos meus sentimentos.

— Eu não acredito que vai cair nesse jogo!

Os dois iniciam uma nova discussão. Felipa, na verdade, tenta impedir que Eros converse comigo. Ela não é uma pessoa que desiste facilmente, mas ele também não é alguém que pode ser controlado.

— Vamos conversar depois — afirma ele para a garota em prantos.

O olhar cheio de ódio de Felipa em minha direção, avisa que ela iria recuar, mas não desistir. Porém, quando a atenção de Eros foca em mim, a jovem grega deixa de ter importância.

Eu o amo!

Essa constatação desaba sobre mim como um meteoro. E o meu coração chega a ficar apertado em meu peito, ao pensar na possibilidade de nossos caminhos seguirem diferentes depois desta noite.

— Sr. Laskaris?

Um homem surge antes que pudéssemos nos aproximar um do outro.

— Agora não! — ordena Eros, dando mais um passo até mim.

— Desculpe, senhor... — diz o homem, diminuindo o tom. — É importante. Há um homem lá fora, a mando do senhor Aquiles, desejando falar com o senhor.

A menção do irmão é suficiente para reter toda atenção de Eros e fazê-lo sair do salão. Eu o sigo, indo logo atrás deles.

— Eugene? — Eros se dirige a um homem vestindo um conjunto de terno azul-marinho. Ele carrega um tipo de chapéu que lembra muito os que os pilotos de avião usam.

De tudo que eles conversam em grego, entendo apenas as palavras que

significam avô e avó, pois lembro de Eros tê-las usado algumas vezes nas conversas comigo. Acredito que seja algum assunto relacionado aos dois, pela forma como ele está reagindo, transtornado ante tudo que o homem diz.

Apesar de não dizer que sua família era a Laskaris, Eros me falou muito de seus pais, irmão e, principalmente, sobre os avós, por quem ele tem grande amor e carinho.

O que Eros parece ouvir e responder, com um rápido aceno de cabeça, me preocupa. Sei como é perder alguém que amamos muito. Passei por essa dor recentemente e estou orando silenciosamente para que não seja isso que esteja acontecendo a um dos avós dele.

— Eros... — murmuro, dando dois passos vacilantes até ele.

— Onde você pensa que vai, garota? — Mãos com unhas afiadas agarram forte o meu braço, fazendo-me parar.

— Me solta! Eu preciso falar com Eros — imploro a Felipa, quando vejo o homem direcionar Eros para o fim do corredor.

Os olhos furiosos da mulher me encaram com dureza, e ela me mantém presa no lugar.

— Escuta aqui, não acha que já fez estrago suficiente? Tentou dar o golpe em um Laskaris, mas percebi o seu jogo assim que a reconheci ao lado de Eros, aquele dia. — Ainda apertando o meu braço, Felipa me empurra para fora do local. — Conheço vigaristas como você, e não vou permitir que se aproxime dele em um momento tão delicado.

— Não é isso. Eu sei o que está pensando — digo firme e reúno todas minhas forças para soltar o meu braço —, mas está enganada. Eu não sabia quem ele era. O Eros pode confirmar com você...

— Nesse caso vocês estão empatados, porque ele também não tinha a mínima ideia de com quem estava lidando. — Ela me liberta e abre um sorriso petulante. — Ou talvez ele soubesse o tempo todo e estivesse apenas se divertindo.

Isso não é verdade!

Não podia ser. Eu não conseguia acreditar que aquele Eros gentil, atencioso e que me deu os melhores dias da minha vida estivesse apenas fingindo, jogando comigo como forma de me punir por um engano que ele mesmo iniciou.

— Volte à cabine... — murmura ela, mostrando a minha bolsa de mão, que só neste momento percebo que ela tinha carregado até aqui. — Pegue o

resto das suas coisas e saia desse navio imediatamente, antes que tudo tenha o mesmo destino que isso...

— Não! — eu grito, segundos antes de assisti-la jogar a bolsa no mar.
— Espere, Felipa...

Chego a balaustrada e apenas vejo o borbulhar no mar, que não sei se é por causa da bolsa que ela jogou ou se é apenas o navio cortando as águas.

— Por que fez isso? — indago com a voz trêmula.

Não sei se as minhas lágrimas são de tristeza ou de revolta, por desejar avançar em cima dela e dar uma lição que certamente a mãe dela nunca deu.

— Você tem alguns minutos para sair daqui antes que eu chame a segurança.

— Não vou a lugar algum sem falar com Eros — afirmo, decidida.

— Bem, então veremos — ela retruca com altivez e sai batendo os pés duramente no chão.

Cubro o meu rosto com as mãos, enquanto o meu desespero é convertido em lágrimas pesadas.

Não era para ter sido assim, e sinto como se o meu mundo estivesse desabando. Como se o navio afundasse comigo dentro. O *Sonhos de Afrodite* estava se tornando um verdadeiro pesadelo.

— Gaia! — Ouço o chamado de Kali, e quando abro os meus olhos embaçados, a vejo se aproximar apressadamente. — O que aconteceu?

Ela me abraça e, ao fazer isso, permito que toda a angústia dentro de mim se converta em lágrimas de desespero.

— Acabou tudo, Kali — aviso em um pranto desesperado. — Está tudo arruinado, e Eros pensa o pior de mim.

Minha mãe sempre dizia que a verdade poderia doer, mas a mentira nos destruía. Eu sempre fui a Gaia certinha, sempre agindo da maneira correta, até mesmo sendo descrita como chata. A única vez em que me permiti viver uma grande aventura, que abri meu coração como nunca tinha feito antes, arruinei o que de mais bonito tinha me acontecido na vida.

Amo Eros, mas poderia tê-lo perdido para sempre.

— Eu estraguei tudo.

— Não diga isso, querida. Tudo vai se resolver.

O que eu faria, se isso não acontecesse?

Como tirar Eros do meu coração, quando ele parecia estar tatuado em meu peito?

CAPÍTULO 26



EROS

Eu só conseguia processar a informação que minha avó estava hospitalizada e que neste momento o *pappós* precisava de mim ao seu lado.

— Sim — respondo a Aquiles antes que ele encerre a ligação. — Vou imediatamente.

Assim que o sinal dá o aviso que a chamada foi encerrada, paraliso na escada que nos levará até o heliporto.

— Gaia? — Viro-me para trás, para o caminho por onde viemos, notando que ela não nos seguiu até o helicóptero. — Onde está a Gaia?

O piloto me encara sem entender. Estive, nos últimos minutos, tão concentrando, tentando arrancar alguma informação de Aquiles sobre o que tinha acontecido com nossa avó, que tive certeza de que Gaia seguia atrás de mim.

— A mulher que estava comigo. A jovem ruiva.

— Acho que ficou com a senhorita Papadakis.

— Felipa...? — murmuro mais para comigo mesmo.

Isso não pode ser um bom sinal. Estou prestes a retornar por onde viemos, quando vejo Felipa surgir, apressada.

— Onde está a Gaia?

— Você não disse a ela quem você era? Por que, Eros?

Isso não é da conta de Felipa, mas como desejo saber até que ponto Gaia está furiosa comigo, não retruco a sua intromissão.

— Não tenho tempo de explicar agora, Felipa. Onde está a Gaia?

— Ela vai entrar em contato depois. Olha, a minha mãe contou o que aconteceu com a *pappoudes*. — Felipa coloca a mão em meu ombro em um gesto de conforto. — Eros, ela precisa de você. O seu avô deseja tê-lo ao seu lado. A família precisa que volte para casa. Sei que vai resolver tudo com a garota depois.

Eu ainda estou furioso com Felipa por todo circo armado por ela esta noite, mas sobre a minha família ela tem razão. Preciso estar ao lado do meu avô. Mesmo que Gaia neste momento esteja magoada comigo, vou consertar as coisas entre nós quando puder voltar.

— Podemos partir, senhor Laskaris? — indaga o piloto ao me ver indeciso em seguir para o helicóptero.

Subo os degraus, olho para trás mais uma vez. Tenho esperança de ver Gaia surgir a qualquer momento.

— Senhor Laskaris...

— Podemos partir, Eugene.

Felipa diz algo. Não presto atenção nela. Quando os rotores começam a funcionar e o barulho silencia a voz da mulher ao meu lado, sinto um estranho aperto no peito. É como se algo muito importante estivesse sendo abandonado.

Não é apenas Gaia que fica no Afrodite. É como se deixasse meu coração com ela.

Eu preciso voltar pelos dois. O mais rápido possível.



Quando chegamos em terra firme há um carro à minha espera, e ordeno que o motorista me leve diretamente ao hospital.

Tanto Aquiles como os meus pais estão lá, aguardando atualizações.

— *Engóni!* — Vovô me chama assim que me vê chegar.

Corro até ele e o abraço forte.

Quando nos afastamos, observo que nunca vi o meu *pappóúdes* tão abalado e apresentando a idade que tem, como neste momento delicado.

— O que aconteceu? — indago, dirigindo-me a Aquiles.

Minha mãe, que é como uma filha para os sogros, está sendo acalmada por meu pai, e fica a cargo de meu irmão me colocar a par dos acontecimentos.

— A culpa foi minha, *engóni* — diz meu avô, bastante abalado.

Resisto muito para acreditar nisso. O vovô tem imensa veneração pela esposa e não faria nada que causasse algum perigo a ela.

— Eu me descuidei...

— Foi um acidente, *pappóúdes* — Aquiles destaca. — Apenas um acidente, e você não poderia ter feito nada, mesmo que estivesse lá.

Aquiles relata que o acidente de nossa avó aconteceu no jardim, e o fato de o vovô se culpar se deve a não estar com ela quando tudo ocorreu. Ela tinha ido sozinha cuidar de suas flores enquanto ele tirava um cochilo depois do almoço.

— Ela está sendo operada agora. É delicado, devido à idade e por seus ossos serem frágeis.

— Por que não me avisaram antes? — indago, irritado.

— Tentamos — rebate Aquiles.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Eu realmente tive algumas ligações perdidas. Mantive o celular desligado, porque não queria ser incomodado durante a festa, pelo menos até ter conseguido conversar com Gaia. Eu só não podia imaginar que algo grave estava acontecendo em casa.

— Onde está o médico? Desejo falar com ele.

— Acompanhando a cirurgia, mas podemos falar com o outro em plantão.

Antes de sairmos, peço à minha mãe, agora um pouco mais calma por ver todos nós juntos, que ajude o vovô a ficar mais tranquilo, e vou em busca de novas notícias médicas ao lado de Aquiles.

— Eros! — Aquiles segura o meu braço e me faz parar no corredor. — E se ela não resistir?

A pergunta dele me abala, mas vejo que fazê-la também mexia com ele. Amamos nossos avós como se fossem nossos segundos pais.

— A gente não atendeu ao único pedido dela, entende?

Não quero falar e nem pensar sobre isso neste momento.

— Nada vai acontecer, Aquiles. E ainda vamos realizar esse desejo deles.

Vejo um brilho surgir no olhar do meu irmão e, de certa forma, não gosto do que vejo.

— Não importa o que seja preciso fazer — diz ele em um tom duro, voltando a seguir pelo corredor.

Eu acredito que, mais do que ver os primeiros bisnetos nascerem, os nossos avós desejam nos ver felizes. É nisso que Aquiles precisa acreditar.

A minha felicidade está com Gaia.

Esta é a única certeza que tenho.

CAPÍTULO 27



GAIA



Kali desejava criar uma briga gigantesca com Felipa Papadakis, pela forma rude com que me tratou, mas consegui convencê-la a não seguir por esse caminho. Mesmo que, no fundo, eu também sentisse a necessidade de dar o troco, não valia a pena. Por sorte, a garota intragável não estava mais no navio, assim como Eros.

Teriam ido juntos?

Essa questão não parava de me torturar.

Felipa havia afirmado ser amiga da família Laskaris por um longo tempo. E ela nutre sentimentos por Eros que deseja serem correspondidos. Então era completamente natural, da parte dela, pelo menos, seguir Eros para onde ele fosse, ainda mais em uma situação delicada para todos eles.

Felipa foi embora, mas levou sua missão de me afastar de Eros até o fim. Antes que eu conseguisse fechar minha mala, dois seguranças do navio bateram à minha porta, exigindo que eu partisse.

Nunca em minha vida eu tinha sido escoraçada e tratada como uma pessoa sem valor. Só que as lágrimas teimosas em meus olhos não eram de vergonha; o aperto doloroso em meu peito, que me impedia de respirar, não vinha devido aos olhares impacientes e hostis dos seguranças exigindo

pressa. O meu pranto e coração destruído são por causa de Eros. De não termos a oportunidade de conversar, quando eu pudesse dizer a ele que não agi de má-fé e nem quis dar qualquer tipo de golpe, como Felipa havia acusado.

— Apresse-se, senhorita! — um dos homens me diz rispidamente, quando paro na porta da cabine para olhá-la uma última vez.

— Você nem pense em tocar em um único fio de cabelo dela! — Ouço Kali se aproximar como uma fera enlouquecida e se colocar ao meu lado.

Steve chega segundos depois e deixa bem claro a esses homens invocados que temos quem nos defenda, embora eu ache que Kali, furiosa como está, daria conta desses dois brutamontes sozinha.

— Eu levo para você — avisa Steve, pegando as minhas malas.

A minha saída do Afrodite é mais dolorosa do que pensei. Carrego tantas lembranças deste lugar, e a maior parte delas vividas com Eros. E quando entro no carro, alugado por Kali, o desespero de que tudo acabou vem em mim como uma avalanche sem controle.

Ela alisa carinhosamente as minhas costas enquanto choro, mas nenhum dos dois diz nada, deixando que eu lide, à minha maneira, com a minha dor.

— Tem certeza de que não quer vir com a gente, Gaia? — indaga Kali, quando chegamos ao meu hotel. — Acho que vai gostar da Índia.

O casal segue daqui para o país dela. Kali quer apresentar Steve aos seus pais e reforçar sua decisão de se casar com ele, e não com o homem escolhido pela família há muitos anos. Não será fácil para nenhum dos dois, a família e comunidade podem isolá-la, mas ela está determinada a lutar firmemente por isso.

— Não, Kali. Talvez o Eros... — Controlo a nova onda de lágrimas e engulo o nó querendo se formar em minha garganta. — Pode ser que ainda queira me ouvir.

— E aquela bruxa nojenta jogou seu telefone no mar — diz ela, transfigurando o rosto de raiva. — Acho que tem razão. Ele vai procurar você e é melhor que esteja na cidade. Mas caso não procure, tem o meu telefone, o do Steve e o endereço. Nos procure em qualquer momento que quiser, não importa o que aconteça.

— Obrigada. — Volto a me emocionar, mas desta vez com um sentimento bom: a gratidão de ter feito amigos como eles. — Eu sei que dará

tudo certo para vocês. Depois me contem tudo quando chegarem lá.

A despedida é dolorosa, mas estou contente por eles. Que ao menos a linda história de amor de Steve e Kali teria um futuro feliz pela frente.

Chegando ao quarto, tiro apenas algumas peças de roupas. Estou sem ânimo e energia para desfazer as malas, até porque não sei quanto tempo pretendo ficar aqui.

Depois de um banho, que pensei ser relaxante, mas que não teve qualquer efeito calmante, eu decido fazer uma chamada de vídeo, usando o notebook, para Íris.

— O que aconteceu com o seu celular? — É a primeira coisa que ela fala quando nossas imagens surgem na tela.

Conto de forma resumida tudo o que aconteceu, e assim como Kali, minha irmã fica furiosa com Felipa. Agradeço que ela esteja a milhares de quilômetros de distância, porque, diferente da minha amiga, eu não teria segurado Íris e nem seus anseios por vingança.

— Então? O que vai fazer agora? Você está na Grécia. Vai procurá-lo?

— Primeiro vou comprar um novo celular, assim que desligar, e depois vou avisar a Eros onde estou.

— E, Gaia... — Ela faz uma pausa, mordendo nervosamente o canto da boca. — Se ele não quiser...

— Me ouvir? Então não é o Eros que imaginei que fosse. Isso só... — Pensar que isso pudesse ser uma realidade me magoaria mais do que se ele descreditasse de mim e das minhas intenções com ele. — Faria com que eu visse que Felipa tinha razão e que ele só estava brincando comigo. Porque ele também mentiu, Íris. Ele nunca me contou quem realmente era. Um Laskaris.

Conversamos por mais algum tempo, e ela aconselha para que eu tenha calma. Íris pedindo que eu tenha tranquilidade é realmente inusitado, mas concordo que ela tem razão.

Assim que me despeço de Íris, abro o navegador de internet e jogo no *Google* o nome Laskaris. Como não falo grego e conheço apenas as palavras que Eros me ensinou, coloco as páginas que selecionei para serem traduzidas automaticamente.

A maior parte do que consigo encontrar vem de páginas de negócios, falando do império Laskaris. Algumas fotos em sites de fofoca, mas que contêm mais imagens de Aquiles ao lado de lindas mulheres. E uma reportagem com Eros, falando de seu amor pelo mar. Há fotos dele mexendo

no veleiro, com roupas simples, leves e confortáveis. Como um pirata dos tempos modernos. Bronzeado e com aquele ar de liberdade que só ele consegue ter. Sobre essa parte de sua vida, sinto que ele foi completamente sincero.

Doía-me acreditar que todo o resto pudesse ser mentira e que fui apenas uma garota tola que ele pegou na mentira e quis dar uma bela lição.

Então relembro o nosso primeiro encontro e que dormimos juntos em sua cabine, sem nada ter acontecido entre nós, além da nossa inegável conexão. O jantar e a noite inesquecível na casa de Oliver. O chalé. O passeio memorável no veleiro que ele ama tanto. A viagem a Istambul. Todos os nossos momentos no Afrodite.

Tudo isso não pode ter sido importante apenas para mim. Quando eu olhava para Eros e via os seus olhos fixados em mim, flagrava seus sentimentos, e eles diziam que ele sentia algo especial, que juntos éramos perfeitos.

Fecho o computador com pressa, decidida a agir, em vez de ficar me lamentando. Preciso de um telefone e um número novo para entrar em contato com ele. Deste modo, pego minha bolsa e um casaco leve para colocar sobre o vestido e saio do quarto.

Ao sair do elevador, sinto uma incômoda tontura e me recordo que não como nada desde o jantar no navio. Compro um suco natural, em uma mercearia, e sigo em direção à loja de eletrônicos mais próxima.

Com um novo número em mãos, envio uma mensagem a Íris, para que o salve. Mando um recado para Celeste em seu Instagram, avisando sobre a atualização, e um e-mail para Kali, que já deve estar dentro do avião.

Minhas mãos estão tremendo quando olho várias vezes para a tela do celular, verificando se havia me lembrado corretamente do telefone de Eros. A maior parte das vezes foi ele que ligou ou enviou mensagens, então eu esperava ter gravado o número corretamente.

Depois de inúmeras tentativas caídas na caixa postal, estou pronta para desistir e enviar uma mensagem, quando finalmente a ligação é atendida.

— *Parakaló*^[13]! — Ouço uma suave voz feminina do outro lado da linha falar algo que acho ser grego.

— Oi... desculpe. — Pigarreio, nervosamente. — Eu gostaria de falar com o Eros. Aqui é...

Não consigo concluir o que eu estava prestes a dizer, a voz da mulher se mistura com a de outra e vai sumindo, como se o telefone fosse afastado dela.

— Você não é de desistir, não é mesmo?

Felipa!

— Ouça, senhorita Papadakis...

— Não. Quem vai me ouvir é você. Aconteceu uma grande tragédia na família.

Uma tragédia? É o que indaga o coração apertado no meu peito.

Teria um dos avós dele falecido?

A dor da perda que ainda carrego em meu peito traz lágrimas aos meus olhos, ao imaginar como Eros deve estar sofrendo no momento. E mais do que nunca queria estar ao lado dele, segurando sua mão, dando todo apoio emocional que ele fosse precisar.

— A última coisa que qualquer Laskaris precisa, agora, é lidar com alguém como você. Acha que sou dura? Então imagine ficar frente a frente com Aquiles Laskaris, e o que ele pode fazer com tipinhos como você — ela dispara sem me dar qualquer chance de poder me defender. — Eros precisa ter por perto apenas as pessoas que ele ama. E quando tudo isso se acalmar, vamos nos casar, como sempre esteve em nossos planos. Fique longe dele e não nos procure mais. O Eros não deseja mais vê-la.

Antes que eu possa me pronunciar, a ligação é encerrada. Retorno apenas para concluir o que já imaginava. O número foi bloqueado, sem que eu pudesse tentar novamente corrigir esse mal-entendido que me separava do homem por quem havia me apaixonado e que, pelo visto, me odiava.

Claro que perder alguém para a morte é inegavelmente mais doloroso, porém, neste momento, sinto como se passasse pelo luto novamente. E esta devastação vai criando um buraco tão profundo em meu peito, que acho que nunca mais serei capaz de fechar.

Deito-me na cama, abraçando os joelhos, enquanto as minhas lágrimas correm grossas e pesadas por meu rosto. E é assim que acabo caindo no sono.



Apesar de tudo o que Felipa me disse, no café da manhã, em vez de pesquisar roteiros para explorar em Atenas, vejo-me procurando nos jornais alguma notícia que fale sobre um falecimento de alguma pessoa da família Laskaris. Não encontro nada que reportasse o acontecimento trágico. Mas em se tratando de um dos sobrenomes gregos mais tradicionais e de posses, acho que talvez seja natural manterem certa discrição sobre o ocorrido.

E assim passaram os meus dias, como um borrão diante dos meus olhos, e a espera de um contato de Eros, que nunca chegou, fazendo-me, a cada minuto que passava, acreditar menos que essa possibilidade fosse acontecer.

Em meio à tristeza esmagadora em que venho me afundando, uma preocupação inesperada cai sobre mim.

— Como eu posso estar grávida, Íris? — indago, observando em minha mão trêmula o teste de gravidez.

A suspeita se confirmou quando, no dia anterior, após voltar de uma caminhada na cidade, eu me senti mal, pela terceira vez, ao chegar ao hotel.

— Você sabe que tomei a injeção.

Eu não posso estar grávida, mas os sintomas e os sinais de mudanças surgindo em meu corpo provam exatamente o contrário.

— *Pera...* — Ela desvia a atenção para o computador em seu colo e parece digitar algo. — Você trocou as pílulas anticoncepcionais por aquela injeção indicada por sua médica, não foi?

Afirmo que sim. Como eu já imaginava que a rotina de trabalho no cruzeiro seria pesada, não queria arriscar estar cansada demais para lembrar de tomar os comprimidos diariamente.

— E você não viu a reportagem alguns dias antes de viajar, Gaia?

— Que reportagem? — pergunto, em pânico.

Estive tão concentrada e empolgada cuidando de tudo relacionado à viagem, que sequer olhei a TV ou os sites de notícias.

— Houve uma falha na fabricação e recolheram todas que não foram vendidas. Aconselharam quem tomou a usar outros meios até que tudo fosse resolvido. Você pode ter tomado uma delas — esclarece ela. — Algumas mulheres dizem que vão entrar com processo contra a empresa. Você deve ter tomado alguma injeção daquele lote, por isso também não funcionou com você, e se não usaram preservativo... Ah, meu Deus! Você está grávida.

Eu não sabia dizer se a expressão de Íris era de felicidade ou se, assim como eu, ela estava nervosa demais com a impactante notícia.

— Minha irmã, você vacilou — destaca Íris, e não contesto a merecida lição de moral.

Isso talvez fosse esperado de Íris, que não hesita em se jogar para o mundo, mas não de mim. A minha vida sempre foi regrada e planejada nos mínimos detalhes.

— Quando disse que era para se soltar, não era para tanto, Gaia.

— Pois é. Nunca deveria ter dado atenção às suas ideias malucas, Íris — acuso e, assim que faço isso, percebo que estou sendo injusta com ela e que nada disso é sua culpa. — Desculpe. Não quis dizer isso. Você é só uma menina tentando bancar a adulta.

— Ei! Não sou uma menina.

— Mas também não é a experiência em pessoa, ou ainda não seria virgem.

— Posso ser uma virgem moderna, me divertir e ter meus princípios. Não sou uma boba, Gaia.

Eu realmente tinha pegado no ponto fraco dela.

Íris é toda espiritual e acha que sexo tem mais a ver com encontro de almas do que de corpos. Mas beijos e muitos amassos, segundo ela, é a única forma de saber se as almas têm realmente conexão. No fundo, acho mesmo é que minha irmã apenas engana a si mesma, fazendo esse papel de garota moderna, exótica e livre, quando, na verdade, não passa de uma romântica procurando o amor verdadeiro.

— O que vou fazer, Íris? — Trago o problema novamente para mim.

— Processar a empresa e tirar uma grana deles?

— Não quero entrar em uma disputa que pode levar anos para ser resolvida.

Todos sabemos que nenhum método contraceptivo é completamente seguro, e o uso do preservativo não é apenas para evitar uma gravidez não planejada. Íris está certa, eu tinha vacilado feio. Só que, apesar disso, mesmo estando agora muito apavorada, não consigo sentir arrependimento em relação a esse bebê.

Um filho meu e de Eros.

— Além disso, acho que teria que voltar ao Brasil para isso e...

— Ei, espere aí! Você não vai voltar para casa, Gaia?

Já ouvi dizer que lar é onde o nosso coração habita e, neste momento, apesar de Íris e o grande amor que tenho por ela, não sinto o mesmo em relação ao nosso país natal. O meu coração deseja estar aqui agora.

— Bom, eu...

Busco as palavras que me ajudem a explicar isso à minha adorada irmã de olhar decepcionado.

— Ainda tem esperança de o ricoço procurar você, não é? — O seu olhar é completamente desaprovador.

— Não é isso, Íris. Este bebê é parte grego, quero que ele nasça aqui e tenha a oportunidade de conhecer sua cultura.

— Pois eu acho que deveria procurá-lo e dizer sobre o filho dele.

— Eros acredita que eu seja uma caça-fortunas, apenas porque mantive a mentira de ser modelo. O que acha que vai pensar quando descobrir que estou grávida dele? Eu garanti que isso seria impossível, Íris.

Também conto a ela a conversa que ouvi no telefone entre Felipa e Aquiles, e sobre o empenho de um dos irmãos produzir rapidamente um herdeiro para agradar aos avós.

— Acha que ele fez isso de propósito?

Por mais que me sinta ferida, não consigo pensar que Eros tenha premeditado isso. Aquela noite foi especial e nos deu o melhor presente que eu poderia desejar. Mas se um dos avós dele tiver mesmo falecido, então o meu bebê será mais desejado do que nunca. O que pode não se estender a mim.

— Não vou deixar que ninguém tire o meu filho! — afirmo, levando as minhas mãos trêmulas ao meu ventre, enquanto as lágrimas voltam a inundar os meus olhos.

Não importa o dinheiro ou quanta influência os Laskaris tenham, não vou deixar ninguém me separar do meu bebê.

Além do mais, em breve, Eros se casará com Felipa e nem se recordará da minha existência.

— Ainda assim, ele é o pai, Gaia.

Eu odiava quando Íris agia como a sensata de nós duas.

Só que o medo de perder o meu filho era maior do que a razão.

Este medo é o que me fará cumprir a exigência de Felipa e nunca mais chegar perto de um Laskaris novamente.

— Olha, nos falamos depois. — Íris tenta dizer algo, mas encerro a

ligação.

Sinto como se o meu coração estivesse dividido em duas partes importantes. A que sangra pelo desprezo de Eros e sua recusa em falar comigo, e a que irradia de felicidade em saber que em meu ventre cresce um pedacinho de nós dois.

E é este bebê que me dará toda a força e esperança necessárias para seguir em frente.

Eu e ele.

CAPÍTULO 28



EROS

Os primeiros dias após a cirurgia da *pappóudes* foram os mais decisivos e importantes. Estive cada minuto ao lado do meu avô, impedindo que ele caísse em desespero. Aquiles cuidou para que todo o resto seguisse perfeitamente.

Apesar de ter sido uma operação delicada, Agnes Laskaris foi uma senhorinha corajosa e resistente. Sua recuperação ainda será lenta, devido à idade que tem, mas ela ainda continuará entre nós por bastante tempo.

— Eu já prometi, *engóni*. — Ela passa, suavemente, a mão enrugada por meu rosto. — Nada vai me impedir de ver você e Aquiles entrarem na igreja e de ver os primeiros bebês chegarem.

O meu avô afirma que isso é o que mantém a esposa entre nós, mas acho mesmo que é o grande amor que ainda sentem um pelo outro que os mantém juntos.

Quando Aquiles chega no quarto e passa a ser o alvo na nossa amada *pappóudes*, eu aproveito a distração para retornar a ligação que tinha recebido de sua secretária, alguns minutos antes da visita.

— Christine? Alguma novidade?

Naquele dia, após ter conversado com o médico e enquanto esperava a longa cirurgia da vovó acabar, tentei ligar para Gaia, mas nenhuma das

minhas tentativas tiveram sucesso. Também não obtive resposta das mensagens que enviei, solicitando, no dia seguinte, que Christine entrasse em contato com o Afrodite e localizasse Gaia.

Ela tinha deixado o navio sem qualquer contato ou rastro de para onde pudesse ter ido.

— Senhor, nenhum registro de Gaia Garcia saindo de Atenas com destino ao Brasil.

Isso significava que ela ainda estava na Grécia ou havia partido para algum outro país do continente europeu. O que tornava a minha busca mais ampla, demorada e com necessidade de alguém que tivesse mais recursos do que a eficiente secretária do meu irmão.

— Obrigado, Christine. Acredito que vou precisar de um detetive particular. Pode localizar o melhor que encontrar?

— Como quiser, Sr. Laskaris.

Desligo o telefone e encontro o meu avô parado diante de mim com um olhar sério.

— Ainda não conseguiu encontrá-la?

Eu queria encontrar Gaia e saber por que ela tinha mentido. Ao contrário do que Felipa insistia em dizer, não consigo aceitar que seja apenas uma caça-fortunas. Ela nunca soube quem eu era; ou sabia? Em algum momento do sonho que vivemos, eu teria deixado escapar o sobrenome Laskaris?

Não! O que vivemos foi real. Preciso acreditar que tenha sido.

— Não, vovô. Isso não faz sentido — afirmo, passando a mão nos cabelos nervosamente. — Quando entrei no helicóptero, Felipa afirmou que Gaia estaria me esperando em Atenas, mas parece que ela desapareceu.

— E você confia em Felipa?

Nós crescemos juntos, temos um passado e muitas lembranças de uma amizade longa. Só que as ações de Felipa e toda a cena armada por ela no Afrodite derrubaram toda confiança que um dia senti por ela.

Mas eu estive atordoado demais aquele dia para me agarrar à suspeita de que Felipa estivesse manipulando a situação mais uma vez.

— Ela cresceu ouvindo daquela mãe maluca que vocês ficariam juntos um dia.

— E o senhor não aprovava isso? — indago, surpreso.

Para quem deseja casamentos e bisnetos com urgência, acho que não

deveria importar ao meu avô com quem eu escolhesse me unir em matrimônio.

— *Engóni*, sua avó e eu apenas desejamos que você e Aquiles sejam felizes e que encontrem o amor como nós encontramos — ele afirma, colocando a mão em meu ombro. — Se Felipa fosse a garota certa, eu ficaria imensamente feliz.

— E como sabe que Gaia é?

— Porque nunca o vi tão empenhado e desesperado para encontrar uma garota. E nem tão empolgado como naquele dia que me ligou. Ache-a e conserte o engano que causou.

— Mas ela mentiu, vovô.

— E você fez o mesmo. Talvez ela só quisesse se sentir especial, não sei. Mas se sente que é o grande amor de sua vida, precisa achá-la logo.

— Farei isso, *pappóús* — afirmo com renovada determinação.

Eu havia achado a minha Psiquê no Afrodite. Então, nem que eu levasse a minha vida inteira e precisasse revirar o mundo todo, iria achá-la de novo.

CAPÍTULO 29



Oia, Santorini
5 meses depois

Oia é uma vila costeira na extremidade noroeste de Santorini, uma ilha grega no mar Egeu. A cidade tem casas caiadas, talhadas nos cumes acidentados dos penhascos, com uma vasta caldeira cheia de água. Também é a vila mais bonita de Santorini, que recentemente começou a parecer uma cidade glamourosa, reunindo todos os dias milhares de pessoas que anseiam ver o famoso pôr-do-sol.

A princípio, a minha passagem por Oia, durante a minha viagem de peregrinação pela Grécia, seria breve. Porém, assim que os meus olhos se depararam com as igrejas brancas de cúpulas azuis, casas de cavernas e todo o restante de sua vista deslumbrante, não consegui mais sair daqui, e isso já faz duas semanas. O que começa a me causar um grande problema.

Sendo a vila mais bonita de Santorini, luxuosa, de arquitetura única e famosa por seus restaurantes chiques e caros, o custo de vida está um

pouco acima do que poderia arcar no momento, ainda mais na condição delicada que atualmente me encontro.

Todo o dinheiro que ganhei e economizei trabalhando nos dois cruzeiros acabou. Ainda resta uma boa quantia da venda da casa da mamãe, só que o valor não vai durar para sempre. Preciso arranjar um emprego logo, mas quem daria trabalho a uma gestante que mal consegue enxergar os próprios cadarços para dar nó?

Em cada cidade que tenho parado e ficado por mais tempo, consulto um médico para ver como anda o desenvolvimento do bebê. E se todos não me garantissem que havia apenas um garotinho em meu ventre, poderia jurar, pelo tamanho que minha barriga ficava a cada dia, estar esperando, no mínimo, uns três. Acho que ele será como o pai: alto, forte e bonito.

Terei um lindo menininho. Descobrir o sexo do bebê foi um dos momentos mais felizes e tristes para mim. Feliz, porque estava extremamente ansiosa por essa revelação; e triste, pois gostaria que Eros estivesse ao meu lado.

Em nenhum instante, durante esses dias sem vê-lo, consegui deixar de pensar nele e chorar sua ausência. Tento focar toda a minha energia em nosso filho para me manter bem, segura e saudável, mas as lembranças de nós dois juntos, de cada momento especial, causam saudade e uma tristeza difíceis de controlar.

Conforta-me ao menos saber que estou aqui. Que estamos aqui tão perto e ao mesmo tempo tão longe de Eros. Às vezes, me pego pensando nos conselhos de Íris e em sua insistência para que eu abandone o meu medo e procure o pai do meu filho.

Cheguei a tentar ligar para ele em duas noites desesperadoras e de dor, mas o meu número continua bloqueado. Assim, segui engolindo a minha tristeza, planejando um futuro apenas para mim e para o meu garotinho, que não vejo a hora de ter em meus braços.

Sinto um sorriso começar a se formar em meus lábios ao pensar nisso, que se alarga ainda mais, fazendo-me parar um instante na calçada quando o bebê se mexe em meu ventre. Desde o quarto mês que consigo senti-lo fazer isso e meio que entro em um mundo que pertence apenas a nós dois. Em nosso momento mágico.

Quando o pequeno se acalma, volto a caminhar e prestar atenção em cada detalhe ao redor. É então que vejo um senhor à minha frente e percebo

que há algo de errado com ele.

— Olá, senhor? — Aproximo-me com cautela, de forma a não o assustar. — Está se sentindo bem?

Ele me encara, um pouco desorientado. Aparenta-me estar bem abatido, e quando aceita apoiar sua mão na minha, sinto como elas estão frias.

— Não se preocupe, minha jovem — ele responde em inglês, e eu fico contente que consiga entender o que falo. — Foi apenas um pequeno mal-estar. Pode seguir seu caminho.

Ele me parece ser um senhor bastante forte, mas não consigo seguir seu conselho. Talvez seja resultado do tempo que passei cuidando da minha mãe doente, o que tornava praticamente impossível virar as costas ao senhor.

— Veja, tem um banquinho ali. — Aponto para um conjunto de bancos espalhados e o levo naquela direção. — Vamos apenas sentar um pouquinho e descansar.

Apesar de me garantir estar bem, o senhor permite que eu o conduza até o banco de madeira e se acomoda nele comigo ao seu lado. Deixo que ele tenha seu tempo para normalizar a respiração e a cor começar a voltar ao seu rosto simpático.

— Foi um descuido... — ele avisa, abrindo um sorriso tímido. — Lembrei, quando saí de casa, que não tinha tomado o remédio da pressão e achei que não faria mal esperar algumas horas.

Olhando-o agora com mais calma, sinto em seus traços algo bastante familiar, mas não sei explicar de onde vem a sensação. É como se o conhecesse, embora tenha a certeza de que nunca o vi.

— Acontece — concordo, tocando carinhosamente em sua mão um pouco menos fria agora. — Mas agora já sabe que não pode se descuidar.

Ele me encara com bastante atenção, principalmente o meu ventre avantajado.

— Agnes, a minha esposa, é que sempre está atenta a essas coisas — diz ele. — Mas sofreu uma queda recentemente e precisou operar...

Vejo claramente, por sua expressão emocionada, o grande amor que sente pela esposa, e que terem passado por esse momento tenso ainda mexe com ele.

— Nesta sexta, comemoramos mais um ano de casamento. — Ao dizer isso, o senhor tira uma caixinha do bolso. Quando a abre, vejo um lindo

anel surgir dela. — Este foi o primeiro anel que eu lhe dei quando a pedi em casamento. Trouxe semana passada para limparem. Pensei que um dia poderíamos dar a um dos nossos netos, quando decidirem se casar, mas...

A história dele com a esposa me comove; e a daquele lindo anel, muito mais.

— Acredito que qualquer mulher, conhecendo a linda história que vem com esse anel tão bonito, ficará encantada.

Ao me ouvir, sua expressão melancólica muda para animada.

— É uma moça muito boa — o senhor afirma com voz aveludada e dá suaves tapinhas carinhosos em minha perna. — Seu marido deve ser um homem orgulhoso e de muita sorte.

Como sempre acontece com as pessoas que reservam um tempo para me observar, o olhar do senhor cai em meu dedo, e lá não há uma aliança. Normalmente, eu não fico envergonhada, mas não sei por que, com esse senhor simpático, fico acanhada.

— Eu não tenho um marido — respondo, envergonhada. — Somos apenas eu e o bebê.

Apesar de ser um assunto que só deveria interessar a mim, não consigo deixar de ser honesta com o senhor gentil. Depois do que aconteceu com Eros, prometi a mim mesma que não importava quantos problemas isso me trouxesse, sempre seria verdadeira com todos.

— Desculpe, querida. Eu não queria ser indelicado. — É a vez dele de se sentir constrangido. Eu apenas sorrio, para trazer novamente o clima descontraído entre nós. — Mas como é o seu nome? Estamos aqui há alguns minutos e não me lembro de termos nos apresentado.

— O meu nome é Gaia.

— Gaia? — Ele parece surpreso, mas isso não me espanta. Sempre há essa reação quando falo meu nome.

— Mas você não é grega, é?

— Sou brasileira. Mas uma apaixonada por seu lindo país e sua cultura tão rica.

Ele me encara com atenção, e eu concluo que tenta reunir o que eu disse com o que deve conhecer do meu país. Geralmente, em todos os lugares que vou, as pessoas ficam bem animadas quando digo de onde vim.

— Gaia, do Brasil — ele murmura baixinho, e sua atenção se fixa novamente em meu ventre.

Depois ele diz algo em grego. Parece irritado por um momento, mas logo volta a me encarar e sorrir.

— Sou Andreas. É um prazer, finalmente, conhecer você, querida.

O finalmente no meio da frase me soa estranho, mas como o inglês, assim como para mim, não é sua língua nativa, concluo que apenas entendi a expressão errado ou talvez não a conhecesse.

— O senhor já está se sentindo melhor? — indago quando o vejo ficar de pé.

Aparentemente, Andreas parece estar bem.

— Na verdade, não. — Ele leva a mão ao rosto, tapando os olhos.

— Deseja que eu peça a alguém da família para vir buscá-lo? — indago, preocupada. — Tem um número para o qual eu possa ligar?

— Ouça, minha querida. — Andreas toca o meu braço. — Não quero preocupar nem assustar ninguém. Sei que seria um grande inconveniente para você, mas poderia me acompanhar até em casa?

Com qualquer outra pessoa eu declinaria o pedido, ofertando, no máximo, colocá-lo dentro de um carro, mas algo no simpático senhor me dizia que ele não é do tipo que engana grávidas indefesas, sequestrando-as para um destino terrível qualquer.

— Não moro longe daqui — afirma ele. — Vê aquele carro mais à frente? É o meu motorista. Também pode perguntar ao dono da loja sobre mim. Nos conhecemos há muitos anos.

— Não precisa, senhor Andreas. Deixarei o senhor na sua casa e em segurança.

— A casa não fica longe daqui, menina. E o motorista a trará de volta depois.

Confio nele. Não sei explicar, mas confio.

Nos aproximamos do carro elegante e, assim que nos avista, o motorista, um senhor que deve estar na casa dos cinquenta anos, rapidamente sai do automóvel e abre a porta para nós. Andreas e ele trocam algumas palavras em grego, que eu claramente não entendo.

— Seria indelicado demais — diz Andreas, sentando-se ao meu lado — perguntar com quantos meses está?

Falar do bebê é um caminho sem volta para mim, principalmente quando vejo que as pessoas estão realmente interessadas, como esse senhor amigável.

— Acabei de chegar no sexto mês — respondo com orgulho.

Ele me faz novas perguntas que fico toda animada em responder. A conversa flui tão natural, que só percebo o carro diminuir a velocidade ao passar por um caminho íngreme e bonito, em direção a um grande morro, quando avistamos pela janela uma deslumbrante propriedade.

— O senhor mora aqui? — indago, maravilhada, ao admirar uma das casas gregas mais bonitas que eu já vi.

— No início do casamento, sim. Mas com os negócios em Atenas, e depois com a família, que foi aumentando com a chegada do nosso filho e netos, passou a ser apenas uma casa de férias.

Quando entrei no carro com motorista, já imaginei que Andreas fosse um homem rico, mas não que fosse tanto.

— O senhor já está em casa — aviso quando paramos em frente a uma porta antiga e bonita. — Não esqueça de tomar os remédios. Espero que fique bem. Foi um prazer tê-lo conhecido...

Mal dou pequenos passos para fazer o caminho de volta, quando ele gentilmente segura o meu braço.

— Não tenha pressa, querida. Quero agradecer devidamente o cuidado que teve com este velho tolo. — Apesar de ser gentil, sua expressão é bastante firme. — Entre para tomar um suco e comer alguma coisa...

— Não é necessário — aviso rapidamente, não querendo receber qualquer gratificação financeira dele.

Eu ajudei porque achei o certo a se fazer, sem esperar nada em troca.

— Se não fizer por você, faça pelo seu bebê — diz ele, tocando em um ponto delicado para mim. — Descanse uns minutinhos, minha filha. Além disso, gostaria que conhecesse a minha esposa.

Pela forma que me encara, observo que não me deixará ir embora antes de tentar me agradecer de alguma forma. Penso que não fará mal algum tomar um suco fresco e dar mais alguns minutos de companhia ao simpático senhor e à esposa que vou conhecer.

Assim que entramos, vejo que a casa é tão linda por dentro como é por fora. Tem uma mistura de modernidade com um pouco de decoração antiga e romântica. Eu facilmente me veria morando em um lugar tão aconchegante e bonito.

— Sente-se aqui, querida — sugere Andreas, levando-me até um sofá.

Com o cuidado que tem comigo, até parece que fui eu a passar mal na rua, e não ele.

— Sinta-se como se a casa fosse sua.

Nem nos meus mais loucos sonhos eu teria uma casa como essa. Rio internamente, sem coragem de dar voz ao pensamento absurdo.

— Vou buscar a Agnes. Serão apenas alguns minutos.

Observo-o caminhar apressadamente e sumir após atravessar o arco de entrada da sala.

Os minutos se arrastam, não sei quanto tempo exatamente, mas é o suficiente para me deixar um pouco impaciente. Então recordo-me que Andreas contou que sua esposa foi operada recentemente e que deve ser difícil para se locomover.

Inquieta, decido me levantar para esticar as pernas e dar uma breve caminhada pela sala ampla. Vejo quadros nas paredes, esculturas, uma modesta estante de livros, outra com peças delicadas, então chego aos retratos, que acredito serem de família.

Em um deles tem o senhor Andreas jovem, com uma bela mulher ao seu lado, certamente a esposa. Ao olhar a foto com mais atenção, meu coração dispara no peito. Os traços são inegáveis. Andreas, em sua versão mais jovem, é igualzinho a Eros Laskaris.

Passo para outras fotos e vejo outro homem que lembra muito Andreas, mas não tanto quanto Eros. Também vejo uma mulher e dois meninos. As imagens seguintes são ainda mais reveladoras e confirmam a desconfiança que começava a me colocar em desespero.

Não há como negar. Depois de tantos meses me mantendo distante, seja por obra do destino ou do azar, eu tinha parado justamente na casa de Andreas Laskaris e, sem qualquer tipo de dúvida, ele era o avô de Eros.

— Preciso ir embora! — murmuro em pânico, devolvendo o porta-retratos ao lugar. — Eu preciso...

Não sei se me virei rápido demais ou se foi toda esta descoberta que me mexeu comigo, mas, antes que possa dar mais um passo em direção à saída, uma vertigem incontrolável me toma. Tudo diante de mim começa a perder o foco, e minha visão fica escura.

CAPÍTULO 30



EROS

Os meses se passaram, e as poucas informações que consegui obter sobre Gaia não me levaram até ela. Sei, pela última reunião que tive com o detetive indicado por Christina, que ela ainda poderia estar na Grécia.

Há ocasiões em que penso que tudo o que vivemos não foi mais do que um devaneio tolo criado por minha mente e que minha Psiquê nunca existiu. Mas todas as noites penso nela, vejo seu rosto sorridente de modo claro em minha mente, e o momento parece tão real que sinto poder tocá-la. Então sua imagem se desvanece, provando que, ou estou maluco, ou a garota se enraizou profundamente em mim e, por mais que tente, não consigo arrancá-la do meu peito e mente confusa.

Aquiles diz que é minha obsessão em obter respostas que não me faz esquecer-la. Já o *pappoús* diz que é o amor. Acho que ambos têm sua dose de razão. O que tenho certeza é que não terei mais um minuto de paz enquanto não ver Gaia mais uma vez, nem que seja para termos uma despedida decente.

— O último rastro que obtive — diz o detetive, após dar uma longa tragada em seu cigarro —, foi que ela passou pela Calamata, mas isso foi há

quase dois meses.

Significava que Gaia poderia ter continuado sua viagem de férias pela Grécia, como tinha informado quando nos conhecemos, ou finalizado sua aventura por ali, voltado ao Brasil, ou ido para qualquer canto do mundo.

Se ela fosse mesmo modelo, a procura teria sido mais simples. Mas, como uma pessoa comum, misturando-se a muitas outras, a busca se tornava lenta e frustrante.

Comum? A quem quero enganar?

Gaia jamais poderia ser considerada comum, sendo uma mentirosa em busca de fortuna ou não.

— Infelizmente, a garota tem usado dinheiro — continua ele com as explicações que já conheço de cor — e ficado em acomodações que não usam registros muito informatizados. Isso torna a procura demorada.

— E a irmã dela?

— Uma amiga no Brasil conseguiu contatá-la — disse ele, apertando a ponta do cigarro no cinzeiro cheio de cinzas. — A moça é escorregadia. Este é o telefone dela.

Pego o cartão onde está anotado o número de Íris e o gravo em meu celular.

— Sergio irá falar com ela amanhã.

— Por que não hoje?

Se alguém tinha alguma ideia de onde Gaia poderia estar, é a sua irmã, Íris.

Já deveria ter iniciado a minha procura por ela, mas não quis que ela pensasse que eu era um maluco perseguidor, seguindo os passos de sua irmã pela Grécia.

— Senhor Laskaris, queremos atrair a jovem para nos ajudar, e não a afugentar sendo invasivos demais. Acho que agora estamos mais perto do que nunca. Mas se quiser arriscar um contato...

O detetive faz suas últimas considerações e se retira do bar onde marcamos nosso encontro. Tenho evitado falar com ele em casa, pois não quero ficar alimentando as expectativas dos meus avós.

Depois que a *pappóudes* foi operada e se recuperou o suficiente para fazermos uma viagem, a pedido dela, viemos para Oia para que ela terminasse de se recuperar e tivesse uma vida mais calma. Isso foi há três meses.

Como o meu trabalho, que está parado novamente, devido à minha incapacidade de concentração, permite uma rotina mais flexível, vim com eles para vigiar de perto todos os cuidados que os meus avós precisam receber.

Isso me recorda que passei horas suficientes longe dos dois e preciso voltar para casa. Antes disso, olho o nome de Íris em minha lista de contatos e me pergunto se devo ligar para ela ou deixar que o detetive faça o seu trabalho.

Esse questionamento não dura muito. A ligação do meu avô surge, fazendo-me deixar, neste momento, o assunto de lado.

— *Pappóús?* — Levanto-me da cadeira rapidamente.

— Eros! Precisa voltar para casa imediatamente.

A exigência incomum do vovô me deixa ainda mais preocupado, fazendo-me jogar algumas notas sobre o balcão e sair do bar apressadamente.

— Aconteceu alguma coisa?

A primeira que me vem à cabeça é que minha avó possa ter caído novamente.

— Só venha para casa. Ela está aqui — é tudo o que ele me diz antes de encerrar a ligação.

Parado na rua, olho para o telefone em minha mão, completamente confuso.

Ela está aqui.

— Porra! — sibilo, abrindo rapidamente a porta do meu carro.

Gaia finalmente tinha aparecido, e não estava apenas em Santorini, ela estava em Oia, na casa dos meus avós.

Chego em um tempo recorde e fico admirado de não ter atropelado alguma pessoa ou causado um grande acidente. A minha urgência em ver Gaia me deixou cego para todo o resto. Quando chego à grande residência e encontro apenas o meu avô na sala, me esperando, uma nova onda de pânico, temendo ter chegado tarde demais e Gaia ter ido embora, me invade.

— Ela... — falo, quase sem fôlego.

— No quarto de hóspedes ao lado do seu. Não se sentiu bem e... — informa o meu avô, e nem dou oportunidade para que ele finalize.

Subo as escadas saltando os degraus, e quando chego à porta do quarto informado, abro-a em um ímpeto.

Primeiro, vejo o corpo magro de minha avó e seu olhar de

repreensão para mim, com um pedido baixinho para que fizesse silêncio. Em seguida, vejo o médico que atende os meus avós em Oia e, após alguns passos mais calmos, vejo, pouco a pouco, a imagem de Gaia, deitada na cama, surgir.

Eu sinto uma mistura de sentimentos. Felicidade em finalmente vê-la mais uma vez, a amargura da saudade indo embora e o choque.

Um choque tão grande que acho que esqueço de respirar.

Gaia está grávida!



Ainda estou lutando com a surpresa, quando meu avô me leva para o escritório.

— Preciso falar com ela. — Direciono-me de volta à porta, mas ele me para com mãos firmes.

— No momento, o doutor está verificando se tanto ela como a criança estão bem.

— Mas como... — Passo as mãos nos cabelos, exasperado. — Como ela chegou aqui? Ela está grávida?

Seria meu filho?

Um aperto gigante comprime o meu peito ao cogitar a possibilidade de não ser. De que, assim que nos separamos, Gaia tivesse permitido que outro se aproximasse dela. Que eles tivessem formado uma conexão forte o suficiente para...

Sim, o ciúme me domina como nunca imaginei antes.

— Pela sua pergunta — diz meu avô, indicando uma cadeira para que eu me sentasse —, você não sabia disso.

— Claro que não!

— Nesse caso, me sinto muito aliviado e um pouco menos furioso com você, *engóni*.

— Se essa criança for minha...

— Se for? — ele me corta, furioso. — É claro que o menino é seu.

Um menino? Vamos ter um garotinho?

— Vovô, nós estivemos separados por muito tempo.

Eu sei que eles desejam desesperadamente bisnetos meus e de Aquiles, mas não podemos descartar a possibilidade de Gaia ter conhecido outra pessoa e deles estarem esperando um filho juntos.

— Eros, ela é tudo o que você me disse antes. Gentil, atenciosa e de coração bom.

Isso foi antes de toda aquela confusão de mentiras e verdades caírem em nossa cabeça.

— E a jovem que me socorreu esta manhã...

— Socorreu?

— Esqueci de tomar o remédio da pressão antes de sair...

— Vovô!

— Sim, foi uma grande estupidez, mas isso não está em questão. O importante, é: como vai resolver isso, Eros?

Gaia está grávida e, cada vez mais, a possibilidade de que meu filho esteja crescendo em seu ventre aumenta.

— Eu a encontrei desmaiada com uma foto sua caída ao lado dela — explica o meu avô. — Sem a menor dúvida, ela ficou surpresa ao reconhecer você e saber onde veio parar. Foi muito para a pobrezinha lidar.

— Como a encontrou? Como ela chegou aqui? Veio me procurar?

Nas poucas vezes que aceitei atender as ligações de Felipa, ela sempre insistia em dizer que Gaia estava furiosa comigo e que queria manter distância. Eu só não imaginava que ela me odiasse tanto a ponto de fugir e esconder algo tão importante para nós dois.

— Foi por acaso. Como disse, passei mal e ela veio me ajudar. Conversamos um pouco, e quando ela disse o seu nome e de onde era, liguei os pontos.

Então Gaia não tinha vindo me procurar porque estava arrependida.

— Não poderia ser coincidência. Duas garotas do Brasil com o nome Gaia? Não. E o tempo de gravidez. Está no sexto mês, sabia? Isso bate com a época que se conheceram. E você também disse uma vez que ela era ruiva. Como foi que falou mesmo...?

Ele esfrega o queixo, tentando lembrar o que eu disse.

— Os cabelos ruivos mais lindos que eu já vi — repito o mesmo que confidenciei naquela época.

— Exatamente. Viu? Só podia ser a mesma garota. Então eu fingi

ainda estar passando mal para conseguir trazê-la até aqui e fazer você voltar para casa o mais rápido possível.

E o meu avô tinha sido mais inteligente do que eu e meu detetive juntos.

— É seu bebê, *engóni*. Eu sei disso. O bisneto que tanto esperamos — diz ele, emocionado, colocando a mão em meu ombro. — Sabe o que precisa fazer, não é verdade?

Ter Gaia e meu filho de volta em minha vida.

E desta vez não permitiria que nenhum deles fosse embora novamente.

CAPÍTULO 31



GAIA



Desperto um pouco desorientada e me deparo com dois rostos desconhecidos olhando para mim. Apesar do homem com olhar atencioso e da senhorinha, que reconheço das fotos, parecerem gentis, sinto medo.

— O que aconteceu? — Levo as minhas mãos trêmulas ao meu ventre, de forma automática e protetora. — O meu bebê?

— Está bem, senhorita — diz o homem. Eu o vejo guardar alguma coisa na maleta que havia deixado no chão, ao lado da minha cama. — Deve ter tido algum abalo emocional. Nas suas condições, precisa evitar isso. Por enquanto, os batimentos do seu bebê estão normais, apenas a sua pressão está um pouquinho elevada. Amanhã quero que vá ao hospital para fazermos exames mais específicos, tudo bem? Mas, por hoje, descanse e tudo ficará bem com vocês dois.

Tranquiliza-me saber que não há nada de errado com o meu bebê, mas o fato de ainda estar na casa dos avós de Eros me deixa em pânico.

— Ali, minha querida. — A mulher aponta uma mesinha de rodinhas do outro lado da cama. — Pedi que trouxessem chá e alguns biscoitos para você. Logo o almoço será servido. Acho que depois de comer se sentirá melhor.

O inglês dela é bem carregado, provando que não fala muito bem, e

eu só consigo entender pelo contexto e pela forma que ela gesticula.

— Não é necessário, senhora...

— Agnes. Pode me chamar de Agnes. Agora que é da família...

— *Agapi-mou*. — Andreas surge no quarto, chamando a atenção da esposa, e só quando ela se dirige a ele é que percebo que está sentada em algum tipo de cadeira de rodas motorizada. — Não assuste a menina, conversamos sobre isso...

Eles começam a conversar em grego, mas a minha atenção vai para o homem que vejo surgir atrás do simpático e atencioso senhor.

Eros!

O meu coração dá um grande salto em meu peito, e as lágrimas se acumulam em meus olhos. Tantos meses se passaram, e os sentimentos que tenho por ele cresceram, ao invés de diminuírem. Talvez fosse pelo fato de que realmente não tinha me esforçado muito para arrancá-lo do meu coração, ou era nosso filho crescendo em meu ventre que impedia que os meus sentimentos por ele morressem.

— Gaia — ele diz simplesmente, e seus passos decididos o trazem para mais perto de mim.

Quando os seus olhos caem em meu ventre, protejo-o como posso com as minhas mãos.

— Vamos deixá-los sozinhos, Agnes — diz Andreas, ignorando completamente o meu pedido silencioso para que não me deixasse sozinha no quarto, enquanto empurrava a cadeira da esposa para fora.

— Eu gostaria de...

— Desculpe causar problemas — falamos ao mesmo tempo.

Ficamos em silêncio e apenas nos encaramos por longos segundos.

— Já me sinto bem — aviso a ele e começo a me mover na cama.

Eros se aproxima rápido e coloca as mãos em meus ombros, obrigando-me a voltar a deitar. O simples toque de suas mãos firmes em minha pele causa um grande calor em meu corpo, e isso faz minhas bochechas arderem.

— Tenho certeza de que ouvi o médico dizer que precisa repousar.

— Mas não quero incomodar e...

— Incomodar? É do bem-estar do meu filho que estamos falando.

O que ele afirma me deixa apreensiva e me faz encará-lo, muda.

— É meu filho, não é? — Ele aponta para o meu ventre, e eu puxo

mais a coberta para me proteger.

Embora eu esteja apavorada, não posso mentir para Eros sobre isso. Assim, apenas afirmo levemente com a cabeça.

— Sei que disse a você que era impossível isso acontecer — começo a explicar, me sentindo completamente envergonhada. Não por nosso filho, mas pelo que Eros possa estar pensando. — E que deve imaginar que planejei isso. Que quero...

— A única coisa que consigo pensar no momento é que vou ter um filho e que perdi seis meses da existência dele. Você não podia ter feito isso, Gaia.

Ao que vejo em sua expressão séria e palavras duras, Eros não estava furioso porque eu estou grávida, mas sim porque mantive a gravidez em segredo.

— É q-que... — gaguejo, angustiada. — Você acredita que sou uma mentirosa, sem caráter e à caça do seu dinheiro.

— Nunca afirmei isso!

Eros está certo. Foi Felipa que me fez chegar a essas conclusões. Depois, o fato de Eros nunca ter me procurado levou-me a acreditar mais ainda nessas suposições.

— Você fez mais do que mentir para mim sobre quem era, Gaia. — Seu rosto contém uma mágoa difícil de encarar no momento. — Escondeu o meu filho de mim. Quando prometeu que iria me contar se...

Lembro daquela noite e do dia seguinte, quando assegurei a ele que uma gravidez estava longe de acontecer. Era o que eu pensava na época, até descobrir que o método anticoncepcional também tinha falhado comigo.

— O remédio que tomei... ele tinha um defeito de fábrica. Eu não sabia. — Um soluço escapa de minha garganta e eu faço o possível para não cair em lágrimas. — Achei realmente que, ao menos quanto a isso, estávamos seguros.

Seu olhar recai em meu ventre redondo e ele balança a cabeça, aliviando a expressão severa. Não posso culpá-lo e nem o condenar por me encarar com tanta decepção. Eu deveria ter dado a chance de Eros saber sobre o bebê.

— Mas ainda dá tempo de fazer o que é certo — diz ele, colocando a mão no bolso da calça. — Vou apressar os preparativos e devemos nos casar em duas semanas.

— O quê? — Minha voz soa desvanecida. — Do que está falando?

— Do nosso casamento.

Quando encontramos alguém como Eros, tão intenso e apaixonante, é difícil não pensar, durante os momentos especiais, como seria passar a vida inteira com ele. Depois de saber sobre o nosso filho, muitas vezes me vi pensando como seria se tudo tivesse acontecido de modo diferente e quiséssemos nos casar e formar uma linda família juntos. Bom, isso foram devaneios de uma garota excessivamente romântica.

— Não podemos nos casar. Isso é loucura!

— Por acaso já é casada? — ele indaga, com o maxilar rijo.

— Claro que não...

— Então não vejo problema com isso. O meu filho não irá nascer um bastardo e nem sem um pai.

— Esse é um pensamento arcaico. E o bebê tem um pai, se quiser cumprir esse papel. Mas não podemos nos casar por isso.

Não quero me casar com Eros, ou com qualquer outro homem, apenas porque ele se sente preso a uma obrigação.

— Ele é o herdeiro Laskaris, portanto me pertence. — Ele se inclina sobre mim e segura com firmeza o meu queixo. — Vocês dois me pertencem, na verdade.

— Pertencemos? — exalo profundamente.

Onde estava o Eros gentil e atencioso que conheci durante o cruzeiro?

Estou fazendo exatamente o contrário do que o doutor indicou, perdendo a calma. Era Eros, na verdade, que estava me deixando furiosa com esse pensamento machista.

— Somos pessoas, Eros! E não objetos que se pega e abandona quando quer.

Então eu me lembro novamente da conversa que ouvi entre Felipa com Aquiles, e que o único motivo dos irmãos Laskaris desejarem um casamento é atender ao pedido do avô, de dar os herdeiros tão esperados.

— Será que não? — Sua voz suaviza, e o toque em meu rosto começa a ficar gentil. — Não é o que vejo.

O meu coração ainda pertence a ele, isso não posso negar. Mas o que faço da minha vida e da do meu filho... do *nosso* filho? Pelo menos enquanto estiver em meu ventre, e inocente demais para fazer suas próprias escolhas,

eu que decido.

Eros não diz mais nada. Une os seus lábios brevemente aos meus e, enquanto ainda lido com o transe das sensações causadas apenas por estar ao seu lado, ele se retira silenciosamente, deixando-me perdidamente confusa.

A última coisa que vejo, antes de ele fechar a porta, é como o seu rosto contém uma expressão inflexível.



Levo um tempo para me recuperar do furacão chamado Eros Laskaris, mas quando a simpática avó dele entra no quarto, sinto-me um pouco mais calma.

Ela vem acompanhada de uma empregada que traz o meu almoço, então pergunta se podemos fazer a refeição juntas. Não posso negar o pedido da amigável senhora e me uno a ela em uma pequena mesinha no quarto.

Além de falante, Agnes Laskaris é bem curiosa a respeito da minha vida. Ela fica tocada ao saber que perdi minha mãe recentemente e diz que agora os Laskaris passarão a ser a minha família e que vão cuidar de mim e de Íris.

Não quero magoá-la, então não a corrijo, dizendo que não vou me casar com Eros. Não pelos motivos que ele deseja.

— Agora vou deixá-la descansar, minha querida — Agnes avisa quando solto um bocejo involuntário.

Estar grávida tem me deixado mais sonolenta e cansada do que o normal. Cochilos da tarde sempre são bem-vindos.

— Esta semana teremos muitas coisas para cuidar a respeito do casamento. — Olho-a em pânico, e ela sorri para mim. — Não se preocupe. A mãe de Eros está vindo e teremos muita ajuda. Pensei que a cerimônia poderia ser no jardim. Andreas e eu também nos casamos no jardim...

Enquanto a senhora fala com ar sonhador, só penso em como vou desfazer esta loucura. Mais do que ninguém, sei como enganar como esse podem magoar quem menos desejamos ferir.

— Eu tenho que encontrar uma forma de sair disso — murmuro,

deitando-me de lado e fechando os olhos. — Só preciso de um minutinho para pensar.

Só que, ao ter o peso desse segredo finalmente retirado dos meus ombros, dormir tendo paz na consciência é uma sensação que faz algum tempo que eu não sentia.

CAPÍTULO 32



EROS

Sinto-me frustrado.

Poderia ter falado e agido com Gaia de forma que não a tivesse deixado tão zangada e magoada comigo?

Sim. Mas em minha defesa, se é que tenho direito a alguma, ainda estou confuso demais com o surgimento inesperado dela, bem como com o fato de descobrir que, dentro de alguns meses, seremos pais. Um bebê que não pude acompanhar em seus primeiros sinais de desenvolvimento, e agora não quero perder nem mais um único detalhe importante.

Estupidamente, fiz parecer como se me casar com ela fosse meramente uma obrigação, quando isso não é verdade. Assumo a seriedade e responsabilidade que tenho com Gaia e meu filho, mas devo ser honesto, ao menos comigo. Desde que a reencontrei, que coloquei os meus olhos incrédulos novamente sobre ela, sinto que os meus sentimentos voltaram com força total.

Gaia é a mãe do meu filho, mas não é apenas isso, droga!

Eu a amo, e mesmo com o ventre redondo pela gestação avançada, nunca senti tanto desejo por outra mulher como ela me desperta. Precisei de todo o meu autocontrole, quando a beijei, para não levar esse contato ainda mais longe. Era isso o que eu deveria ter confessado em nossa conversa, em

vez de ter iniciado uma briga ridícula sobre casamento.

— Então? — O *pappoús* surge no quarto, sem esconder sua inquietação. — Acertou tudo com Gaia? Confessou que a ama e que tudo não passou de um engano?

Como os conselhos do meu avô sempre foram preciosos, conto exatamente como foi tensa a minha conversa com Gaia e que eu meio que a obriguei a aceitar que não havia outro caminho para nós, além do casamento.

— Muito bem, meu neto! — Junto com o início da reprimenda esperada, recebo dele um belo tapa no pescoço. — Você tem a sensibilidade de um jumento. Isso é jeito de falar com a mãe do seu filho? Agora ela vai pensar que somos um bando de selvagens.

Arcaicos, foi o que ela disse em nítido tom.

— Vovô, eu não vou deixar que ela vá embora novamente. É o meu filho que a Gaia carrega. O seu bisneto. O que tanto queria, lembra?

— Vou repetir pela última vez, pois acho que se apaixonar deixa a gente, por um momento, um pouquinho burro — ele diz com certa impaciência. — Sua *pappoúdes* e eu apenas desejamos que Aquiles e você sejam felizes. Os bebês são um plus, *engóni*. Agora aja como um verdadeiro grego, conserte as coisas com a mãe do seu filho e a reconquiste.

Ele sai resmungando, deixando-me preso em suas palavras. Gaia e eu vamos nos casar, e disso não vou abrir mão. Mas vovô está certo sobre uma coisa: para que esse casamento tenha sucesso, preciso recuperar a confiança de minha futura esposa e fazer com que se apaixone por mim outra vez.

Há uma pessoa que pode me ajudar nisso.

Agnes Laskaris.



Não gosto nada da forma que a *pappoúdes* me encara durante o jantar. Depois de meu avô ter explicado a ela os reais motivos de Gaia se recusar a descer para fazer a refeição conosco, passei de um dos netos favoritos para uma pessoa não bem-vinda à mesa.

— Andreas, diga ao seu neto para passar o azeite, por favor.

— O seu neto — resmungo, entregando o frasco a ela, que ainda se recusa a me encarar — está bem na sua frente, *pappóúdes*.

— Seria melhor que não estivesse — ela retruca, fazendo o meu avô rir.

— Lembro dos nossos primeiros anos de casamento, quando eu fazia alguma coisa de errado — ele diz em um tom saudoso e divertido. — Bom, *engóni*, acho que você terá um longo caminho para reconquistar Gaia e, pelo visto, a sua avó. E vou avisar, a segunda é bem difícil.

— Achei que a vovó fosse me ajudar a ter a Gaia de volta. Que ficar perto do bebê fosse importante.

— É claro que é importante. — Ela me encara pela primeira vez depois de vários minutos zangada. — E sim, querido, vou ver o bebê nascer, nem que seja você que tenha que partir daqui.

— Vovó! — Encaro-a, chocado. Na verdade, estou me divertindo internamente.

Eu sempre conheci o lado mais gentil e compreensivo dela. Era em seu colo que buscava socorro quando enfrentava os castigos educativos de meus pais. Parece que agora o seu lado protetor e carinhoso estava pendendo para Gaia e o bebê por nascer.

— Foi muito malvado com ela. Pobrezinha, ela é órfã.

— Vovó, a Gaia tem 26 anos — recordo-a, exibindo um sorriso divertido.

— Ainda assim é só uma criança perdida no mundo. Apenas ela e a irmã, e isso é tão triste. Precisamos cuidar bem dela e da irmãzinha. E não falo isso apenas porque carrega o meu bisneto no ventre, Eros. Não sei como, mas você vai garantir que ela se sinta amada e acolhida pelos Laskaris.

— Estou empenhado nisso, vovó.

— Então se esforce mais. — Ela aponta o garfo em minha direção — E seja rápido.

Eu afirmei a Gaia que, em duas semanas, nos tornaremos marido e mulher. Seria esse tempo suficiente para recuperar o seu amor por mim?

Esse questionamento me acompanha até chegar ao quarto dela.

Infelizmente ela já está dormindo, e para não a assustar, aproximo-me o mais silenciosamente de sua cama.

A coberta jogada sobre ela cobre-a das coxas para baixo, deixando o ventre redondo, sob a camisola, à mostra. Ajoelho-me no chão e estico minha mão em direção à sua barriga abaulada. Os meus dedos estão trêmulos ao

tocá-la, e fazer pela primeira vez esta conexão com nosso bebê dentro dela causa em mim uma emoção devastadora.

— Oi, pequenino — sussurro, alisando suavemente o seu ventre. — O papai está aqui. Nunca mais vamos nos separar.

É mais do que uma promessa.



Gaia parece muito mais calma esta manhã. Pelo menos não recusou meu pedido de acompanhá-la ao médico. Contudo, o seu silêncio durante todo caminho é um forte indício de que ainda está aborrecida comigo.

Segundo o meu avô, esse é o momento de deixar que ela assimile todas as novidades acontecendo na vida dela, antes de pressionar sobre o casamento mais uma vez.

— É seu primeiro filho, senhorita Smith?

— Nosso primeiro filho, doutor — respondo por nós.

Espero algum comentário ácido de Gaia, mas ele não vem. Vejo que no momento a maior preocupação é saber como está o bebê e o avanço da gravidez.

O médico faz novas perguntas, e Gaia explica que nunca teve problemas de pressão antes, mas conta sobre a doença da mãe.

— Pronto para ouvir o coração do seu bebê, Eros? — o médico indaga, e eu a encaro com o olhar completamente abismado.

— É o som mais lindo do mundo — Gaia confessa, tendo aquele brilho no olhar, e eu sinto pesar porque não estava ao seu lado, quando ela o ouviu pela primeira vez.

— Estou mais do que pronto, doutor.

E como Gaia disse, o som dos batimentos fortes do bebê é o mais lindo que eu já tinha escutado até hoje.



Passamos quase toda manhã no hospital, e todos os exames necessários foram feitos.

— Essa alteração na pressão pode acontecer, se tratando da primeira gravidez — esclarece o médico. — Mas se tomar todos os cuidados necessários, não teremos que nos preocupar com a pré-eclâmpsia. Tente também evitar momentos de estresse.

— Eu vou cuidar dela, doutor.

Nem que precise amarrar Gaia em minha cama para garantir isso.

— Deve estar com fome — falo assim que deixamos a clínica. — Conheço um restaurante tranquilo perto daqui, com comida excelente.

Ela concorda, e sua insistente calma me deixa angustiado. Gaia permite que eu faça as escolhas por nós, e enquanto comemos, responde todas as minhas perguntas curiosas a respeito da gravidez com paciência. Como, o que sentiu quando soube que estava grávida? Se estava feliz e ansiosa pela chegada do bebê? Quais foram as mudanças em seu corpo, além das que são visíveis aos olhos?

O garçom entrega o cardápio de sobremesa, e ela escolhe apenas uma salada de frutas, enquanto eu encerro com o café.

A vida é mesmo cheia de surpresas. Estive todos esses meses desesperado à sua procura, e agora que a tenho diante de mim, não sei o que fazer.

— Andei pensando... — Gaia inicia, brincando com as frutas cortadas na taça de sobremesa. — Acho que vou voltar para casa.

A única casa que imagino para ela e meu filho é a minha. A nossa casa.

— Está dizendo o Brasil?

Ela assente, e eu faço o possível para não perder o controle.

— Então estamos em um impasse — respondo aparentando calma, mas por dentro estou realmente em pânico. — Não vou permitir que o meu filho vá embora. Tenho direitos, Gaia. E acho que não vai querer uma briga com um Laskaris.

— Podemos resolver isso de forma amigável. Tudo o que quer é este bebê — ela respira fundo. Não quero que perca a calma e menos ainda que acredite que só desejo isso. — Por causa dos seus avós, eu entendo. Mas posso trazer nosso filho para visitá-los sempre que desejarem e você pode ir ao Brasil.

Com qualquer outra garota que tivesse tido uma relação sem o envolvimento emocional que me mantém ligado a Gaia, seria um acordo a se considerar. Mas eu não conseguia me ver perdendo-a outra vez. Não sem antes conseguir consertar tudo.

O *pappoús* disse para agir com sabedoria, mas eu só conseguia enxergar através do desespero.

— As leis aqui são completamente diferentes, Gaia. — Eu nem sei o que estou dizendo, mas arrisco todas as minhas fichas nesse blefe. — Pode ficar aqui e se casar comigo ou voltar sozinha ao Brasil.

Se Gaia, ainda assim, decidir levar sua partida adiante, me enfrentando, posso ter arruinado a única chance de consertar tudo.

— O que me diz?

— Você nem ao menos me ama — ela sussurra, e vejo os sinais de lágrimas brilhar em seus olhos.

Diga a ela! Confesse o que realmente sente.

— O que acho é que já presumiu o que eu sinto por tempo demais.

— Se me amasse... — Ela empina o queixo, com um sinal de desafio que só a faz parecer ainda mais linda aos meus olhos. — Se algum dia chegou a ter sentimentos por mim, não me obrigaria a isso.

Sim, vale muito a pena lutar por ela, mesmo que eu não esteja jogando da forma mais limpa.

— Isso é um sim?

Seus olhos brilham ao me encarar com raiva, e acho justo que esteja me desprezando agora. Mas sempre ouvi dizer que ódio e amor andam lado a lado.

— Significa que não tenho escolha. E que só vou me casar com você, Eros Laskaris, apenas pelo bebê.

O que Gaia realmente teme é que eu cumpra a ameaça de tomar o bebê dela. Eu nunca faria isso, e no momento certo ela descobrirá. O mais importante é que agora terei o tempo necessário para conquistar minha futura esposa.

CAPÍTULO 33



GAIA



Eros mal conseguia disfarçar o sorriso vitorioso. Afinal, ele teria tudo o que mais desejava: uma esposa e um bebê a caminho para agradar os avós.

— Mas há uma condição.

Dessa vez é o meu momento de regozijar com minha pequena vitória, ao ver, pouco a pouco, o sorriso dele ir morrendo.

— Condição?

— Estaremos casados apenas no papel...

— E na igreja. Minha família não aceitará menos que isso.

— E você faz tudo o que a sua família quer? — provoco e vejo o seu maxilar ficar rijo.

O Eros que encontrei no navio, de espírito livre e aventureiro, apesar de gentil, não era o tipo que se curvava a ninguém. Contudo não sei se realmente o conheci de verdade.

— Vamos ter um casamento tradicional, Gaia.

— Um casamento tradicional envolve pessoas que se amam — aviso, contrariada. — Não é o nosso caso.

Ele me encara firme, e ao mesmo tempo que sua mão busca a minha, pousada sobre a mesa, a expressão dura vai suavizando.

— Eu tenho um novo acordo. Teremos um casamento civil e religioso

como deve ser. Vamos dar uma trégua nas mágoas e ressentimentos. Se até quando o bebê nascer nossos sentimentos não mudarem...

— Você acha que em três meses vamos nos apaixonar um pelo outro?
— indago, duvidosa.

Não por mim. Por mais que lute contra esse sentimento e que esteja odiando Eros por me pressionar a casar com ele, basta as suaves carícias de seus dedos em minha mão para fazer o meu coração disparar.

Eu não preciso de mais três ou quatro meses para me apaixonar por ele, pois ainda me encontro completamente entregue a esse sentimento. Mas Eros seria capaz de se apaixonar por mim em tão pouco tempo?

— Fizemos isso uma vez, não? — ele questiona, e seu olhar cai em meu ventre. — Ele é a prova disso.

— Não éramos nós — afirmo, lembrando-o dos erros que nos trouxeram até aqui. — Mentimos um para o outro.

— Sempre fomos nós, Gaia. Ainda somos nós.

Se for verdade, se aquele Eros ainda existir, o meu coração não terá chance alguma de vencer essa guerra chamada amor.

— Pelo bebê... — interrompo nosso contato, levando as mãos ao meu ventre, e Eros acompanha o movimento com o olhar.

Covarde! É o que o meu coração me dizia.

— Eu aceito. Mas tem que me dar sua palavra de que nos deixará partir, se não nos...

O nó se formando em minha garganta impede-me de finalizar. Afirmo a mim mesma que são os hormônios da gravidez que me deixam exageradamente emocionada, mas a realidade é que desejo, com todas as forças, que Eros e eu voltemos a ser aquele casal romântico e apaixonado do cruzeiro.

— Eu prometo. Deixarei você e o bebê irem, se decidir ir embora.

Pensar nessa possibilidade comprime o meu coração dentro do peito. Além de Íris, não existe mais nada no Brasil esperando por mim e meu filho. Aqui ele terá um tio, avós e até mesmo bisavós que prometiam ser amorosos com ele.

Não digo a Eros, afinal ele já tem excesso de confiança suficiente, mas se ele não for capaz de entregar o seu coração a mim como entreguei o meu, ainda ficarei na Grécia, como tinha planejado antes, e darei a oportunidade do nosso bebê ter contato com sua família paterna.

A volta para a mansão Laskaris é igualmente silenciosa. Fiquei a maior parte do tempo vendo a linda vila através da janela do carro, e Eros ficou enviando mensagens e conversando em grego ao telefone.

— Quero aprender grego — anuncio assim que ele encerra mais uma ligação, e atraio sua total atenção para mim. — O meu filho...

— Nosso filho, Gaia.

Suspiro, mas não estou aborrecida com sua observação.

— Desculpe. Passei todos esses meses pensando que éramos apenas nós dois, que...

— Agora não estão mais sozinhos — ele avisa e busca a minha mão, unindo-a com a dele, colocando-as juntas em seu colo.

É impossível não reagir a este singelo contato. O meu corpo tem reações que sei que não deveria sentir, ainda não. Preciso ter certeza de que Eros realmente quer fazer essa relação dar certo, não apenas pelo bebê.

— Como estava dizendo, o nosso filho vai falar grego e quero poder entender o que ele diz.

Assim como os avós dele, os pais e o próprio Eros.

— Sabe onde posso conseguir um professor que me ajude com isso?

— Está bem ao lado dele — Eros responde com um sorriso.

— Você? Não tem coisas para fazer... como trabalhar?

— O meu trabalho pode ser feito em casa, Gaia. Aliás, desde que vim para Oia cuidar dos meus avós, venho fazendo isso. Tenho um escritório de trabalho em casa, por isso acostume-se a me ver todo tempo.

Essa afirmação é suficiente para fazer meu coração bater mais forte. Terei Eros por perto por mais tempo do que imaginava.

— Posso te ensinar grego, e você, me ensina português.

— Deseja aprender português?

Já tínhamos trocado algumas palavras durante a viagem de navio, mas Eros nunca expressou um verdadeiro desejo de aprender o meu idioma.

— Pelo mesmo motivo. Acho que vai querer que o nosso filho também fale português e que conheça a sua cultura. Também desejo saber como me comunicar com ele. Além de que, aprender outras línguas sempre é enriquecedor.

— Sobre isso concordamos. Eu te ensino português e você me ensina grego. Mas, e depois?

Ele me encara, contrariado. Para Eros não existe a possibilidade de

seguirmos caminhos diferentes.

— Se... — Ele desvia o rosto para a janela, e a ação dura poucos segundos. — Se desejar partir, contratarei um professor para vocês onde quer que estejam.

Há algo em seu olhar que eu não sei definir.

Desespero?

Não. Eu não posso me deixar levar novamente por fantasias românticas e enxergar apenas o que desejo ver. Agora tenho mais do que eu mesma e minha felicidade com que me preocupar.

Chegamos à casa, e Eros age como o atencioso cavalheiro que conheci, abrindo a porta do carro antes do motorista e mantendo as mãos em meu braço e costas, para me auxiliar a caminhar para dentro.

— Posso andar sozinha, sabia? — Apesar do tom de provocação, estou sorrindo. — Aliás, foi uma das coisas que o médico recomendou hoje.

— Sei disso — murmura ele, mas suas mãos continuam em mim. — Faremos caminhadas todas as manhãs, depois do café e no cair da tarde, antes do jantar.

— Isso faz parte do plano de conquistar a esposa perfeita?

Pela forma que Eros me encara e estaca, após passarmos pela porta aberta, noto que, agora sim, a minha observação o aborreceu.

— Faz parte do fato de que me preocupo com a mãe do meu filho e desejo que fique bem. — O olhar duro que me dá vai suavizando conforme seus passos curtos o trazem até mim.

Nossos rostos estão separados apenas por centímetros.

Solto um gemido quando as mãos dele envolvem a minha cintura, e com um puxão firme, Eros me prende a ele.

Vejo em seu olhar o desejo, a paixão, o mesmo fogo que arde em mim. Talvez Eros ainda não me ame, mas atração, aquela atração que mal conseguíamos controlar quando nos conhecemos, ainda vibra entre nós.

Assim, quando sua boca exigente busca a minha para um beijo carregado de desejo e saudade, entrego-me sem reservas. E é nesse beijo carregado de intensidade e sentimentos que tenho a incontestável certeza de que, não importa o que aconteça no futuro, o meu coração sempre pertencerá a Eros. Ele tinha me marcado com sua flecha do amor.

— Ah. Eles estão aqui! — Um grito animado nos faz separar, atordoados.

Quando viramos em direção à voz, vejo vários rostos, conhecidos e desconhecidos, nos encarando. A maioria expressa felicidade, mas um deles, o do homem escorado na parede da lareira, encara-me com bastante seriedade.

— Gaia, quero que conheça Leandro, o meu pai — apresenta Eros, e depois seu olhar se dirige à linda mulher ao lado do homem elegante. — E minha adorável mãe, Emília.

O pai de Eros segura a minha mão em um aperto firme, e a mãe dele me dá um beijo afetuoso no rosto.

— E aquele é o meu irmão, Aquiles.

O irmão de Eros acena com a cabeça, mas não faz qualquer movimento para se aproximar de nós. A melhor forma de descrever o que sinto sobre nosso primeiro contato é que Aquiles parece estar me estudando cuidadosamente.

— Pelo que vejo... — Andreas começa a falar e empurrar a cadeira da esposa até nós. — Tudo está resolvido, *engóni*.

Antes de responder, Eros segura a minha cintura, puxando-me para frente dele, apoiando o peito contra as minhas costas.

— Sim, vovô. Gaia e eu vamos nos casar.

Há uma grande vibração causada pela comemoração entre eles. Recebo abraços apertados, felicitações em grego, tentando manter convincente o sorriso em meu rosto. Não quero mentir para a família de Eros, e isso, de certa forma, me deixa incomodada.

Entre sorrisos e uma chuva de sugestões sobre como deve ser o nosso casamento, acho que ninguém nota que estou presa em um clima completamente diferente da felicidade geral, exceto o homem ainda parado na lareira, que não tinha dado um único passo para se aproximar do “casal apaixonado”.



A mãe de Eros tem uma personalidade um pouco mais calma, se comparada com a da avó dele, mas via-se que ela estava inegavelmente

empolgada. Tanto com o fato de o filho mais novo se casar em alguns dias, como com a chegada do primeiro neto.

Eu não tenho do que me queixar. Bem diferente do que tive medo, quando me escondia da família Laskaris, todos eles — bom, Aquiles ainda não sei dizer — me receberam com os braços e corações abertos.

— Sei que tudo será feito às pressas, mas um jantar de noivado não pode faltar — avisa a mãe dele, e tem a confirmação da sogra. — Todos os outros Laskaris devem comparecer. Você ganhará alguns tios e primos, querida.

Eu me sinto como se estivesse sendo jogada no meio de um furacão. Mas não posso reclamar, todos estão sendo muito amáveis, desejando me introduzir no núcleo familiar.

— Depois do jantar, nós podemos...

— Mamãe, a Gaia está cansada. — Eros vem ao meu socorro, e nossos olhares se encontram quando ergo o meu rosto para observá-lo do outro lado da mesa. — Foi um dia cansativo para ela. Acredito que senhora e a *pappoudes* podem resolver tudo isso.

As duas se desculpam comigo e dizem que resolverão as questões principais, mas me deixarão a par de cada detalhe, caso eu queira mudar alguma coisa. Sinceramente, prefiro que elas, pelo menos dessa vez, tomem a frente de tudo. Já estou ansiosa o suficiente por saber, durante o jantar, que irei conhecer todo o clã Laskaris, que não se reduzia apenas a esse lado da família.

Depois da sobremesa, Eros reforça o fato de que preciso ir para cama mais cedo e me acompanha até o quarto de hóspedes, onde devo ficar até o dia do nosso casamento. Por um lado, fico feliz que eu tenha esse pequeno refúgio para meditar em paz; por outro, é estranho estarmos em quartos separados, sendo que já tenho em meu ventre um filho dele.

— Você está bem? — ele indaga quando paramos em frente à minha porta.

— Um pouco atordoada com tudo. Não achei que eu seria... — Aliso o meu ventre com carinho. — Que nós seríamos tão bem recebidos.

— Os meus avós desejam você antes mesmo de eu te conhecer, Gaia.

— E o bebê mais ainda.

Isso é algo que ainda me deixa um pouco receosa.

— Não parece, mas eles já estão bem idosos. Somos uma família

bastante unida. Um pouco sufocante, mas quando se acostumar, verá que terá muito amor.

Nisso eu venho acreditando cada vez mais. Que no final de tudo e da forma meio bagunçada que tudo aconteceu, o nosso filho terá muita sorte em ter todas essas pessoas que irão amá-lo.

— Agora, acho que precisa mesmo descansar — Eros avisa, abrindo a porta.

— Preciso falar com Íris primeiro — respondo, sem conseguir segurar um bocejo de cansaço. — Ela está surtando, querendo saber todos os detalhes.

— Vou deixar que tenham privacidade.

Ele me observa por um tempo que me deixa inquieta. Vejo em seus olhos os mesmos sentimentos que sinto quando estamos perto um do outro, e aquela vibração que nos atrai, mas, no fim, Eros apenas leva as mãos aos bolsos traseiros da calça e sai silenciosamente do quarto.

Caio de costas sobre a cama e fixo o meu olhar no teto. O meu coração tem batidas erráticas, e eu sinto um agitado movimento em meu ventre.

— Eu sei, querido — murmuro para o bebê. — É impossível ficar indiferente quando o seu pai está por perto.

Fico um instante conversando com o bebê, até me recordar que preciso falar com Íris.

— Você vai se casar com ele? — Não sei afirmar se a pergunta de Íris é de surpresa ou reprovação, mas a confirmação da segunda opção vem em seguida: — Não pode fazer isso, Gaia.

— Nós vamos ter um filho...

— Não é motivo suficiente para fazer isso. Não neste século, pelo menos.

Eu também tinha pensado assim, mas as coisas são bem mais complicadas do que Íris pode imaginar. A vida não é apenas o branco e o preto. O certo e o errado.

— A verdade é que continua apaixonada por ele, não é, Gaia?

Posso negar isso a Eros, e até mesmo tentar enganar a mim mesma, mas, no fundo, sei que Íris tem razão.

— Desejo que isso dê certo, Íris. Se ele for capaz de me amar...

— Tudo o que quero é sua felicidade, minha irmã. Teve muitas decepções em tão pouco tempo — ela avisa com carinho. — Mas sempre vou

apoiá-la no que desejar.

— Queria que você estivesse aqui, Íris.

— Eu também. Sinto que estou perdendo tantas coisas.

— Em um ano você estará formada, e quem sabe possa vir passar uma temporada na Grécia comigo e conhecer seu sobrinho pessoalmente.

— Definitivamente, isso está nos meus planos — ela afirma, cheia de animação e expectativa. — Agora me conta mais sobre esses Laskaris. Então há mais deuses gregos espalhados pela Grécia?

Falo brevemente sobre os outros Laskaris que ainda irei conhecer e sobre os quais não tenho muita informação, e foco em descrever os que me abraçaram com carinho. Assim que descrevo Aquiles, automaticamente, Íris cria um desafio por ele. Apesar de achar que ela não deva tomar conclusões precipitadas, entendo-a. Apesar de mais nova, Íris sempre foi assim comigo, desde crianças. Eu sempre fui a mais bobona, chorona e sentimental; e ela, a que me defendia de todos, partindo para a briga.

— Aposto que ele deve ser como aquela Felipa e acha que você ainda está interessada na grana deles.

— Não sei dizer isso, Íris. Não quero julgar ninguém antecipadamente.

Sei o quanto isso é injusto e que não devemos fazer com os outros o mesmo que já nos fizeram.

Conversamos por mais alguns minutos, e quando estou quase dormindo na ligação, aviso a ela que preciso descansar. Não sem antes prometer continuar atualizando-a sobre a minha novela cheia de reviravoltas.

Pego o restante da minha energia para tomar um banho rápido e vou ao closet em busca das minhas roupas, que haviam sido trazidas do hotel essa manhã. Coloco a camisola de gestante, e acabava de me acomodar na cama, quando escuto a leve batida na porta.

— Trouxe um chá. — O rosto lindo de Eros surge no vão da porta. — A minha mãe disse que a ajudava a dormir, depois do jantar.

Sento-me com as pernas esticadas, e Eros coloca a bandeja na mesinha ao meu lado, depois se acomoda na beirada da cama, perto de mim.

Noto que, novamente, seu olhar em meu ventre tem um ar de cachorrinho querendo um agrado, mas ele mantém uma distância que me deixa confortável. Então entendo que, diferente de mim, ele não teve nenhum contato tão íntimo com nosso bebê.

— Você quer tocar? — indago, acariciando o meu ventre.

Foi como ter perguntado a um menino se queria bolo com cobertura extra de chocolate. Seus olhos brilharam, parecendo um dos cristais que Íris gosta de colecionar.

— Eu posso? — A emoção está visível tanto em sua expressão como na voz rouca.

— É o seu filho, Eros — respondo, pegando sua mão, trazendo-a até minha barriga.

Ele a mantém aberta sobre o meu ventre enorme, e aos pouquinhos, seus dedos começam a se mover. A sensação que tenho, desta vez, é completamente diferente, e o calor que seu toque me transmite chega quentinho ao meu coração.

Faço o possível para segurar as emoções, mantendo as lágrimas presas em meus olhos. Ele não tem a mínima ideia de como desejei poder compartilhar momentos especiais como este, envolvendo nosso filho, com ele.

— O que foi isso? — Os seus olhos me procuram, surpresos, quando sentem o movimento em minha barriga.

— É o seu garotinho dizendo “oi”.

Para Eros, é como se ele estivesse entrando em um mundo encantado, e eu me dou conta de que não importa como nossa história irá acabar, tenho a certeza de que ele será um ótimo pai.

— Isso acontece muito?

— No começo, eu não sabia identificar muito bem. Acho que vai crescendo e ficando mais palpável. Também depende muito de quem está perto de mim e do que sinto.

E Eros me faz sentir muitas coisas que, de alguma forma, incita nosso bebê.

— Você pode me contar um pouco mais?

— Sobre o quê?

— Tudo. Cada detalhe que conseguir se recordar.

Não tenho como negar esse pedido. Ainda me sinto culpada que, mesmo que por medo, acabei tirando de Eros momentos tão preciosos do nosso garotinho.

— Tenho algumas fotos para mostrar — aviso e bato no colchão para que ele se sente ao meu lado.

Quando pego o celular e abro a galeria de fotos, Eros segura a minha

mão e entrelaça os nossos dedos.

Hormônios, me deem um minuto de paz!

Não são eles fazendo uma bagunça no meu emocional, mas Eros Laskaris, o homem que a cada dia invade um pouco mais o meu coração.

Ficamos olhando e conversando sobre as fotos que vou mostrando a ele do meu ventre, desde o dia que descobri a gravidez até o dia anterior ao meu encontro com seu avô. Sei que não é suficiente para compensar tudo o que ele perdeu, mas é uma forma de incluí-lo.

Não sei dizer exatamente em que momento pegamos no sono, mas ao acordar durante a madrugada para ir ao banheiro, tenho não apenas Eros dormindo em minha cama, como seu braço em volta de mim.

Saio e volto o mais silenciosamente possível, mas ele me busca novamente quando me deito ao seu lado.

— *Mou leipeis*^[14]... — Eros sussurra sem abrir os olhos, ainda bastante sonolento.

Não sei o que isso quer dizer, mas sinto o carinho em cada letra emitida, e com um sorriso bobo no rosto, volto a dormir.

CAPÍTULO 34



EROS

Não tive a intenção de passar a noite com Gaia. Não queria apressar ainda mais as coisas e fazê-la se sentir sufocada, mas quando senti nosso bebê se mexendo dentro dela e tive aquela conexão incrível com ele, precisava saber mais, e nunca parecia o suficiente. E quando a vi adormecer, minha intenção era apenas observar os dois por alguns minutos, mas também peguei no sono.

— Não sei como explicar a você, Aquiles — informo quando saímos para uma corrida matinal.

Foi sua mensagem que me acordou no clarear do dia, e o choque de perceber onde estava que me fez ir me encontrar com ele.

— Sentir o bebê é completamente diferente.

— Sei que está animado com tudo isso, Eros, mas... confia nela?

— O que quer dizer?

Eu percebi que, diferente de toda a família, que recebeu Gaia e o bebê com empolgação, Aquiles vem se mantendo distante.

— Tem certeza de que esse bebê é seu?

São poucas as recordações que tenho de brigas com Aquiles, e são quase inexistentes as vezes que acabamos saindo na porrada, mas, neste momento, ao encarar seu ar um pouco duvidoso, sinto a necessidade de lhe

dar um belo soco na cara.

— Retire o que disse.

— Ela mentiu para você, fingiu ser quem não era... Depois surgiu do nada com uma gravidez.

— Eu também menti para ela.

— É completamente diferente. Você fingiu não ser rico, e não haveria forma alguma de tirar vantagem sobre isso.

— Esse é o ponto, Aquiles. Ela poderia ter me dado o fora e procurado outro homem rico no navio. Você não conhece a Gaia, mas poderia fazer um esforço para conhecer.

— Só não quero que se machuque. Vi como ficou quando ela sumiu.

— Exatamente. E não vou perdê-la novamente. Você deveria ser menos cínico em relação às pessoas e parar de achar que estão sempre querendo tirar algo de você.

— E não estão?

— A vida não é apenas negócios, Aquiles — aviso, colocando a minha mão em seu ombro. — Precisa relaxar um pouco e quem sabe manter o coração aberto. Nem tudo se resolve com a assinatura de um contrato.

Sempre considerei esse conselho do meu avô exatamente como Aquiles o enxergava, mas após conhecer Gaia, e me sentir inteiro com ela, enxergo que não eram conselhos de um velho romântico.

— Casamento ou divórcio — retruca ele em um tom sarcástico. — Os dois usam papel e caneta.

— Bom, os nossos pais e avós assinaram as linhas pontilhadas apenas uma vez. É no primeiro que acredito.

— Com a Gaia.

— Sim, com ela. Você pode ser mais gentil daqui para frente?

Eu entendo sua preocupação de irmão, principalmente com o fato de Aquiles deixar o seu lado prático de homem de negócios falar primeiro. Mas a única coisa com a qual ele precisa se preocupar em relação a mim será eu não conseguir reconquistar Gaia.

A possibilidade que ela vá embora, levando nosso filho, é algo que não consigo cogitar no momento.

— Eu sou a gentileza em pessoa. — Ele abre um sorriso cínico, depois me puxa para um abraço de irmãos. — Vou ser amigável com ela. Prometo.

E se tem algo em que Aquiles nunca falha, é em cumprir suas

promessas.



Eu teria pulado todas essas etapas organizadas por minha mãe e avó e partido direto para o casamento, mas as duas queriam que tivéssemos ao menos esse jantar de noivado, em uma cerimônia matrimonial digna de um Laskaris.

— Quantas pessoas virão? — sussurra Gaia ao meu lado, após termos cumprimentado o mais velho dos meus tios-avôs.

— Se contarmos as crianças, acho que umas oitenta — aviso e me silencio para trocar algumas palavras com um primo e sua esposa, que chegavam à casa. — Mas metade das pessoas só conseguirão vir para o casamento.

— Oh, meu Deus, ainda tem mais? — Apesar da pergunta cheia de surpresa, Gaia sustenta o mesmo sorriso acolhedor de quando descemos para recepcionar os convidados.

A fila seguia com os meus avós no início, seguidos pelos meus pais. Gaia e eu estávamos logo depois deles na fila.

— Também são muito barulhentos, mas acho que irá se acostumar com isso.

Para quem vê de fora, os Laskaris podem parecer um pouquinho assustadores, mas é um clã cheio de calor, alegria e acolhimento.

Admiro seu sorriso divertido até vê-lo começar a desaparecer, quando Gaia avista alguém surgindo na porta. Olho na direção que a mantém apreensiva e claramente nervosa.

— O que ela faz aqui?

Droga!

Os únicos que sabem em detalhes o que aconteceu no Afrodite é meu avô e Aquiles, então, a presença de Felipa não é algo que venha a me surpreender, mas deveria ter sido evitada.

— Os Papadakis são amigos da família há alguns anos — aviso, e apesar do que falo, vejo que sua inquietação continua. — Minha mãe deve ter

convidado os pais dela.

Não tenho como explicar nada a Gaia agora ou tentar fazê-la relaxar. O trio se aproxima de nós. O senhor Papa Papadakis é, como sempre, amigável, desejando-nos felicidades com o casamento e a chegada do bebê. Já sua esposa... Eu nunca consegui ler muito bem as expressões de Agathe. Seu olhar está bem atento a Gaia, não sei dizer se é apenas curiosidade devido à gravidez ou se nutre algum rancor por ela ter tomado o lugar da filha em meu coração e vida.

Apesar disso, Agathe se dirige à Gaia educadamente, limitando-se a apenas duas ou três palavras formais.

— Eros. — Ela para à minha frente e passa gentilmente a mão em meu rosto, brindando-me com um sorriso cheio de empolgação. — O mais encantador dos Laskaris, enfim, foi fisdado.

— Completamente — afirmo, e quando Kyros a conduz para o interior da casa, o meu olhar segue para Felipa.

Diferente da mãe, ela não exibe sorrisos educados, e vejo, pela frieza em seus olhos, que este é o último lugar em que desejaria estar esta noite.

— Então você a encontrou — ela diz em grego de forma proposital, para que Gaia não compreenda a nossa conversa. — Espero que tenha consciência do grande erro que está cometendo, Eros.

— E eu que você saiba exatamente qual é o seu lugar — respondo, levando a mão de Gaia aos meus lábios. Pelo brilho que vejo nos olhos de Gaia em reação ao meu gesto, sinto que ela fica um pouco mais tranquila em relação à Felipa. — E ele nunca foi ao meu lado, Felipa.

Felipa tem orgulho, e é ele que a impede de sair correndo, em lágrimas. Não gosto de ser duro e até mesmo cruel com ela, mas as gentilezas e considerações, com as quais sempre a tratei, impediram-na de ver que nunca poderia existir entre nós algo além de amizade.

— Acho que agora ela me odeia ainda mais — Gaia ressalta quando vemos Felipa e Agathe iniciarem uma discussão discreta em um canto da sala.

— Você não tem que se preocupar com Felipa — aviso, fechando a minha mão em volta de seu rosto, que vejo se iluminar ao meu toque. — Esta noite é especialmente para você. Para que conheça todos e se divirta. Consegue isso?

— Prometo que vou tentar.

Os últimos convidados chegam, tirando a nossa atenção da família Papadakis.

A noite, sob meu ponto de vista, segue tranquila. Todos são gentis com Gaia, mesmo os que não falam inglês, como os meus tios mais velhos e tias, que pedem que eu traduza o que querem dizer a ela. Até mesmo Felipa e Agatha, que acreditei que poderiam se manifestar negativamente em algum momento da noite, comportaram-se bem.

Acho que a única coisa eclipsando um pouco a felicidade de Gaia é o fato de Íris não estar aqui. Isso é algo que estou resolvendo, novamente com a ajuda da eficiente Christine, e desejo que tudo ocorra como desejado.

CAPÍTULO 35



GAIA



Como da outra vez que Eros passou a noite em meu quarto, ele foi embora bem cedo. Apesar disso, consigo sentir o perfume que ele deixou no travesseiro, como também ver as marcas de seu corpo na cama. Um sorriso bobo surge em meus lábios, e fico deitada por longos minutos olhando para o teto.

Depois de bastante enrolação, querendo vencer a preguiça, saio da cama, faço a higiene matinal e desço para o café da manhã.

Cumprimento a todos em grego, com um sorriso feliz, e recebo elogios pela tentativa. De Eros, tenho o mesmo olhar ardente de sempre.

Geralmente sou bem indecisa com o que vou escolher para comer na mesa farta, mas hoje estou ansiosa para a minha caminhada com Eros, assim, escolho suco de laranja e algumas frutas, pois tinha enjoado bastante durante o jantar.

— Espere um momento! — digo a ele quando começamos a dar a volta pela propriedade, e pego sua mão, levando-a ao meu ventre. — Consegue sentir isso?

O bebê acordou muito animado hoje. Na verdade, ele sempre fica assim quando Eros está por perto.

Pelo olhar fascinado que ele me dá, esse é seu melhor momento do dia.

Quando a nossa caminhada termina, Eros avisa que precisa fazer algumas ligações de trabalho e que me encontra depois, na biblioteca, para fazermos nossas aulas.

Eu sigo para ver se Agnes e Emília precisam de ajuda em relação aos preparativos de casamento, e fico espantada com a quantidade de informação que me dão.

Alguns minutos antes de meu encontro com Eros, vou para a biblioteca. Quero escolher um livro da imensa coleção de clássicos gregos para começar a praticar a leitura.

Usando o tradutor do celular, um título no alto da estante me chama atenção. Pego a escada para ajudar a tirá-lo de lá. Ao subir no primeiro degrau, pergunto-me se a escada é estreita demais ou se eu, cada vez mais, estou ficando imensa.

— Não se engane, Gaia — provoco a mim mesma. — Com certeza é a segunda opção.

Mas isso não vai me impedir. Com cuidado, subo mais dois degraus e...

— O que você está fazendo?!

O susto, causado pela chegada inesperada de Eros, me faz pisar em falso, e fecho os meus olhos, imaginando a queda assustadora.

Por sorte, ele consegue ser mais rápido do que eu, e seu corpo forte impede que eu caia.

— Meus Deus, Gaia! — Eros me encara, assustado. — O que pensa que estava fazendo?

— Eu só queria pegar aquele livro. — O meu coração está disparado no peito, e não posso dizer que é apenas pelo susto.

Estamos tão intimamente enroscados no outro, que é impossível não perceber toda masculinidade que ele tem.

— Por que não me pediu? — Ele retorna ao inquérito sem perceber o quanto é capaz de mexer comigo.

— Você não estava aqui.

— Podia ter ligado ou enviado uma mensagem no celular, e eu viria imediatamente.

Ele tocar no assunto pega em um ponto delicado de nossa história.

— Eu faria isso, se você não tivesse bloqueado o meu número novo. — Não queria que minha voz tivesse tanta acusação no tom, mas isso é algo que

ainda me chateia.

— O quê? — Ele me encara, abismado. — Do que você está falando?

— O meu número — insisto. — Você me bloqueou, porque não queria mais falar comigo.

Como se ainda não acreditasse no que eu dizia, Eros saca o celular do bolso, verificando a informação.

— Este é seu telefone? — Ele indaga, mostrando o único número na opção de bloqueio.

Assinto, e um pouco da mágoa retorna, fazendo com que me erga do seu colo e me afaste dele, indo até a janela.

— Não fiz isso, Gaia. — Sua voz é mansa, e com ela sinto seus dedos fecharem em meu ombro. — Juro que não bloqueei você. Eu nem sabia que tinha tentado entrar em contato comigo.

Se fosse em um outro momento, acho que duvidaria da honestidade de Eros.

— Foi a Felipa — revelo, virando-me para ele. — Liguei para você, querendo saber se estava bem e o que tinha acontecido com sua família, e ela me disse que você não queria mais me ver e que deveria deixá-lo em paz. Até me fez entender que alguém tinha falecido. Só para que eu não insistisse mais. Eu sei bem a dor do luto e jamais iria me impor à sua.

Eros escuta o que falo em silêncio, mas a forma que seu rosto vai endurecendo me deixa um pouco preocupada.

— Mas tudo bem, Eros. Já passou — aviso, angustiada, não desejando causar mais nenhuma confusão.

— Não passou, Gaia — ele diz, entredentes, e desbloqueia o meu número com pressa. — Agora pode falar comigo o momento que quiser.

Ele faz uma ligação de teste, que finalizo após aceitar.

— Nossa aula terá que atrasar por alguns minutos — diz ele, começando a se afastar, e a expressão cheia de ira continua em seu rosto.

— O que você vai fazer?

— Vou dar um jeito nessa merda de uma vez por todas.

Quero impedi-lo de fazer alguma bobagem, mas a determinação que vejo em seu olhar avisa que qualquer tentativa será inútil.

Nas horas seguintes até o retorno de Eros, fico apreensiva, e só quando ele volta, parecendo mais calmo, que volto a me tranquilizar. Ele não me disse o que fez em relação a Felipa, mas avisa que, a partir de hoje, os

Papadakis não são mais bem-vindos na residência da família Laskaris.



Os dias depois do jantar de noivado passam rápido demais, ou sou eu que estou presa nesta bolha mágica, desejando que não acabasse nunca?

Eros vinha cumprindo tudo o que prometeu. Toda manhã ele batia em meu quarto para tomarmos juntos o café da manhã, e então saíamos para fazer uma caminhada curta em torno da propriedade. Depois do almoço, ele me dava uma hora de aula de grego, e eu fazia o mesmo com ele, em português. Esses se tornaram os momentos mais divertidos do dia.

Às tardes, saíamos de carro, e ele sempre me levava a um lugar diferente e deslumbrante para a prática de exercícios, nunca deixando que eu me entediasse demais. Bom, nessas ocasiões, o clima entre a gente ficava um pouco mais quente, pois era difícil nos vermos em volta de paisagens tão bonitas e isoladas, e impedir a atração que nos envolvia cada vez mais. Sempre começava com beijos inocentes, iniciados por ele, e quando percebíamos, nos víamos em um ponto que, se ultrapassássemos, não poderíamos mais retornar.

Era sempre Eros que conseguia retomar o controle a tempo, levando-nos de volta para casa. Depois disso, eu só conseguia vê-lo durante o jantar e alguns minutos após, quando me acompanhava até o quarto.

Fora isso, quase não nos vemos, e se não fosse toda essa tensão sexual entre a gente, diria que ele tenta me evitar ao máximo. O que não é de todo ruim. Um casamento, principalmente o casamento grego, que a mãe e avó dele desejam, exige muito trabalho e atenção.

Apesar de às vezes me sentir um pouco perdida, tenho gostado muito de todo o tempo que venho passando com as duas e do carinho que dia a dia vem nascendo entre nós. Não estou apenas me casando com Eros, mas com toda a família dele também. Em alguns momentos, constatar isso me deixa completamente angustiada. Não quero ferir nenhum deles, caso nosso casamento termine.

— O que acha desse, senhorita?

Saio do meu estado reflexivo e encaro uma das três vendedoras que me cercaram assim que entrei na loja, acompanhada de Eros. Quando ele disse que iríamos às compras, não imaginei que passaria uma manhã inteira sendo tratada como a Julia Roberts, em *Uma Linda Mulher*, enchendo inúmeras sacolas. A única diferença é que não tinha passado por nenhum constrangimento inicial, e após ele ter destacado que levaríamos tudo o que eu quisesse, todas elas fizeram o máximo possível para me agradar.

— Eu não sei...

Olho para o, sei lá, trigésimo vestido de gestante. Só pelo que contei, já tínhamos passado da décima quinta sacola de compras, sem contar as que o motorista já havia levado para o carro.

— Acho que já tenho vestidos suficientes.

A jovem me dá um olhar de desapontamento, e eu penso na época da faculdade, quando trabalhei em uma loja de roupas por comissão. Nunca surgiu uma mulher com um namorado, noivo ou marido com cartão de crédito ilimitado, mas se tivesse surgido, o meu orçamento no final do mês iria agradecer.

— Mas é um vestido bonito, não é? — afirmo, e ela volta a ficar contente, dizendo que a cor do tecido combina perfeitamente com o meu tom de pele.

Enquanto a vendedora animada segue para embalar mais um pedido, encaro Eros pelos cantos dos olhos. Se ele está aborrecido devido à pequena fortuna gasta até o momento, consegue esconder isso muito bem. Na maior parte do tempo, ficou dando sugestões ou simplesmente dizia para embalar quando notava algum interesse da minha parte em alguma peça.

— Será que você pode encerrar as compras? — cochicho para ele, quando ficamos um instante sozinhos. — Estou tentando fazer isso desde que chegamos.

— Não gostou de nada? — ele indaga, preocupado. — Podemos ir a outra loja.

E ver um mar de gente surgir assim que ele disser Laskaris?

De forma alguma. E o problema não são as roupas, uma boutique como essa só tem coisas bonitas e exclusivas. O impasse é que não quero estragar a alegria das vendedoras e nem que Eros gaste ainda mais comigo. Sei que isso para ele não é nada, mas eu ainda carrego dentro de mim a angústia de suar para pagar os boletos em dia.

— Só estou um pouco cansada.

São as palavras mágicas para que, em minutos, nós retornemos para dentro do carro confortável.

Só que as surpresas não acabaram por aí. Assim que entramos na casa ouço o grito de Íris, que vem correndo ao meu encontro assim que passamos pela porta.

— Mas... — Tento manter o equilíbrio enquanto a minha irmã me gira com ela, mantendo-me presa em um abraço apertado. — Como chegou aqui, Íris?

— Vim para o seu casamento. Agradeça isso ao seu futuro marido. — Ela finalmente me solta e vai até Eros, dando a ele a mesma receptividade. — Estivemos conversando, e ele providenciou tudo para que eu viesse. Gaia, acredita que viajei de primeira classe e tudo? Nossa! Eu tenho que te contar um monte de coisas.

Enquanto Íris segue encantando a família de Eros, com toda a sua alegria e jeito livre de ser, eu só consigo encará-lo com um olhar agradecido e com o coração transbordando amor.

— Obrigada. — Caminho até ele e me deixo guiar por meus sentimentos. Fico nas pontas dos pés e busco seus lábios para um beijo.

Inicialmente era apenas um gesto de agradecimento, mas a forma como Eros prende a minha cintura, colando ainda mais nossos corpos, faz com que o beijo se aprofunde mais e fique intenso.

— Nossa... — A provocação com a risada de Íris nos leva a nos afastar um pouco. — Acredito que ninguém precisou perguntar como esse bebê foi feito.

— Íris! — repreendo a indelicadeza, mas todos estão apenas sorrindo.

Eros, por outro lado, envolve o meu corpo contra o seu peito, e juntos ouvimos os primeiros relatos de Íris sobre sua viagem incrível até aqui.



Eu só me dei conta de quanta saudade tinha da minha irmã quando a tive pertinho de mim. Já faz dois dias que Íris chegou em Oia, e ainda sinto

que não é suficiente.

— Então vocês dois vão se casar e dormem em quartos separados?

— Bom, é... mais ou menos.

Explico rapidamente que algumas vezes Eros me acompanha até o quarto, depois do jantar, e ficamos conversando sobre o bebê até cairmos no sono. Mas quando isso acontece, geralmente ele vai embora cedo, achando que eu não noto seus movimentos ao sair da cama.

— É curioso, você deve admitir. Quer dizer, o que tinha que acontecer já aconteceu, não é verdade?

— Acho que Eros quer lidar com as coisas menos apressadas, dessa vez.

— O plano não era estarem loucamente apaixonados antes de o beber nascer?

Assinto, e não é preciso dizer a Íris que já me sinto assim. Entreguei meu coração a Eros quando nos conhecemos no Afrodite, e depois disso nunca mais o tive de volta.

— Eu acho que ele ama você, Gaia.

Ouvir isso causa uma grande euforia em mim, mas prometi não deixar que as minhas emoções me fizessem enxergar além da realidade.

— Como você pode saber isso?

— A forma como ele te olha. Quando você está por perto ele te segue com o olhar, e a forma que sorri para você. Se não é amor, minha irmã, nem quero saber quando ele estiver apaixonado.

Na maior parte do tempo, sinto exatamente isso que Íris acabou de dizer, refletido nos sorrisos de Eros, na forma como me trata. Há uma forte e pulsante atração entre nós, mas ele não força nada. O jeito que me beija, suas carícias, a delicadeza comigo, tudo isso me transmite amor.

— Eu acho que tenho medo — confesso a ela.

Sofri quando acreditei que o tinha perdido uma vez, e pensar em passar por aquela dor novamente me coloca em pânico.

— Se apaixonar por ele te deu o maior presente da sua vida — diz ela, colocando a mão em meu ventre. — Entregar-se a esse sentimento novamente trará outros. Confie no que sente.

Acho que Íris novamente tem razão. Em três dias estaremos casados, e eu quero mergulhar nisso de alma e coração aberto.

— Oh, droga! — Íris resmunga, levantando-se rapidamente da

poltrona, sacudindo sua blusa colorida que manchou de café. — Olha o desastre que fiz. Posso usar seu banheiro?

— Claro. Acho que ser estabanada é um mal de família — gracejo, para que ela não se sinta tão aborrecida.

— Deve ter razão. É uma das minhas blusas preferidas, e achei perfeita para o nosso passeio de veleiro.

Ela sai resmungando para o banheiro, e eu coloco a xícara de volta na bandeja. Lutava com minha indecisão, se comia mais dos bolinhos deliciosos ou finalizava o café da manhã com uma fruta, quando ouço a batida na porta.

O rosto e todo corpo imenso de Aquiles surge assim que dou permissão para entrar.

A última vez que o vi foi no jantar de noivado. Ele foi muito mais presente e comunicativo comigo, embora eu ainda tivesse a impressão de que procurava me analisar ou tentar entender.

Não o julgo; a forma como eu e o irmão dele nos envolvemos foi bem atípica, e tudo aconteceu rápido demais.

— Incomodo?

— Não — respondo com firmeza, mas por dentro estou bastante nervosa.

Não por ele parecer ser um homem intimidante, mas porque para mim é importante ter com ele uma convivência amigável, afinal ele é o tio do meu filho.

— Em três dias você se tornará uma Laskaris — diz Aquiles. — Eu preciso ser sincero sobre tudo o que penso.

Ouçó e observo-o caminhar pelo quarto como se fosse o dono de tudo. E de fato ele é.

— Percebi que você, em bem pouco tempo, conquistou todo mundo. Os meus avós, os meus pais. Eros...

— Menos você — retruco, erguendo o queixo, e acho que esse meu ato de coragem o divertiu, já que noto surgir um sorriso.

— Sou uma pessoa, digamos, mais difícil. — Apesar do breve momento de descontração entre nós, sua expressão volta a ficar mais dura. — O que quero dizer é que, não importa como isso acabe, estou e sempre vou estar ao lado de Eros. Então se suas intenções não forem reais e sinceras com ele, nós dois vamos ter problemas...

— E nós duas não fugimos de uma boa briga! — Ouço Íris dizer e sair

furiosa do banheiro com a blusa na mão. — Aliás, pagamos para não sair de uma.

Eu não sei se é o jeito de Íris falar que Aquiles não entende, ou se ele está apenas surpreso de vê-la surgir de nada, com a parte de cima do corpo coberta apenas pelo sutiã.

— Íris! — repreendo e tento fazer com que ela se acalme.

— Não me venha com Íris, Gaia! — Ela direciona o mesmo olhar furioso que dava a Aquiles para mim. — Você pode aceitar que tipos como ele...

— Tipos como eu? — Aquiles indaga, indignado.

— Arrogantes. Prepotentes. — Ela começa a enumerar com os dedos. — E que se acham os reis do mundo. Ameaçar uma mulher grávida e inofensiva é, no mínimo...

Ela não consegue encontrar adjetivos em inglês o suficiente para se expressar com Aquiles como gostaria, mas nem é preciso, a fúria com que o está encarando deixa claro o suficiente que não há nenhum elogio à sua espera.

E se há uma coisa que aprendi sobre os gregos, principalmente os da família Laskaris, é o quanto orgulhosos eles podem ser. E o irmão de Eros estava totalmente se deixando levar pelo orgulho, ao enfrentá-la.

— Acho que está havendo um engano aqui — ele sibila, apertando a raiz do nariz. — Quem é você? E por que está sem roupa?

Pega pelo choque, Íris emite um gritinho que a faz levar a blusa até o peito.

Eu gemo, vendo os dois se expressarem, cada um na sua língua, igualmente irritados um com o outro. De todas as pessoas no mundo, acreditei que, se existia alguém que se daria bem com Aquiles, era minha irmã. Mas o encontro entre os dois não está sendo nada amigável.

Em meio a essa confusão, penso em alguma maneira de reverter a situação, quando vejo Eros entrar no quarto. Ele tenta colocar panos quentes entre os dois. E em uma conversa rápida com Aquiles, que diz mais algumas coisas sobre Íris, supostamente pela forma que a olha, acaba convencendo-o a se retirar. Não sem antes receber um dos olhares matadores que minha irmã de sangue quente lhe dá.

— Eu vou colocar uma blusa nova — avisa Íris, saindo do quarto antes que eu pudesse indagar que loucura havia dado nela.

Geralmente Íris faz amizade com as pessoas de forma instantânea.

— Eu juro que não sei o que aconteceu com ela — desculpei-me com Eros.

— Quando quer, Aquiles consegue ser bem difícil de lidar. — Ele sorri.

— Foi o que ele disse.

— Ele te aborreceu?

— Não. Acho que estávamos nos entendendo, e minha irmã entendeu tudo errado — explico com um lamento. — Talvez eles consigam se entender no passeio de veleiro.

A expressão de Eros se fecha rapidamente.

— Aquiles não entra no barco.

Isso me soa estranho, afinal o negócio da família é construir embarcações belíssimas.

— Mas, se tiverem terminado, podemos ir?

Assinto ao me levantar, e Eros pega a bolsa de praia que deixei sobre a cama. Seguimos para o quarto de Íris, e ela já está pronta. A blusa preta com a saia branca e longa, estilo cigana, demonstra bem como está seu humor. Mas eu a conheço bem, e sei que a irritação não vai durar muito tempo.

Chegamos ao veleiro, e diferente do que Eros tinha afirmado, Aquiles nos esperava dentro do barco. Eros vai ao encontro dele, e eu puxo Íris para um canto.

— Vai me prometer que não importa o que aconteça, não vai criar uma confusão.

— É só ele não ficar no meu caminho.

Bom, isso é algo difícil de prometer. O veleiro é bastante confortável, mas ainda assim, estaremos todos presos em um mesmo lugar, e em alto-mar não haverá para onde correremos.

— Íris?

— Tudo bem. Não vou jogá-lo no mar. — Ela abre um lindo sorriso para mim que não me convence. — Eu acho.

Tenho vontade de dar um belo sermão nela por estar sendo birrenta, mas Eros ressurgiu, e não quero ser eu a deixar o clima ainda mais tenso.

— Ele vai se comportar — Eros avisa quando Íris decide ver o interior da embarcação. — Aquiles prometeu.

— Não é com ele que estou preocupada — aviso, sendo sincera.

— Fique tranquila, Gaia. — Eros me puxa para ele, e como sempre, me

vejo derreter como gelatina em seus braços. — Os dois são adultos e sabem como se comportar. O dia de hoje é para que se sinta relaxada antes do casamento.

Talvez Eros tenha razão e eu esteja dando mais atenção a esse desentendimento entre Íris e Aquiles do que realmente merece.

Concentrada em aproveitar ao máximo esse novo passeio de veleiro com Eros, deixo que nossos acompanhantes encontrem sua maneira de se darem bem. E nos poucos momentos que os vi juntos, pelo menos, passaram a se tratar educadamente. Até quando duraria a trégua, não sei dizer.

O dia correu mais rápido do que eu gostaria. Almoçamos em alto-mar, uma refeição feita por Eros, que me fez lembrar de quando cozinhamos juntos.

Foi uma tarde agradável e inegavelmente romântica. Eros tem se esforçado bastante na meta de conquistar o meu amor, sem ter a mínima ideia de que já tinha feito isso há muito tempo. A minha questão interna era se eu estava conseguindo o mesmo com ele, se estava entrando definitivamente em seu coração.

CAPÍTULO 36



A maioria da população na Grécia segue a religião ortodoxa, onde o casamento representa um Sacramento. E um casamento grego tradicional como o nosso é usualmente celebrado em um domingo.

A cerimônia é da responsabilidade do sacerdote e do padrinho de casamento. Nesse caso, o escolhido por Eros foi Oliver, e me agradou bastante ter alguém conhecido e que fez parte dos nossos momentos especiais quando nos conhecemos, tendo um papel importante em um dia tão marcante para nós dois.

— Gaia! — Íris se coloca atrás de mim enquanto dou uma última conferida no meu visual, no espelho. — Você está tão linda, minha irmã.

— Exatamente como uma princesa — confirma Kali.

Fiquei extremamente surpresa no dia anterior ao ver minha amiga chegar com o noivo, mas essa foi apenas mais uma surpresa de Eros, de tantas que me fez e ainda faz.

— Como uma virgem ao Olimpo — murmuro com um sorriso feliz.

— Só que aqui ninguém vai ser sacrificado — avisa vovó Agnes com um ar divertido.

— Isso depende... — murmura Íris, desviando o rosto de nós.

Eu sei bem quem ela desejaria sacrificar se pudesse. Mas não quero

ficar gastando tempo pensando nas loucuras de minha irmã. Quando volto a me olhar no espelho, constato que Kali e Íris não estavam exagerando sobre o meu visual. Apesar de eu ter optado por um vestido de noiva mais simples, que não deixa meu ventre redondo tão evidente, o corte império é inspirado na Grécia e no imaginário das deusas do Olimpo, que é um modelo bastante usado pelas noivas aqui, assim como a maquiagem mais suave e em cores claras. Por outro lado, tenho lindas joias nos pulsos, pescoço e até mesmo um ornamento de ouro na cabeça, que termina com um delicado pingente de diamante na testa.

Nunca em minha vida teria sonhado com um casamento como esse.

— Senhora Emília, poderia tirar uma foto nossa? — Minha irmã pede, entregando o celular à minha, muito em breve, sogra-mãe.

Claro que teremos um lindo álbum de casamento, mas Íris quer registrar este momento só nosso em seu telefone. Depois de tirarmos algumas fotos, convidamos a *pappoùdes* e a mãe de Eros para fazer uma *self* com a gente.

— Você está pronta? — Íris me indaga, abrindo um enorme sorriso emocionado.

— Incrivelmente, sim. Eu estou pronta.

Quando Eros me deu o ultimato para que me casasse com ele, fiquei furiosa com ele, tentando escapar de todas as formas desse compromisso. Mas no decorrer dos dias e dessas duas semanas de preparação para o casamento, com a forma que fomos nos aproximando mais, que fui sendo introduzida à família dele, tive a certeza de que estamos fazendo a coisa certa.

Eu já não tenho receios ou medo do futuro.

— Ah, não esqueça o buquê, querida! — A mãe de Eros vem rapidamente até mim, antes que eu chegue à porta. — É de extrema importância que o leve.

No ramo de meu buquê foram colocadas ervas como tomilho, manjericão, pimenta, hortelã e alguns cereais. O significado desse ritual é representar a fertilidade, embora todos já saibam que Eros e eu não precisamos, o bebê em meu ventre é uma prova antecipada do quanto somos férteis.

Como a cerimônia é iniciada fora da igreja, por uma bênção repetida três vezes pelo sacerdote, significando a tríade: Pai, Filho e Espírito Santo; o

meu encontro com Eros acontece antecipadamente.

— Você está linda — ele murmura, e posso ver em seu olhar que ele está tão emocionado quanto eu.

Definitivamente, eu não estava preparada para encontrar esse homem tão lindo, ainda mais bonito vestindo azul claro, que combina perfeitamente com a cor de seus olhos.

— Você também está perfeito — elogio, exibindo timidez demais para quem está prestes a unir-se em um compromisso duradouro.

Com um sorriso que faz o meu coração disparar, Eros segura a minha mão, mantendo nossos dedos entrelaçados enquanto seguimos para o momento em que ocorre a coroação. Esse é o ritual que simboliza o reconhecimento do papel dos noivos no reino de Deus. Essas coroas podem ser feitas em diversos materiais, e as nossas foram confeccionadas com folhas verdes, flores e seda branca. E antes de serem colocadas em nossas cabeças, elas foram dispostas em frente à igreja e atadas por uma fita, significando a união eterna dos noivos, depois colocadas sobre um tabuleiro de amêndoas.

Depois nos dirigimos para o interior da igreja e acendemos as velas que vamos segurar durante o restante do ritual. Tudo é falado em grego, mas a pedido de Eros, de forma pausada, para que ele possa traduzir para mim cada palavra. Ao olhar para o lado, vejo que o mesmo acontece com Íris, mas é Aquiles a explicar para ela tudo o que está sendo pronunciado.

Observo feliz que, pelo menos hoje, esses dois parecem se esforçar em deixar a implicância entre eles de lado.

Volto a prestar a devida atenção à cerimônia, e quando Eros traduz a última parte do discurso do sacerdote, já estou com o meu rosto todo coberto pelas lágrimas. Não importa se os sentimentos dele ainda não são tão profundos como os meus, entrego-me ao homem que amo e estou completamente disposta a ajudar a fazer essa união, sendo abençoada esta noite, dar certo. Por nosso filho e principalmente porque não consigo ver ao meu lado outro homem que não seja ele.

Chega o momento da coroação. O gesto assemelha-se ao da troca das alianças e simboliza compromisso e união eternos. Acima de tudo, um casamento grego celebra os valores da família, amor, apoio e espírito de comunidade.

Passamos a coroa três vezes e repetimos as palavras que Eros tinha me ensinado para o casamento. Logo depois, as amêndoas onde as coroas se

encontravam são distribuídas às mulheres solteiras.

A cerimônia segue com leituras e a partilha de um copo de comunhão. Por fim, o sacerdote pega os nossos braços e nos conduz a dar voltas pela plataforma da igreja por três vezes. E assim termina a consagração que nos torna unidos como marido e mulher.



Já soube de antemão que a recepção de um casamento grego normalmente prolonga-se até o amanhecer, o que não é muito diferente do Brasil. O que se destaca de curioso é seguirem o casal à sua nova casa, numa procissão acompanhada por jovens entoando cânticos. Como não temos mais os nossos pais, os avós de Eros fazem esse papel junto com Íris, me representando, e os pais de Eros, a ele.

Quando chegamos à casa dos avós de Eros, que é onde vamos morar por enquanto, nos fazem parar próximo à entrada e quebram pratos na soleira, para afastar os maus espíritos. Do telhado, vejo alguns primos e tios dele atirando ferros, enquanto outros convidados seguem para dentro, espalhando-os como símbolo de força e união dos recém-casados.

A decoração do ambiente para a festa foi toda organizada e repleta de detalhes naturais, com ramos de oliveiras enfeitando os espaços. Cores claras são predominantes, contendo azul, branco, verde e um pouco de prata, que geralmente são os tons eleitos em um casamento tradicional.

— Eu não consigo acreditar que tudo isso foi feito em tão poucos dias — confesso a Eros, ao observar tudo com olhar abismado.

Vovó Agnes e Emília diariamente me faziam perguntas do que eu gostaria de ter em meu casamento, mas deixei as partes mais importantes para que elas fizessem à sua maneira, pois eu não entendia nada de uma cerimônia grega. Devo dizer que foi a melhor decisão que tomei, eu não teria feito com a mesma perfeição que elas, ainda mais com tão pouco tempo para preparar tudo. Qualquer um que olhasse, imaginaria que o casamento foi planejado há meses.

— O nome Laskaris e algumas notas de dinheiro conseguem fazer

milagres — avisa ele, sorrindo.

Não tenho dúvidas que a imensa fortuna deles e todo o dinheiro investido em nosso casamento tenha facilitado muitas etapas, mas o que vejo aqui é amor. Das duas mulheres que aprendi a amar em poucos dias, e em cada rosto Laskaris nos encarando com felicidade.

— Caros amigos e família — *pappoús* Andreas se manifesta, chamando a atenção de todos em meio ao imenso burburinho. — Um minuto da atenção de todos, por favor.

O silêncio que segue, até mesmo vindo das crianças, é espantoso.

— Celebramos hoje mais do que a união de um homem e uma mulher, que escolheram unir seus corpos, almas e corações. — Ele segura o rosto de Eros com carinho, depois olha para mim, pousando sua mão trêmula em minha bochecha. — Também vamos comemorar que em breve outro Laskaris estará entre nós. Então vamos aproveitar esse momento de festa como só os Laskaris conseguem fazer.

Os vivas são tão altos que me fazem lembrar uma torcida em final de Copa do Mundo.

Depois do discurso do vovô, somos tradicionalmente levados para quebrar pratos, como simbologia do desapego aos bens materiais, e esmagamos romãs com os pés para a fertilidade.

A recepção segue repleta de momentos alegres, e se há algo em que os gregos são famosos, é a culinária. Temos frutos secos, *baklava*, pratos de cordeiro e peixe fresco. Como drinques, o mais comum é que sirvam boas doses de *ouzo*, a bebida oficial da Grécia; metaxa, uma espécie de conhaque grego e licor *mastic*.

No geral, temos comida farta, bebidas à vontade e muita música e dança. Por falar em dança, não posso deixar de citar a mais tradicional, que é a *Kalamatiano*, a tradicional dança do lenço.

Eros e eu dançamos juntos, unidos por um lenço que cada um agarra nas pontas. Depois convidamos outras pessoas para se juntarem a nós, e se não fosse a minha condição atual, a dança poderia ser estendida por horas. É comum partirem-se muitos pratos para dar sorte ao casal, e é o que nós fazemos, na base de muitos risos e olhares apaixonados que troco com meu marido.



O bolo de casamento é típico e tradicional, feito de mel, sementes de sésamo e marmelo, que simbolizam o bom e o mau que poderia aparecer pela vida afora.

Para uma vida regada a doçura, damos de comer um ao outro algumas colheradas de mel.

— Não esquece, querida — *pappoudes* Agnes avisa a Íris quando entrega uma bolsinha delicada a ela. — Deve colocar o *koufeta* debaixo do travesseiro antes de dormir.

Como presente de um tradicional casamento grego, costumam-se oferecer bolsinhas com amêndoas confeitadas, apelidadas de *koufeta*. O significado é que, por elas terem um sabor agri-doce, ressaltam que a união é feita de momentos bons e ruins. E o açúcar é um símbolo de esperança de que os momentos bons sejam mais frequentes que os ruins.

Ainda seguindo essa lenda, se uma convidada guardar a bolsinha de amêndoas debaixo do travesseiro, ela sonhará com o homem com quem subirá ao altar.

— Eu bem que poderia sonhar com o francês gatinho — destaca Íris com humor, e quem não parece gostar da brincadeira dela é Aquiles.

Desisti de tentar entendê-los e fazer com que se deem bem.

Finalmente chega o momento de jogar o buquê, que curiosamente cai nos pés de Íris. Em vez de pegá-lo, minha irmãzinha maluca sai correndo como se fugisse de um cão furioso. A sua espontaneidade leva todos a rirem, menos Aquiles, que estranhamente tem uma expressão contemplativa direcionada a ela.

Outra jovem acaba pegando o buquê, e é nesse momento que Eros me puxa para os seus braços.

— Eu acredito que foi um dia bastante intenso — diz ele com o olhar fixo em mim. — Acho que está na hora de você descansar.

Agora que ele citou, noto que estou um pouco cansada. A madrugada se inicia, e foram horas de muita emoção e celebração com família e amigos. A maioria das crianças já foi embora com os seus pais, os mais velhos dão

sinais de que também pretendem se retirar, mas os jovens continuarão festejando até seus corpos gritarem por uma pausa.

A despedida é um pouco longa e não termina apenas em abraços e beijos com direito a chuvas de arroz. Descubro que é usual a família acompanhar os noivos até o quarto, assim temos uma procissão nos seguindo até o veleiro.

Uma linda serenata é realizada no quarto nupcial, enquanto os membros mais importantes do clã atiram dinheiro em nossa cama, o que também faz parte da tradição.

Como em algumas outras culturas, no passado, os casamentos gregos eram uma espécie de acordo entre a família da noiva e do noivo. A família da noiva oferecia um dote, que poderia ser terreno, propriedades, dinheiro, ou outros bens. Na cama de casados dos noivos, era colocado o dinheiro oferecido pelas famílias, e quem visitasse a casa também costumava contribuir com dinheiro para a nova vida do casal.

Havia algo parecido em casamentos no Brasil, onde o noivo passava dando um pedaço da gravata a quem contribuísse financeiramente, e a noiva, com o sapato de casamento, presenteava com lembrancinhas especiais a quem se prontificava a ajudar.

— Finalmente a sós — destaca Eros, ao vermos a última pessoa animada sair pela porta —, nunca fez tanto sentido para mim.

Quando ele disse que a família Laskaris era enorme e cheia de energia, não estava exagerando. Mas como uma boa brasileira que ama calor humano, essa é uma feliz surpresa para mim.

— Você quer que eu... — ele balbucia e indica o meu vestido de noiva, para saber se preciso de ajuda.

— Ah, sim, por favor. — Viro de costas para que ele possa abrir os botões feitos de pérolas delicadas.

A cada casa que Eros vai abrindo, sinto seus dedos tocarem minha pele, e a reação do meu corpo é instantânea. Ele desliza a mão por meus ombros despidos e faz as alças descenderem por meus braços. Um calor abrasador corre por todo o meu corpo, que se intensifica quando ele deposita beijos carinhosos em minha pele, fazendo-me estremecer.

Essa é a primeira vez que fico nua diante dele, depois da gravidez. Timidamente, tento proteger os meus seios fartos e ventre redondo com os meus braços, mas quando Eros dá a volta em torno de mim e constato paixão

e desejo brilhando em seu olhar, ele leva toda a minha vergonha embora, e eu permito que o vestido caia aos meus pés, deixando-me apenas com a calcinha rendada.

Ele me beija, e há tanto carinho e tanto desejo nos beijos que trocamos, que o meu coração infla dentro do peito. Quando nossas bocas se afastam em busca de ar, Eros envolve carinhosamente o meu rosto com suas mãos.

— Agora você é minha, Gaia — ele me diz com possessividade, tanto na voz quanto em seu olhar intenso.

— Eu sempre fui sua, Eros — confesso sem mais nenhum receio de admitir isso. — E sempre vou ser.

Porque os nossos votos hoje para mim valeriam pela vida inteira.

Seu sorriso cheio de confiança me faz estremecer e volto a me derreter em seus braços quando ele me toma para mais um beijo. Enquanto fico envolvida por suas carícias e toda delicadeza que tem comigo, Eros se desfaz do restante de nossas roupas.

Ele me encara com devoção, e em seguida sua boca corre carinhosamente pelo meu corpo. Eros se ajoelha em frente a mim e coloca um dos meus pés sobre a cama. Então esfrega o polegar contra o meu ponto de prazer, depois a língua, deixando-me ainda mais molhada por ele.

Gritos de puro êxtase escapam dos meus lábios. O meu corpo começa a vibrar com espasmos causados pelo intenso prazer que Eros me provoca, até se tornarem sussurros fracos.

Então ele me beija com delicadeza nos lábios, senta-se na cama e me leva com ele, colocando-me sobre o seu colo. O seu pau roça em minha intimidade úmida, e essa fricção gostosa causa um excitante prazer em nós dois.

Quando chegamos no limite do descontrole, Eros me ergue e depois faz descer sobre ele, penetrando-me com uma arremetida firme. O prazer é intenso, levando-me a contorcer-me em seus braços.

Os dedos dele cravam em minha cintura e ajudam a movimentar-me. Iniciamos uma lentidão deliciosa, mas quando meu orgasmo começa a ficar cada vez mais próximo, exijo velocidade e força. E após algumas estocadas profundas, chegamos juntos ao ápice do prazer.

Sem forças, desabo sobre Eros, que me embala, passando a mão suavemente por minhas costas, depois nos estendemos lado a lado sobre a cama.

Um sorriso lânguido surge em meu rosto e tento brigar com a sonolência ganhando forças.

— Feliz, senhora Laskaris? — seu polegar fazendo carinho em minha bochecha contribui para que os meus olhos fiquem ainda mais pesados.

— Foi o terceiro dia mais importante e perfeito da minha vida — murmuro com os olhos fechados.

— E quais seriam os dois primeiros?

— O dia que te conheci — confesso, sentindo a minha voz ficar fraca.
— E quando soube sobre o nosso bebê.

Sinto sua boca tocar suavemente os meus lábios, os braços me envolverem com firmeza, puxando-me mais para ele, e acho que Eros diz alguma coisa, mas infelizmente já estou entregue demais ao sono para compreender.

CAPÍTULO 37



EROS

Nossa lua de mel de duas semanas será velejando e visitando algumas cidades pelo caminho. No início, receei que Gaia ficasse muito enjoada, devido à gravidez, e deixei tudo preparado para possíveis mudanças de planos na primeira parada. Só que isso não foi necessário, ela está indo muito bem e se entrega a cada momento nosso, exatamente da forma como eles são: únicos.

E é cada um desses momentos especiais que a cada dia me dão confiança e certeza de que a chegada do nosso filho irá nos unir ainda mais e que já não existe nenhum risco de separação a temer.

— O que você está pensando? — Ajeito o meu corpo na cama e viro o meu rosto em direção aos seus olhos atentos, meditando por alguns segundos se é a hora certa para levantar tal questão.

Sim, precisamos colocar, de uma vez por todas, uma pedra sobre o assunto e abandonar o passado.

— Por que mentiu? Sobre toda aquela coisa de ser modelo.

— Não sei. Tudo começou porque você deduziu isso, depois achei que só teríamos uma aventura de cruzeiro. Então...

Entendo o que Gaia diz, pois agi da mesma forma que ela ao deixar que pensasse que não passava de um empregado a trabalho.

— Eu sei. Nunca parecia ser a hora certa de dizer a verdade — brinco com os seus dedos, entrelaçando-os nos meus. — E sobre o bebê? Nunca iria me contar do meu filho?

Eu acho que essa omissão me afetou mais do que Gaia, por um tempo, passar-se por quem ela não era. Queria ter estado ao seu lado desde o minuto que ela soube da gravidez. E não porque era o maior desejo dos meus avós, mas sim por nós dois. Essa criança é fruto do que sentimos um pelo outro, pois não tenho a menor dúvida de que Gaia me ama, e sou completamente louco por ela.

— Tive medo de que o tirasse de mim, e foi justamente isso que ameaçou fazer quando soube dele.

Não me orgulho disso, mas na época fiz o que achava que precisava fazer.

— Aquilo foi um gesto desesperado, Gaia. Pensar em perder você novamente me deixou em pânico, mas perder você e o nosso filho...

Acho que eu perderia completamente a minha lucidez.

— Eu liguei para você — ela diz, me surpreendendo.

— Como?

— Liguei para você, e Felipa disse que não queria falar comigo. Ela também insinuou que alguém da família tinha morrido e que eu deveria ficar longe. O meu número foi bloqueado em seguida.

Soube de mais essa manipulação de Felipa no dia seguinte ao nosso jantar de noivado. Fiquei tão furioso que proibi a participação de qualquer um dos Papadakis em nosso casamento.

— E o que aconteceu com o antigo? Fiz inúmeras tentativas de contato — aviso a ela.

— Naquela noite da confusão, ela jogou minha bolsa no mar, e eu perdi o telefone.

Emito um xingamento, e Felipa tem sorte de estarmos tão longe. Nunca vou perdoá-la que, por culpa de suas mentiras, Gaia tenha enfrentado boa parte da gestação sozinha, acreditando que eu a desprezava.

— Mesmo com medo, tentei falar sobre o bebê, mas meu número novo continuava bloqueado, então desisti.

Ela poderia ter me procurado na residência dos meus pais ou até mesmo em meu apartamento em Atenas, se tivesse feito uma pesquisa mais profunda, mas de tudo o que ela contou e a intromissão de Felipa em um

assunto que não era da conta dela, consigo entender Gaia e os seus medos. Eu dei todos os sinais de que não me importava.

— E você? Por que escondeu quem realmente era?

— Ser um Laskaris tem suas desvantagens. Pode ser uma benção ou uma maldição. É sempre uma incógnita saber como as pessoas vão reagir. E você me viu apenas como um homem comum, e eu fiquei fascinado por isso.

No restante, nosso medo em revelar a verdade era igual. Já estávamos envolvidos demais, temendo que as mentiras nos separassem.

— Então você não estava me odiando? — A voz trêmula denuncia a profundidade de suas emoções.

— Odiando? Eu a amava demais... eu a *amo* demais para conseguir fazer isso.

— Eros... — Minha confissão a faz soluçar e nos unir para um beijo. — Também o amo. Nunca consegui deixar de amar.

— Eu passei todos esses meses procurando você. E se não fosse o colar...

— Colar? — Sua indagação confusa me faz saltar da cama, e enquanto ela observa eu me movimentar pela suíte, busco a joia guardada em um lenço dentro do closet.

— Achei quando a vi pela primeira vez.

Entrego a joia a ela, e lágrimas emocionadas brilham em seus olhos.

— É o colar que a minha mãe me deu. Eu o perdi quando ajudei Kali. Por que não o me mostrou antes?

— Primeiro, não queria que pensasse que eu era um maluco procurando por você. Embora realmente tenha me portado assim — confesso, envergonhado. — E depois, iria entregá-lo quando chegássemos ao final do cruzeiro, mas você sabe, nos separamos e...

Após nosso reencontro, a nossa relação estava delicada demais para que me sentisse seguro para fazer isso.

— Ainda bem que você não o jogou no mar, como no *Titanic* — Gaia replica em um tom humorado.

— Gosta mesmo desse filme, não é?

— Tirando aquele final, eu amo. — Ela sorri e me leva a beijar os seus lábios. — Mas quando estamos juntinhos assim...

Seus braços envolvem meu pescoço, puxando-me sobre ela na cama.

— Prefiro imaginar que somos o casal de *A Lagoa Azul*, vivendo

eternamente em uma ilha deserta.

Não conheço o filme em questão, mas gosto da ideia de nós dois sozinhos em uma ilha inteirinha para gente. Quem sabe eu não dê essa ideia de investimento a Aquiles.

— E o que faríamos nessa ilha deserta?

— Senhor Laskaris, sabia que grávidas têm imaginação fértil? — Gaia provoca, entregando-me um sorriso sexy e um olhar cheio de más intenções.

— Então talvez apenas uma ilha deserta não seja suficiente — aviso, atacando-a com uma enxurrada de beijos enquanto os seus gritos ecoam, felizes.

Estamos em alto-mar, exatamente onde tudo começou.

Eros e sua Psiquê, inegavelmente atingidos pela flecha do amor.

CAPÍTULO 38



GAIA



Para a minha tristeza, Íris teve que voltar ao Brasil um dia depois de minha saída para a lua de mel. Penso em alguma maneira de convencê-la a vir morar na Grécia, ou quem sabe passar uma temporada longa quando terminar a faculdade. Quero que a minha irmã seja presente e a tia que vai estragar meu bebê com mimos, como ela prometeu se tornar.

Apesar desse pequeno lado triste em minha vida, a grande saudade que tenho da minha irmã, no restante, sou a pessoa mais feliz do mundo. Cada dia mais apaixonada por Eros, que com gestos, embora as palavras não fiquem ausentes, prova que seu amor por mim é igual.

A minha convivência com sua família fica cada vez mais rica e com fortes laços emocionais. Até mesmo Aquiles, depois que deixou as preocupações de lado, por temer que eu fosse magoar seu irmão, vem se mostrando um homem incrível. Ele é muito sério e viciado em trabalho, mas quando está com a família, consegue ser engraçado, provocando Eros e o avô.

O que me deixa mais à vontade entre eles é que, apesar da imensa fortuna que possuem e de circularem quando preciso entre pessoas importantes — por sinal, fiquei muito nervosa ao comparecer a um jantar com um político influente — os Laskaris, na essência, são pessoas singelas, que apreciam a felicidade que as coisas simples podem proporcionar.

Agora a maior expectativa de todos é o nosso bebê finalmente estar entre nós, e ele escolheu o início desta madrugada, no dia que completo nove meses, para dar “olá” ao mundo.

— Amor, vai dar tudo certo. — Eros segura firme a minha mão, beijando a minha testa quando solto mais um gemido de dor. — Vai conseguir, Gaia. Eu sei que vai.

Queria ter a mesma confiança que ele, mas as contrações parecem que vão dividir o meu corpo ao meio.

— Deus! Por que não avisaram que doía tanto? — choramingo e volto a fazer a respiração que me ensinaram para o parto. — Esse é o último bebê que vou ter na minha vida.

Na verdade, a vovó Agnes tinha falado que o momento do parto pode ser um dos mais difíceis para a mulher, mas que depois que nosso pequeno milagre é colocado em nossos braços, esquecemos de tudo.

— Ainda dá tempo para uma cesariana? — imploro quando outra contração me faz sacudir.

Por Eros, teríamos escolhido essa opção, desde que falamos com o meu médico sobre o parto. Ele tem horror de me imaginar sofrendo, mas eu tinha insistido nos benefícios de um parto natural, como também acredito que seja menos traumático para o bebê.

Bem, neste momento estou completamente arrependida.

— Sinto muito, senhora Laskaris — o doutor anuncia quando Eros o questiona com o olhar —, mas o bebê já está posicionado e será uma questão de minutos. Vamos trabalhar juntos para trazer esse garotinho ao mundo.

No fundo, eu sei que o médico está certo e que só preciso suportar mais um pouquinho de dor e ter calma para receber meu bebê. Depois de uma respiração profunda, faço um sinal com a cabeça para o médico e voltamos ao trabalho de parto, que faz jus ao nome. Realmente é um trabalho.

Contudo, menos de dez minutos depois, tendo as orientações de meu médico, auxílio de uma enfermeira e apoio de Eros, ouço o primeiro choro, revelando que meu pequeno milagre agora é completamente real. Em seguida, ele é colocado em meu peito.

— Eros... — soluço, emocionada, enquanto ele desaba na cadeira ao meu lado, sem deixar de segurar a minha mão.

Ele está chorando, e não tem vergonha alguma que todos presenciem isso. É um momento mágico e especial para nós.

— Ele é lindo, Gaia. Nosso filho é lindo.

— Nosso pequeno Loukás — murmuro, beijando sua cabeça delicada.

Eu queria que o nome do bebê tivesse origem grega. Loukás, Lucas em português, significa *LUZ*. É exatamente o que nosso filho significa para a gente. Assim como o nosso amor, surgiu de forma inesperada, trazendo imensa felicidade para as nossas vidas.

— A *pappóudes* tinha razão — murmuro quando o bebê é tirado de mim um instante, para os cuidados iniciais. — Esquecemos de todo o resto.

Cada dor que senti valeu a pena, para ter nosso filho lindo, saudável e forte em nossos braços.

— Hoje você me tornou um homem completo, Gaia. — Eros me envolve com os seus braços, e em seus olhos vejo todo amor que sente por mim e pela nossa família que apenas começava. — Eu vou te amar por toda a eternidade, minha Psiquê.

— E vou te amar além da eternidade, Eros Laskaris.

Nos beijamos, reafirmando a promessa que fazemos de nos amar até além desta vida.



Se estamos felizes com a chegada do Loukás, *pappóudes* e *pappós* Laskaris estão radiantes. Os pais de Eros e Aquiles ficam cada dia mais encantados com o bebê, mas os avós estão literalmente apaixonados, e inclusive já insinuam que ele precisa de um irmãozinho ou um primo para ter com quem brincar.

Há um longo caminho para isso. Eu, sinceramente, desejo que nosso filho fique bebê por muito tempo, mas seu nascimento, em vez de acalmar Andreas e Agnes, agora faz com que Aquiles seja o novo alvo dos velhinhos exigentes.

A única coisa que temo é que, levado pela pressão, Aquiles venha a tomar uma decisão precipitada, fazendo do casamento e nascimento de um filho mais uma transação de negócios.

— Seria maravilhoso se ele se apaixonasse — cochicho, me enroscando mais em Eros. Estamos deitados em um banco próximo ao jardim, enquanto observamos Aquiles, que ao lado de Íris, em uma manta no chão, faz a festa com o sobrinho. Os dois estão completamente alheios de que estamos, já há algum tempo, observando.

— Pensei que Íris seria a fraqueza dele.

— Íris? — Viro-me para Eros, completamente surpresa. — A minha irmã maluca, o calcanhar de Aquiles?

— Você não acha que essa implicância dos dois tem algo mais?

Eu sei que algo bastante sério aconteceu entre eles no dia do meu casamento e que depois disso Íris se recusava a ouvir ou tocar no nome de Aquiles. Portanto essa sugestão de romance entre eles nunca passou pela minha cabeça.

— Você sabe de algo, não é? — pergunto com um olhar acusador e o belisco na costela. — Pode me contar!

— Não posso, estou impedido pela fidelidade entre irmãos — ele responde com um sorriso.

— Mas ela não pode ser mais importante do que a entre marido e mulher.

— Por que não pergunta a Íris? Ela é a melhor pessoa para te explicar tudo.

— Não sei. Primeiro, eu nem sabia que ela estava escondendo coisas de mim — confesso, um pouco chateada. — Depois, desde que chegou para o nascimento do bebê, anda estranha a mal-humorada.

— Efeito Aquiles — afirma Eros.

Esses dois são estranhos. O único momento que parecem não quererem se matar é quando Loukás está entre eles, os fazendo baixar a guarda.

— Hum... — Desgrudo-me de Eros e fico em pé ao seu lado. — Sabe, eu sei de uma coisa que te deixaria muito feliz em compartilhar esses segredinhos comigo.

— Uma coisa? — Ele me observa ajustar a saia do vestido para que fique ainda mais curta, mostrando as minhas coxas para os seus olhos devoradores.

— Algo que você vem pedindo há algum tempo, mas eu tinha receio, e...

O pulo que ele dá do banco me faz soltar um berro de surpresa, e ao

notar sua expressão determinada, começo a correr para dentro de casa, soltando gritinhos e risadas.

— Você mexeu com o leão, senhora Laskaris! — Eros me alcança na escada e me beija até que percamos o fôlego.

— Primeiro... — Paraliso suas mãos safadas em meu corpo e o encaro seriamente. — Me dê o que quero, para receber o agrado.

Eu não acho que seja um segredo tão cabuloso assim, e pela forma rendida que Eros me encara, também não será uma grande traição à confiança do irmão.

— Bem, acho que tenho que começar dizendo que Aquiles tem mesmo um ponto fraco — ele avisa, e com um movimento inesperado me joga em seu colo.

— Continue... — digo a ele enquanto começo a arrancar sua camisa.

Não sei dizer se Aquiles e Íris formariam um casal tão perfeito quanto Eros e eu, mas se eles tiverem metade da nossa felicidade, serão pessoas de muita sorte.

CAPÍTULO 39



EROS

O casamento indiano, assim como o grego, é carregado de muitas tradições e cultura, e nós estamos felizes por Kali e Steve terem chegado ao início do seu “felizes para sempre” como marido e mulher.

— Não te assusta? — indago a Steve enquanto observamos nossas esposas com um grupo de mulheres alegres. — Ter se convertido à religião dela.

— Acredito em Deus, mas minha família nunca foi religiosa, então isso não foi um problema — responde ele tranquilamente. — Na verdade, estou gostando muito de tudo o que estou aprendendo. E você...

Ele aponta para o meu filho, que está dormindo em meu colo.

— Não assusta a paternidade?

— Já construí muitos projetos, Steve — murmuro, alisando os cabelos macios do bebê. — Mas nenhum deles é tão importante para mim como Loukás e minha missão de ser um excelente marido e pai.

Minha vida se divide em duas etapas: interessante antes de Gaia e perfeita ao lado dela, construindo uma linda história juntos, como a dos meus avós e pais.

— Não é melhor colocá-lo na cama? — Gaia surge e dá um amoroso beijo na bochecha rechonchuda do bebê.

— Se formos, não vou voltar — aviso, determinado. — Não vou deixá-lo sozinho.

Gaia me encara com humor em reação ao meu aviso exagerado. Loukás não ficaria sozinho no quarto, há uma babá para nos ajudar a cuidar dele, o que não me deixa mais tranquilo em relação ao bem-estar do bebê.

Certo. Sou um pai superprotetor, mais até do que Gaia é como mãe. O meu pai disse que quando vier outras crianças essa dosagem irá diminuir, mas não acredito muito.

— Tudo bem. Já imaginei que diria isso e avisei a Kali. Ela não se importa de fugirmos um pouco da festa.

A babá é dispensada assim que chegamos ao quarto, quando sugerimos que ela tire o restante do dia de folga e aproveite a festa de casamento.

Ficamos um tempo olhando o bebê dormir, enchendo nossos corações ainda mais de amor por ele.

— Sabe... — Aperto os braços ainda mais em volta de Gaia e dou um beijo carinhoso em seu pescoço. — Penso que os pais desse bebê cheio de energia também são merecedores de um pequeno descanso.

Gaia ri da minha insinuação descarada e gira o corpo para me encarar de frente, sem escapar do meu abraço.

— Fala a verdade. — Seus braços envolvem o meu pescoço com carinho. — Esse era o seu plano desde o início, não era?

— Plano? — indago, fingindo um ar ofendido. — Beijar minha linda esposa...

Dou pequenos beijos em sua boca deliciosa enquanto vou soltando as palavras.

— E fazer amor com ela... até chegarmos à exaustão?

— Gostei dessa última parte — ela emite um gemido, e juntos, sem nos desgrudarmos, caminhamos para o nosso quarto conjugado. — A da exaustão.

— Vai gostar mais ainda do que vou fazer, meu amor.

E quando caímos na cama, iniciamos nossa própria festa, onde a música é composta por nossos gemidos de prazer.

EPÍLOGO



GAIA



Alguns anos depois

Acompanhar Eros na inauguração de mais um de seus trabalhos é mais do que o meu dever como esposa, é um grande prazer e felicidade estar ao lado dele em um momento tão especial. Principalmente porque há muitos detalhes no navio que acompanhei de perto, dando sugestões que ele aceitou com grande empolgação.

O que eu não poderia esperar, quando a cortina que cobria o nome da embarcação é revelada, era que meu atencioso, gentil e amoroso marido faria uma homenagem a mim.

A Jornada de Gaia.

A legenda está escrita em grego, mas eu já falo a língua fluentemente e consigo ler facilmente com os meus olhos marejados.

— Deu o meu nome ao navio? — Soluço, e ele me leva para os seus braços amorosos.

Até o momento, acreditei que Eros daria o nome do nosso filho à embarcação, de tanto segredo que fez em relação a isso. Ver o meu nome em letras bonitas e delicadas realmente é uma grande surpresa para mim.

— A sua jornada é linda, Gaia, e foi ela que te trouxe até mim. — A

emoção contida em suas palavras me deixa ainda mais tocada. — E depois desses anos meio loucos, em que não tínhamos mais certeza de nada, não conseguia imaginar um nome melhor do que o seu.

Realmente esses últimos anos, em que o mundo foi afetado por um vírus extremamente contagioso e que levou muitas vidas, afetaram bastante o setor de turismo e entretenimento, que é o ramo principal da Laskaris.

A sorte é que Aquiles, ao lado do pai e do irmão, dando sugestões valiosas — além de todos os anos anteriores, em que ele fez a empresa crescer impressionantemente —, tornou possível minimizar a crise e fazer a empresa sair praticamente ilesa dela.

— É um presente inesquecível — murmuro e entrego os meus lábios para um beijo longo e apaixonado.

Como aconteceu com o Afrodite, é oferecido algumas horas de viagem para convidados especiais e a imprensa local.

Dessa vez, quem ficou à frente de todo o trabalho de marketing foi o pai de Felipa. Diferente da mulher e esposa, que Eros não suporta nem mesmo que sejam citados os nomes, o senhor é uma boa pessoa e muito profissional. Aquiles desejava encerrar o contrato com a agência de publicidade, mas a pedido de Andreas, em nome de seu velho amigo e com minha benção no final, o acordo de negócios feito há muitos anos continuou, e foi primordial para evitar que a Papadakis, que já vinha enfrentando grandes crises financeiras, viesse a falir.

— Quinn, não corra! — Ouço o aviso da jovem aflita que para ao nosso lado para tomar ar e me encara com um olhar de desculpa.

— Não se preocupe — aviso a ela e aponto em direção ao lindo garotinho ajudando a bebezinha de Kali a se levantar de uma pequena queda de quando corriam. — Aquele é o meu filho que falei no jantar.

Maya Turner, a mulher que conheci no jantar de negócios na semana passada, quando Eros precisou substituir Aquiles em uma viagem, é uma linda brasileira com quem estou encantada em iniciar uma amizade.

Ela é casada com um irlandês muito bonito, por sinal — que Eros nunca me ouça falar sobre isso —, e está iniciando uma rede de restaurantes com comidas brasileiras. Além do acordo comercial feito com Brent Turner, que será o distribuidor oficial de bebidas em todos os navios Laskaris, Maya terá seu primeiro restaurante conosco, no modelo que está sendo inaugurado hoje.

— Tem uma carinha de anjo, não é? — Sigo falando sobre os nossos filhos. — Mas já dá uns cabelos brancos a Eros antes do tempo. E só piora, porque os bisavós o defendem de tudo.

Eu não me importo que Andreas e Agnes acabem mimando demais nosso filho. Eu quero que ele aproveite o máximo de tempo enquanto os dois seguem fortes e firmes entre nós.

— Eu nem consigo imaginar quando essa garotinha nascer — ela diz, alisando o ventre bastante avançado da gravidez. — E você? Não se assusta com a chegada de mais um bebê?

Segurei a chegada do nosso segundo filho o máximo que consegui. Eu queria tempo para dar toda atenção e carinho a Loukás, para que ele não se sentisse colocado de lado. Isso também me deu bastante tempo para me preparar para uma segunda gestação, dessa vez com Eros acompanhando tudo desde o início, e ele consegue ficar ainda mais encantado do que da primeira vez.

— Não. Na verdade, estamos cada vez mais ansiosos pela chegada do bebê.

Viro-me para Eros, e seu olhar apaixonado confirma o que digo.

Ele me abraça mais forte, e enquanto somos envolvidos por este momento só nosso, vejo Brent juntar-se a Maya, e eles logo estão imersos em sua própria bolha de amor.

— Já disse que te amo hoje, senhor Laskaris?

— Faz alguns minutos, e preciso repetir que eu a amo muito mais, senhora Laskaris.

Com o coração explodindo de amor, retribuo o beijo que me dá, tendo apenas uma inegável certeza.

Somos como muitas das almas perdidas que se encontraram.

Maya e Brent.

Eros e Psiquê.

Ele e eu.

Apenas apaixonados contando uma linda história de amor.

Uma espiada no próximo
livro da série Bilionários

A ESPOSA VIRGEM DO BILIONÁRIO GREGO

Elizabeth Bezerra
LIVRO 5

ÍRIS

Acordar e encarar a expressão dura, com olhar acusador, não é primeira coisa que esperava ver ao despertar na cama desconhecida.

— O que você está fazendo aqui?

— O q-quê? — gaguejo em reação às palavras ríspidas que ouço.

— O que você está fazendo, nua, em minha cama? — Aquiles esbraveja, jogando com fúria a coberta no chão.

Não importa o quanto confuso ele possa estar se sentindo, não vou deixar que esse grego idiota me trate com tamanha grosseria.

— Não se lembra do que aconteceu ontem à noite, Aquiles?

Sua expressão horrorizada é sincera o suficiente para me revelar que ele não se recorda de nada do que aconteceu neste quarto.

Bom, acho que é melhor assim.

— Isso é ótimo — digo com desdém, afastando o lençol que cobria o meu corpo, também jogando-o no chão.

Por dentro, estou morrendo de vergonha que Aquiles possa novamente ver o meu corpo nu, e dessa vez sem o efeito da bebida, mas o orgulho me faz agir como a mulher mais segura e confiante do mundo em relação ao seu corpo.

Tenho uma incontrolável necessidade de mostrar a ele que não sou a pirralha, cabeça-oca, que ele sempre diz que sou para me provocar.

— Não tem muito o que lembrar, realmente — aviso, buscando o meu vestido caído próximo ao closet. — Muita *Coca-Cola* e pouco gás. Já ouviu falar? Acho que as mulheres com quem saiu o valorizaram demais. Nem foi assim tão...

Antes que eu pudesse concluir minha nova provocação, suas mãos firmes seguram o meu braço e Aquiles me puxa para ele. Os olhos chispam uma fúria que me colocam um certo medo.

É muito perigoso brincar com um homem como ele.

— Se eu toquei em você...

Se ele tocou?

Aquiles esteve onde outros nunca haviam tentado chegar antes. E me deixava extremamente magoada saber que nada do que havia acontecido entre nós, ontem à noite, estivesse vivo na memória dele como estava na

minha.

— Foi tão bom que... assim como você — disparo com a voz trêmula, mas com olhar desafiante —, eu nem me lembro.

Vejo sua expressão endurecer ainda mais. Eu toquei em um ponto bastante sensível para qualquer homem, mas sendo um grego másculo e viril como Aquiles, com a fila de conquistas suspirando por ele, a insinuação bate direto em seu orgulho.

E Gaia já tinha me alertado que mexer com o brio de um grego pode causar sérios danos.

— Então o problema, definitivamente, não é comigo. — Ele me solta, dando-me seu olhar de desprezo, logo em seguida um sorriso cínico. — De qualquer forma, isso não muda nada, ok? Eu vou me casar com outra garota em breve, e o que quer que tenha acontecido entre nós foi um erro.

Ouvir isso causa em mim uma angústia maior do que eu poderia imaginar.

Aquiles irá se casar com outra, e pior, só se trata de um acordo de negócios.

Como ele conseguia ser tão frio?

Não é desapontamento o que estou sentindo, afirmo a mim mesma; é raiva. Que homem passava a noite com uma mulher tendo intenções de, em breve, se casar com outra?

— Concordo plenamente — aviso, erguendo o meu queixo, mostrando a ele que também tenho orgulho e dignidade. — E boa sorte para a próxima coitada que cair em sua cama. Na verdade, espero que ela seja tão azeda quanto você.

Ouçõ seu grunhido, mas antes que ele possa me agarrar para dar o castigo merecido, saio correndo de seu quarto.

Apenas quando chego ao corredor e apoio as minhas costas contra a parede fria, dou-me conta de que estou nua e com o vestido preso em minhas mãos trêmulas.

Entro no primeiro quarto que consigo encontrar, agradecendo a sorte de achá-lo vazio. Antes de começar a me vestir, recordo que minha calcinha ficou no quarto de Aquiles.

— *Droga!*

“Você deveria pensar antes de agir, Íris”, repreendo a mim mesma.

Eu sempre disse que Gaia deveria ser mais solta na vida, e ela me dizia

que eu preciso aprender a me controlar. Péssimo momento para concordar com a minha irmã toda certinha.

Com raiva, termino de colocar a roupa com pressa. De forma alguma voltarei ao quarto de Aquiles para buscar a lingerie. Eu preferia estar morta antes de ficar novamente sozinha em um mesmo ambiente com ele, principalmente em um quarto.

Aquele grego insuportável, convencido e arrogante. Uma coisa é certa...

Odeio Aquiles Laskaris!

E pretendo varrer para sempre essa noite com ele das minhas lembranças.

[1] Pappoúdes: avó.

[2] Pappoús: avô.

[3] Engóni: neto.

[4] Agapi-mou: meu amor.

[5] Meraki: paixão ou devoção absoluta. Colocar “uma parte de sua alma”. Amor intenso e cuidado por algo.

[6] Brahma: é o deus da música e das canções, com imagem representada como um ser de muitas faces.

[7] Espécie de saia-xale usada por mulheres indianas.

[8] Kólasi: inferno.

[9] Yineka mou: meu doce.

[10] *Koukla mou*: minha boneca/minha querida.

[11] Bon vivant é uma expressão da língua francesa que designa uma pessoa que sabe aproveitar os prazeres da vida.

[12] Ma petite: minha pequena.

[13] Parakaló: A tradução literal é: por favor. Mas grande parte dos gregos atende o telefone assim.

[14] Mou leipeis: Sinto sua falta.